

**BOLETIM DA
BIBLIOTECA GERAL
DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA**

VOL. 50 (2020)



(Página deixada propositadamente em branco)

Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Bulletin of the General Library of the University of Coimbra

VOL. 50 (2020)



COIMBRA, 2020

FICHA TÉCNICA

DIRETOR / DIRECTOR

João Gouveia Monteiro

COORDENADORA / COORDINATOR

Iuliana Filimon Barros Gonçalves

EQUIPA EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

A. E. Maia do Amaral (BGUC – aemaia@bg.uc.pt)

Ana Maria Eva Miguéis (SIBUC – evamigueis@sib.uc.pt)

Isabel João Vaz Ramires (BGUC – iramires@bg.uc.pt)

Iuliana Filimon Barros Gonçalves (BGUC – ifilimon@bg.uc.pt)

João Gouveia Monteiro (FLUC, BGUC - joao.g.monteiro@uc.pt)

Maria de Fátima Moura Carvalho (BGUC – fmoura@bg.uc.pt)

Maria Luísa de Sousa Machado (BGUC – imachado@bg.uc.pt)

SECRETARIADO DA REDAÇÃO / SECRETARIAT

Jaqueline Neves (BGUC – jneves@bg.uc.pt)

PROPRIEDADE / OWNER

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA / ADDRESS FOR CORRESPONDENCE

Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Largo da Porta Férrea

3000-447 Coimbra

E-mail: boletim@bg.uc.pt

URL: <http://www.uc.pt/bguc/>

EDIÇÃO / PUBLISHER

Imprensa da Universidade de Coimbra

E-mail: imprensauc@ci.uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

INFOGRAFIA / INFOGRAPHICS

Imprensa da Universidade de Coimbra

ISSN 2184-7673 (print)

ISSN 2184-7681 (online)

DEPÓSITO LEGAL 431919/17

DOI 10.14195/2184-7681

PERIODICIDADE / PERIODICITY Anual / Annual

Os artigos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

© Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e Imprensa da Universidade de Coimbra

Sumário / Contents

ESTATUTO EDITORIAL / EDITORIAL STATUS	7
---	---

NOTA DE APRESENTAÇÃO / PRESENTATION NOTE

A Universidade de Coimbra e a sua Biblioteca: mudança permanente / The University of Coimbra and its Library: constantly changing <i>João Gouveia Monteiro</i>	11
--	----

ARTIGOS / ARTICLES

Doze proposições sobre livros, leitura e hospitalidade / Twelve propositions about books, reading and hospitality <i>João Maria André</i>	25
---	----

<i>AlmaMater</i> : património bibliográfico e identidade na Universidade de Coimbra / <i>AlmaMater</i> : bibliographic heritage and identity at the University of Coimbra <i>Ana Eva Miguéis</i>	37
---	----

Mapas Nabais Conde: catalogação do Fundo / Nabais Conde Maps: cataloguing of the collection <i>Maria de Fátima Moura de Carvalho, Teresa Margarida Simões Mendes</i> ...	61
--	----

Jaime Cortesão, correspondência de exílio para o irmão Armando. Transcrição e notas / Jaime Cortesão, letters from exile to his brother Armando. Transcripts and notes <i>A.E. Maia do Amaral</i>	101
--	-----

Conceito de obras nas FRBR, RDA e BIBFRAME / Work in FRBR, RDA and BIBFRAME <i>Maria de Fátima Moura de Carvalho</i>	217
--	-----

A construção dos novos estabelecimentos da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, dirigida por Guilherme Elsdén / The construction of the new facilities for the Pombaline Reformation of the University of Coimbra, directed by William Elsdén	
<i>Rui Lobo</i>	271

VIDA DA BIBLIOTECA / LIFE OF THE LIBRARY

Atividades culturais 2019 / Cultural activities 2019	
<i>Maria Luísa Sousa Machado, José Alberto Mateus</i>	295
Catálogos de exposições bibliográficas / Exhibitions catalogues	
<i>Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra</i>	319
Francisco d'Ollanda (1517-1584)	321
Jorge de Sena (1919-1978)	325
500 Anos da Viagem de Circum-Navegação	335
Sophia: Centenário do Nascimento de Sofia de Melo Breyner Andresen (1919-2004)	343
José Monteiro da Rocha (1734-1819): Matemático e Astrónomo	351
Os Lusíadas: Utopias de Luz e de Sombra na Ilha dos Amores	361

Estatuto Editorial / Editorial Status

1. Âmbito e objetivo do *Boletim*

O *Boletim* tem como principal objetivo o estudo e a divulgação dos fundos documentais da Biblioteca Geral e de todas as bibliotecas da Universidade de Coimbra.

Encontra-se aberto a toda a comunidade científica para a publicação de trabalhos no âmbito da Biblioteconomia e da Cultura, dando preferência aos que tenham por objeto acervos existentes na Universidade ou com eles relacionados.

Colaborarão na revista, por convite e/ou sob proposta de submissão, com artigos originais, resenhas, notícias ou outro tipo de trabalhos, especialistas em ciências da informação e da documentação e outros investigadores de reconhecida idoneidade e mérito.

Com uma periodicidade anual, o *Boletim* é publicado em versão impressa e em versão eletrónica. O formato eletrónico pode ser acessado na plataforma *Impactum* da UC-Digitalis (https://digitalis.uc.pt/content/uc_impactum).

2. Informações para os Autores

Seleção dos artigos

Os artigos propostos não devem ter sido publicados anteriormente, nem estar em processo de avaliação por outro editor.

Os artigos propostos serão submetidos à apreciação da Comissão Editorial que, se entender necessário, poderá recorrer, para avaliação,

a outros especialistas de reconhecido mérito, cabendo à Direção da revista a decisão de publicação.

Direitos de autor

No caso de os autores incluírem nos seus artigos qualquer material que envolva a autorização de terceiros, é da responsabilidade do autor obter a respetiva autorização escrita, assumindo os eventuais encargos que daí possam derivar.

Ao aceitarem publicar um artigo no *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, os autores cedem à Biblioteca Geral o direito de o publicar, em formato impresso e / ou em formato digital, em qualquer momento e por tempo indeterminado, e sem quaisquer contrapartidas.

Apresentação dos artigos

As propostas dos artigos para publicação devem ser acompanhadas do texto completo, título do artigo, na língua do artigo e em inglês, nome(s) do(s) autor(s) e respetivo(os) endereço(s) de e-mail, indicação da afiliação institucional, resumo (máximo 300 palavras), em português e em inglês, identificação das palavras-chave (4-6), em português e em inglês, palavras-chave (4-6), em português e em inglês.

Os documentos devem ser entregues em formato digital (CD, Pen-Drive, DVD, E-mail ou serviços online de transferência de ficheiros), em Microsoft Word, com os textos e as figuras (ilustrações, fotos, gráficos, tabelas etc.) gravados em ficheiros individuais, com indicação, no texto, do local exato onde devem ser inseridas as figuras, bem como as respetivas legendas.

Formatação

Dimensões da página:

Mancha útil: 115 mm (largura) por 193 mm (altura), margem supe-

rior 25 mm, margem inferior 20 mm, margem interna 25 mm, margem externa 20 mm.

Texto:

Título: tipo de letra Myriad pro ou Arial, tamanho da letra 11,5 pt, espaçamento entre linhas 17,5 pt, alinhamento ao centro;

Texto principal: Myriad pro ou Arial 10 pt, espaçamento entre linhas 16,36 pt, alinhamento justificado, início de parágrafo 5 mm;

Citações: Myriad pro ou Arial 10,5 pt itálico, alinhamento justificado, recuo à esquerda 10 mm;

Notas de rodapé: Myriad pro ou Arial 8 pt, espaçamento entre linhas 10 pt, alinhamento justificado;

Referências bibliográficas: Myriad pro ou Arial 8 pt, espaçamento entre linhas 13 pt, alinhamento justificado.

Material gráfico e ilustrações:

Formato TIFF com 300 dpi de resolução;

Idealmente, as margens terão 115 mm de largura com altura proporcional ou 195 mm de altura com largura proporcional para o formato 160 x 230 mm da página.

Referências bibliográficas:

A bibliografia deverá constar no final de cada artigo.

As referências e as citações bibliográficas devem ser elaboradas de acordo com uma das seguintes normas:

Norma NP 405

Norma APA (American Psychological Association)

Para mais informações, aceder aos exemplos elaborados pela Imprensa da Universidade de Coimbra:

NP 405: https://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/np405

Norma APA: https://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/apa

(Página deixada propositadamente em branco)

A Universidade de Coimbra e a sua Biblioteca: mudança permanente

The University of Coimbra and its Library: constantly changing

João Gouveia Monteiro¹

Escrevo estas linhas ainda sob o impacto da triste notícia do falecimento de um dos grandes músicos portugueses, compositor de canções magníficas que todos conhecemos e que, à sua maneira, foi também um inspirador do movimento social que desaguou no 25 de abril e, depois, na construção de um Portugal melhor, liberto da guerra e da ditadura e pronto para, *tant mal que bien*, construir a sua história em ambiente de liberdade e de paz. Em «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades», José Mário Branco (1942-2019) socorreu-se dos belos versos de Camões para nos lembrar que, se «todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades», então «troquemos-lhe as voltas que ainda o dia é uma criança». As instituições, por mais estáveis que sejam (e a Universidade é, porventura, a mais antiga instituição europeia em funcionamento contínuo), tam-

¹ Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Professor Catedrático da Faculdade de Letras – joao.g.monteiro@uc.pt

bém se fazem de conservação e de mudança e é sob este signo que constroem o seu percurso e imprimem a sua pegada nas avenidas da História.

A Universidade de Coimbra, em resultado da mudança da equipa reitoral (em março de 2019) iniciou uma nova fase da sua vida, o que naturalmente implica transformações em todas e em cada uma das suas células, a começar pelas unidades de extensão cultural e apoio à formação, cujas fileiras a Biblioteca Geral se orgulha de integrar. Tendo tomado posse em 18 de julho de 2019, assumi com a Universidade, a quem devo praticamente toda a minha vida profissional, um compromisso que tenciono cumprir com a máxima energia e dedicação que me forem possíveis: contribuir para que a BGUC continue a estar à altura dos seus pergaminhos e prossiga na senda da prestação de um serviço público de grande qualidade, ao mesmo tempo que ajuda a enriquecer a vida cultural da comunidade académica e de toda a região de Coimbra. O desafio é tremendo, tanto mais que os diretores que me antecederam nas últimas quatro décadas (Luís Albuquerque, Aníbal Pinto de Castro, Carlos Fiolhais e José Cardoso Bernardes) colocaram a fasquia de tal maneira alta que se torna difícil aproximar-me sequer do seu desempenho.

A BGUC desenhou para o quadriénio 2019-2023 um programa multifacetado, que aqui resumo e que envolve também o futuro da publicação para a qual escrevo estas linhas, também elas em jeito de mudança. Em primeiro lugar, pretendemos melhorar o nosso serviço público em todas as valências, acolhendo cada vez melhor aqueles que nos procuram (e são muitos!) e respondendo de forma mais eficaz aos seus pedidos, sejam eles de consulta direta do nosso espólio, de informação acerca de obras e manuscritos à nossa guarda, de cedência de livros raros para mostras documentais, ou quaisquer outros. Para tal, é preciso que a BGUC continue a apetrechar-se com equipamento moderno e eficiente (em 2019, a nossa principal aquisição foi um digitalizador de grandes dimensões) e, ao mesmo tempo,

que insista na formação contínua dos seus excelentes profissionais, colocando-os ao nível dos melhores técnicos da Universidade de Coimbra. Não sendo possível, pelo menos nesta fase, alargar o horário de frequência da nossa bela Sala de Leitura, queremos, ainda assim, preservar o ambiente de conforto, de silêncio e de eficácia do serviço que há muito constituem a nossa marca de água. Também aos jovens investigadores que nos procuram regularmente para aceder às dezasseis mesas de trabalho (conhecidas por «boxes»), situadas no anel superior à Sala de Leitura, quero deixar uma palavra de apreço e de incentivo; apoiaremos o seu esforço em tudo o que for possível e razoável, na única condição do cumprimento rigoroso, pelos utentes, do regulamento de utilização desses espaços (mínimo de 50 horas de assiduidade mensal, rotatividade anual), aliás deveras procurados e, por isso, geradores de uma lista de espera permanente.

Há muito que a BGUC vem investindo fortemente na apresentação de exposições que animam e enriquecem diversos lugares à nossa guarda, a começar pela lindíssima Sala de São Pedro (que abriga uma parte importante da nossa coleção de «livro antigo») e a terminar no chamado « piso intermédio » da Biblioteca Joanina, passando pela movimentada Sala do Catálogo, por onde circulam todos os utilizadores da nossa Sala de Leitura. Em 2020, para a Sala de São Pedro, foi concebido um programa expositivo próprio, que se iniciou em meados de janeiro com uma mostra da correspondência trocada (na sua maior parte a partir do exílio em França) entre Jaime Cortesão e o seu irmão Armando; a transcrição paciente e rigorosa destas cartas consta do artigo de A.E. Maia do Amaral (Diretor-Adjunto da BGUC) incluído neste mesmo volume do nosso *Boletim*, pelo que, com facilidade, o leitor poderá apreciar o grande interesse deste espólio, sob diversos pontos de vista (cultural, político, pessoal, entre outros). A BGUC decidiu colaborar também na homenagem dedicada a José Régio, notável intelectual, escritor, ensaísta e impulsionador de projetos relevantes (como a revista literária *Presença*), falecido em Vila do

Conde, a 22 de dezembro de 1969. Em colaboração com a Reitoria da UC, com a Direção da Cultura do Centro e com o Centro de Literatura Portuguesa da FLUC, principais promotores desta merecida evocação, a BGUC preparou para o período compreendido entre 5 de março e 30 de abril de 2020 a exposição «Ousar duvidar. 'Não sei por onde vou / Não sei para onde vou / - Sei que não vou por aí!'» (José Régio, *Cântico Negro*, versos finais). No segundo semestre de 2020, a Sala de São Pedro acolherá, com a preciosa colaboração do Instituto Confúcio de Coimbra e do Museu de Lu Xun em Pequim, a exposição sobre um dos maiores intelectuais chineses da contemporaneidade: Lu Xun (nascido em 1831, em Shaoxing, e falecido em Shanghai, em 1936), vulto maior da célebre organização de escritores chineses intitulada *Zuolian*, conhecida no Ocidente por «League of Left-Wing Writers». Esta mostra configura mais um passo na paciente e lúcida política de aproximação aos estudos orientais seguida pela Universidade de Coimbra, em especial a partir do vice-reitorado do Doutor Joaquim Ramos de Carvalho (2011-2019). A fundação, em 2018, da Academia Sino-Lusófona da Universidade de Coimbra, liderada pelo Diretor da Faculdade de Direito, Doutor Rui de Figueiredo Marcos, é o exemplo mais recente dessa acertada estratégia, que muito beneficia também da atividade desenvolvida, desde 2017, pelo Instituto Confúcio da UC, em boa parte graças à atividade incansável da sua Diretora, Dra. Cristina Zhou. Por fim, em novembro-dezembro de 2020, a BGUC acolherá uma exposição evocativa da extraordinária viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, que em 1520 logrou encontrar e cruzar com sucesso o braço de mar que une os oceanos Atlântico e Pacífico, abrindo assim uma nova estrada para o conhecimento da Terra e da Humanidade que a povoa.

Uma outra preocupação maior da Direção da BGUC tem sido, desde há muitos anos, a preservação do seu património edificado e bibliográfico. Neste particular, devo destacar o acompanhamento próximo dos esforços que têm sido feitos pela Reitoria da UC no sen-

tido de monitorizar as condições ambientais (temperatura, humidade relativa, poluição) no interior da preciosa Biblioteca Joanina e para encontrar soluções que permitam reequilibrar a relação entre o fluxo turístico e a conservação de uma das mais belas livrarias barrocas do mundo. Durante a 'época alta' (entre 2 de março e 31 de outubro) a Joanina tem perto de 1600 visitantes por dia e encontra-se aberta diariamente, em horário alargado (9h00-19h30), com duas pausas de cerca de vinte minutos para limpeza, uma a meio da manhã e a outra a meio da tarde. Este modelo, em boa parte um efeito do *boom* turístico que se seguiu à classificação da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia como Património Mundial da Humanidade (em 2013), não é tranquilizador quanto ao futuro e começa a ser urgente encontrar alternativas para ele. No momento em que escrevo estas linhas, estão já em curso, graças ao empenho do Senhor Vice-Reitor, Doutor Alfredo Dias, estudos para a implementação de um sistema de ventilação mecânica do piso intermédio da Joanina que ajudem a que, no Piso Nobre, a temperatura não exceda os 18 a 20 graus (o máximo que um livro antigo suporta) e que a humidade não ultrapasse o valor recomendado de 55% a 60%. Estão igualmente a ser consideradas alternativas de organização do circuito turístico que permitam evitar a constante abertura da porta principal. Do nosso lado, tudo faremos para ajudar a Reitoria a implementar estas medidas e também a encontrar uma solução que, sem perda significativa de receitas, garanta que a Biblioteca Joanina possa ter períodos maiores de respiração diária e esteja menos sujeita a visitas de grandes contingentes turísticos (na última dúzia de anos, o número limite de visitantes em simultâneo subiu de 30 para 60), protegendo-se assim a «joia da Coroa» e o seu extraordinário património bibliográfico (cerca de 56.000 obras, na sua maioria dos séculos XVI a XVIII). Em todo este processo, que exige uma atenção e um cuidado permanentes, é justo destacar, para além do empenho da Reitoria, a colaboração dos funcionários da BGUC que estão de há muito afeitos à Biblioteca Joanina e que por ela zelam como se da sua casa se

tratasse. Por todos, realço aqui a dedicação de várias décadas da Sra. D. Isabel Cardoso, que toda a Universidade de Coimbra (re)conhece pela qualidade do seu serviço; mas não esqueço também o papel decisivo desempenhado pelo Senhor Jorge Justo, pelo Dr. Carlos Gonçalves (que regularmente reforça aquela estrutura) e ainda pelas Sras. D. Celeste Mateus e D. Lurdes Simões, funcionárias dos SASUC cujo contributo na limpeza do espaço e na conservação das obras antigas que ali se encontram depositadas é absolutamente crucial.

Do ponto de vista do património edificado, acrescento que esperamos, já em 2020 e graças aos esforços da atual equipa reitoral, poder recuperar e reabilitar o átrio de entrada na nossa biblioteca, há mais de dez anos ocupado pelo balcão de Turismo da UC, em claro prejuízo do ambiente de tranquilidade, de conforto e de silêncio da BGUC. Nesse momento, poderemos, em simultâneo, expor pela primeira vez em toda a sua plenitude uma peça preciosa de que dispomos – a máquina de impressão conhecida como «prelo do Galinha» – que em 2019 foi pacientemente estudada e restaurada pelo especialista americano Dr. Robert Oldham, com o acompanhamento próximo do Dr. Maia do Amaral e graças também ao apoio do Diretor do Teatro Académico de Gil Vicente, Doutor Fernando Matos de Oliveira, e do excecional carpinteiro daquela UECAF, Senhor Laurindo. Ao contrário do que se pensava até há poucos meses, este prelo deve ter sido fabricado (talvez em Basileia) no derradeiro quartel do século XVIII (na década de 1780) e constitui um exemplo singular em todo o mundo do aparecimento dos prelos metálicos (e não em madeira, como sucedia desde Guttenberg). Manuel Bernardes Galinha, o famoso autor do portão do Jardim Botânico de Coimbra, terá intervindo nele muito mais tarde (cerca de 1845) e apenas para efeitos de restauro desta extraordinária peça, que Robert Oldham agora redescobriu e restaurou ao ponto de estar em condições de imprimir novos documentos!

Em relação ao património bibliográfico, quero aqui realçar o esforço permanente, a competência e a constante disponibilidade

para novas aprendizagens e formações dos nossos colaboradores da área técnica, superiormente coordenada pela Senhora Dra. Maria de Fátima Moura Carvalho (também autora e co-autora de dois belíssimos artigos incluídos neste *Boletim*). É muito graças aos nossos bibliotecários que a BGUC consegue responder com incrível rapidez e precisão às solicitações que diariamente lhe chegam; e é também graças a eles, assim como aos assistentes técnicos que com eles colaboram, que a BGUC tem conseguido resistir à diminuição gradual do seu quadro de funcionários e ao esgotamento progressivo dos seus depósitos, mantendo a qualidade do serviço público e ‘fazendo mais com menos recursos’. É justo que se diga também que o equilíbrio e boa imagem pública que conservamos se deve em grande medida a uma gestão muito atenta e inteligente do dia-a-dia da Biblioteca, a qual passa sobretudo pela capacidade técnica e pela qualidade humana da nossa Diretora-Adjunta, Senhora Dra. Maria Luísa Sousa Machado. Sem ela, a BGUC não seria aquilo que é, sob todos os pontos de vista, incluindo o da área de referência, leitura e apoio ao utilizador, que a Dra. Luísa, para além da coordenação geral da biblioteca, diretamente controla, com grande proveito de todos.

A BGUC continua a envidar todos os esforços para recolher apoios mecenáticos que permitam intensificar a sua política de recuperação de obras e de manuscritos cuja conservação inspira cuidados. Neste sentido, temos aproveitado a vinda de alguns grupos internacionais a Coimbra para concretizar esta política, paciente mas crucial para a preservação do nosso espólio. Neste âmbito se inclui uma coleção excepcional de manuscritos musicais, uma boa parte deles proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (um centro relevantíssimo de produção de obras musicais, designadamente no século XVII). Em inícios de 2020 começou, numa oficina especializada de Cuenca (Espanha), o restauro dos primeiros seis manuscritos, identificados pelo Doutor Paulo Estudante (Faculdade de Letras) em colaboração com os bibliotecários da BGUC (em especial a Senhora Dra. Isabel Rami-

res, cuja colaboração nestes processos é indispensável, devido à sua grande experiência e competência técnica), contando ainda com o apoio financeiro da Reitoria da UC, através do Senhor Vice-Reitor para a Cultura e a Ciência Aberta, Doutor Delfim Leão. Esperamos que até finais de 2021 seja possível reabilitar 16 códices seiscentistas, que serão depois estudados e, pelo menos em parte, aproveitados em termos de interpretação musical pela escola de Estudos Artísticos da Faculdade de Letras de Coimbra. Ainda em relação a estas matérias, devo dar conta do esforço que a BGUC está a desenvolver no sentido de ampliar e reequipar a sua Oficina de Conservação e Restauro, situada num piso inferior das nossas instalações. Em parceria com o vizinho Arquivo da UC e graças à estreita colaboração da sua Diretora, Doutora Cristina Freitas, foram feitas diligências junto da Fundação Engenheiro António de Almeida, através do seu Presidente, o Doutor Fernando Aguiar Branco (natural de Coimbra e grande amigo e patrono da nossa universidade, instituição que lhe atribuiu em 2000 a merecida distinção de Doutor *honoris causa*) para captação de financiamento destinado às obras de ampliação e remodelação desta oficina, assim como à aquisição de equipamento moderno e sofisticado que permita operacionalizá-la a curto prazo, para grande benefício da BGUC, do AUC e de toda comunidade (académica e não só).

Encerrando este capítulo das infraestruturas patrimoniais, quero ainda acrescentar que a BGUC (que mantém o estatuto de 'depósito legal') vê com muita apreensão o gradual esgotamento dos seus espaços de armazenamento de livros, revistas e jornais. Neste sentido, graças à preciosa colaboração do Senhor Vice-Reitor, Doutor Alfredo Dias, temos estudado soluções que permitam, através da introdução de mais estantes compactas, alargar a nossa capacidade de depósito e, com isso, adiar a data do esgotamento absoluto. Porém, todos temos consciência de que se trata apenas de soluções paliativas (e cuja implantação se encontra, aliás, sujeita a estudos de resistência dos diversos pisos do nosso edifício) e que, em menos de uma

década, não haverá mais solução para este problema. A menos, claro, que a UC invista na construção ou na reabilitação de espaços fora do Polo 1, o que permitirá a transferência para esses locais de uma parte do nosso arquivo menos requisitado (designadamente, coleções de revistas e jornais, ou dissertações estrangeiras nunca requisitadas). Esperamos que, a breve trecho, haja boas notícias nesta matéria, crucial para podermos encarar com otimismo o futuro de uma instituição centenária, que é uma referência a nível nacional e internacional e que deve ao conhecimento e à cultura o melhor da sua história.

A este respeito devo notar que, além da receção do Depósito Legal, a Biblioteca enriquece os seus fundos documentais através de ofertas e doações, ou de compras criteriosamente escolhidas (veja-se, por exemplo, a aquisição, em 2019, de um conjunto de cartas do epistolário de Carolina Michaelis e Joaquim de Vasconcelos), isto para além da permuta internacional de publicações (área pela qual é responsável a Sra. Dra. Iuliana Filimon Barros Gonçalves). Esta permuta de publicações realiza-se com dezenas de instituições académicas de todo o mundo, recebendo a BGUC regularmente, para além de um número significativo de monografias, mais de 35 títulos de publicações periódicas. É possível, deste modo, contribuir para o enriquecimento do fundo documental da Biblioteca com publicações estrangeiras, num contexto em que os constrangimentos financeiros limitam a compra de livros, ou as assinaturas de revistas académicas muitas vezes dispendiosas. Sublinho que, durante a crise dos últimos anos, a BGUC deixou de assinar qualquer publicação periódica estrangeira, sendo a permuta internacional o único meio de obtenção deste tipo de material bibliográfico. Por outro lado, ao enviar em troca o nosso *Boletim*, bem como outras publicações editadas pela Imprensa da Universidade, a BGUC contribui para a divulgação desses trabalhos junto de instituições académicas estrangeiras.

Quero também deixar claro que, tal como disse logo na minha tomada de posse, embora eu seja uma pessoa que fez toda a sua

carreira trabalhando sobre o mundo antigo e medieval, acredito profundamente em duas coisas: primeiro, que a convivência entre o analógico e o digital é possível; segundo, que é desejável, porque estes dois tipos de recursos não só não se anulam como – devidamente geridos – se completam e fecundam mutuamente. A BGUC tem de saber evoluir e dar resposta a esses dois tipos de solicitações, e por isso vejo com tanto entusiasmo, quer os progressos que podemos fazer no sentido da preservação e divulgação responsável do Livro Antigo, quer os desafios cruciais que se colocam ao SIBUC (Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de Coimbra), que se encontra alojado (até por motivos históricos e práticos) na BGUC e de que sou, por inerência, o Diretor. Aliás, em matéria de informática comum e de informática local, que permite conhecer muito melhor os leitores e os seus hábitos, assim como no domínio dos interfaces de comunicação com o grande público, a BGUC tem ainda um longo caminho a percorrer. Conto com a pequeníssima mas muito competente e voluntariosa equipa do SIBUC, carinhosamente coordenada pela Sra. Dra. Ana Maria Eva Miguéis, para que essa caminhada seja cada vez mais bem-sucedida, em benefício da BGUC e da dezena e meia de bibliotecas que existem na Universidade de Coimbra. Neste domínio, programas de trabalho como a valorização do *Alma Mater* (a bela Biblioteca Digital de Fundo Antigo da Universidade de Coimbra, a que se refere o artigo da Dra. Ana Miguéis neste mesmo *Boletim*), o reforço da articulação entre a BGUC e as restantes bibliotecas da UC e a otimização dos recursos proporcionados pelo sistema informático Millennium configurarão algumas das prioridades durante os próximos anos.

O ano de 2020 será também o do lançamento de alguns ‘projetos especiais’ a que a BGUC se associa de perto. Enunciarei e caracterizarei brevemente apenas três desses projetos. Em primeiro lugar, a fundação da APECER-UC (Academia para o Encontro de Culturas e de Religiões), que ficará sediada na BGUC e que, como se explica logo no

artigo 1.º do seu Regulamento, configura «uma estrutura de carácter temporário, [que] está organicamente dependente da Reitoria da UC e [que] tem por missão desenvolver na UC o conhecimento da história das diferentes culturas e tradições religiosas mundiais, numa perspectiva não confessional e vocacionada para o estímulo do diálogo intercultural e inter-religioso». A verdade é que a Universidade de Coimbra já conta hoje no seu seio com mais de 20% de estudantes não portugueses, oriundos de mais de 100 países diferentes! Torna-se necessário aproveitar a riqueza que advém desse capital humano e, ao mesmo tempo, criar condições para um acolhimento harmonioso desses jovens, numa perspectiva não apenas material, ou técnica, mas também humana e emocional. Agradeço ao Magnífico Reitor da UC e ao Vice-Reitor para a Cultura e a Ciência Aberta o apoio incansável concedido a este projeto, de que será Presidente Honorário o Doutor Anselmo Borges e que incluirá colegas de diversas faculdades da UC, assim como elementos externos, nacionais e estrangeiros, expressamente convidados para o efeito. Coimbra retoma, deste modo, o seu lugar de encontro de povos e de civilizações e, numa perspectiva moderna e profundamente humanista, será – também neste particular – um exemplo pioneiro entre todas as universidades públicas portuguesas. No momento em que o meu leitor segue estas linhas, já se terão realizado as primeiras iniciativas da APECER-UC, nomeadamente cursos livres não conferentes de grau, tertúlias, visionamento de documentários, entre outros.

Um segundo projeto que gostaria de destacar tem que ver com uma iniciativa que apelidámos de «Flor-de-lótus». Como é sabido, esta planta (um símbolo de pureza e de sabedoria em muitas culturas, nomeadamente orientais) desabrocha a partir de um caule enterrado na lama profunda mas que depois se eleva acima do lodo e permite que a respetiva flor se abra ao sol, linda e perfumada, em tons de branco, vermelho, azul, branco, rosa ou roxo. Ora, a nossa política de promoção do livro e da leitura entre os jovens – articulada com a Rede

de Bibliotecas Escolares (via Dra. Helena Duque) e com os programas «Ler + Ciência» e «Ler + no Superior» (através da preciosa colaboração da Senhora Doutora Cristina Robalo Cordeiro) – visa precisamente contribuir para a abertura ao conhecimento e à cultura, num sentido amplo e em que a literatura se cruze e entrelace com outras áreas, como a música e o cinema. Sobre a importância e o encanto dos livros e a sua influência multifacetada nas nossas vidas, encontra o leitor neste volume do *Boletim* um belo texto do Professor Doutor João Maria André, um autêntico poema em prosa acerca desses companheiros que guardamos com desvelo nas estantes das nossas casas e das nossas bibliotecas.

Por tudo isto, em cada ano letivo, o Flor-de-lótus desafiará a comunidade académica a participar num festival cultural com a duração de vários dias, que terá lugar na primavera ou no final do verão e que será depois completado com outras ações mais pontuais que decorrerão ao longo do ano letivo. Entre estas atividades destacam-se algumas que terão como objetivo promover a educação ambiental e proporcionar o encontro com especialistas nacionais e internacionais na área da proteção do ambiente, que é como quem diz, na área da salvação do futuro do nosso planeta.

Em terceiro lugar, queremos (muito) estimular os estudos sobre a Universidade de Coimbra e a Biblioteca Joanina, bem na linha da lúcida política desenvolvida pelo meu antecessor, Doutor José Cardoso Bernardes. Nesse sentido, sob a orientação competente e amiga do Doutor Fernando Taveira da Fonseca, reputado especialista nesta área e antigo docente da FLUC, tencionamos estimular e até patrocinar estudos sobre diversas valências da história daquela que foi, até à implantação da República, a única universidade plena em Portugal. Nisto se incluem trabalhos sobre a construção da Joanina, sobre o respetivo financiamento, sobre as vivências académicas, ou sobre a origem e o perfil dos nossos estudantes ao longo dos séculos, entre outros. Ao mesmo tempo, queremos retomar os programas pontuais

de visita guiada aos nossos espaços, abertos a toda a comunidade (académica e não só).

Gostaria ainda de referir um outro aspeto a que sou particularmente sensível. Em resposta a uma solicitação da Senhora Vice-Reitora, Senhora Doutora Cristina Pinto Albuquerque, a BGUC tem agora, em espaço adjacente à sua Sala de Leitura, uma zona de apoio a invisuais, assim como uma série de equipamentos que permitem uma integração harmoniosa destes estudantes na nossa universidade (neste momento, já há cerca de 100, referenciados pelos serviços académicos). Orgulhamo-nos desta intervenção, que só foi possível graças à preocupação da Reitoria com estas matérias e à generosa colaboração da Fundação Altice, que financia parcialmente esta medida. Também neste domínio o futuro mostrará os benefícios de uma colaboração estreita entre o Arquivo da Universidade de Coimbra e a BGUC, instituições vizinhas, amigas e unidas por um sem-número de bons motivos.

A partir de 2021, o *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra* iniciará uma nova caminhada: passará a dispor de um conselho editorial alargado, utilizará o sistema de «blind referee» de todos os textos que lhe forem propostos para publicação e, com passos curtos mas seguros, procurará a inserção nos indexadores de referência a nível internacional. Trata-se de uma evolução inevitável, que mobilizará muito do nosso esforço e atenção, mas que permitirá que o *Boletim* se mantenha na 'primeira divisão' das revistas da sua especialidade. Na hora de anunciar este salto, quero também dizer que o *Boletim* passará a ser dirigido pelo Dr. António Eugénio Maia do Amaral, cuja vasta cultura e sabedoria nas matérias que têm que ver com o Livro Antigo e com o espólio da Biblioteca Geral (e não só) é (re)conhecida por todos. A seu lado figurará, como Diretora-Adjunta, a Sra. Dra. Iuliana Filimon Barros Gonçalves, a quem todos devemos a existência e a qualidade desta revista ao longo dos últimos (largos) anos. Agradeço ainda, reconhecido, à Sra. Dra. Jaquelina Isabel Silva das Neves

o imprescindível apoio de Secretariado que permitirá decerto que o nosso *Boletim* enfrente com sucesso o novo desafio a que se propõe.

Termino com um apelo: o de que seja possível recuperar ao longo de 2020-2021 uma parte significativa das obras que foram levantadas nas bibliotecas da Universidade de Coimbra nos últimos anos e que nunca foram devolvidas, em claro prejuízo do nosso património bibliográfico e, claro, do nosso serviço público. E não se trata apenas de livros requisitados – ao abrigo do serviço de empréstimo domiciliário – por estudantes, por alunos ERASMUS ou por outros alunos internacionais. Há também muitas obras que os docentes da UC ainda não devolveram. Peço encarecidamente a todos que façam um esforço para recuperar e devolver esses livros; a BGUC prestará todo o apoio que for solicitado nesse sentido, incluindo listagens de obras que ficaram esquecidas, nas prateleiras das nossas bibliotecas particulares, mas que efetivamente constituem um bem público que não podemos dar como perdido. Obrigado.

«Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades / Muda-se o ser, muda-se a confiança; / Todo o mundo é composto de mudança, / Tomando sempre novas qualidades».

Doze proposições sobre livros, leitura e hospitalidade

Twelve propositions about books, reading and hospitality

João Maria André¹

1. *Os livros são conversas que mantemos com os outros.* Conversas livres, despreconceituosas e abertas. Nessas conversas os outros entregam-nos o melhor dos seus pensamentos, da sua memória ou da sua imaginação e nós acolhemos as palavras que guardamos num canto da nossa interioridade. Por vezes revisitamos essas conversas, lendo e relendo os livros ou recordando o que neles encontramos. Espantamo-nos então com o que dizem e em que não tínhamos reparado, redescobrimo-los no seu potencial libertador de novidades. Mas outras vezes entramos nessas conversas com redobrada atenção crítica: dialogamos, contestamos, perguntamos e respondemos. Mas sempre no respeito pela palavra do outro e dos outros. A leitura não é intolerante, mas uma forma de exercer a hospitalidade.

¹ Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes – jmandre@sapo.pt

2. *Os livros são barcos em que navegamos ora por águas calmas e tranquilas, ora por mares tumultuosos.* Por vezes demoramo-nos neles em alto mar: só nós e o seu azul esverdeado, as algas e os corais, os vestígios de outras passagens, de outros barcos, de outra gente. Outras vezes atracamos em portos aonde os livros nos transportam: visitamos praias e cidades desconhecidas, conversamos com as suas gentes, percorremos as suas ruas, lemos a sua história, convivemos com o seu povo, aprendemos mundo e mundos. Ler um livro é viajar pelo espaço e pelo tempo: um livro pode levar-nos ao passado, ensinar-nos aquilo de que somos feitos, mostrar-nos caminhos que não foram seguidos, iluminar a memória como quem acende um archote no subterrâneo do tempo; mas um livro pode também abrir-nos para o futuro, para os muitos futuros que podemos escolher, para o possível que não foi mas se espraia nas suas páginas, para a terra do ainda não que povoa a sua e a nossa fantasia. Ler um livro sobre o passado é hospedá-lo dentro de nós. Ler um livro sobre o futuro é acolhê-lo na sua madrugada, aceitar os seus possíveis, tornar habitáveis as suas veredas.

3. *Os livros são casas que habitamos, em que moramos e nos demoramos quando os lemos.* Casas de palavras à solta, dançando nas suas páginas, arrumando-se e desarrumando-se nas suas danças, correndo para o fim ou regressando ao princípio num movimento de vai-e-vem entre os seus capítulos. Nas casas que são os livros cada página é uma porta ou uma janela aberta para o mundo: por ela entramos noutras casas que podem ser também casas de palavras mas que também são casas de pessoas. Descobrimos então gente com as suas dores e as suas alegrias, as suas esperanças e os seus desesperos, os seus sonhos e os seus pesadelos. E podemos sair por uma página para entrar numa nova casa, como podemos sair dessa casa entretanto visitada para voltarmos a entrar no livro através de outra página. Por essas janelas que são as páginas vemos os pássaros,

as árvores, as pessoas, os rios, a natureza. Podemos parar no sopé de um monte ou correr até ao cume para contemplar vales e planícies, porque as janelas dos livros não têm grades: não nos fixam nem nos prendem porque sabem que depois de uma página-janela há outra página-janela e que de cada página-janela podemos saltar para as páginas-janelas de outros livros porque todos os livros estão dentro de todos os outros livros numa circulação infinita. Livros com páginas-janelas abertas sobre o mundo são espaços de hospitalidade, porque o seu volume tem o tamanho do universo.

4. *Os livros também se escutam.* É certo que é pelos olhos que entramos nos livros. É com a vista que juntamos letras em sílabas, sílabas em palavras e palavras em frases. O mundo dos livros parece, numa primeira aproximação, ser um mundo da vista e da visão. Mas os livros não se entendem se, para além de vermos o seu conteúdo, não soubermos escutar o que eles nos dizem e os livros escutam-se, porque falam. Falam-nos, por vezes, de uma maneira doce e terna, outras vezes de uma maneira brusca e violenta. E se há alturas em que parecem monocórdicos, noutras alturas saem deles sons que são sinfonias e constituem música para o nosso paladar. É porque os livros se escutam, no mais íntimo de nós mesmos, que podemos lê-los numa leitura interior: ao fazê-lo, abrimos um espaço dentro de nós por onde corre a sua sonoridade e é ao ouvi-la que os entendemos. E é também porque eles se escutam com os ouvidos externos que se podem fazer leituras em público: são momentos em que o ritmo das palavras nos atravessa e inebria, nos invade e nos sacode e percebemos que a fisicalidade dos livros se transporta para a fisicalidade das palavras e das frases que dançam no espaço em figuras invisíveis. Escutar um livro é deixar-se habitar por ele, pelos seus sons e pelo seu silêncio, é dar-lhe tempo para que ecoe dentro de nós, é deixar que se enrolem nas suas ondas as ondas das nossas respostas num encontro de sentidos com que se fazem as autênticas descobertas. Numa cultura como a nossa em que

é a visão que tem o primado, é mais do que nunca necessário fazer uma pedagogia da escuta dos livros, perguntando não o que vemos nos livros (a visão é só uma prerrogativa do sujeito que vê), mas o que é que eles nos dizem e o que deles escutamos (a escuta dá sempre o primado ao outro que vem ao nosso encontro). E essa pedagogia da escuta dos livros é uma pedagogia da hospitalidade: escutando, hospedamos aqueles que se nos dirigem, acolhemo-los na sua interpelação, damos-lhes o nosso espaço como sua habitação e morada.

5. Os livros são feitos de palavras e silêncio. Temos uma tendência imediata para, dos livros, atendermos apenas às palavras e esgotarmos nas palavras tudo o que os livros são. Mas os livros são também feitos de silêncio. É, aliás, para modular o silêncio que serve a pontuação. Com os pontos e as vírgulas introduzimos pausas entre palavras e frases, com reticências suspendemos a sequência de palavras e abrimos um espaço que não é preenchido por sons, com o ponto de interrogação abrimos o espaço da pergunta e com o ponto de exclamação introduzimos a surpresa, a constatação, a afirmação na sua plenitude. Sem silêncio, não haveria palavras, mas apenas ruído, porque é no silêncio que se recortam as palavras e as frases, sendo ele o espaço em que elas se movimentam. Além disso, é do silêncio que as palavras nascem e é ao silêncio que as palavras retornam. Porque o silêncio é a nascente donde brota o sentido: como uma fonte de água cristalina de onde fluem sons e vão correndo letras; e é ao mesmo tempo a foz do sentido que desagua no mar da nossa consciência. O silêncio de que são feitos os livros é um silêncio vivo e não um silêncio morto: potencial para o acontecimento da palavra, sem ele a compreensão seria impossível. Por isso, a pedagogia da escuta na leitura do livro referida noutra proposição exige também uma pedagogia do silêncio na sua concretização: só no silêncio se podem escutar os livros e a sua música porque também só no silêncio se podem escrever os livros na sua melodia. Sendo o silêncio dos livros e das palavras um silêncio

vivo, ele nunca pode ser imposto, mas é um silêncio querido, nunca pode ser um silêncio feito mordaça, mas é um silêncio feito espanto e libertação, nunca pode ser o silêncio da intolerância, mas é o silêncio do respeito, do acolhimento e da hospitalidade.

6. *Os livros nunca estão fechados.* O gesto de abrir um livro é sempre um gesto que inaugura um encontro que se projeta no tempo. Pode, por vezes, interromper-se pontualmente esse encontro. Pode adiar-se por horas, por dias, ou por anos. Mas nunca se pode dar por concluído. É por isso que os livros nunca estão fechados. Mesmo quando se interrompem, eles continuam abertos: as suas palavras continuam em nós, às vezes suspensas, às vezes aparentemente adormecidas, mas sempre atuantes no seu dinamismo apelativo, questionador, recorrente, incomodativo, reconfortante ou resiliente ao esquecimento e ao abandono. Um livro nunca se fecha, porque, mesmo fechado, as suas palavras continuam transgressivamente a saltar para fora dele e a invadir-nos a mente e a consciência. Como não se pode fechar um livro no interior duma casa, dum armário, duma gaveta. Um livro assim fechado seria um livro acorrentado e os livros são feitos para derramarem palavras entre as pessoas e no interior dos seres humanos. Um livro só se realiza nos olhos e nos ouvidos de quem o lê, de quem o escuta, de quem o sente. É por isso que os livros fechados não são livros: são coisas, objetos, instrumentos, mas não parceiros de existência dos seus leitores. Os livros são por definição palavras que se folheiam por dentro dos homens, das mulheres e das crianças que jogam à cebra-cega no seu interior e nele descobrem alimentos e tesouros com que se tecem as vidas no tempo. Um livro fechado é uma censura e uma contradição, uma clausura mais do si do que do próprio livro, cujos ecos se ouvem e persistem no segredo das suas páginas. Um livro fechado é a afirmação da intolerância, a intolerância da ignorância que se esquece de que o saber só na abertura se realiza.

7. *Para além de casas de palavras, os livros são também casas de afetos.* Ninguém fica indiferente à leitura de um livro, porque um livro é feito de palavras que nos movem e comovem. É, aliás, essa a sua força: a capacidade de mexer com os seus leitores. Quando lemos um livro, espantamo-nos, rimos, choramos, desesperamos algumas vezes e outras vezes deixamos que a esperança se acenda no nosso olhar. E não falamos apenas de romances, de histórias, da narração de grandes atos ou de pequenos gestos. Falamos também de ensaios, de tratados, de estudos e dos jogos das ideias, dos pensamentos e da especulação. Apaixonamo-nos pelos livros, sejam eles um conto, poesias ou teses filosóficas. Às vezes também detestamos o que nos transmitem. Mas não permanecemos indiferentes à virtude das suas palavras. Sentimos nelas ternura e carinho, arrepiamo-nos também com a sua rispidez, saboreamos a sua doçura, toca-nos o seu calor, desperta-nos a sua ironia ou a sua acidez. É por isso que somos capazes de oferecer livros: no gesto da oferta somos nós que nos damos com o afeto que nos enche e que passamos para os livros que entregamos aos outros. Os livros só existem verdadeiramente para quem é capaz de amar e de os amar, sendo o cuidado a maior expressão desta relação afetiva que temos com os livros: cuidamos deles como quem cuida de um amigo, de um animal ou de uma planta, regamo-los com os nossos sentimentos ou as nossas emoções, acariciamo-los com os nossos dedos e o nosso olhar e sussurramos-lhes segredos que a mais ninguém confiamos. A intolerância não cabe na casa dos afetos que são os livros porque é o contrário da confiança e só com confiança se tece a nossa relação com as suas páginas e as suas palavras.

8. *Pode acordar-se com os livros como pode adormecer-se dentro das suas páginas.* Ser acordado por um livro é ser sacudido pelas suas palavras e pelas suas ideias. Quando nos fechamos dentro de nós próprios e dentro dos nossos pensamentos, quando entramos num processo de ensimesmamento, só temos olhos e ouvidos para

as nossas ideias e convicções, para as nossas palavras e para o nosso discurso. O pensamento transforma-se assim num monólogo de que dificilmente pode brotar qualquer novidade. Ler um livro é ser acordado por aquilo que diz o seu autor, por aquilo que é diferente da monotonia em que nos enredamos, pelo que marca a distância em relação a nós próprios. Não é, por isso, de estranhar que alguns autores tenham confessado terem despertado do seu sono ao lerem os livros dos outros. É aí que está o alimento para a diferença, o desafio para a ultrapassagem de nós próprios. É por isso que podemos acordar com os livros que lemos. Mas também podemos adormecer dentro das suas páginas. Porque há livros que têm o dom do nos trazer paz e serenidade e de fazerem brotar em nós a imaginação: nesses momentos podemos dormir no leito das suas páginas, pois elas transformam-se em janelas para os nossos sonhos, para os sonhos em que somos capazes de harmoniosamente misturar o que é nosso e o que outros nos dão, repousando no curso da viagem que as leituras nos proporcionam. Mas só acorda com os livros ou só adormece dentro das suas páginas quem faz da hospitalidade a virtude máxima da leitura dos livros com que nos recreamos.

9. *Os livros são corpos e organismos vivos.* Seria um erro pensar que os livros, por parecerem objetos, são coisas feitas e acabadas, mortas, que se conservam numa biblioteca como as plantas se conservam nos herbários ou os animais mumificados em vitrinas. Um livro nunca está terminado, mesmo depois de o seu autor lhe ter escrito o ponto final e ter sido impresso numa tipografia, porque o seu destino é o leitor, ou melhor, os leitores na sua pluralidade, multiplicação e renovação. Neste sentido, os livros são e continuarão sempre a ser corpos vivos, que respiram através das suas páginas e cujo coração bate continuamente ao compasso da sua leitura. Por dentro deles desenham-se circulações de sentido, sempre novas, que o olhar atravessa, refaz, desfaz e torna a fazer, estruturam-se redes de

conceitos de que cada leitor se apropria à sua maneira, iluminam-se imagens, gravuras e metáforas que por sua vez derramam a sua luz na penumbra da nossa ignorância. Os livros respiram e transpiram e, por isso, tocar-lhes é sentir o sopro da sua vida, o seu alento vital, é pressentir o seu suor, é saber as suas vitórias e as suas derrotas na construção de mundos de ideias e de ideias de mundos. Além disso, sendo objetos vivos, os livros dão vida a quem neles entra e por dentro deles viaja: uma criança que lê o livro do Pinóquio ou um conto de Sofia de Mello Breyner Andresen sente mais vida para além da vida que já tem e alguém que lê Eugénio de Andrade ou Herberto Helder descobre de repente que há muito mais vida para além da vida quotidiana, porque a vida dos livros se prolonga na vida dos seus leitores e se reinventa por detrás dos seus pequenos pormenores. É por isso que os livros não podem ser objeto de intolerância: seria negar a vida por dentro da própria vida, assassinar a respiração do que, latente por dentro de um volume de papéis, doa à humanidade a sua capacidade para vivificar o mundo.

10. *Os livros são muitas vezes labirintos com múltiplos caminhos em diferentes direções.* Um livro não é uma planície aberta, em que tudo é imediatamente visível e transparente. Como têm a sua fonte na memória ou na imaginação, são também eles permeáveis à dimensão labiríntica que caracteriza estas nossas duas faculdades. É por isso que, quando se segue um caminho, se desemboca num cruzamento em que é possível seguir dois ou três caminhos, sem ter a certeza sobre em qual deles entrar. Outras vezes, abrem-se alçapões que dão para um entrelaçar de caminhos subterrâneos em que ainda se torna mais difícil a caminhada. Mas também é verdade que os próprios livros oferecem, aqui e ali, pontos de referência e bússolas de orientação. Toda a questão está em sermos capazes de os detetar e de os utilizar. O que exige uma redobrada atenção na leitura. Isso não significa, no entanto, que, por vezes, não tenhamos que seguir deter-

minados caminhos para depois voltarmos atrás e recuperar sendas perdidas. A multiplicação de caminhos de leitura é sempre uma multiplicação de perspetivas: quanto mais perspetivas conhecermos mais nos podemos aproximar da saída, ou seja, mais facilmente podemos caminhar para a verdade de um livro, que é sempre estereoscópica e não monolítica, dialógica e não monológica. Isso exige a capacidade de cruzarmos os diversos caminhos e de sermos capazes de os pôr em diálogo uns com os outros. Ou de, em outros casos, irmos buscar bússolas a outros livros já lidos para pôr ordem nos caminhos que estamos a ler. Os livros formam um universo, uma esfera infinita, como na Biblioteca de Jorge Luís Borges, em que o centro cabal é qualquer hexágono e cuja circunferência é inacessível. Em tal biblioteca, como na esfera infinita dos místicos, só há lugar para a hospitalidade: a hospitalidade como abertura ao infinito, no labirinto da sua alteridade misteriosa e da sua visível invisibilidade.

11. *Os livros são espaços de liberdade.* Quando se entra num livro nada está pré-determinado. O sujeito que lê é inteiramente livre em todas as suas iniciativas. Em primeiro lugar, a liberdade presentifica-se no próprio ato de leitura: ninguém pode ser obrigado a ler, como ninguém pode ser privado da possibilidade de ler. Esta primeira liberdade é a liberdade do encontro com o outro. Em segundo lugar há que afirmar a liberdade da hora e do local da leitura. Lê-se quando se quer e onde se quer, pois não há horas ou locais próprios e horas ou locais impróprios para a leitura: pode ler-se ao acordar, quando a mente está mais aberta e desperta para o mundo, como pode ler-se antes de adormecer, quando o dia já passou com todas as suas preocupações, pode ler-se na paragem do autocarro ou dentro do comboio, lê-se, naturalmente, numa sala de leitura, mas também se pode ler numa sala de espera, lê-se ao fim da tarde num banco de jardim, em comunhão com a natureza, como se pode ler na praia à luz do sol poente. Em terceiro lugar há que retirar o carácter normativo à ordem

da leitura. É certo que os livros têm capítulos e os capítulos são muitas vezes numerados. Mas nada nos impede de os subverter. Um livro pode começar a ler-se pelo princípio, mas também pode iniciar-se a sua leitura pelo meio ou pelo fim. Podemos saltar páginas e capítulos, ir do princípio diretamente para o fim, ou regredir para ler capítulos que ficaram para trás. Há muitos livros em que a ordem dos fatores é arbitrária, podendo cada um construir a sua ordem na desordem que também fabrica. Em quarto e último lugar, um livro é sempre uma plataforma para a imaginação: dele arrancamos para novos voos e os novos voos que ensaiamos ninguém os poderá controlar, limitar ou configurar: são o espaço pleno da nossa liberdade. A partir dos livros fazemos e desfazemos mundos, fazemos e desfazemos vidas, fazemos e desfazemos dramas, alegrias e tristezas. Por isso, como espaço de liberdade, o livro tudo acolhe: todo o livro é a encarnação da ideia de hospitalidade.

12. *As bibliotecas, como casas dos livros, são espaços sagrados.* Sagrado não é necessariamente sinónimo de religioso. Significa antes, no seu sentido mais abrangente, tudo o que nos abre para o mistério e que, por isso, se caracteriza por uma atmosfera diferente da que envolve os nossos atos quotidianos. Reclama uma atitude de respeito, mas não necessariamente de distância: o respeito é compatível com uma imersão profunda no outro que respeitamos e que nos surge como sagrado. As bibliotecas são espaços sagrados porque os livros são vias de comunicação com o sagrado: com o mistério de nós mesmos e dos outros, com o mistério do mundo, com o mistério do tempo, com o mistério da verdade. Embebidos do mistério das bibliotecas sabemos que os livros que as habitam e que nelas moram nos transportam para um espaço e para um tempo únicos: o espaço e o tempo de encontros singulares com a vida e com a história, mas ao mesmo tempo um espaço e um tempo tão intensos que neles nos perdemos quando neles entramos e os percorremos: o tempo deixa de

ser o tempo dos ponteiros do relógio, para ser um tempo sem tempo, ou seja, um tempo que é o tempo em que o instante se confunde com a eternidade. Quantas vezes não nos esquecemos do tempo ao ler um livro e ao mergulhar nas suas páginas? Mas, sendo as bibliotecas um espaço sagrado, elas têm uma contrapartida: não podem ser profanadas nem os seus habitantes desconsiderados. Os livros não se rasgam, não se queimam, não se sujam, não se maltratam. São archotes que iluminam os nossos passos e é na sua luminosidade que encontramos a salvação. Sem fanatismos nem fundamentalismos. Sempre atentos às múltiplas perspetivas com que nos abrem a verdade. E é por isso que o sagrado das bibliotecas nunca pode conviver com o aparente sagrado das intolerâncias: só na hospedagem plural da sua alteridade que sabemos ultrapassar-nos se consuma a sabedoria dos livros e a sabedoria que repousa nas bibliotecas que são as suas casas.

(Página deixada propositadamente em branco)

***AlmaMater*: património bibliográfico e identidade na Universidade de Coimbra**

AlmaMater: bibliographic heritage and identity at the University of Coimbra

Ana Eva Miguéis¹

RESUMO

A *AlmaMater* é a biblioteca digital de fundo antigo da Universidade de Coimbra, apresentada publicamente em julho de 2010. A *AlmaMater* congrega várias coleções digitais representativas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, das bibliotecas de diferentes unidades orgânicas e, também, bibliotecas temáticas, como é o caso da República Digital, História da Ciência ou Mapas Nabais Conde, que assinalam acontecimentos ou factos importantes diversos e que constituem, no seu conjunto, um repositório bibliográfico de grande valor histórico, bibliográfico e documental. A *AlmaMater* resultou de um propósito muito claro da Universidade de Coimbra, que foi o de promover e facilitar o acesso aos fundos antigos das suas biblio-

1 Coordenadora do Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC) – evamigueis@sib.uc.pt. [Orcid.org/0000-0003-2869-7754](https://orcid.org/0000-0003-2869-7754)

tecas, aos investigadores e ao grande público, e de os disponibilizar através de uma plataforma na Internet, dando a conhecer o importante património bibliográfico da Universidade e reforçando a sua identidade. Os recursos digitais disponibilizados na *AlmaMater* abarcam um conjunto diversificado de documentos – livros, jornais, revistas, fotografias, mapas, gravuras – que vão do séc. XIII ao séc. XX, sendo possível percorrer todo este intervalo de tempo de forma ágil e intuitiva.

Neste texto, pretende-se abordar os aspetos mais significativos desta biblioteca digital, fazendo referência à sua estrutura e organização, aos fundos bibliográficos que a constituem, aos aspetos e funcionalidades desenvolvidas e às melhorias implementadas ao longo do tempo.

Reconhece-se que a experiência adquirida no tratamento do património bibliográfico da Universidade de Coimbra, o acompanhamento dos processos de digitalização, o desenvolvimento de plataformas digitais e a integração de objetos digitais foram fatores determinantes para o sucesso deste projeto. Conclui-se afirmando que a *AlmaMater* é um projeto de grande importância estratégica, com impacto na divulgação do valioso património cultural da Universidade de Coimbra junto de investigadores nacionais e internacionais, e também junto dos cidadãos, cumprindo deste modo com uma importante função universitária, a de suscitar a curiosidade de novos públicos.

PALAVRAS-CHAVE

Bibliotecas digitais; Universidade de Coimbra; Biblioteca digital de fundo antigo; *AlmaMater*.

ABSTRACT

Launched on 30 June 2010, *AlmaMater* is the digital library of old books of the University of Coimbra, bringing together several digital collections from the General Library, its Faculties libraries and thematic libraries, such as “Digital Republic”, “History of Science” or “Nabais Conde Maps”, which mark various important events and together establish a bibliographic repository of great historical, bibliographical and documentary value. *AlmaMater* is the result of the University’s very clear purpose to promote and enable greater access to its old books collections to researchers and to the general public,

and to make them available through an Internet platform becomes known the important bibliographic heritage of the University and reinforcing its identity. The digital resources available at *AlmaMater* comprise a diverse set of documents – books, journals, newspapers, photographs, maps, manuscripts – dating from the 13th century and extending to the 20th.

This paper aims to address the most significant aspects of this digital library, examining its structure and organization, its documental collection, aspects and features developed, and improvements implemented.

The experience achieved in the treatment of the University of Coimbra's bibliographic heritage, the monitoring of digitised procedures, the development of digital platforms, and the integration of digital objects were recognized as determining factors for the accomplishment of this project. It is concluded that *AlmaMater* is a strategic project of significant worth, with a significant impact on the dissemination of the valuable heritage of the University of Coimbra not only to national and international researchers but also to citizens, therefore fulfilling an important university purpose, to rouse the interest and curiosity of new audiences.

KEYWORDS

Digital libraries; University of Coimbra; Old books digital libraries; *AlmaMater*.

Introdução

Falar de bibliotecas digitais é falar de “bibliotecas”, uma vez que as podemos considerar como sendo uma realidade física e virtual de acesso ao conhecimento que cumpre um importante exercício de apoio ao desempenho e à qualidade das instituições académicas. As funções que competem às bibliotecas – como a seleção, o tratamento, a organização e divulgação do conhecimento, aliadas à preservação – assumiram outros contornos com a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação que permitem, hoje, um acesso muito mais rápido e fácil à informação, seja sob a forma de catálogos infor-

matizados, que identificam e descrevem as coleções, seja sob a forma das próprias imagens dessas coleções (MARQUES *et al.*, 2006). As bibliotecas mudaram significativamente nas últimas décadas, período durante o qual surgiu o conceito de “bibliotecas digitais”. Assim, para além dos catálogos digitais, foram aparecendo conteúdos digitais em que as bibliotecas de hoje representam um híbrido de uma biblioteca tradicional – com espólios em papel e noutros suportes físicos que importa resguardar e dar à consulta sempre que necessário – e de uma biblioteca moderna, digital e acessível em qualquer local, sem limites espaciais ou de tempo (FIOLHAIS, MARQUES, 2009). Podemos, então, dizer, como Guerreiro (2017) que uma biblioteca digital é uma biblioteca que “[...] disponibiliza em linha obras digitalizadas ou nadas digitais, com um sistema que permite a pesquisa e recuperação da informação. Com os serviços inerentes a uma biblioteca como a organização, gestão da coleção, preservação e disseminação”². E podemos distinguir uma biblioteca digital pelo tipo de documento que a constitui, referindo que uma biblioteca digital de Livro Antigo disponibiliza “em formato digital, os incunábulos e o livro antigo”³.

As bibliotecas digitais são, assim, uma realidade incontornável e resultam das possibilidades que o desenvolvimento das novas tecnologias coloca à nossa disposição. Traduzem, muitas vezes, o contexto das bibliotecas físicas e com elas mantêm uma ligação intrínseca e dinâmica. Deste modo, o conceito de Biblioteca Digital é um conceito alargado e plural, que tem evoluído e que procura responder aos desafios que lhe vão sendo colocados ao longo do tempo.

As bibliotecas digitais são também um objetivo da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA), que viu reco-

2 GUERREIRO, Dália Maria Godinho – Bibliotecas digitais para as Humanidades: novos desafios e oportunidades [Em linha]. Évora: [do autor], 2017. Tese de doutoramento. [Consult. 28 set. 2019]. Disponível na Internet em: <<http://hdl.handle.net/10174/23282>>. p. 1.

3 GUERREIRO – Bibliotecas digitais para as Humanidades... p. 1.

nhecido pela UNESCO o seu “Manifesto para as Bibliotecas Digitais”⁴, na Conferência Geral de novembro de 2011. Neste Manifesto, a IFLA e a UNESCO encorajam os governos e as organizações internacionais a desenvolver estratégias de digitalização e a criar bibliotecas digitais como forma de facilitar o livre acesso à informação, designadamente a conteúdos digitais, contribuindo assim para a preservação do património cultural e científico.

A Universidade de Coimbra (UC) reuniu ao longo da sua história um riquíssimo espólio bibliográfico e documental que importa preservar e dar conhecer. A Biblioteca Geral (BGUC) guarda muitos desses tesouros que garantem a memória e a identidade da instituição na sua dimensão cultural e civilizacional. Uma das suas atribuições é, naturalmente, “a preservação, o enriquecimento, o tratamento técnico e a difusão do seu património bibliográfico e documental”⁵, cabendo-lhe também a produção de conteúdos digitais. Em colaboração com o Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC), e com as outras bibliotecas da Universidade, a digitalização de fundos patrimoniais e sua disponibilização tornou-se uma realidade. É ao SIBUC que compete gerir a biblioteca digital da UC, em ligação próxima com o Serviço de Gestão de Sistemas e Infraestruturas de Informação e Comunicação da Universidade (GSIIC) e com a BGUC, assim como o desenvolvimento de novas versões e funcionalidades do sistema que suporta a biblioteca digital. É também o SIBUC que apoia e promove a coordenação de ações de digitalização de obras e documentos das restantes bibliotecas e, nesta convergência de ação e de propósitos, a UC conseguiu acompanhar de modo consistente e

4 Veja mais informação sobre o Manifesto para as Bibliotecas Digitais na página Web da IFLA. [Consult. 14. Outubro, 2019]. Disponível na Internet em: <<https://www.ifla.org/files/assets/digital-libraries/documents/ifla-unesco-digital-libraries-manifesto.pdf>>.

5 In Regulamento da Biblioteca Geral, publicado em Diário da República a 10 de dezembro de 2009.

coordenado a evolução determinada pelos desenvolvimentos informáticos mais recentes.

Por outro lado, a UC tem sido produtora e fornecedora de informação e de conhecimento através das publicações editadas, quer pela Imprensa da Universidade (IUC) ou com a sua chancela, quer ainda pelas dissertações de mestrado e teses de doutoramento, artigos com arbitragem publicados em revistas internacionais ou nacionais e outras publicações, que têm vindo a ser colocadas na Internet (com a salvaguarda dos direitos de autor) de forma estruturada e organizada, quer no Estudo Geral (repositório digital da Universidade de Coimbra), quer na UC Digitalis (plataforma criada pela UC para a divulgação e promoção de conteúdos digitais em língua portuguesa).

Neste texto, a nossa abordagem centra-se na *AlmaMater*, biblioteca digital que contém obras digitalizadas não apenas de Fundo Antigo, mas também obras mais recentes, em geral publicadas antes de 1940. A disponibilização na Internet de acervos bibliográficos digitalizados, em particular acervos de fundo antigo, representa um importante contributo para a investigação, ao facilitar o acesso à informação e ao conhecimento. No entanto, a preocupação em disponibilizar esses conteúdos de modo a facilitar e a garantir a sua utilização por parte dos investigadores (nomeadamente na identificação, localização, navegação e pesquisa das obras) deve ser uma constante no desenvolvimento das soluções técnicas a aplicar. Atualmente, já se solicita às bibliotecas digitais que forneçam serviços personalizados, que integrem ferramentas úteis a grupos específicos de utilizadores, como os investigadores, e recomenda-se que, para potenciar a sua utilização, se criem e desenvolvam páginas de ajuda, se realize formação e se divulgue por novos meios estas bibliotecas (GUERREIRO, BORBINHA, 2014). Ajustar ou flexibilizar as soluções técnicas que lhe dão suporte é uma característica própria das bibliotecas digitais, que assim procuram responder aos desafios constantes que se lhe colocam para permitir uma utilização mais

fácil dos recursos digitais, tornando-os mais intuitivos e acessíveis (GUERREIRO, BORBINHA, 2014).

A Criação da biblioteca digital *Almamater*

Em Portugal, a partir dos inícios do século XXI e à semelhança do que aconteceu em muitos outros países, foram criados repositórios digitais com imagens integrais de fontes históricas, mas que, na sua maioria, tiveram dificuldade em se manter após o termo dos projetos que lhe deram origem⁶.

Há, no entanto, que destacar neste panorama a Biblioteca Nacional Digital (BND), criada em 2002 como um projeto da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), que disponibiliza em linha e de forma gratuita cerca de 25 000 documentos digitais constituídos por livros, publicações periódicas, iconografia, cartografia e música e que soma mais de 7 milhões de visitas por ano⁷. A BND está hoje completamente integrada na infraestrutura geral de serviços da BN e pode dizer-se que a sua intervenção assenta nos princípios da responsabilidade patrimonial e da democratização do acesso e que se estrutura em função de quatro componentes principais: i) disponibilização dos conteúdos (mais) procurados pela comunidade de leitores de uma biblioteca nacional, privilegiando-se as fontes documentais; ii) formação de um acervo coerente que traduz a identidade da BNP e das suas coleções mais significativas; iii) cumprimento de funções de extensão cultural para a difusão e valorização dos seus fundos documentais; iv) articu-

6 Veja-se, a este propósito, o caso do “Fundo Antigo da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto”, cujo Projecto de Informatização, Digitalização e Divulgação do Fundo Bibliográfico Antigo decorreu de 2005 a 2007 e não teve continuidade. [Consult. 13. Outubro, 2019]. Disponível na WWW em: < <https://www.fc.up.pt/fa/?p=apr&item=363#mis> >.

7 Informação em “Sobre a BND. Apresentação”. [Consult. 13. Outubro, 2019]. Disponível na WWW em: <http://purl.pt/index/geral/PT/about.html>>.

lação com uma funcionalidade designada como “Biblioteca Nacional a distância” (REIS, 2015).

Entre os motivos que contribuíram para o aparecimento de uma biblioteca digital de fundo antigo na UC salienta-se a importância da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, biblioteca de cariz patrimonial e detentora de depósito legal, com o propósito de defender e preservar os valores da língua e cultura portuguesas. A proximidade ao Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), depositário da documentação produzida e recebida pela Universidade de Coimbra desde a data da sua fundação (uma função que acumula com a de arquivo distrital), contribuiu para essa decisão. Também o AUC tem a missão de coordenar a produção de conteúdos digitais do acervo arquivístico e do seu plano de trabalho faz parte a digitalização para divulgar e preservar o conhecimento. Acresce-se ainda um outro motivo, o da classificação da Universidade de Coimbra como Património Mundial pela UNESCO, em junho de 2013, galardão que inclui não apenas a Biblioteca Joanina, mas também todas as outras bibliotecas universitárias de Coimbra, o que veio enfatizar o lugar da instituição no espaço da cultura e da língua portuguesas. Esta circunstância obrigou a uma atenção renovada aos recursos bibliográficos de que a Universidade de Coimbra é depositária e ao modo como os preserva e disponibiliza.

Partindo destes pressupostos, e estimulada pela concretização dos primeiros projetos de digitalização que apoiavam financeiramente a criação de uma biblioteca digital, a UC apresentou publicamente, em julho de 2010, a *AlmaMater*, nome que designa a sua biblioteca digital de fundo antigo. Desde esta data e até hoje a *AlmaMater* tem sido um importante repositório de fundo antigo em suporte digital, sendo o maior das universidades portuguesas e o segundo do país, depois do repositório da BND. A *AlmaMater* reuniu desde o seu início documentos do acervo da BGUC e também fundos antigos das Bibliotecas da Faculdade de Direito, da Faculdade de Letras e do antigo Departamen-

mento de Botânica (esta última integrada hoje no Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC).

Os primeiros projetos lançados pela BGUC (2005) e mais tarde pelo SIBUC (2007), os quais antecederam o lançamento da *AlmaMater*, foram suportados pelo Programa Operacional da Cultura (POC) do Ministério da Cultura (2007), como foi o caso da Biblioteca Geral Digital e das Bibliotecas Digitais da Faculdade de Direito e da Faculdade de Letras, e ainda pelo Programa Operacional da Sociedade do Conhecimento, como aconteceu com a Biblioteca Digital da Botânica (2008). Outros projetos autónomos vieram aumentar substancialmente a *AlmaMater* após a sua criação, como aconteceu com o “Instituto de Coimbra” e a “História da Ciência na UC”, ambos apoiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (MIGUÉIS, FIOLEAIS, 2014); ou ainda com os projetos integrados em comemorações, como o da “República Digital” no centenário da República (2010) e o dos “500 Anos, 500 Obras”, a assinalar os 500 anos da Biblioteca da UC no ano de 2013. Mais recentemente foram apresentadas as bibliotecas “Rómulo Digital” (2018), com financiamento do Ministério da Ciência e Tecnologia, e a Biblioteca “Mapas Nabais Conde” (2019), que reúne a maior coleção privada portuguesa de mapas antigos com representação do território de Portugal, reunida pelo Professor Carlos Alberto Nabais Conde, da Universidade de Coimbra, a qual foi adquirida pela BGUC em 2011 e que merece um artigo autónomo (da autoria conjunta de Maria de Fátima Moura de Carvalho e Teresa Margarida Simões Mendes) neste mesmo volume.

Na organização e apresentação dos documentos que constituem a *AlmaMater* houve sempre a necessidade de respeitar algumas diretrizes que estiveram na origem desta biblioteca digital, como seja a de manter a localização de origem. Isto significa que cada biblioteca física que deu origem a um projeto de digitalização, ou que tem documentos do seu acervo digitalizados, conserva a sua identidade e individualidade, ainda que, no seu conjunto, todas as bibliotecas

obedeçam a uma lógica comum e estejam integradas numa mesma estrutura. O trabalho de digitalização foi, na grande maioria das situações, adquirido a empresas externas, mas a coordenação técnica foi assegurada pelo SIBUC.

O conjunto de documentos digitalizados foi crescendo, mercê dos apoios recebidos pela Reitora da UC e dos projetos financiados, e a sua disponibilização ao público foi suportada pelo trabalho desenvolvido pelo SIBUC. Em março de 2013, a *AlmaMater* alcançou perto de 6000 mil documentos, a que correspondiam mais de um milhão de imagens (FIOLHAIS et al., 2013).

O trabalho inicial de seleção e triagem dos documentos a digitalizar esteve a cargo de bibliotecários, responsáveis pelo levantamento dos documentos considerados mais relevantes na sua Biblioteca e de acordo com critérios estabelecidos: o interesse manifestado pelos investigadores na sua consulta, o estado de conservação e a raridade ou número de exemplares existentes. Após uma recolha inicial, foi necessário confirmar se, na Internet, já existia alguma cópia desse documento, ou de um similar. Existindo, esse documento, tendencialmente, passava para a base da lista e dava-se prioridade a outro que ainda não estivesse digitalizado e acessível na Internet. Adotado este método de trabalho, foi então possível selecionar um conjunto considerável de obras e dar início ao trabalho de digitalização, complementado com a criação de registos bibliográficos e com a catalogação de muitos documentos que ainda não se encontravam inseridos no catálogo do sistema integrado de informação bibliográfica de todas as Bibliotecas da UC.

Fundo documental e breve caracterização

Já antes se mencionaram alguns dos projetos que permitiram a digitalização e disponibilização de importantes fundos bibliográficos

à guarda das Bibliotecas da UC e que deram corpo à *AlmaMater*. Referir-nos-emos com um pouco mais de detalhe a alguns deles, procurando seguir uma ordem cronológica na sua apresentação.

Os primeiros projetos, que visavam a conservação do património bibliográfico apoiados pelo POC, foram a “Biblioteca Joanina Virtual”, a “Biblioteca Geral Digital” e a “Biblioteca Digital da Universidade de Coimbra”. Os dois primeiros iniciaram-se em 2005, sob a responsabilidade da Biblioteca Geral, procurando, o primeiro, reconstituir tridimensionalmente todo o espaço da Biblioteca Joanina e permitir a visita virtual à Biblioteca Joanina e ao seu excepcional património documental, produzindo para esse efeito um sítio Web e um DVD, ambos lançados em 2008 (AMARAL, 2014); o segundo projeto visava digitalizar um conjunto significativo de obras antigas, para além do notável catálogo de miscelâneas e manuscritos da Biblioteca Geral (FIOLHAIS, MARQUES, 2009). Neste último, o objetivo passava pela digitalização, tratamento técnico e colocação na Internet de perto de 60 000 imagens, perfazendo o total de cerca de 600 obras (FIOLHAIS, 2008). As obras escolhidas, no conjunto dos dois projetos da Biblioteca Geral, citando Carlos Fiolhais (2008), foram:

“[...] os incunábulos que não existiam em mais nenhuma biblioteca portuguesa (123 obras), toda a tipografia coimbrã do século XVI (108 obras) e parte da do século XVII (24 obras), impressos musicais (50 obras), alguns álbuns de Piranesi, todos os códices iluminados, as plantas pombalinas e a maioria dos manuscritos científicos, alguns literários e alguns musicais. Entre as publicações periódicas, sobretudo jornais antigos de Coimbra, estão 47 títulos completos. Exemplos de documentos digitalizados são várias bíblias latinas do século XIII manuscritas, a Bíblia de Abravanel (bíblia hebraica do século XV), a “Nova Astronomia...” de Cristóvão Borri, a “Discritzione et historia de l’ Isole Canarie...” (um manuscrito ilustrado) de Leonardo Torriani, a “Carta portulano” de Diogo Homem (carta do século XVI) e ainda algumas primeiras edições que são marcos da cultura portuguesa: a “Peregrinação”

(1614), o “Só” (1892), a “Mensagem” (1934), etc. A estes recursos digitais acrescentam outros, que tinham sido produzidos antes (como a edição original de “Os Lusíadas”) e que foram unidas num quadro comum.”⁸

Também as Bibliotecas das Faculdades de Direito e de Letras e do Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia iniciaram a digitalização de importantes núcleos documentais à sua guarda⁹. A Biblioteca Digital da Faculdade de Direito de Coimbra (2007) dispõe de uma coleção de Livro Antigo constituída, na sua maioria, por obras recebidas da livraria do antigo Colégio de São Pedro, de autores portugueses formados na Universidade de Coimbra e estreitamente ligados às antigas Faculdades de Leis e Cânones. Também tem obras de autores que se formaram no estrangeiro, mas que foram atraídos pelo renome alcançado pela UC, como Manuel da Costa e Aires Pinhel. Na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras (2008) existem obras significativas, como os manuscritos de Almeida Garrett, o manuscrito sobre as regras das freiras do Mosteiro de Santa Clara, entretanto publicado por Maria José Azevedo Santos¹⁰, cartas autografadas de Honoré de Balzac e, ainda, obras com desdobráveis de projetos de fortificações, como a de Luís Serrão Pimentel no “Método lusitano de desenhar as fortificações das praças regulares e irregulares...”. Já da Biblioteca Digital de Botânica (2008), pertença do antigo Departamento de Botânica, digitalizou-se um conjunto de livros antigos, manuscritos e uma parte importante dos espólios dos

8 FIOLEAIS, Carlos – A Biblioteca digital da Universidade de Coimbra. *Rua Larga*. N.º 19 (2008), p. 20.

9 Relativamente a este ponto, muita da informação introduzida foi retirada da página Web da Biblioteca Digital da Faculdade de Direito, disponível em <https://bibdigital.fd.uc.pt/website/apresentacao.htm>, assim como da página Web do Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra, área de apresentação e fundo documental da biblioteca digital do fundo antigo *Alma Mater*, disponível em: <<https://www.uc.pt/sibuc/AlmaMater/fundodocumental>>.

10 SANTOS, Maria José Azevedo – As regras da Regra de Santa Clara. Códice do século XVI. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

botânicos Avelar Brotero, Júlio Henriques e Luís Carrisso, entre outros, composto por correspondência manuscrita, fotografias e desenhos.

Para dar suporte ao trabalho já realizado, a Reitoria criou, ainda em 2008, um novo projeto de digitalização, o da “Biblioteca Digital da Universidade de Coimbra”, que pretendia reunir obras da Biblioteca Geral e das Bibliotecas das Faculdades de Direito, Letras e Ciências e Tecnologia (Botânica), entretanto digitalizadas e alargar o âmbito do projeto às restantes bibliotecas para prosseguir o trabalho anterior e aumentar a visibilidade da Universidade na Internet (FIOLHAIS, 2008; FIOLHAIS, MARQUES, 2009). Este projeto foi, desde o seu início, gerido pelo SIBUC.

Outros projetos importantes que importa referir são:

O relativo ao “Instituto de Coimbra”, academia coimbrã que desempenhou um papel de relevo para a Universidade ao afirmar-se como uma instituição que proporcionou grande incentivo ao ensino e à investigação. Este projeto decorreu entre 2008 e 2014 e consistiu no tratamento documental da biblioteca e arquivo, assim como na investigação da história da academia, tendo sido financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Este espólio ingressou na Biblioteca Geral num estado de grande desorganização, com documentos em falta e degradados fisicamente, o que dificultou o conhecimento da ordem original pela qual foram produzidos. A digitalização, na íntegra, da revista científico-cultural “O Instituto” representou um importante desafio, uma vez que se tratava de uma publicação com mais de 100 anos de existência, com uma cobertura abrangente de diversas áreas do conhecimento e que deu “[...] expressão à sua finalidade de cultivar quer as ciências, quer as letras, quer as artes”¹¹. Foi publicada em Coimbra entre 1851 e 1981, tendo alcançado grande prestígio e longevidade (FERREIRA, 2012).

11 FERREIRA, Lúcia Rodrigues – Instituto de Coimbra: o percurso de uma academia. p. 218.

Um outro projeto que se seguiu foi o da “República Digital” (2010), sob o patrocínio da Comissão das Comemorações do Centenário da República da Universidade de Coimbra, com a digitalização de muitos documentos da época da Primeira República, incluindo documentos inéditos ou pouco conhecidos de correspondência, fotografias, jornais, manifestos, revistas científicas e trabalhos universitários, representativos das transformações políticas, sociais, científicas e artísticas em Portugal durante este período, de modo particular na cidade de Coimbra, como é ilustrado pelas “Memórias” e as fotografias do Coronel Belisário Pimenta, o fundo de Armando Cortesão ou os periódicos “Gazeta de Coimbra”, “Ultimato”, “Resistência” e “Revolta”. Em muitos destes jornais recorreu-se a parte das coleções da Biblioteca Municipal de Coimbra para completar as da Biblioteca Geral.

O projeto “História da Ciência” inseriu-se num programa mais vasto, intitulado “História da Ciência na Universidade de Coimbra (1547-1933): da construção do Colégio de Jesus ao Estado Novo”, e teve financiamento da FCT, o que permitiu a digitalização de bibliografia, fontes documentais, objetos e instrumentos científicos, incluindo de modo equilibrado as várias disciplinas do saber e trazendo à *Alma-Mater* um número considerável de documentos sobre a história da ciência portuguesa, nomeadamente os relacionados com a atividade científica da UC. O levantamento de documentos relevantes para este projeto foi realizado não apenas na BGUC, mas em todas as bibliotecas das faculdades e departamentos e conduziu à digitalização, durante o ano de 2011, de cerca de 120 000 imagens de documentos sobre história da ciência, com o objetivo de dar suporte a novas investigações (FIOLHAIS *et alii*, 2013).

Mais recentemente, foram criadas outras coleções digitais, como a coleção “500 Anos|500 Obras”, em 2014, projeto esse que integrou a comemoração dos 500 anos de existência da biblioteca da UC. Nesta biblioteca incluem-se não só obras significativas da Biblioteca Geral,

mas também publicações emblemáticas de outras bibliotecas da Universidade de Coimbra.

A biblioteca “Rómulo Digital” consistiu na digitalização de fundos pertencentes ao RÓMULO – Centro Ciência Viva da UC, provenientes da biblioteca do antigo Museu Nacional da Ciência e da Técnica. Este projeto, realizado em 2018-2019 com o apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia, disponibiliza obras que documentam a história da ciência e da tecnologia em Portugal, desde finais do século XVIII a meados do século XX, em particular as que ilustram invenções e inovações científico-técnicas no seio da sociedade portuguesa.

A coleção “Mapas Nabais Conde” (2019) dá a conhecer o espólio de mapas antigos adquirido em 2011 pela Biblioteca Geral ao Professor Carlos Nabais Conde, que reuniu uma importante e completa coleção privada portuguesa de mapas antigos com representação do território de Portugal, onde se incluem centenas de mapas impressos e manuscritos que mostram a representação cartográfica do nosso país. Nesta coleção encontra-se um exemplar do primeiro mapa impresso de Portugal, da autoria de Álvares Seco (datado de 1560), com edições de Tramezini, De Jode, Ortelius e Blaeu, entre tantos outros, para além de imagens e gravuras de cidades de Munster, imagens de Coimbra no século XVI, de Lisboa no século XVIII, pouco antes do Terramoto, e cartas náuticas de vários trechos da costa portuguesa.

A evolução da *AlmaMater*

A aspiração dos primeiros projetos delineou, desde o início, o essencial do que se pretendia que fosse a futura biblioteca digital da UC e que consistia não somente na digitalização, tratamento técnico e disponibilização de imagens de obras do importante espólio da Biblioteca Geral e das restantes bibliotecas da UC com vista a criar uma biblioteca digital, mas, sobretudo, a de produzir conhecimento

na área, criando os procedimentos necessários ao desenvolvimento de uma biblioteca virtual (FIOLHAIS, 2008). Nesse sentido, foi adquirido equipamento para a preservação digital, constituído por servidores e discos que asseguram uma adequada manutenção das imagens digitalizadas e das bases de dados que armazenam a informação necessária à sua descrição. A realização de ações de formação para os técnicos superiores e outros funcionários, pertencentes às equipas dos projetos nas bibliotecas envolvidas, também foi uma realidade.

Com o esforço coletivo das várias bibliotecas da UC, mediante a estreita cooperação entre os bibliotecários envolvidos, foi possível economizar recursos e apresentar resultados padronizados, o que permitiu encetar outros projetos que conduziram à criação da biblioteca digital da Universidade de Coimbra, batizada com o nome de *AlmaMater*. Foi ao SIBUC, criado em 2007¹², que coube coordenar este ambicioso projeto de preservação e divulgação do património bibliográfico e documental da UC, mediante uma conveniente digitalização e/ou restauro, trabalho feito com a participação estreita da Biblioteca Geral e em cooperação com a Biblioteca Nacional (FIOLHAIS, MARQUES, 2009).

A parte mais inovadora do projeto consistiu na criação de uma aplicação informática, bem articulada com o sistema do catálogo das bibliotecas da UC, que permitia a pesquisa dos Catálogos de Manuscritos e de Miscelâneas da Biblioteca Geral tendo, para tal, submetido os catálogos impressos a um processo de reconhecimento ótico de caracteres, enriquecido pelas operações de etiquetagem manual de autores, títulos, datas, locais, etc. e sua indexação automática (FIOLHAIS, 2008). Através destas operações pesquisava-se não só por

12 O SIBUC começou a funcionar em 2007, sob a direção do Prof. Doutor Carlos Fiolhais e coordenação técnica da Dr.ª Leonor Marinho Dias, que aí se manteve até fevereiro de 2010. O conjunto de normas de organização e funcionamento do SIBUC apenas foram publicado em Diário da República a 10 de dezembro de 2009, sob o Regulamento n.º 488/2009.

palavras-chave, mas também no texto digitalizado dos catálogos. Esta mesma tecnologia já tinha sido aplicada à edição digital da revista “O Instituto” disponibilizada na Web e com acesso à coleção completa através da pesquisa em texto integral por autor, título e palavra significativa e com a possibilidade de fazer o *download* dos artigos¹³.

Os primeiros projetos adotaram normas e procedimentos usados pela Biblioteca Nacional de Portugal e a colaboração institucional entre as duas instituições foi condição importante para a complementaridade de fundos bibliográficos, não repetindo obras já digitalizadas. Na plataforma criada para alojar e apresentar os conteúdos digitalizados, adotou-se o esquema METS (*Metadata Encoding and Transmission Standard*), usado pela BNP para a codificação dos objetos digitais, incluindo também os metadados bibliográficos. Usaram-se os programas PAPAIA e ContentE, desenvolvidos pela BNP, para a utilização de uma infraestrutura que recorresse ao uso de soluções informáticas abertas, normalizadas, escaláveis, reutilizáveis e sustentáveis a longo prazo¹⁴.

Foi já em 2013 que a *AlmaMater* foi inserida numa nova plataforma, a UC Digitalis, um projeto mais abrangente e estratégico da Universidade para a agregação e difusão de conteúdos digitais de cultura e ciência produzidos em espaço lusófono. A UC Digitalis, apresentada ao público em 2012, já reunia duas bibliotecas digitais da Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC): a Impactum e a Pombalina, que incluem, respetivamente, publicações periódicas e monografias maioritariamente publicadas com a chancela da IUC. A integração da *AlmaMater* na UC Digitalis resultou igualmente do facto de o SIBUC

13 Informação retirada da página do blog RCAAP, de uma notícia publicada em 2010, aquando da apresentação pública da edição digital da revista “O Instituto”, consultada a 17 de novembro de 2019. Disponível na Internet em: <<https://blog.rcaap.pt/2010/01/18/instituto-de-coimbra>>

14 Informação retirada da antiga página Web da Biblioteca Digital de Botânica, consultada a 16 de novembro de 2019. Disponível na Internet em: <URL: <http://bibdigital.bot.uc.pt/index.php?menu=10&language=pt&tabela=geral>>.

ter tido um papel preponderante na criação e desenvolvimento desta plataforma, fruto de experiências anteriores, nomeadamente de projetos como o repositório digital da UC, o Estudo Geral, a biblioteca digital Classica Digitalia e o portal dos Serviços de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (SBDFLUC).

O modelo informático adotado na conceção da UC Digitalis assentou na identificação dos principais requisitos necessários ao seu bom funcionamento, como a acessibilidade da plataforma através da Web, a agregação de recursos, a capacidade de pesquisa (um dos seus atributos essenciais), a existência de uma área pessoal de utilizador e a possibilidade de criar listas de referências bibliográficas. O uso de sistemas de gestão de conteúdos *open source* para o desenvolvimento da plataforma foi também uma condição estabelecida *a priori* (MIGUÉIS *et alii.*, 2014) e a solução adotada consistiu na utilização de dois sistemas de gestão de conteúdos complementares: um para gestão e administração dos objetos digitais e outro onde são expostos os conteúdos e onde o utilizador acede. O armazenamento dos objetos digitais – texto integral e subprodutos – foi feito no *software* DSpace e o *software* Drupal foi usado devido às vantagens da sua capacidade de inclusão e desenvolvimento de novas funcionalidades. Também foi adotado o esquema qualificado de metadados Dublin Core, devido à sua capacidade de interoperabilidade, que expõe os metadados da *AlmaMater* através do protocolo OAI-PMH e que permite a respetiva agregação por diferentes tipos de conteúdos, em função da tipologia de documento, com conjuntos de informação e filtros modificadores. Foi possível, por esta via, realizar um conjunto de funcionalidades na “nova” biblioteca *AlmaMater* que permitiram ao utilizador não apenas “navegar” pelos índices dos documentos digitalizados, como até aí, mas também realizar uma pesquisa fácil em todos os seus recursos.

No entanto, vários dos desenvolvimentos que se pretendiam implementar não foram concretizados e a solução ficou incompleta e aquém do que se pretendia. Foi apenas em 2018 que se conseguiu prosseguir para uma nova fase de desenvolvimento, quando surgiu a oportunidade de desenvolver um novo projeto, o “Rómulo Digital”, que consistiu na criação de uma nova biblioteca digital, inserida na *AlmaMater*. O financiamento de que o projeto foi alvo permitiu adotar uma solução mais moderna e completa, com o objetivo de proporcionar o acesso a parte do espólio mais antigo do Rómulo através de um serviço público com uma interface adequada, independente de dispositivos particulares, prestando serviços biblioteconómicos avançados e implementando um sistema que contribua para a qualificação dos cidadãos (MIGUÉIS, FIOLEAIS, no prelo). Este projeto foi desenvolvido pelo SIBUC, em estreita articulação com o centro RÓMULO – Ciência Viva, e contou com a colaboração da Biblioteca Geral, da Biblioteca da Faculdade de Letras e da Biblioteca de Física e Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia, de modo a possibilitar um acesso coerente a coleções e autores, quer para utilizadores locais, quer para os que se encontram geograficamente afastados. As tarefas associadas à configuração da plataforma de gestão de bibliotecas digitais para receber os conteúdos da Rómulo Digital e permitir a sua plena integração na *AlmaMater*, assim como a conceção e criação de uma interface gráfica adequada aos objetivos propostos, foram determinantes para o sucesso deste projeto (MIGUÉIS, FIOLEAIS, no prelo).

Atualmente, a disponibilização dos conteúdos antigos da *AlmaMater* é realizada numa plataforma da UC gerida pelo SIBUC e preparada para alojar qualquer tipo de conteúdos digitais. Sobre este sistema, têm sido efetuados desenvolvimentos com vista a simplificar a interface de utilização e a torná-la mais acessível a públicos generalistas. A opção pela utilização desta plataforma permitiu maximizar o investimento na digitalização de conteúdos, diminuir o tempo para entrada em produção e, acima de tudo, garantir a sustentabilidade do projeto.

Neste contexto, para além dos objetivos enunciados, pretendeu-se dar resposta a questões como a de simplificar a disponibilização de bibliotecas digitais, mantendo a identidade específica de cada uma; ter *interfaces* de uso independentes do dispositivo de utilização; ter um sistema de armazenamento e de preservação com capacidade para gerir qualquer tipo de conteúdos digitais; integrar as APIs IIF (*International Image Interoperability Framework*) para a visualização de imagens de alta qualidade com funcionalidade de *deep zooming*; disponibilizar os conteúdos e metadados digitais através de uma solução que permita disseminar e reutilizar estas componentes do património cultural da UC; e permitir a migração de conteúdos e metadados de bibliotecas digitais existentes (SILVA et alii., 2019).

Na aplicação que foi desenvolvida, existem duas áreas distintas de intervenção, sendo uma a área pública e a outra a área reservada à gestão da biblioteca digital. Na área pública – com o endereço <https://am.uc.pt> – os utilizadores podem realizar uma pesquisa global com a possibilidade de filtrar os resultados por facetar ou através da linha de tempo, aceder às imagens dos documentos – através de um visualizador que oferece uma excelente qualidade de imagem e a possibilidade de atingir um pormenor com grande nitidez através do *deep zooming* do IIF; é-lhes, também, apresentada uma sugestão de itens relacionados com o que estão a ver e a possibilidade de transferir conteúdos, entre outras funcionalidades. Dentro da área de gestão, para além da criação de novas bibliotecas digitais, é possível adicionar elementos que definam a sua identidade gráfica, editar texto ou acrescentar páginas com informação mais detalhada. O modelo de armazenamento que foi implementado é bastante flexível e permite associar cada item a uma ou mais bibliotecas digitais da *AlmaMater* sem que exista qualquer prejuízo para a identidade gráfica de cada biblioteca, princípio que tem sido respeitado desde os primeiros projetos de digitalização.

Conclusão

O propósito de dar a conhecer o rico espólio bibliográfico documental da mais antiga universidade do país através do repositório digital *AlmaMater*, de forma universal e sem restrições ao acesso, contribuiu para que se alcançasse maior visibilidade e conhecimento destes fundos documentais. Por outro lado, a vasta experiência acumulada pelos sucessivos projetos de criação de bibliotecas digitais, que decorreram ao longo da última década, permitiram ao SIBUC assegurar uma evolução coerente e sólida da infraestrutura adotada, recorrendo a soluções mais modernas e ágeis sempre que houve ocasião para o fazer, sem que os princípios que nortearam os primeiros projetos fossem colocados em causa.

Os últimos projetos em que se tem vindo a trabalhar permitiram desenvolver e implementar uma solução baseada em sistemas e protocolos abertos para suporte e apresentação da *AlmaMater* e ampliar o conjunto de coleções digitais, recorrendo a um ponto único de armazenamento e de gestão, o que constitui um recurso fundamental para a preservação do património digital da Universidade de Coimbra e do país.

Dar a conhecer a Universidade de Coimbra como uma instituição multissecular e valorizá-la como um espaço de transmissão de cultura, investigação e conhecimento é o objetivo final da biblioteca digital *AlmaMater*, ao disseminar e possibilitar o uso e a recuperação da informação associada aos recursos digitais disponibilizados aos investigadores nacionais e internacionais e ao público em geral. E, deste modo, a Biblioteca continua a cumprir a sua missão de sempre: preservar e divulgar o conhecimento humano.

Referências bibliográficas

- AMARAL, A. E. Maia do – Os livros em sua ordem: para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. ISBN 978-989-26-0893-8.
- FIOLHAIS, Carlos – A Biblioteca Digital da Universidade de Coimbra. *Rua Larga*. ISSN 1645-765X. 19 (2008) 18-20.
- FIOLHAIS, Carlos; MARQUES, João Carlos – A BGUC e as bibliotecas da Universidade de Coimbra. In *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. ISBN 978-989-26-0015-4. pp. 133-139.
- FIOLHAIS, Carlos; MARTINS, Décio; MIGUÉIS, Ana; PEREIRA, Paula; Silva, Ana Luísa – *AlmaMater, o repositório digital de fundo antigo da Universidade de Coimbra* [Em linha]. In FIOHAIS, Carlos; SIMÕES, Carlota; MARTINS, Décio, ed. – *História da ciência luso-brasileira: Coimbra entre Portugal e o Brasil*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. ISBN 978-989-26-0562-3. pp. 295-301. [Consult. 10 out. 2019]. Disponível na Internet em: <<http://hdl.handle.net/10316/32052>>.
- GUERREIRO, Dália; BORBINHA, José Luís – Humanidades Digitais: novos desafios e oportunidades [Em linha]. *Cadernos BAD* [Em linha]. ISSN 0007-9421. 1 (2014) 63-78. [Consult. 28 set. 2019]. Disponível na Internet em:<<https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/1060/pdf>>.
- GUERREIRO, Dália Maria Godinho – Bibliotecas digitais para as Humanidades: novos desafios e oportunidades [Em linha]. Évora: [ed. do autor], 2017. Tese de doutoramento. [Consult. 28 set. 2019]. Disponível na Internet em:< <http://hdl.handle.net/10174/23282>>.
- FERREIRA, Licínia Rodrigues – Instituto de Coimbra: o percurso de uma academia [em linha]. Coimbra: [s.n.], 2012. [Consult. 30 out. 2019]. Disponível na Internet em:<<http://hdl.handle.net/10316/21257>>.
- MARQUES, João Carlos, et al., coord. – Reorganização e reestruturação das bibliotecas da Universidade de Coimbra : relatório. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2006.
- MIGUÉIS, Ana – *ALMAMATER: acesso e preservação numa biblioteca de fundo antigo* [Em linha]. In PEREIRA, Ana Alves [et alii], coord. – *Encontro Curadoria Digital – Estratégias e experiências: atas*. [Em linha]. Lisboa: Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL. ISBN 978-972-96844-9-4. pp. 57-61. Disponível na Internet: <<http://hdl.handle.net/10316/43314>>.
- MIGUÉIS, Ana Eva; FIOHAIS, Carlos – RÓMULO DIGITAL: digitalização de fundos de cultura científica da Universidade de Coimbra. In BORGES, M. M. e SANZ-CASADO, E., eds – *A Ciência Aberta: olhares de Portugal, Espanha e Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade. [no prelo].
- MIGUÉIS, Ana; FIOHAIS, Carlos – Recursos digitais em livre acesso na Universidade de Coimbra: Estudo Geral e AlmaMater [Em linha]. RECIIS. eISSN 1981-6278. 8 : 2 (2014)

- 231-242. [Consult. 30 set. 2019] Disponível na Internet em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/635>>.
- MIGUÉIS, Ana; SILVA, Ana Luísa; TRINDADE, Álvaro; NEVES, Bruno – Sistemas abertos aplicados à gestão da informação científica: o desenvolvimento da UC Digitalis [Em linha]. *Cadernos BAD*. ISSN 0007-9421. 2 (2014) 183-188. Disponível na Internet em: <<http://hdl.handle.net/10316/28200>>.
- REGULAMENTO N.º 487/2009. Regulamento da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. *D.R. II Série*. 238 (2009-12-10) 49899-49902.
- REIS, Carlos – As bibliotecas digitais ou a Noruega no século XXVII. In *A Biblioteca da Universidade: permanência e metamorfoses*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. ISBN 978-989-26-1045-0. pp. 55-85.
- SERVIÇO INTEGRADO DAS BIBLIOTECAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. *AlmaMater. Apresentação* [Em linha]. Coimbra: UC. [Consult. 31 out. 2019]. Disponível na Internet em: <<https://www.uc.pt/sibuc/AlmaMater>>.

(Página deixada propositadamente em branco)

Mapas Nabais Conde: catalogação do Fundo

Nabais Conde Maps: cataloguing of the collection

Maria de Fátima Moura de Carvalho¹

Teresa Margarida Simões Mendes²

RESUMO

Em 2011, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra adquiriu a Coleção de Mapas Nabais Conde. Após a digitalização dos 1191 mapas, iniciou-se o seu tratamento técnico, que decorreu entre janeiro de 2017 e janeiro de 2018.

Terminado o tratamento técnico e analisando a coleção, pode-se observar que, no que concerne à época de publicação, o século XVIII é o mais representado, da mesma forma que o Reino Unido, a França e a Holanda são os países de onde procede a maioria dos editores/impressores. O mapa mais valioso é um mapa de Portugal segundo Álvaro Seco, datado de 1560, e orientado a Ocidente. Grande parte dos mapas são representações de Portugal. Além dos mapas encontramos ainda cartas náuticas, assim como inúmeras imagens que representam vistas de cidades.

1 Bibliotecária na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – fmoura@bg.uc.pt
<https://orcid.org/0000-0002-4610-1822>

2 Bibliotecária na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – uc43220@uc.pt
<https://orcid.org/0000-0003-3709-4904>

Quanto ao tratamento catalográfico, foi usada a ISBD (edição consolidada); o Fundo foi classificado com a Classificação Decimal Universal e indexado com termos de indexação da base de dados Millennium da Universidade de Coimbra.

PALAVRAS-CHAVE

Mapas, Fundo Nabais Conde, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

ABSTRACT

In 2011 the General Library of University of Coimbra acquired the Nabais Conde Maps Collection. After the digitalization of the 1191 maps, we began their technical treatment, which took place between January 2017 and January 2018.

After the technical treatment and by analysing the collection it is possible to notice that regarding to the time of publication, the 18th century is the most represented, just as the United Kingdom, France and the Netherlands are the countries from which most publishers / printers come from. The most valuable piece is a map of Portugal according to Álvaro Seco, dating from 1560 and oriented to the West. Most of the maps are representations of Portugal. In addition to the maps, we also find nautical charts, as well as numerous images representing city views.

As for the cataloguing was used ISBD (consolidated edition), the collection was classified according to the Universal Decimal Classification and indexed with indexation terms of the University of Coimbra Millennium database.

KEYWORDS

Maps, Nabais Conde Collection, General Library of the University of Coimbra.

1. Introdução

Este artigo pretende apresentar o tratamento que foi efetuado ao Fundo de Mapas Nabais Conde pertencente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Enquanto profissionais de bibliotecos-

nomia, não tencionamos aferir da importância cartográfica deste fundo, mas tão só descrever as opções que foram tomadas para o seu tratamento.

Iniciamos com a narrativa da proveniência deste Fundo e com uma breve biografia do professor que compilou a coleção. Em seguida, abordamos a catalogação de mapas, caracterização do Fundo e uma breve referência aos mapas mais valiosos e aos cartógrafos mais importantes.

2. Biografia de Nabais Conde e proveniência dos mapas

Carlos Alberto Nabais Conde, investigador e docente da Universidade de Coimbra, nasceu a 26 de janeiro de 1935. Licenciou-se pela Universidade de Coimbra em Ciências Físico-Químicas, em 1957, em 1959 ingressou no Departamento de Física da Universidade de Manchester para frequentar o curso *“Advanced Studies in Science – Physics”*, em 1965 foi-lhe concedido pela *Faculty of Science* da Universidade de Manchester o grau de *“Doctor of Philosophy”*. Por despacho ministerial de outubro de 1970 foi-lhe concedida equiparação ao grau de Doutor em Física pelas universidades portuguesas. No ano de 1973 realizou provas para concurso de provimento de um lugar de professor extraordinário de Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra tendo sido aprovado por unanimidade em mérito absoluto e classificado em primeiro lugar em mérito relativo (Conde, 1976). Em termos profissionais, toda a sua carreira, desde 1959 até 2005 (o ano em que se jubilou), decorreu na Universidade de Coimbra como professor de Física. Depois de terminada a carreira académica, não deixou de colaborar, quer com a Universidade quer com os colegas, sempre que solicitado.

Foi agraciado com o título Doutor *Honoris Causa* (em Física) pela Universidade da Beira Interior, em 1995; e em 2004 recebeu o Pré-

mio de Estímulo à Ciência, atribuído pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Cedo se interessou pela cartografia antiga, quer em termos estéticos e artísticos, quer em termos científicos e históricos. “Assim, não é de estranhar que, de entre objetos de cultura, começasse a admirar de modo especial os mapas antigos, dado terem simultaneamente um conteúdo artístico e histórico, uma continuada procura do rigor científico e permitirem imaginar viagens não só no espaço, como também no tempo” (Almeida, 2004).

Em meados da década de 1980, este seu interesse levou-o a adquirir o seu primeiro mapa: um mapa de Portugal segundo Álvaro Seco, com cerca de 400 anos. “Às vezes dava comigo a sonhar em ter um mapa antigo, mas não sabia nem como, nem onde o poderia adquirir. Até que um dia, há cerca de 17 anos, o Sr. Américo Marques, na rua do Alecrim, em Lisboa, me mostrou um mapa de Portugal segundo Álvaro Seco, com cerca de 400 anos e retirado do *Atlas* de Ortelius. Comprei-o de imediato” (Almeida, 2004). Tal foi a génese da coleção que hoje conhecemos.

A coleção foi sendo reunida ao longo de sensivelmente 25 anos, crescendo em número, mas sobretudo em interesse histórico e científico. A importância da sua divulgação tornou-se evidente para o colecionador e para todos aqueles que dela iam tendo conhecimento. Desta forma, em 2003, uma conjugação de esforços levou à realização de uma exposição que teria lugar no Museu Nacional da Ciência e da Técnica, em Coimbra, com o nome “Olhar o mundo, ler o território”. Para a preparação da exposição foi necessário reunir os exemplares a expor, dispersos por vários locais; foi então que surgiu a oferta do Doutor Aníbal Pinto de Castro, diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, para que estes fossem albergados num espaço da Biblioteca, a sala Lopes de Almeida, e aí pudessem ser acondicionados, inventariados e avaliados com vista à exposição.

A exposição foi inaugurada a 10 de dezembro de 2003 e esteve patente no Museu cerca de um mês; após o seu termo a Fundação Calouste Gulbenkian, por intermédio do Dr. João Caraça, mostrou interesse na coleção e concedeu um subsídio à BGUC, o que permitiu adquirir equipamento informático (*hardware* e *software*), bem como mobiliário adequado à colocação de mapas. A mesma Fundação concedeu também uma bolsa à Eng.^a Maria João Benquerença para continuar a inventariação da coleção. Desta forma, durante os anos seguintes, foi possível reunir na Biblioteca Geral os mapas que compõem a “Coleção de Mapas Nabais Conde”.

A presença da coleção na Biblioteca Geral mostrou-se benéfica a vários níveis: em primeiro lugar, porque possibilitou a reunião de todos os exemplares num só espaço, dotado de condições físicas para o seu armazenamento, permitiu também que o seu conteúdo fosse conhecido e que fosse sendo utilizado em exposições, como foi o caso da exposição “A barra e os portos de Aveiro, 1808-1832”, realizada na Sala de São Pedro em 2008, em conjunto com a Administração do Porto de Aveiro. Por fim, foi benéfica para a própria coleção, pois desta forma teve uma maior projeção.

Em 2010, o então diretor da BGUC, Doutor Carlos Fiolhais demonstrou interesse em adquirir a coleção de uma forma definitiva para a Universidade de Coimbra : “ (...) Pelas razões apontadas, sou do parecer de que a UC deveria adquirir a referida coleção, reunida ao longo de muitos anos com especial competência e carinho por um Professor da UC, incorporá-la devidamente nos fundos da Biblioteca Geral, que assim ficam sobremaneira valorizados, e facultá-la, na medida do que for possível, ao usufruto dos investigadores e do público em geral.” (Fiolhais, 2010). De facto, adquirir a coleção e incorporá-la nos fundos da Biblioteca Geral viria a ser muito vantajoso, em primeiro lugar pela óbvia importância e riqueza científica, histórica e artística da coleção, depois porque esta iria complementar de uma forma exponencial o acervo cartográfico da biblioteca, mas sobretudo porque permitiria

que investigadores e público em geral a ela passassem a ter acesso de forma direta, ou através das digitalizações entretanto realizadas.

Depois de avaliada a coleção, foi apresentada uma proposta ao seu detentor, que a aceitou, não pelo preço proposto (que estaria abaixo do valor real), mas sobretudo porque, ao aceitar a proposta da Universidade de Coimbra, se garantiria a unidade da coleção e a respetiva localização na “sua universidade”. Transcrevemos uma parte da carta enviada ao Magnífico Reitor pelo Doutor Nabais Conde:

“Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra,

Dado o interesse manifestado pela Universidade de Coimbra e na sequência dos contactos estabelecidos, venho informar a Universidade de Coimbra da possibilidade de aquisição da minha coleção de mapas antigos que se encontra depositada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra [...]. Faço esta oferta definitiva à Universidade de Coimbra não só pelo reconhecimento que devo à Instituição, como também pelo facto de nela terem, desde há anos, hospedado e procurado valorizar a coleção.

Aceito com gosto a vossa oferta de que a coleção, mantendo a sua unidade, passe a ser conhecida por «Coleção de Mapas Nabais Conde»” (N. Conde, 2010).

Assim, em 2011 a “Coleção de Mapas Nabais Conde” passou a ser parte integrante do acervo da BGUC.

3. Catalogação de mapas

Segundo a obra de Carmen Líter Mayayo e Carmen García Calatayud (1999, p. 13), “materiais cartográficos” são aqueles que representam, total ou parcialmente, a Terra ou os corpos celestes em qualquer escala, como mapas e plantas a duas ou três dimensões, as cartas aeronáuticas, marinhas e celestes, os globos, as cartas de terreno, as

fotografias aéreas, os atlas, as vistas de voo de pássaro, as imagens de satélite, entre outros.

O Fundo Nabais Conde é constituído por mapas terrestres e marinhos. Os mapas são maioritariamente pertencentes à cartografia antiga. Todos os mapas anteriores a 1901 são considerados cartografia antiga, enquanto os posteriores a 1901 são considerados cartografia moderna.

O tratamento da coleção Nabais Conde foi iniciado em janeiro de 2017 e ficou concluído em janeiro de 2018. Foram duas bibliotecárias a trabalhar a tempo parcial, pois, no mesmo período, ocuparam-se também do tratamento dos Fundos do Depósito Legal e das Ofertas recebidas na Biblioteca Geral.

A necessidade de tratamento destes mapas fez-se sentir devido ao processo de digitalização que sofreram. Tornava-se necessário disponibilizar não só as imagens digitais, mas também os metadados.

Na verdade, “os mapas constituem atualmente um dos meios de informação mais úteis no mundo que nos rodeia. Ao mesmo tempo que refletem imagens do mundo noutros períodos da história, os mapas são importantes instrumentos de investigação, o que origina, por sua vez, uma generalização do seu uso não só a nível político e militar, mas também noutros campos, como a educação, o turismo, as viagens, os meios informativos, a investigação, etc. Os mapas servem também para a localização de lugares geográficos, até aos mais complexos projetos de investigação, e como elemento auxiliar em exposições e acontecimentos culturais, no mundo editorial e até na publicidade e no ócio” (Líter Mayayo & García Calatayud, 1999, p. 9)

A catalogação da coleção do Fundo Nabais Conde iniciou-se com a descrição bibliográfica, através da utilização da ISBD (edição consolidada).

O tratamento catalográfico de mapas através da ISBD (International Standard Bibliographic Description) iniciou-se em 1973, com a

subsecção da IFLA (International Federation of Library Association) das Bibliotecas de Mapas e Geografia a sugerir a criação de um Grupo de Trabalho para criar uma ISBD específica para a catalogação de mapas. Nesta época, aperceberam-se de que os livros não são os únicos meios de transmissão de conhecimento e que as instituições precisam de meios adicionais para tratar todos os documentos existentes nas bibliotecas. Este Grupo de Trabalho foi estabelecido em 1974. Já tinham sido publicadas as ISBD's (M) (monografias) e (S) (séries) e, em 1975, surge a primeira versão da ISBD (CM) (Cartographic Material). Houve ainda uma segunda versão, que já incluía as alterações introduzidas pela ISBD (G) (geral). Entre 1976 e 1977 foram introduzidas as alterações necessárias para acomodar os comentários recebidos. A versão definitiva da ISBD (CM) saiu em 1977 (International Federation of Library Associations and Institutions, 1977).

Em 2011, saiu a ISBD, edição consolidada, publicada pela IFLA. Em 2012, sairia a versão portuguesa publicada pela Biblioteca Nacional; foi esta edição que serviu de base à descrição do Fundo Nabais Conde.

A descrição de materiais cartográficos é igual aos restantes documentos. A ISBD divide-se em nove zonas e as regras de descrição bibliográfica são idênticas aos restantes materiais. As zonas particularmente importantes são a zona 3 (dados matemáticos), a zona 5 (descrição física) e a zona 7 (notas).

Na zona dos dados matemáticos: o primeiro elemento é a escala, que é a razão matemática entre a distância no documento cartográfico e a medida real representada. Todos os mapas estão feitos segundo uma escala determinada, embora no caso da cartografia antiga a escala, por vezes, não esteja presente no mapa. Não existindo escala, foi feita uma pesquisa em fontes de informação externa (quase sempre nos OPAC's de outras bibliotecas que têm os mesmos mapas já catalogados) para determinar a escala aproximada. Neste caso, usou-se os parenteses retos indicando essa escala. Quando não se conseguiu encontrar e determinar a escala, usaram-se as expres-

sões “sem escala” ou “escala indeterminada” (Líter Mayayo & García Calatayud, 1999).

Zona da descrição física: a primeira menção é “1 mapa”, depois se é “p & b” ou “color”. Nas dimensões, teve-se em conta as medidas do próprio mapa, na forma de altura x largura. Se as dimensões das folhas diferem muito das do mapa, pode dar-se também as dimensões da folha (Líter Mayayo & García Calatayud, 1999).

Zona de notas: nesta zona, completa-se a descrição dos materiais cartográficos. Podem ser notas técnicas sobre, por exemplo, escalas, projeções, coordenadas, entre outras. Notas históricas: dados sobre datas do documento, autores, editores, impressores, procedência, etc. Notas bibliográficas: particularidades do exemplar, marcas de água, notas manuscritas, *ex-libris*, entre outras possibilidades. Notas sobre elementos decorativos e ornamentais: descrição de vistas de cidades, de paisagens, de personagens representadas, etc. Notas sobre as características físicas do documento cartográfico: estado de conservação, se lhe falta alguma parte, entre outras observações possíveis (Líter Mayayo & García Calatayud, 1999).

Muitos dos Mapas da coleção Nabais Conde pertencem a obras mais vastas: são páginas de atlas ou obras que contêm mapas. No tratamento efetuado desta coleção optou-se por fazer o tratamento individual de cada mapa. Esta opção foi tomada pelo facto de a digitalização ter sido efetuada singularmente. Às imagens digitais de frente e verso de cada mapa corresponde um registo bibliográfico.

Na zona 0, tal como descrito na ISBD (IFLA, 2012), utilizamos os termos “Imagem” quanto à Forma do conteúdo. No Qualificador do conteúdo: (cartográfica ; bidimensional; estática ; visual).

No Tipo de meio: sem mediação.

Conforme refere Elizabeth Mangan (2007, p. 24), para usar os tesouros cartográficos necessitamos de saber que existem, onde se localizam e como obter acesso: isto é a base porque os materiais nas bibliotecas são catalogados.

No caso da Coleção de Mapas Nabais Conde, tivemos que tomar opções em relação à entrada principal do registo bibliográfico e também sobre como fazer os acessos por assunto.

Existem duas tradições para o acesso principal dos mapas: uma tradição é a de usar a área geográfica como ponto de acesso privilegiado. Isto foi feito em Harvard, em 1831, no primeiro mapa catalogado e no catálogo do British Museum, em 1843. A outra tradição é a de Library of Congress, que reflete a perspetiva de Philipp Lee Philipps de que catalogar mapas ou atlas não é diferente de catalogar outros documentos escritos e a Entrada Principal deve ser o autor. Temos de perceber de que esta polémica surge numa época em que existia um ponto de acesso principal para cada item. Com os catálogos *on line* podemos estabelecer múltiplos pontos de acesso para cada entidade bibliográfica (Mangan, 2007).

No caso do Fundo Nabais Conde, a Entrada Principal foi feita pelo cartógrafo, quando conhecido. No caso em que o cartógrafo estava registado no próprio mapa, a informação colocou-se também na zona do título e menção de responsabilidade e como Entrada Principal com o código de função “cartógrafo”. Nos casos em que não estava mencionado no mapa, mas em que encontrámos numa obra de referência, colocava-se o cartógrafo apenas na Entrada Principal. Foram feitos pontos de acesso secundário por impressores, editores, livreiros, local de publicação, entre outros.

Em relação às entradas pela CDU (Classificação Decimal Universal), usou-se a classe 9 (Geografia), a subclasse 91 (Geografia. Exploração da terra e de países. Viagens. Geografia regional) e, especificamente, a notação 912 (Representações não literárias, não textuais de uma região, incluindo mapas, atlas, globos, etc.). Utilizou-se o Auxiliar Comum de Lugar (3/9) (Lugares do mundo antigo e moderno) para localizar a região, país ou localidade que cada mapa especificamente representava.

Na indexação optou-se por fazer a entrada pela localização geográfica no campo 651 do Marc 21 Assunto: Nome geográfico; |y subdivisão cronológica: data específica ou aproximada do mapa; |v subdivisão de forma: mapa ou carta marítima.

Na coleção Nabais Conde existem também imagens. Foram catalogadas de acordo com as regras da ISBD (IFLA, 2012):

Zona 0 – Forma do conteúdo: Imagem. Qualificador de conteúdo: (estática; bidimensional; visual).

No Tipo de meio: sem mediação.

Na caracterização física introduzimos a indicação específica de material e a extensão, por exemplo: 1 gravura, se era a preto e branco ou colorida; a dimensão; e também a altura x largura.

As Classificações da Iconografia são a divisão 908 (Monografias). Utilizou-se o Auxiliar Comum de Lugar (3/9) (Lugares do mundo antigo e moderno) para localizar a região, país ou localidade que cada imagem representava. Usou-se os auxiliares comuns de forma (084.1) Figuras. Estampas. Ilustrações e o (084.12) para imagens fotográficas.

Na indexação, optou-se por fazer a entrada pela localização geográfica no campo 651 do Marc 21 Assunto: Nome geográfico; |y subdivisão cronológica: data específica ou aproximada da imagem; |v subdivisão de forma: iconografia.

4. Caracterização do Fundo

Foram feitos cerca de 1113 registos bibliográficos, num total de 1191 mapas. Existe esta diferença de 78 mapas que se verifica pelo facto de alguns mapas serem compostos por várias folhas, mas correspondem a apenas um registo.

Em relação ao século a que pertencem os mapas, podemos observar a tabela e gráfico 1:

Século	Número de mapas
15	7
16	75
17	178
18	369
19	288
20	187
21	1
Sem data	8
Total	1113

Tabela 1 – século a que pertencem os mapas

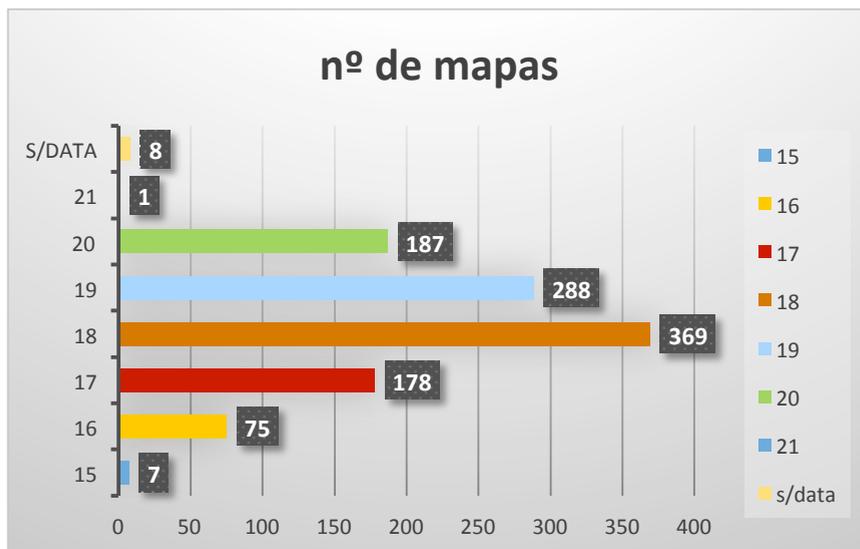


Gráfico 1 – percentagem de mapas por século

Na tabela 2 apresentamos as cidades em que foram editados os mapas:

Cidade	Número de mapas
Amsterdão	141
Antuérpia	14
Augsburgo	21
Barcelona	6
Bassano del Grappa	8
Basileia	7
Berlin	4
Bruxelas	2
Castiglione Aretino	1
Chicago	2
Coimbra	1
Colónia	9
Deventer	1
Edimburgo	5
Estrasburgo	5
Florença	29
Frankfurt	10
Freiburg	1
Genebra	2
Glogów	1
Gota	14
Haia	1
Hildburghausen	16
Langley	1
Leiden	9
Leipzig	28
Lisboa	115
Liverpool	1
Livorno	1

Cidade	Número de mapas
Londres	207
Lyon	1
Madrid	24
Mannheim	2
Marselha	1
Nápoles	1
Nuremberga	25
Pádua	2
Paris	159
Porto	3
Roma	15
São Petersburgo	1
Strand	1
Turim	3
Veneza	35
Veimar	5
Viena	47
Washington	8
Ulm	3
[S.I.]	114
Total	1113

Tabela 2 – cidades dos editores dos mapas

No gráfico 2 os países dos editores:

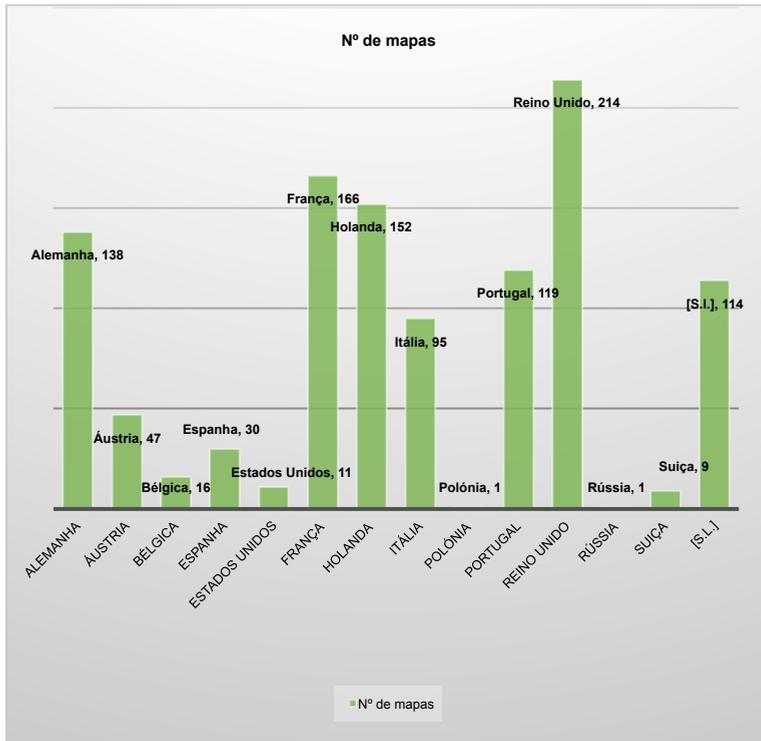


Gráfico 2 – Percentagem de mapas por países

Em relação aos assuntos com que os mapas estão indexados apresentamos na tabela 3 os mais representados por ordem decrescente de número de mapas:

Assuntos	N.º de mapas
Portugal, mapa	241
Península Ibérica, mapa	123
Espanha, mapa	47
Ambiente, Portugal, mapa	45
Açores, mapa	37

Oceano Atlântico, carta náutica	34
Portugal, costa, mapa	32
Mar Mediterrâneo, carta náutica	28
Lisboa, mapa	20

Tabela 3 – Assuntos mais representados

A lista total dos assuntos representados nos mapas Nabais Conde é apresentada no anexo 1.

Existem também vários exemplares de Iconografia:

Em relação aos locais de publicação e datas a iconografia está incluída nas tabelas 1 e 2.

Em relação aos assuntos apresentamos na Tabela 4 todos os termos de indexação presentes na Iconografia:

Assunto	N.º de gravuras
Açores, 1789, iconografia	1
Angra do Heroísmo, 1595, iconografia	2
Angra do Heroísmo, 1596, iconografia	1
Antiquera (Espanha), séc. 16, iconografia	1
Archidona (Espanha), séc. 16, iconografia	1
Armazém das Obras do Mondego, Coimbra, iconografia	1
Azamor, séc. 16, iconografia	1
Belém (Lisboa), séc. 17, iconografia	1
Buarcos, 1627, iconografia	1
Calcutá, séc. 16, iconografia	1
Cananor, séc. 16, iconografia	1
Carlos II, rei de Inglaterra, 1630-1685, retrato	1
Casablanca, séc. 16, iconografia	1
Cascais, 1590, iconografia	1
Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra, 1638-1705, retrato	1

Assunto	N.º de gravuras
Coimbra, iconografia	2
Coimbra, 1627, iconografia	1
Coimbra, 1808, iconografia	1
Coimbra, 1838, iconografia	1
Coimbra, séc. 19, iconografia	6
Coimbra, séc. 20, iconografia	1
Convento de Santa Clara, Coimbra, 1908, fotografia	1
Diu, séc. 16, iconografia	1
Évora, 1715, iconografia	1
Filipe III, Rei de Espanha, 1578-1621, árvore genealógica	1
Fonte de Santana, Coimbra, iconografia	2
Fonte dos Amores, Quinta das Lágrimas, Coimbra, 1908, fotografia	1
Foral, Coimbra, 1516, iconografia	1
Fortificações portuguesas, África, séc. 16, iconografia	1
Fortificações portuguesas, Índia, séc. 16, iconografia	1
Funchal, sé. 19, iconografia	1
Goa, séc. 16, iconografia	1
Granada, séc. 16, iconografia	1
Ilha da Madeira, 1750, iconografia	1
Ilha da Madeira, 1876, iconografia	1
Inquisição, Lisboa, séc. 18, iconografia	1
Inquisição, Portugal, séc. 18, iconografia	1
Jardim Botânico, Coimbra, iconografia	2
Lisboa, 1493, iconografia	2
Lisboa, 1497, iconografia	1
Lisboa, 1640, iconografia	1
Lisboa, 1645, iconografia	1
Lisboa, 1686, iconografia	1
Lisboa, 1702, iconografia	1
Lisboa, 1705, iconografia	1

Assunto	N.º de gravuras
Lisboa, 1713, iconografia	1
Lisboa, 1715, iconografia	1
Lisboa, 1750, iconografia	1
Lisboa, 1752, iconografia	1
Lisboa, 1755, iconografia	1
Lisboa, 1760, iconografia	2
Lisboa, 1765, iconografia	2
Lisboa, 1782, iconografia	1
Lisboa, 1832, iconografia	1
Lisboa, 1840, iconografia	1
Lisboa, 1858, iconografia	1
Lisboa, séc. 16, iconografia	1
Lisboa, séc. 17, iconografia	1
Lisboa, séc. 18, iconografia	23
Lisboa, séc. 19, iconografia	3
Lisboa, porto, séc. 18, iconografia	1
Mosteiro da Batalha, 1850, iconografia	1
Mosteiro da Batalha, séc. 19, iconografia	1
Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, séc. 19, iconografia	1
Ormuz, séc. 16, iconografia	1
Palácio do Duque de Aveiro, Lisboa, iconografia	3
Pneumática, iconografia	1
Pombal, Marquês de, 1699-1782, iconografia	1
Porto (cidade), 1835, iconografia	1
Porto (cidade), 1836, iconografia	2
Porto (cidade), séc. 19, iconografia	2
Praça do Comércio, Lisboa, iconografia	1
Procissão, Coimbra, iconografia	1
Reforma pombalina, Universidade de Coimbra, iconografia	1
São Jorge da Mina, séc. 16, iconografia	1
Sé Velha, Coimbra, iconografia	1

Assunto	N.º de gravuras
Serra de Monte Junto, 1840, iconografia	1
Sevilha, séc. 16, iconografia	1
Sintra, 1840, iconografia	2
Terramoto de Lisboa, 1755, iconografia	1
Torre de Belém, 1832, iconografia	1
Torres Vedras, 1840, iconografia	1
Traje popular, Covilhã, iconografia	2
Traje popular, Seixal, iconografia	1
Traje popular, Portalegre, iconografia	1
Universidade de Coimbra, Biblioteca Joanina, 1908, fotografia	1
Vida quotidiana, Goa, séc. 16, iconografia	1
Vila Nova de Gaia, 1836, iconografia	1

Tabela 4 – Assuntos da Iconografia

Podemos afirmar que a maior parte dos mapas e imagens são de Portugal, sem dúvida pelo facto de o Doutor Nabais Conde se interessar particularmente por adquirir tudo o que dissesse respeito ao seu próprio país.

5. Mapas mais valiosos



Figura 1 – Mapa de Portugal de Tramezini (NC-899)

Conforme referido anteriormente, esta é uma coleção riquíssima e onde se incluem mapas muito valiosos, seja pela sua raridade, seja pela sua riqueza artística e histórica.

De acordo com os especialistas que procederam à avaliação da coleção aquando do processo de aquisição por parte da Universidade de Coimbra, “trata-se do mais completo conjunto de mapas de Portugal existente em mãos privadas e que se encontra na sua maioria em muito bom estado de conservação” (Mota, 2010). Os mesmos especialistas salientaram ainda a grande raridade da coleção: “A coleção inclui algumas peças de grande raridade...”, nomeadamente o *mapa de Portugal de Tramezini*, (1561, NC-899)³ “uma única venda pública durante os dez últimos anos, correspondendo ao exemplar da coleção e que foi vendido em leilão em Londres...” (Mota, 2010). Também o *mapa de Portugal de Pedro Teixeira / Marcus Orozcus* (1662, NC-652) é destacado; em relação a este exemplar, os especialistas referem: “Não conseguimos encontrar nenhuma venda de um mapa destes...”

3 NC corresponde à cota do Fundo Nabais Conde no catálogo Millennium da UC.

(Mota, 2010). Também Nabais Conde, no livro “Olhar o mundo, ler o território”, faz referência a estes dois mapas; diz-nos o colecionador: “na coleção está representado o primeiro mapa de Portugal de Álvaro Seco, datado de 1560 e orientado para ocidente, na sua primeira versão impressa de Tramezini em 1561...”; refere-se ainda que “cerca de um século depois do mapa de Álvaro Seco, Pedro Teixeira publicou em Madrid, em 1662, um novo mapa de Portugal (...); embora sem cartela e heráldica tem a parte geográfica completa” (Almeida, 2004). A obra “Olhar o mundo, ler o território” revelou-se de suma importância enquanto documento de apoio, não só durante a catalogação do fundo, mas também para a elaboração deste artigo, pois permitiu-nos obter informação especializada e credível, não só de cartografia, de um modo geral, mas sobretudo da coleção. O artigo de Nabais Conde que se encontra nesta obra (e que se intitula “Uma coleção e a sua história”) elenca de uma forma geral os pontos fortes da coleção, fazendo referência a alguns mapas e cartógrafos em particular, mas também salientando alguns aspetos e características dos mapas que os diferenciam: “Também por volta do século XVII foram publicados mapas, que são raros, emoldurados com vistas de cidades e personagens, designados como “cartes avec figures”, interessantíssimas peças de arte, com muita informação para além da geográfica” (Almeida, 2004). Por oposição a estes, os mapas do século XVIII perderam alguma exuberância, a riqueza artística perde-se, mas não se perde a informação geográfica; desta época chegam mapas de grandes dimensões, bastante pormenorizados. O autor destaca o mapa de Thomas Jeffreys (1790 / NC-799-804), impresso em 6 folhas, ou o de Don Tomás Lopez (1778 / NC -925-926), impresso em 8 folhas com formato fólho. A partir da segunda metade deste século e durante o século XIX surgem mapas elaborados com novas técnicas, como é o caso do mapa de Filipe Folque (1865 / NC-643). Durante o século XIX, começaram a aparecer mapas temáticos dedicados à geologia e à agricultura.

Como referido anteriormente, esta é a mais completa coleção de mapas de Portugal; possui exemplares valiosos que retratam o continente, mas não podemos deixar de destacar igualmente aqueles que representam as ilhas atlânticas. Nabais Conde refere que, “quanto às Ilhas Atlânticas, os primeiros mapas impressos que as representam separadamente datam do princípio do século XVI (Bordone, 1524 NC-941) e foram seguidos pelo muito mais perfeito mapas dos Açores de Luís Teixeira (NC-918), publicado pela primeira vez numa edição mais tardia (1584) do atlas de Ortelius” (Almeida, 2004). Ainda no que se refere a mapas antigos das ilhas, são de salientar os de Robert Dudley, um dos quais tem a particularidade de representar uma ilha imaginária a ocidente das ilhas do Corvo e das Flores (1661, NC-393 e NC-396).

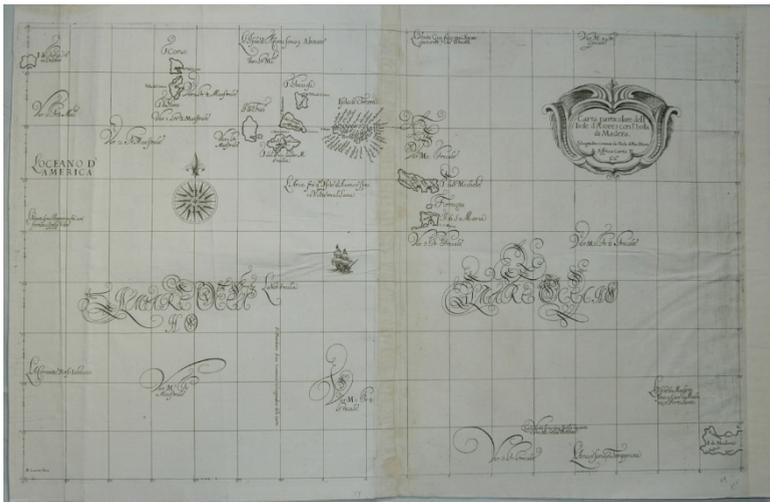


Figura 2 – Mapa de Dudley (NC-393)

A coleção possui um elevado número de cartas náuticas, das quais se destacam as do final do século XVI retiradas de Waghenauer “Spiegel der Zeevaert” (1590 /NC-739, entre outras). As cidades também têm representações diversas e distintas destas; realça-se um incuná-

bulos que representam “uma vista imaginária de uma terra portuguesa, publicado em 1493 por Schedel nas suas “crónicas de Nuremberg” (Almeida, 2004) (NC-665).

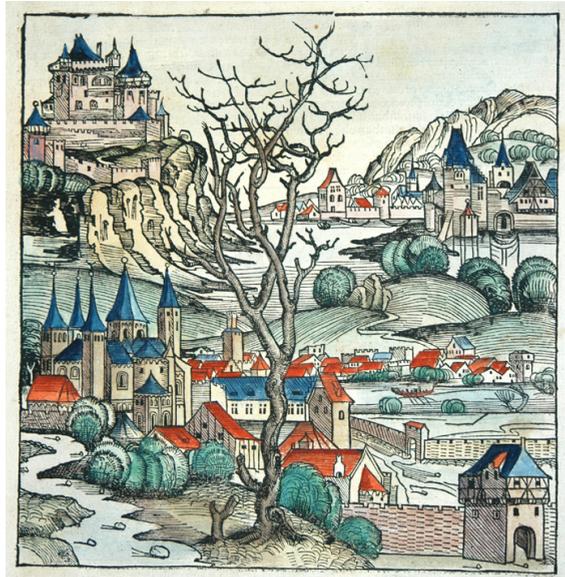


Figura 3 – vista imaginária de uma terra portuguesa de Schedel (NC-665)

Certamente muito mais haveria a destacar, pois esta coleção possui uma enorme variedade de informação histórica e geográfica, para além da riqueza artística. Julgamos, no entanto, ter enumerado os exemplares mais marcantes da coleção.

6. Cartógrafos

6.1. Fernando Álvares Seco

Foi um cartógrafo português do século XVI e o autor do primeiro mapa impresso em Portugal (“Seco, Fernando Álvaro,” 1960). Segundo Barbosa Machado (Machado, 1966a), trata-se de um matemático e

famoso geógrafo, cuja ciência ficou demonstrada ao fazer o mapa do Reino de Portugal, embora não existam muito mais informações. Aquiles Estaço, um humanista e escritor português muito conhecido, dedicou-o ao Cardeal Guido Sforza, em 1560. Foi impresso por Miguel Tremezzino. O fundo Nabais Conde tem dois exemplares deste mapa. Saiu mais correto em 1600, por Baptista Detecomio, tendo sido impresso em Amsterdão por Joannem Blavium & Joannem Jansonium. Existem dois mapas destes impressores no Fundo. Foi também reimpresso na edição do atlas de Ortelius em Antuérpia, em 1570. Foi usado por De Jode em 1563 e Blaeu em 1640 (*Tooley's Dictionary of Mapmakers*, 1979). Na totalidade, existem vinte e um mapas de Fernando Álvares Seco nos mapas Nabais Conde.

6.2. Ptolomeu

Matemático, astrónomo e geógrafo grego, nasceu e viveu em Alexandria, no Egipto, entre 87-150 d.C. Exerceu grande influência nos estudos geográficos, sobretudo no período do Renascimento clássico. Achou forma de demarcar as terras pela correspondência que existem entre cada uma e o céu, com a devida largura e lonjura. Tomou como meridiano de referência para a contagem das longitudes uma linha tirada através da presumida posição das Ilhas Afortunadas (que supostamente corresponderiam às Canárias e Madeira). Estudou também a forma de traçar os mapas e elaborou uma localização tabular sistemática dos lugares, em termos de latitude e longitude, para todas as regiões conhecidas (“Ptolomeu, Cláudio Ptolomeu, da Alexandria,” 1960).

Os manuscritos sobreviventes mais antigos são do século XII e XIII, tendo sido trazidos para a Itália e traduzidos para latim por Jacopo Angelo, em 1406. A primeira edição sem mapas é de 1475, e a primeira edição com mapas é de Bolonha, de 1477. A primeira edição alemã com xilogravuras e cinco novos mapas surgiu em Ulm, em 1482. Mar-

tin Waldseemuller edita o trabalho com vinte novos mapas, em 1513. A Coleção Nabais Conde incorpora um mapa da Península Ibérica: “Tabvla moderna et nova hispanie”.

Giacomo Gastaldi tem uma edição miniatura com sessenta novos mapas, feita em 1548.

Há ainda a edição de Gerhard Mercator de mapas clássicos, de 1578. A coleção Nabais Conde tem um exemplar do atlas: “Tabvlae geographicae Cl:Ptolemei ad mentem autoris restitutae & emendate per Gerardum Mercatorem Illustriss: Ducis Cliui etc Cosmographu” desta edição.

Girolamo Porro edita novas gravuras dos mapas, em 1596. Na Coleção Nabais Conde existe um mapa de Portugal deste ano: “Portvgalliae Regnum”.

Segundo refere Tooley’s (Tooley’s Dictionary of Mapmakers, 1979), Ptolomeu foi chamado pai da geografia. Aparentemente, as instruções do texto são suas, mas há quem duvide que a autoria dos mapas seja sua.

Na totalidade, a Coleção de Mapas de Nabais Conde tem seis mapas ptolemaicos.

6.3. Sebastian Münster

Estudioso judeu, matemático, cartógrafo e cosmógrafo, nasceu em Ingelheim, na Alemanha, em 1489, e morreu em 1552, em Basileia, na Suíça. Casou com a viúva de Adam Petri, um editor suíço.

A obra “Cosmographia”, de 1544, foi a primeira descrição alemã do mundo e a principal obra no renascimento do pensamento geográfico no século XVI, na Europa. Foi nomeado professor de hebraico na universidade de Basileia, em 1527, e editou uma Bíblia Hebraica em dois volumes (1534-1535), acompanhada de uma tradução latina com anotações. Em 1540, publicou uma edição em latim da “Geographia” de Ptolomeu, ilustrada com vinte e sete xilogravuras de mapas de

Ptolomeu e vinte e uma de sua própria autoria. Das cerca de quarenta edições da “Cosmographia” impressas na Alemanha, a edição de 1550, contendo retratos, vistas de cidades e ilustrações de vestuário, é a mais valorizada. Outras obras incluem um “Dictionarum trilingue”, de 1530 (em latim, grego e hebraico), e um “Mappa Europae”, de 1536 (“Münster, Sebastian,” 1995).

Os Mapas Nabais Conde têm seis gravuras de cidades de Münster, Antiquera, Archidona, Granada, Sevilha e Lisboa; e sete mapas da Península Ibérica, publicados em 1540 e 1544.

6.4. Família La Feuille

Trata-se de uma família francesa dos séculos XVII e XVIII; vários dos seus membros foram cartógrafos, editores e gravadores de mapas. Emigraram para Amesterdão, pois, enquanto Huguenotes, foram perseguidos em França.

Daniel La Feuille nasceu em 1640 e morreu em 1709; foi ourives, relojoeiro, gravador e editor em Amesterdão. É o autor de um “Atlas Portatif”.

Jacob ou Jacques La Feuille nasceu em 1668 e morreu em 1719. Foi cartógrafo, gravador e editor, tendo casado com a viúva de De Ram. Publicou mapas de Londres e Paris (em 1690), de Malta (em 1696), um Atlas publicado em Amesterdão (cerca de 1710) e ainda um mapa de Itália, Grécia, Sicília, Sardenha, Córsega, Hungria e região dos Balcãs (em 1717).

Paul La Feuille nasceu em 1688 e morreu em 1727. Sucedeu ao pai, Daniel. Publicou atlas militares de bolso.

Jeanne la Feuille, irmão de Paul continuou o negócio da família.

Nos Mapas Nabais Conde existem cinco mapas desta família, todos eles alusivos a Portugal.

6.5. Frederick de Wit

Nasceu em 1610 e morreu em 1698. Foi um cartógrafo e editor holandês. Fundou o seu negócio em 1648 e comprou placas de Blaeu em 1674. Publicou, em 1670, “Atlases” e “Atlas Minor”; em 1675, o “Zee Atlas”; em 1666-1667, o “Atlas Belgium”; e, em 1690, publicou o “Atlas Major” (*Tooley’s Dictionary of Mapmakers*, 1979).

O Fundo Nabais Conde tem seis mapas em que o cartógrafo é Frederick de Wit: dois da Península Ibérica, três especificamente de Portugal e ainda uma carta náutica com a costa portuguesa e espanhola.

6.6. Abraham Ortelius

Flamengo, nasceu em 1527, em Antuérpia, e morreu em 1598, na mesma cidade da Bélgica. Foi cartógrafo e revendedor de mapas, de livros e de antiguidades. Publicou o primeiro atlas moderno, “Theatrum orbis terrarum”, editado pela primeira vez em 1570, mas com edições sucessivas até 1612. Era o atlas mais popular da sua época e continha setenta mapas, derivados de oitenta e sete autoridades e gravados num estilo uniforme. Treinado como gravador, Ortelius iniciou em 1554 um negócio de livros e antiguidades. Em 1560, por influência de Mercator, interessou-se pela criação de mapas. Além do “Theatrum”, fez também um mapa do Império Romano (em 1571), um do Egito (em 1565) e ainda um da Ásia, em 1567 (“Ortelius, Abraham,” 1995).

O Fundo Nabais Conde tem oito mapas de Ortelius: três dos Açores, um de Marrocos e do Congo, um da Península Ibérica, um do Sudeste Asiático e dois de Portugal.

Abraham Ortelius também editou vários mapas de Fernando Álvares Seco e, na coleção Nabais Conde, existem onze mapas de Portugal reeditados por aquele célebre cartógrafo flamengo.

6.7. Robert Dudley

Nasceu em Inglaterra, em 1574, e morreu em 1649, em Itália. Foi um marinheiro inglês, engenheiro, duque de Northumberland e conde de Warwick. Escreveu um tratado “Dell’ Arcano del Mare”, que continha um resumo dos conhecimentos contemporâneos de navegação. Navegou pela Guiana, Trinidad, em 1596, tendo feito parte das operações navais contra a Espanha. Em 1605, foi para Itália, onde ficou ao Serviço do Grande Duque da Toscana. Publicou, quase no fim da vida, o “Arcano”, um trabalho sobre como construir navios e sobre disciplina naval, mas que continha também a determinação da longitude e cartas baseadas na projeção de mapas de Mercator, além de desenhos de instrumentos (“Dudley, Sir Robert,” 1995).

Nos mapas Nabais Conde existem vinte e cinco mapas de Sir Robert Dudley: são mapas e cartas náuticas de África (com vários países africanos, mas também com a representação da costa), da Ásia (países asiáticos e costa), do Oceano Atlântico, do Oceano Índico, dos Arquipélagos da Madeira e dos Açores, de Portugal e da costa portuguesa, do Brasil e da Península Ibérica.

6.8. Luís Teixeira

Jesuíta português, nasceu em 1564 e morreu em 1604. Na obra de Tooley’s (*Tooley’s Dictionary of Mapmakers*, 1979, p. 613) diz-se que ele foi um matemático e cartógrafo que trabalhou ao serviço da coroa espanhola. Diogo Barbosa Machado refere que era Cosmógrafo-Mor do Reino (Machado, 1966b), “perito nas disciplinas de matemática, [tendo] adquirido pelo seu profundo estudo, e várias navegações, a verdadeira notícia da situação de diversas terras”, as quais deixou descritas nas seguintes obras: “*Descriptio Insularum Tertiarum*”, que saiu na obra de Ortelius (em 1584); “*Descriptio Insulae Japoniae*”, de 1595; e “*Magna Orbis terrarum nova Geographica...*”, de 1604.

Os mapas Nabais Conde têm seis mapas de Luís Teixeira, todos alusivos ao Arquipélago dos Açores.

7. Conclusão

Após a finalização da catalogação deste fundo de mapas e de cartas náuticas, sentimos que pudemos realizar um trabalho diferente e altamente compensador. Habitadas há alguns anos a catalogar livros em papel, partimos para este trabalho com muitas dúvidas e hesitações; no entanto, revelou-se uma tarefa muito interessante, não só pela beleza dos próprios mapas, como também pela aprendizagem que foi necessário ir fazendo. Conforme o desenrolar do trabalho, foi preciso fazer algumas alterações na catalogação e indexação inicial:

- começámos por colocar os cartógrafos como autores secundários, mas rapidamente chegámos à conclusão de que, quando tínhamos a certeza do cartógrafo, deveríamos fazer a entrada principal por esse cartógrafo. Afinal, eles são os principais responsáveis pela realização dos mapas.
- medimos as folhas dos mapas e tivemos que retificar, segundo o que está prescrito na ISBD: "...as dimensões dadas para recursos bidimensionais, se não existir outra especificação, são as dimensões dentro do quadro";
- quando iniciámos o tratamento dos mapas não colocámos uma entrada secundária para o local de publicação, e, como existiam muitos locais escritos em latim e noutras línguas, chegámos à conclusão de que, para encontrar mapas por local, seria necessário fazer esta entrada secundária por local;
- tivemos que uniformizar a indexação, no caso de, por exemplo: Ilhas Canárias, arquipélago da Madeira, entre outros.

O recurso a outras bibliotecas (por exemplo a Biblioteca Nacional de Portugal, ou Biblioteca Nacional de Espanha) e mesmo a sítios

da Internet de Leiloeiros foi muito importante para a determinação das escalas; servimo-nos frequentemente destes recursos, visto que, tratando-se na sua maioria mapas antigos, a escala não se encontra registada no próprio mapa.

Por todos estes fatores, podemos dizer que esta foi uma tarefa deveras interessante e gratificante.

8. Bibliografia

- ALMEIDA, A. C. de (Ed.). (2004). *Olhar o mundo, ler o território : uma viagem pelos mapas*. Coimbra : Instituto de Estudos Geográficos, Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras.
- CONDE, C. A. N. (1976). *Curriculum Vitae*. Coimbra.
- CONDE, N. (2010). *Documento entregue pelo Prof. Doutor Carlos Alberto Nabais Conde, para a possibilidade de aquisição da "Coleção de Mapas Nabais Conde."*
- DUDLEY, Sir Robert. (1995). In *The New Encyclopaedia Britannica*.
- FIOLHAIS, C. (2010). *Parecer sobre a aquisição da "Coleção de Mapas Nabais Conde."*
- IFLA. (2012). *Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada (ISBD)* (Edição consolidada). Biblioteca Nacional de Lisboa.
- International Federation of Library Associations and Institutions. (1977). *ISBD(CM) : International Standard Bibliographic Description for Cartographic Materials*. London : IFLA International Office for UBC.
- LÍTER MAYAYO, C., & García Calatayud, C. (1999). *Materiales cartográficos : manual de catalogación*. Madrid : Arco/Libros.
- MACHADO, D. B. (1966a). Fernando Alvares Seco. In *Bibliotheca Lusitana* (p. 18). Atlântida Editora.
- MACHADO, D. B. (1966b). Luiz Teixeira. In *Bibliotheca Lusitana* (p. 155).
- Mangan, E. (2007). Cartographic Materials. *Journal of Map & Geography Libraries*. https://doi.org/10.1300/J230v03n02_03
- MOTA, J. T. da. (2010). *Avaliação da Coleção de Mapas do Professor Nabais Conde*.
- MÜNSTER, Sebastian. (1995). In *The new Encyclopaedia Britannica*.
- ORTELIUS, Abraham. (1995). In *The new Encyclopaedia Britannica*.
- PTOLOMEU, Cláudio Ptolomeu, da Alexandria. (1960). In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (pp. 635–636).
- SECO, Fernando Álvaro. (1960). In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (p. 47). Editorial Enciclopédica.
- Tooley's Dictionary of Mapmakers*. (1979). Alan R. Liss.

ANEXO I

Lista dos assuntos representados nos mapas Nabais Conde:

Assunto	N.º de mapas
Abastecimento de água, Portugal, mapa	1
Acácia, Portugal, mapa	1
Açores, carta náutica	12
Açores, costa, mapa	2
Açores, mapa	37
África, carta náutica	1
África Central, mapa	1
África, costa, mapa	7
África, costa, carta náutica	7
África, costa Nordeste, mapa	1
África, costa Ocidental, mapa	18
África, costa Oriental, mapa	1
África, mapa	11
África ocidental, mapa	1
Agricultura, Portugal, mapa	1
Água, qualidade química, Portugal, mapa	4
Águas subterrâneas, Portugal, mapa	5
Alasca, mapa	1
Alentejo, mapa	6
Alexandria, mapa	1
Alfarrobeira, Portugal, mapa	1
Algarve, costa, carta náutica	4
Algarve, mapa	10
Almeida, carta militar	1
Alojamento, Portugal, mapa	2
Ambiente, Portugal, mapa	45
Amendoeira, Portugal, mapa	1
América do Sul, costa, carta náutica	1

Assunto	N.º de mapas
América do Sul, mapa	1
Andaluzia, costa, carta náutica	5
Andaluzia, mapa	2
Angola, costa, carta náutica	2
Angola, mapa	2
Angra do Heroísmo, mapa	1
Angra do Heroísmo, porto, mapa	2
Aquíferos subterrâneos, Arquipélago da Madeira, mapa	1
Árãbia, península, mapa	1
Áreas protegidas, Portugal, mapa	1
Áreas sociais, distribuição, Portugal, mapa	1
Argélia, mapa	9
Argentina, mapa	1
Arquipélago da Madeira, carta náutica	2
Arquipélago da Madeira, mapa	7
Arquipélago de Cabo Verde, mapa	6
Ásia, mapa	1
Astúrias, mapa	1
Aveiro, barra, carta náutica	1
Azinheira, Portugal, mapa	1
Bacia hidrogrãfica, Portugal, mapa	1
Batalha do Buçaco, carta militar	1
Beira Alta, Portugal, mapa	1
Beira Baixa, Portugal, mapa	1
Beira Litoral, Portugal, mapa	1
Beiras, Portugal, mapa	2
Berlengas, carta náutica	1
Biscaia, mapa	1
Biscaia, baía, mapa	1
Bispado de Coimbra, mapa	1
Braga, mapa	1

Assunto	N.º de mapas
Braga, plantas antigas	2
Brasil, capitánias, mapa	6
Brasil, costa, mapa	1
Brasil, costa, carta náutica	1
Brasil, mapa	3
Buçaco, mapa	1
Cabo Espichel, mapa	1
Cabo Finisterra, mapa	3
Cádiz, baía, carta náutica	1
Cádiz, porto, planta	3
Caminhos de ferro, Europa, mapa	1
Caminhos de ferro, Península Ibérica, mapa	1
Caminhos de ferro, Portugal, mapa	1
Campanha militar francesa, Espanha, mapa	1
Canadá, mapa	1
Caraíbas, mapa	1
Carvalho, Portugal, mapa	1
Cascais, planta	1
Castanheiro, Portugal, mapa	1
Castela, mapa	3
Catalunha, mapa	1
Ceuta, baía, mapa	1
Chile, mapa	1
China, mapa	1
Clima, Portugal, mapa	1
Coimbra, mapa	4
Coimbra, planta	2
Colónias portuguesas, atlas	1
Colónias portuguesas, mapa	1
Concelho, área, Portugal, mapa	1
Congo, mapa	1

Assunto	N.º de mapas
Congo belga, mapa	1
Conservação da natureza, Portugal, mapa	1
Cultura de sequeiro, Portugal, mapa	1
Densidade da população, Arquipélago da Madeira, mapa	1
Densidade da população, Portugal, mapa	1
Diu, mapa	1
Egipto, mapa	4
Energia elétrica, fornecimento, Portugal, mapa	1
Elvas, planta	1
Espanha, costa, carta náutica	4
Espanha, costa, mapa	12
Espanha, costa Norte, mapa	1
Espanha, Costa Ocidental, carta náutica	1
Espanha, Costa Sul, mapa	1
Espanha, mapa	47
Espanha (Sul), mapa	1
Estocolmo, planta	1
Estreito de Gibraltar, mapa	4
Estremadura (Espanha), mapa	2
Estremadura (Portugal), mapa	4
Eucalipto, Portugal, mapa	1
Europa, costa, carta náutica	1
Europa, mapa	2
Evapotranspiração, Portugal, mapa	1
Évora, planta	1
Figueira, Portugal, mapa	1
Figueira da Foz, barra, carta náutica	1
Figueira da Foz, porto, planta	1
Florestas, Portugal, mapa	1
Folhosas, Portugal, mapa	1
Fortificações, Arronches, planta	1

Assunto	N.º de mapas
Fortificações, Elvas, planta	1
Fortificações, Estremoz, planta	1
Fortificações, Setúbal, planta	1
Fortificações, Torres Vedras, mapa	1
Fortificações, Vila Nova de Cerveira, planta	1
Fortificações, Vila Viçosa, planta	1
França, costa, carta náutica	1
França, costa, mapa	1
França, costa Norte, mapa	1
França, costa ocidental, mapa	11
Freguesia, área, Portugal, mapa	1
Fronteira, Portugal, mapa	4
Funchal, porto, planta	1
Galiza, costa, mapa	3
Galiza, mapa	2
Geada, Portugal, mapa	2
Geografia, atlas	1
Geologia, Portugal, mapa	1
Gibraltar, mapa	3
Gorée (Senegal), mapa	1
Granada, mapa	1
Golfo da Guiné, carta náutica	2
Guarda, Portugal, carta militar	1
Iémen, costa, mapa	1
Ilha da Madeira, carta náutica	5
Ilha da Madeira, carta topográfica	1
Ilha da Madeira, costa, mapa	1
Ilha da Madeira, mapa	12
Ilha das Flores (Açores), mapa	1
Ilha de Porto Santo, mapa	3
Ilha de São Miguel (Açores), mapa	3

Assunto	N.º de mapas
Ilha do Faial (Açores), porto, mapa	2
Ilha do Pessegueiro, mapa	1
Ilha Terceira (Açores), mapa	1
Ilhas Atlânticas, mapa	4
Ilhas de Sonda, mapa	1
Ilhas Canárias, carta náutica	3
Ilhas canárias, costa, mapa	1
Ilhas Canárias, mapa	6
Ilhas Maurícias, mapa	1
Ilhas Seicheles, mapa	1
Índia, mapa	2
Inglaterra, costa, mapa	1
Insolação, Portugal, mapa	1
Invasões francesas, Almeida, mapa	1
Invasões francesas, Buçaco, mapa	1
Invasões francesas, Fuentes de Oñoro, mapa	1
Invasões francesas, Guarda, carta militar	1
Invasões francesas, Lisboa, carta militar	1
Invasões francesas, Porto, carta militar	1
Invasões francesas, Portugal, carta militar	1
Invasões francesas, Portugal, mapa	4
Invasões francesas, Península Ibérica, mapa	1
Invasões francesas, Vimieiro, carta militar	1
Islândia, mapa	2
Israel, mapa	1
Japão, mapa	1
Kamchatka, mapa	1
Karlsruhe, planta	1
Lagos (Algarve), baía, carta náutica	1
Lagos (Algarve), porto, mapa	1
Leixões, porto, carta náutica	1

Assunto	N.º de mapas
Líbia, mapa	3
Lisboa, barra, carta náutica	1
Lisboa, mapa	20
Lisboa, planta	6
Lisboa, porto, carta náutica	1
Lisboa, porto, planta	5
Lisboa, plantas antigas	6
Lisboa (Região), mapa	1
Macau, mapa	1
Madagáscar, mapa	1
Madrid, plantas antigas	1
Malta, mapa	1
Mar Mediterrâneo, carta náutica	28
Mar Vermelho, carta náutica	2
Marrocos, costa, carta náutica	3
Marrocos, costa, mapa	1
Marrocos, mapa	5
Medronheiro, Portugal, mapa	1
Minho, mapa	5
Moçambique, mapa	2
Mombaça, mapa	1
Mundo, atlas	3
Mundo, mapa	8
Nápoles, mapa	1
Nápoles, plantas antigas	1
Nascentes minerais, Portugal, mapa	1
Navarra, mapa	2
Oceano Atlântico, mapa	1
Oceano Atlântico, carta náutica	34
Oceano Atlântico Norte, carta náutica	11
Oceano Atlântico Ocidental, mapa	2

Assunto	N.º de mapas
Oceano Atlântico Sul, carta náutica	3
Oceano Índico, carta náutica	5
Oceano Índico ocidental, carta náutica	3
Oliveira, Portugal, mapa	1
Palestina, mapa	1
Pecuária, Coimbra (distrito), mapa	1
Peniche, carta náutica	1
Península Ibérica, carta náutica	2
Península Ibérica, costa, mapa	4
Península Ibérica, costa Sudoeste, carta náutica	1
Península Ibérica, estradas, mapa	1
Península Ibérica, mapa	123
Perú, mapa	1
Pinheiro bravo, Portugal, mapa	2
Pinheiro de Alepo, Portugal, mapa	1
Pinheiro manso, Portugal, mapa	1
Pinheiro silvestre, Portugal, mapa	1
Plano Diretor Municipal, Portugal, mapa	1
Plano geral de urbanização, Portugal, mapa	1
Pomar, distribuição, Portugal, mapa	1
População residente, Portugal, mapa	2
Port Said, mapa	1
Portimão, barra, carta náutica	1
Portimão, porto marítimo, carta náutica	1
Porto (cidade), barra, carta náutica	1
Porto (cidade), porto marítimo, carta náutica	1
Porto (cidade), mapa	6
Porto (cidade), planta	3
Porto de Lisboa, mapa	1
Portugal, carta administrativa	1
Portugal, carta agrícola	1

Assunto	N.º de mapas
Portugal, carta ecológica	1
Portugal, carta florestal	1
Portugal, carta geológica	2
Portugal, carta hipsométrica	1
Portugal, carta litológica	1
Portugal, carta náutica	1
Portugal (Centro), mapa	2
Portugal, costa, carta náutica	18
Portugal, costa, mapa	32
Portugal, estradas, mapa	5
Portugal, humidade atmosférica, mapa	1
Portugal, intensidade sísmica, mapa	1
Portugal, mapa	241
Portugal, mapa de declives	1
Portugal, mapa geológico	1
Portugal, monografia	1
Portugal (Norte), mapa	4
Portugal, rede hidrográfica, mapa	2
Portugal (Sul), mapa	4
Precipitação, Arquipélago da Madeira, mapa	1
Precipitação, Portugal, mapa	2
Radiação solar, Portugal, mapa	1
Recolha de lixo, Portugal, mapa	1
Recursos hídricos, Arquipélago da Madeira, mapa	1
Regadio, Portugal, mapa	1
Reino de Leão, mapa	1
Relevo, Arquipélago da Madeira, mapa	1
Resinosas, Portugal, mapa	1
Rio Gâmbia, mapa	1
Rio Mondego, planta	1
Rio Níger, mapa	1

Assunto	N.º de mapas
Rio Tejo, carta náutica	2
Rio Tejo, foz, carta náutica	1
Rio Tejo, mapa	1
Sagres, planta	1
Saneamento básico, Portugal, mapa	1
Santarém, carta militar	1
São Martinho do Porto, baía, carta náutica	1
Setúbal, barra, carta náutica	1
Setúbal, porto, carta náutica	1
Sines, porto, planta	1
Sintra, mapa	2
Sobreiro, Portugal, mapa	1
Solo, Portugal, mapa	2
Solo, utilização, Portugal, mapa	3
Somália, costa, mapa	1
Sudeste asiático, mapa	1
Temperatura, Arquipélago da Madeira, mapa	1
Temperatura, Portugal, mapa	1
Transporte de passageiros, Portugal, mapa	2
Trás-os-Montes, mapa	4
Trás-os-Montes e Alto Douro, mapa	1
Tunísia, costa Norte, mapa	1
Tunísia, mapa	5
Uruguai, mapa	1
Vento, Portugal, mapa	1
Vias marítimas, Europa, mapa	1
Videira, Portugal, mapa	1
Vila Nova de Milfontes, mapa	1
Zambujeiro, Portugal, mapa	1

Jaime Cortesão, correspondência de exílio para o irmão Armando. Transcrição e notas

Jaime Cortesão, letters from exile to his brother Armando. Transcripts and notes

A. E. Maia do Amaral¹

RESUMO

Publicação de 73 cartas da correspondência de Jaime Cortesão com o irmão mais novo Armando Cortesão. Abrangendo os anos de 1933 a 1941, cobrem parte significativa do exílio destes dois historiadores e resistentes antifascistas portugueses. O núcleo encontra-se integrado no Arquivo pessoal de Armando Cortesão, entregue à BGUC e incorporado em 2009, com a cotas Ms. AC.

PALAVRAS-CHAVE

Cortesão, Armando, 1891-1977 – Correspondência; Cortesão, Jaime, 1884-1960.

¹ Bibliotecário na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – aemaia@bg.uc.pt

ABSTRACT

Publication of 73 letters from Jaime Cortesão's correspondence with his younger brother Armando Cortesão. They cover a significant part (1933 to 1941) of the exiles of these two Portuguese historians and antifascists. The correspondence is in the personal archive of Armando Cortesão, incorporated to BGUC in 2009, with the shelf-number Ms.AC.

KEYWORDS

Cortesão, Armando, 1891-1977 – Letters; Cortesão, Jaime, 1884-1960.

A carta “pretende-se documento de uma verdade, mas de uma verdade pessoal, a do seu autor – de onde a sua ambivalência essencial (...) uma espécie de historiografia de ‘eu’, na qual o propósito de sinceridade não dispensa os instrumentos literários, com que o ‘eu’ se narra”.

(Massaud Moisés, *A criação literária : prosa*, 1987)

O conjunto onde se acham estas cartas foi entregue por Armando Cortesão à Biblioteca Geral em 1972, mas apenas incorporado em 2009. É uma história curiosa: em 22 de abril de 2009, na qualidade de Diretor-Adjunto do Prof. Carlos Fiolhais, decidi verificar o conteúdo de um cofre que se conservava fechado e sem chave há muitos anos, no piso 3 da biblioteca. Aberto o cofre por pessoa qualificada, encontraram-se várias coisas interessantes, nomeadamente quatro pastas de um núcleo epistolográfico entregue por Armando Cortesão, em 28 de abril de 1972, nas mãos do Prof. Guilherme Braga da Cruz. Nessa ocasião, o Prof. Armando Cortesão tinha fixado a data de 1980 (pelo menos) para a possibilidade de ser comunicado ao público este epistolário com o irmão Jaime; por isso, ele não foi ime-

diatamente incorporado e foi remetido para o cofre, a aguardar a passagem dos anos. E assim passaram mais de 37 até este arquivo ser reencontrado.

São conhecidas cartas de Jaime para o irmão Armando Cortesão “dispersas pelos arquivos de Lisboa, Coimbra e Rio de Janeiro”², às quais ainda podíamos acrescentar os originais e cópias existentes nos arquivos Jaime de Moraes e Moura Pinto, guardados pela Fundação Mário Soares.

Incluídas nos “papéis políticos” do arquivo pessoal de Armando Cortesão, estas cartas cobrem um período importante do exílio de ambos, entre 1933 e 1941, remetidas de diversas moradas em Madrid, Paris, Biarritz, Barcelona, Peniche, Lisboa e Rio de Janeiro. De poucas temos as respetivas respostas; quando existem, foram transcritas em notas.

Deste conjunto, não foram transcritas quatro cartas: três porque são anteriores, sem conteúdo relevante e escritas quando Jaime Cortesão era ainda Diretor da Biblioteca Nacional, em Lisboa; e uma posterior, enviada do Rio de Janeiro, mas muito mais tardia (1959) do que as restantes. O facto de nada se ter conservado entre 1941 e 1959 deixaria esta muito desenquadrada do *corpus* que aqui se entendeu publicar.

Critérios de transcrição:

A grafia das transcrições não foi atualizada por forma a evidenciar como JC usava uma ortografia já desatualizada em relação ao seu tempo. Ele próprio reconhece o seu desconforto “com as reformas sucessivas destes últimos tempos” (“*avec les réformes successives de ces derniers temps*”, carta de 15 fev. 1940), o que não deixa de ser algum

2 Francisco Roque de Oliveira – Jaime Cortesão: escritos e geografias do exílio. GeocritiQ, 30 May, 2018. <http://www.geocritiq.com/2018/05/jaime-cortesao-escritos-e-geografias-do-exilio/>

exagero: até bem mais tarde, até ao Acordo de 1945, a ortografia em Portugal apenas se alterou sensivelmente pelo Acordo preliminar de 1931 com o Brasil.

Algumas palavras que JC escrevia sempre com uma ortografia já arcaica para os seus contemporâneos são: extranho, expontanea, equal, peor, edade, logar, instincto, estricta, tractar, sciencia, mez, hespanhol, quasi, adeantar, paiz, estrangeiro, bôa, pessoa, êle, sôbre, êste, entre outras.

Não se tratando de leituras paleográficas, algumas grafias realmente anómalas como estas vão acompanhadas de [sic] e todas as dúvidas persistentes de leitura ficaram devidamente assinaladas em notas. Interpolações ou emendas vão entre [], entrelinhados entre < > e desdobramento de abreviaturas menos comuns entre (). Excetuar-se as abreviaturas de uso corrente como Out. ou mto. (algumas vezes também grafado mt.), vol., pag., fols., seg., ex., q., L^a, Snr. (outras vezes Sor.) e outras de igual modo óbvias.

Acresce que, ocasionalmente, JC teve de usar para a sua correspondência máquinas de escrever sem o “til” ibérico (julgamos que por avaria, já que a mesma máquina possui o “c” cedilhado), substituindo-o, então, por um acento circunflexo ou acrescentando o til manualmente.

Uma palavra final sobre o uso da língua: JC escreve ao irmão em português exceto durante um curto período (set. 1939 a mar. 1940) em que usa o francês para facilitar a tarefa da Censura Militar em tempo de guerra. Quanto mais depressa fossem libertadas pelos censores, mais depressa as cartas chegariam ao destino. O irmão responde-lhe seja em francês seja em inglês. A facilidade em manejar as várias línguas ou vocabulário de diversas línguas ao longo do mesmo texto (Latim incluído) é uma característica pessoal (e também geracional) de assinalar ao longo desta correspondência.

Para o propósito deste trabalho, entendemos que não se justificaria apresentar traduções das cartas francesas. É certo que não facilita a

transcrição nem facilitará a leitura, mas não pode esquecer-se de que se trata da publicação de fontes, que não devem ser alteradas.

Muitos dos nomes citados vão identificados em nota (na primeira ocorrência de cada uma das formas), mas alguns outros e meras iniciais ficam por identificar positivamente; será esse um trabalho que deixamos para os historiadores da Oposição Republicana em Portugal.

1

Armando:

7-5-33

Respondo à tua carta de 28 do corrente³. Afinal, a pressa do meu artigo não era grande, pois que as provas ainda não vieram... Excelente será que lhe deem uma primeira revisão, mas no que toca à ortografia, pois desconheço bastante a actual. Estou com interesse em ver o primeiro número da revista, pois a minha colaboração futura depende também da orientação da publicação.

Quanto a livros, se achas pouco... tanto melhor. Como não conheço, todavia, as possibilidades dos iniciadores, não queria forçar a nota. Neste momento o que mais me interessa são instrumentos para o trabalho que tenho em mãos para a Historia de Portugal: a história ultramarina durante os séculos 17 e 18. Aqui faltam muitos elementos, maxime sobre o que diz respeito a Angola e a Moçambique. Nestas condições, se fosse possível encontrar aí à venda algumas das obras necessárias, como por ex.:

/2/

Lopes de Lima (J.J.) Ensaio sobre a estatística das possessões portuguesas, 3 v. L^a 1844-46

3 Queria dizer: de abril.

Andrade Corvo (J. de) Estudos sobre as províncias ultramarinas. 4 vol. L^a 1883-87,

Serme-hia [sic] sumamente proveitoso recebe-las. Peço-te mesmo, caso não haja forma de obter-las no mercado, que por qualquer forma mas consigas por algum tempo. Presumo que te não será difícil obtê-lo nas condições em que veio o Danvers. Mas que fosse ao menos por um mez. Ainda que aceite o prazo que for possível. Peço-te encarecidamente te ocupes do assunto, de sorte que possa ter essas obras, ou pelo menos a primeira, dentro de 8 ou 10 dias. Também da obra de Oliveira Martins, – O Brasil e as Colonias portuguesas tenho urgência.

No caso, pois, de não conseguirem aquelas obras no mercado, interessava-me ainda do Oliveira Martins o Portugal contemporâneo e o 2^o vol. do Portugal nos mares.

/3/

Também não possuo certas obras ultimamente aí publicadas sobre Descobrimientos, como os Descobridores do Brasil, de Duarte Leite.

Aliás, não sei mesmo o que se tem publicado. Como não recebo jornais portugueses, desconheço a bibliografia última, e agradeço-te que me enviasses nota das publicações que possam interessar-me.

E se às obras que aponto, quizeres acrescentar alguma que corresponda às minhas necessidades bibliográficas, je ne demande pas mieux.

Agora outro pedido e outro assunto e estes de tomo.

Ha 12 anos que faço investigações metódicas e publico estudos parciais sobre um tema: O descobrimento da America pelos portugueses. Sinto o assunto suficiente maduro para publicar sobre ele um livro, que não hesito em afirmar que poria o problema em bases inteiramente novas e para

/4/

o qual a palavra sensacional não seria demasia, – pelo método, os documentos e as conclusões. O estudo que agora te enviei pode fornecer-te uma ideia, ainda que muito parcial.

Em tempos Antonio Ballesteros⁴ convidou-me a escrever para uma Historia geral da America⁵ um volume sobre Os descobrimentos pre-colombinos dos portugueses. Cheguei a redigir mais de metade da obra, que me pagaram. Mas a empresa entretanto faliu. E eu tive a previdência de ficar com copia do original.

E esse trabalho já era feito na mesma orientação de afirmar o descobrimento da America pelos portugueses.

Ora Ballesteros vai continuar a obra com outra empresa, renovando-me o convite para mais trabalho, mas com disposição diferente. Quere dizer: aquele original está engatado; e como comprehendes numa edição espanhola não posso versar aquele tema com toda a liberdade e desenvolvimento necessá-

/5/

rio. Demais, interessava-me que antes de mais nada, esse livro fosse publicado em português.

Problema: não haverá um editor português, que queira tomar conta da edição mas com a largueza e as seguranças necessárias para o meu trabalho?

Tratar-se-hía dum grosso bouquin de preferência in quarto, com abundancia de documentos, muitos dos quais inéditos, e fotocópias respectivas.

Pedido: Se as tuas occupaões o permitirem, quererias sondar alguma casa editora?

Desejaria reservar-me o direito de tradução, a não ser que o mesmo editor português, de harmonia comigo, quisesse occupar-se do assunto. O livro, em francês, teria o título: Les précurseurs de Colombe, d'après [sic] Colombe lui-même. Creio que em português será preferível o título mais explícito: O descobrimento da Ame-

4 Antonio Ballesteros Beretta, 1880-1949.

5 Ilegível.

/6/

rica pelos portugueses.

Uma das dificuldades do problema: seria a dos prazos de pagamento; como não tenho capital, parte do trabalho dever-me-hia ser pago antes da publicação, nalguns prazos a combinar e a cada entrega de original, sendo a primeira de metade da obra ou mais. Seria trabalho para pôr à venda no começo do próximo ano literário, entre Out. e Janeiro. Poderia entregar original já em junho, caso acertasse com as condições financeiras.

Podia tractar [sic] directamente do assunto. Mas desconheço hoje o meio. E espero, pois, pela tua resposta.

Por enquanto não faço o menor calculo sobre o meu regresso a Portugal. Estou francamente pessimista. Os dirigentes republicanos merecem isto e muito mais. O diabo é que às vezes paga o justo pelo pecador... e é o meu caso. Escreve.

Desejo a maior saúde e felicidade a todos os teus. Abraça-te este irmão mt. amigo

Jaime

2

Armando:

17-maio 33

Obrigado pela tua carta ultima. Vamos ao que mais importa. Estou inteiramente de acordo: o ideal seria fazer desde o começo a edição francesa. Mas nesse caso avulta⁶ o problema financeiro. Aqui nenhuma casa editorial, que eu saiba, trabalha em francez. Nem é

⁶ Leitura duvidosa.

natural que quisessem concorrer com as casas francesas, senhoras e ciosas do mercado. E qual seria a casa francesa que se prestasse a tomar conta de edição, pagando-me em prestações, antes da publicação do livro?

Publicar livros em francez está bem para um estudioso com capital, como o Bensaude⁷, a quem demais não falta a sciencia [sic] dos negócios. Por mim, sou destituído totalmente duma coisa e outra.

Creio-me capaz de resolver problemas his-

/2/

tóricos; e estou convencido de que encontrei a solução daquele que me proponho tratar em livro. E igualmente [sic] presumo que a sua edição será negocio rendoso, dada a soma de factos e documentos novos revelados. Mas sinto-me inábil para resolver os problemas financeiros, como este. Se ha forma de pôr a questão em pé, não a vejo.

Vamos, pois, à hipótese portuguesa. O ideal seria um in 4º, de cerca de 500 paginas, acompanhado de razoável número de reproduções de mapas, documentos, etc. Quanto à tiragem, creio que não deveria ser inferior a 3 ou 4:000. O meu livro sobre a Exposição de Pedro Alv(ares) Cabral teve de tiragem 2:000 e esgotou-se, segundo creio, em menos dum ano. E não tem comparação com este, no interesse. Nem então dispunha do nome que hoje tenho nesse género de estudos. Longe do mercado, não sei quanto hoje é lícito pedir por um livro nessas condições.

/3/

Supunhamos, como hipótese mínima, 35 escudos. Uma percentagem mínima de 20% dava-me pelo trabalho <cerca de> 20 contos. Supondo que o trabalho me levasse 5 meses a terminar, bastava-me receber <4 ou> 4:500 escudos por mez. Sendo, aliás, o meu interesse terminar o livro em prazo menor, podendo continuar a receber o que faltasse em prazos mais largos ou quantias menores.

7 Joaquim Bensaude, 1859-1952.

Estas me parecem condições mínimas. Mas, dilatadas dum lado, poderiam ser mais apertadas doutro. Só o contacto directo com o editor e o conhecimento ou instinto dos negócios, que possuem em mais alto grau que eu (e não é favor) podem abrir passo⁸ à solução do problema. É natural que o editor quisesse de começo receber não um quinto do original, mas uma quantidade bastante <maior> suponhamos 2 quintos, nesse caso eu receberia também de entra-

/4/

da uma soma maior, o que permitiria alargar um pouco os prazos seguintes. Tudo são coisa a combinar. De antemão sei que és capaz de defender os meus interesses melhor do que eu mesmo faria. Peço-te, pois, o faças e procures dar andamento ao caso, com a pressa relativa que o caso exige para que o volume saísse nos começos do ano lectivo próximo. Na primavera do ano próximo realiza-se em Sevilha um congresso internacional de Americanistas, cujo tema principal é a crítica das fontes para o descobrimento da America, a base essencial do meu livro. Eu próprio no Congresso (para o qual já estou veementemente solicitado pela comissão hespanhola [sic] organizadora) faria, defendendo as minhas teses, o reclamo da obra.

Não será, pois, arriscado assegurar êxito à edição, desde que apareça a tempo.

Quanto à nota documental pedi-

/5/

da pelo Dr. Duarte Leite⁹, aí vai.

Conheço duas cartas de quitação com inventários dos bens do Infante D. Henrique no Algarve:

Uma passada a Fernão Afonso a 5 de Julho de 1465 (joias, vestes, livros, objectos caseiros, etc.); outra passada a João Baldaia “de todas as coisas que por morte do Infante se acharem em Lagos e Algarve” a

8 Leitura duvidosa.

9 Duarte Leite, 1864-1950.

14 de Julho de 1474. Possuo copia das duas. A primeira encontra-se no Livro d'Extras fol. 41. Na copia que fiz no Arquivo Nacional menciono também Extras, 123 e Ch(ancelarias) de D. Af(onso) V, livro VIII, fol. 117, v. Serão outras copias ou documentos correlativos? Não recordo.

A segunda pode ler-se em Odiana, Livro VI, fol. 22.

Costa Lobo, na Hist(oria) da socied(ade) em Portugal no sec. XV cita estes dois documentos (pag. 450 e seg.) e faz algumas interessantes considerações a propósito, entre

/6/

as quais aquela mesmo que eu refiro em L'expansion.... Ali dá o 2º documento como em Odiana, VI, fol. 32, em vez de 22. Erro meu ou dele?

Aí tens satisfeito o seu e teu desejo, que, depois duma mudança de casa recente me deu assaz de trabalho a satisfazer. Ao Dr. Duarte Leite, quando o vires, apresenta as minhas saudações e agradecimentos prévios pela oferta do seu livro, que até hoje nunca recebi, nem vi.

A melhor saúde e felicidades para os teus.

Um abraço do irmão mt. amigo

Jaime

3

Armando

Madrid

21 de junho¹⁰

10 A anotação a lápis de Armando acerca do recebimento é de leitura duvidosa: Resp(ondi) 23.VI.33 com copia [ilegível]. Outra anotação a lápis: Vinha violada.

Ainda não recebi resposta do Damião Peres¹¹, que espero por estes dias. Ele só hoje deve chegar ao Porto, de regresso da sua vilegiatura; e calculo que seja esse o motivo da demora.

Escrevi-te, ha cerca de 10 dias, p(ar)a L^a uma carta registada, em que além de outros assuntos te pedia para te interessares junto dos nossos amigos do D(iário). Liberal para que tomassem como correspondente aqui o João Fonseca¹², e para me enviarem o jornal. Não recebeste? Tinha particular empenho na história do Fonseca.

Está-me fazendo uma diferença enorme a demora na resposta dos Lellos. Tenho que fechar contracto com a casa Salvat de Barcelona para a redacção de dois volumes, um de colaboração com o Ballesteros sobre a Genesis do descobrimento de America, outro, apenas de /2/

minha lavra sobre a Historia do Brasil. No contracto tenho que fixar o prazo da entrega; e não o posso fazer sem assentar resoluções¹³ sobre um volume que tanto desejo publicar.

Nestas condições, sendo-me indispensável fixar com antecipação o plano de vida, peço-te escrevas aos Lelos [sic] dizendo-lhes que se não podem dar imediatamente uma resposta afirmativa,¹⁴ interrompo as conversas com a casa sobre o assunto, para propor o negocio a outra empresa. Penso em escrever sobre o caso à Portugalense editora, com que estou em relações pela colaboração na Historia de Portugal. Esses Lelos [sic] estão a brincar com a tropa, e eu não tenho tempo para brincar...

11 Damião Peres, 1889-1976.

12 Talvez João de Sousa Fonseca, 1899-1962.

13 Leitura duvidosa.

14 Palavra riscada.

Desejo a melhor saúde a todos os teus.
Um abraço do teu irmão mto. amigo

Jaime

P.S. Já depois de esta escrita, chegou a resposta do D(amião). Peres, que junto envio. Chegamos tarde.

J.

4

Armando:

12-8-33 ¹⁵

Envio-te hoje mais um questionário, redigido pelo meu homónimo¹⁶ e que interessa ao assunto de que te falei. Peço-te que respondas com a brevidade que te for possível. O caso segue normalmente.

A minha tentativa cerca da Empresa de Barcelos falhou. Todas as monografias históricas, em cuja edição se meteram, falharam comercialmente, com grave dano para a Empresa. E resolveram, em consequência, terminar com as publicações. Continuo, pois, sem editor. E é verdadeiramente estranho que num Portugal de nacionalismo exacerbado se não encontre editor p(ar) uma obra, cujas conclusões, ainda que pelas vias estricatas [sic] da ciência,¹⁷ aquele espírito. Tanto mais

15 Anotação de Armando: Resp(ondi) 30.VIII.33.

16 Jaime Alberto de Castro Morais, 1882-1973.

17 Palavra ilegível.

/2/

que, sem falsa modéstia ou orgulho desmedido, creio que o meu nome seria garantia de seriedade. Se te não¹⁸ os teus esforços, lembro-te que sobre o caso fales com o Camara Reis¹⁹. Este, mais conhecedor do meio livreiro, pois está metido nele, poderia, quiçá, alvitrar uma solução. Não tenho, aliás, uma esperança imoderada. É antes por descargo de consciência. Seja como for, amanhã escrevo sobre o assunto ao Camara Reis; e pedia-te que lhe desses uma telefonadela.

—

Nunca recebi o Diário Liberal! Dizem-me agora que, Duarte Leite está publicando ali uma série de artigos sobre o Infante D. Enrique [sic], e que um dos últimos se mete comigo. Sendo assim, desejaria responder-lhe. Se isso tem algum interesse para o jornal, pede-lhes que me enviem os números úteis para o caso. E que enviem a gazeta, com todos os diabos! Se é necessário, mau grado a minha situação, pagarei a assinatura. Mas vigia o assunto, para que não aconteça o mesmo que com a primeira²⁰ que te fizeram. A Saudade²¹, bastante melhor. Obrigado pelos folhetos. A melhor saúde e felicidade p(ar)a todos os teus.

Abraça-te o teu irmão muito amigo

Jaime

18 Expressão ilegível.

19 Luís da Câmara Reis, 1885-1961.

20 Palavra ilegível.

21 A filha, Maria da Saudade Cortesão, 1914-2010.

5

Armando:

23-10-1934 ²²

Não respondi à tua carta, que veio por mão própria, porque o assunto essencial, que nela se versava, já àquela data fora resolvido. Isto é, já se havia dito para Madrid que te entregassem a quantia costumada. Porventura, te não foi entregue? Custa-me a crer. E parece-me que as tuas aflições nessa matéria se não referem a tal carência.

Quanto ao resto, a disposição do meu companheiro é de que continues a receber; e apenas fazemos depender essa questão do voto de M. P.²³, que contam não se oponha. Pelo Alonso e C. seguirão instruções nesse sentido. Seguirão por eles, se chegarem a aparecer por aqui. Até à hora que te escrevo – 6 da noite – não apareceram. Ficaram retidos por questões burocráticas em S. Sebastian; mas temos esperança de que possam chegar hoje aqui.

E, se acaso não viessem, seguiriam as instruções

/2/

pelo correio.

Quanto a V. vou escrever-lhe... por humanidade. Pobre dela! C'est la vie....

Eu cá estou trabalhando também nas minhas coisas; e quiçá breve tenha que falar-te dum projecto meu de trabalho.

E tu?

22 Anotação de Armando: Resp(ondi) 19.X.

23 Deve tratar-se de Alberto Moura Pinto, 1883-1960.

Não recebi o número da revista, a que te referes. E é pena. Gostaria de ve-lo. Por essa²⁴ amostra estou a tremer pela sorte duns livros, que minha Mulher me enviou pelo correio.

Sempre que te seja possível dá novidades daí. Eu por enquanto pouco posso dizer, que não sejam noticias pessoais.

Os meus cumprimentos a Mle. F.

Abraça-te o teu irmão amigo

J.

P.S. Alonso e companheiro chegaram. O primeiro levará dentro de 2 ou 3 dias instruções precisas sobre o teu caso.

6

Armando:

27-12-1934²⁵

Com grande pesar te escrevo esta carta, pois tenho que dar-te uma noticia desagradavel sobre um assunto que te interessa. Foi resolvido restringir os subsídios o mais possível, acabando com eles para pessoas, como o próprio Pio²⁶, resolução esta que me tirou toda a autoridade para instar por que continuasse a ser-te concedido. É esta pelo menos a resolução agora tomada, em face da dura e fundamental necessidade de guardar um fundo, ainda que pequeno para aplicar, chegado o momento, a uma tentativa revolucionaria.

24 Leitura duvidosa.

25 Anotação de Armando: Resp(ondi) 5.1º.35.

26 Francisco Oliveira Pio, 1897-1972.

Pedes-me que te diga de projectos de futuro. Por agora são muito vagos. Notícias de Portugal, ainda que optimistas, são igualmente [sic] vagas, além de muito escassas. Tanto assim, que na sua maioria, as que constaram dos recortes que me enviaste, eram novidades. Temos certas possibilidades novas em estudo, mas, por enquanto, assaz incertas. Todavia, se alguma ganhar²⁷ concretizar-se um pouco, to direi.

Tambem por aqui nos não tem faltado inquietações. Ainda até hoje a polícia não nos concedeu licença para nos fixarmos aqui. Ha quasi [sic] um mez que esperamos resposta. Já ali nos chamaram várias vezes. E agora tem-nos lá os documentos de identidade ha 30²⁸ dias.

Não sabemos que pensar.

/2/

Quanto à nossa antiga senhoria, por portador que deve partir breve enviaremos o dinheiro para pagar uns berbicachos.

– Outro assunto:

Eu estou trabalhando com toda a força para as minhas encomendas em Portugal e Espanha. Longe duma grande biblioteca, necessitarei de quem trabalhe por mim, aí ou em Paris, tomando algumas notas. Como por vezes terá que ser trabalho aturado, tem que ser pago. Queres tu toma-lo à tua custa? Melhor que ninguém o poderias fazer, e, ainda que pouco, dalgum auxilio te serviria. Nem deverás ter qualquer melindre em aceita-lo, visto que me auxiliarias em trabalho pago e que doutra forma o não aceito eu. Associando-te ao meu trabalho, naturalíssimo é que te associes aos ganhos.

–

Estamos neste momento angustiosamente inquietos com o estado do Nuno²⁹, que nos dizem desesperado. Que passes o melhor possí-

27 Leitura duvidosa.

28 Leitura duvidosa.

29 Sobrinho do primeiro casamento de Armando, Nuno Manuel O. S. Z. Cortesão.

vel estes dias e que o Ano Novo te seja feliz e próspero são os nossos desejos, que estendemos, é claro à tua Esposa e Filhos.

Abraça-te o teu irmão amigo,

Jaime

7

Armando:

9-4-1935³⁰

Com carradas de razão terás extranhado [sic] os meus silêncios e perguntado quais as suas causas.

Aí vão. A par duma grave crise moral, isolamento, doença da Saudade, prisão do António³¹, etc. Uma extranha [sic] aventura de espírito. Depois de tantos anos em que a fonte de inspiração poética, quasi [sic] me secara, de súbito caí num transe de produção, tão activo, tão intenso e absorvente que ha uns trez meses de nada cuido, a não ser, claro, as obrigações literárias do ganha-pão. Não te escrevi, como quase a ninguém, a não ser tambem em correspondência da mais estrita obrigação familiar.

A uma pergunta haveria respondido, se as condições daí não tivessem mudado: à que diz respeito ao teu auxilio aos meus trabalhos. Entretanto, em parte, por influencia minha, resolvia-se continuar aí a entregar subsídios a algumas pessoas, entre as quais, a ti. E eu escolhia dos meus trabalhos de história para continuar a trabalhar, aqueles

30 Anotação de Armando: Resp(ondi) 12.IV.35.

31 O filho António Augusto Zuzarte Cortesão, 1916-1995.

que não necessitavam de investigação. Tinham desaparecido as duas razões que poderiam requerer³² a resposta.

Quanto, ao futuro, por agora não sei, se terei de prescindir de trabalhos que demandem longa investigação, tanto me é necessário restringir o meu orçamento. Para mais estou com grandes receios de que um dos

/2/

editores espanhóis me fique a dever uma quantia bastante grande.

E a propósito, julguei que tinha aqui comigo o volume dos Ensaios sobre a Estatística das p(rovíncias) p(ortuguesas) no Ultramar, de Lopes de Lima, referente à Guiné e Cabo Verde, Depois de muito procurar, e em vão, disse-me a Carolina³³ que tu, antes de ela encaixotar os livros, retiraste os que te pertenciam, como era de teu direito. Sucede, porém, que eu para a redacção do ultimo capitulo que tenho de entregar em poucos dias para a Hist(oria) de Portugal, contava com este vol. Faz-me uma falta enorme. Agradecia-te, se poderes enviá-lo com a maior urgência, em nome da Carolina e sem o meu apelido.

Leio num numero da Seara N(ova), que por acaso aqui me chegou, que vai sair o teu trabalho sobre cartografia, ainda este mez. Tenho o maior interesse em le-lo. E se mo enviasses este mez, aproveitar-me-hia e cita-lo-hia ainda³⁴ em capitulo da Hist. que tenho de acrescentar.

Peço-te o maior segredo sobre a produção poética. Vou tentar publica-la com pseudónimo, unica maneira, segundo creio de imprimir-se, se ainda assim a censura permitir. E tu que fazes agora? Com os melhores desejos de saúde para ti e todos os teus abraça-te o teu irmão muito amigo.

Jaime

32 Leitura duvidosa.

33 A mulher Carolina Ferreira Zuzarte Cortesão, 1888-1991.

34 Palavra riscada no original.

P.S. A direcção pedida:
 Alexandre de Seabra
 Temple University
 Box 223
 Philadelphia, PA

8

21-4-1935³⁵

Armando:

Mil agradecimentos pela tua carta e pelos esforços que empregaste em satisfazer os meus pedidos. Felizmente o Damião Peres, que tinha a maior urgência no meu original, deu-me à ultima hora, mais um mez de prazo. Isso me permitirá esperar pelo Lopes de Lima mais algum tempo e poder aproveitar ainda do teu trabalho, na parte relativa ao período que estou tratando. Mas peço-te que de toda a maneira procures conseguir-me o vol. do L. Lima. É-me indispensável. Trata-se da história da administração colonial, ainda que resumida, de 1640 a 1817.

Não desejo, como vês, apenas uma citação. Necessito de estudar o vol. indispensável neste ramo da história. Ainda que menos necessário, também me seria muito útil ter algum trabalho sobre Macau, nesse período. O que tenho aqui é insignificante. Se poderes também conseguir-me algo sobre o assunto, muito te agradecia.

Espero ansiosamente o teu trabalho, que lerei com a maior atenção. Podes contar com uma opinião sincera e fraterna. Nem outra te poderia dar.

35 Anotação de Armando: Resp(ondi) 27.

Agora um outro pedido. Na Biblioteca do Escorial existe um manuscrito português, que no Catalogo tem a cota Ç III.22 e o seguinte titulo:

/2/

Livro de sonetos e octavas de diversos auctores. De 1598. Pedia-te para mandares fazer fotocópia das seguintes poesias:

Carta. Guanhei [sic] senhora tanto em quereruos (fols. 10r.-11r.)

Carta Neste deserto vino desterrado (fols. 11v.-12r.)

Outra carta. Parti-me do meu bem, triste partida! (fols. 12r.-14v.)

Carta Tres vos escreuj s[e]nnora (fols. 44r.-45v.)

Claro que te enviarei o dinheiro para toda a despesa, incluindo a viagem ao Escorial, se tiveres de ali ir.

Razão do meu interesse, absolutamente secreta: creio que 2 ou 3 destas cartas são de Camões³⁶ e inéditas. A primeira é dele e impressa. Estou em correspondência com um especialista no caso, em Portugal, e se fôr, como eu suponho, publicaríamos algo sobre o caso.

Se necessitares do dinheiro adiantado para as despesas, dize. Como podes compreender, tenho grande interesse nisto.

Infelizmente o caso da Saudade é peor [sic] do que parecia. Terá de ir para altitude em Portugal. Estou vendo com o S. Silva³⁷ se arranjo coisa compatível com a minha situação. Creio que sim. O António continua preso, por imposição da Polícia de Informação.

Parece-me excelente o teu projecto de ir trabalhar p(ar)a Londres. Se assim for passarias por aqui. E, como nessa altura devo ter casa, passarias aqui uns dias. Espero me informes sobre o caso.

A melhor saude aos teus. Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

36 Luís de Camões, 1524?-1580.

37 Talvez se refira a José Joaquim Santos e Silva.

9

Armando:

2 maio 1935³⁸

Mil agradecimentos pela satisfação que deste e estás dando aos meus pedidos. Recebi, com efeito, o vol. de Lopes Lima. Peço-te para agradeceres, em meu nome e com os meus afectuosos cumprimentos, a tua Mulher.

Segue a carta que desejas para o Marañora³⁹. Ha tempos o Novais fez-lhe apresentar o Camilo⁴⁰ e mulher como meus irmãos, para efeitos de consulta. Não lhes levou nada e foi muito atencioso. Com efeito só agora o soube e por isso só agora agradeço.

A Carolina deve passar por aí muito brevemente para acompanhar a Saudade a Portugal. Creio que irá para o Caramulo. Felizmente tenho uns 6 contos a receber neste momento da Hist(ori)a de Portugal, pois tenho trabalhado sem descanço [sic].

Agora uma informação só para ti. Devo partir no domingo próximo para Paris, onde vou fazer uma tentativa com o meu companheiro, junto duma personalidade com quem estamos muito ligados e que podes calcular quem seja, para ver se conseguimos renovar os fundos daí, que, como sabes, estão exgotados [sic]. Além de tudo o mais, temos deveres imperiosos de assistência aos presos. Se conseguirmos alguma coisa em termos, eu procurarei, quando possível, que se atenda ao teu caso.

/2/

38 Anotação de Armando: Resp(ondi) 7.V.35.

39 Leitura muito duvidosa.

40 Camilo Zuzarte Cortesão Abreu, 1890-1966, na realidade primo direito.

Aproveitarei a ocasião para trabalhar ali na B. Nacional, de que estou muito necessitado, como podes calcular. Se tiveres os documentos do Escorial prontos, peço-te mos envies para ali dirigidos a J. Z. – Hotel Acropole⁴¹, boulev. Saint Germain e a nota das tuas despesas.

Repito: peço-te sobre esta viagem segredo absoluto. Camilo e Cesar⁴² sabem, mas melhor será não lhes dizer nada. Conto demorar em Paris, pouco mais ou menos, uns 10 dias.

Estou neste momento fazendo esforços em Portugal para arranjar editor para um livro, e caso o consiga, irei utilizar muito o teu trabalho. Se conseguir, te direi o que é. Espero noticias tuas em Paris. Se dali desejares algo, dize.

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

J.

10

Armando:

Paris

7-V-1935⁴³

A direcção que te enviei, por erro do informador, era insuficiente. Peço-te que escrevas para

Acropolis Hotel

160, boul. St. Germain

Paris (VI)

41 Riscado: Capital.

42 Júlio César de Almeida, 1892-1977.

43 Anotação de Armando: Resp(ondi) 10.V.35.

Por certo não me demoro aqui menos de dez dias. Gostaria muito de aqui receber o teu livro, pois poderia aproveitar de qualquer referencia bibliográfica que aí colhesse. Mas será quasi [sic] impossível, muito mais se confiaste esse encargo ao Camara Reis. Acabo de chegar e por enquanto tenho apenas sôno. Abraça-te o teu irmão mto. amigo

J.

11

Armando:

Paris

Acropolis Hotel

160, boulev. St. Germain

11.V.1935

Recebi a tua carta ontem e hoje as fotocópias, algumas das quais, por sinal, quasi [sic] ilegíveis. Não conheço o folheto de que falas e gostava, claro, de ve-lo. Peço-te que mo envies.

Não envio hoje o vale com os pontos, porque me parece raro enviá-las para a posta restante. Será isso regular? Não terás outro endereço? Responde e na volta do correio seguirão.

Tratarei do teu caso, como desejas. O Le Gentil⁴⁴ faz comptes-rendus em varias revistas sobre assuntos portugueses. Com certeza te faria uma boa notícia, e eu estou nas melhores relações com ele. Se quiseres gastar⁴⁵ o ego diz, que tratarei tambem por aí.

44 Georges Le Gentil, 1875-1953.

45 Leitura muito duvidosa.

A Nacional só abre no dia 13. Mas como⁴⁶ tenho a bibl(ioteca) da Sorbonne às minhas ordens (até trago livros para casa) estou mto. fadado; e por isso escrevo pouco.

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

J.

12⁴⁷

Armando:

Recebi hoje a tua carta e folheto com os programas da tua obra. Mil agradecimentos.

O La Roncière⁴⁸ tem estado fora, mas amanhã devo falar com ele. Quanto ao <Le> Gentil, o seu nome todo e direcção é

George Le Gentil

1, rue Monticelli (XIVe.)

Paris

Segue hoje o vale de correio e amanhã ou depois seguirá o livro de Le Gentil, que tenho muito gosto em oferecer-te.

Bem poderá ser esse projecto de que falas. A dificuldade está no editor. Espero pelo teu livro, para ver o que tem e o que lhe falta. Eu por aqui também encontrei ainda umas coisas em matéria de cartografia, ainda que assunto para estudar à la longue.

Por hoje mais nada. Breve escreverei mais. Um abraço do

J.

46 Riscado: que.

47 Carta sem data mas com anotação de Armando: Resp(ondi) 22.V.35.

48 Charles Bourel de La Roncière, 1870-1941.

13

Armando:

Biarritz

1-VI.1935⁴⁹

Não estranhes o meu silencio. Os últimos dias de Paris passei-os na cama com gripe [sic], com cujos restos vim para aqui, muito fraco e combalido.

Para mais, em plena doença, recebi um telegrama do J. de M.⁵⁰, anunciando-me que os dois acabávamos de ser expulsos de França, donde deveríamos sair num prazo de 12 dias, hoje aumentado de 3.

Temos, pois, de sair de França no dia 9 do corrente e daqui no dia 7, se não derem resultado as demarches que vários amigos meus, escritores e profs. da Sorbonne fazem em nosso favor.

Tremendissima espiga, depois das enormes despesas feitas com a ida da Saudade para o Caramulo, onde já está fazendo o pneumotórax!

Vai realizar-se em Paris um Congresso Internacional de escritores, cujo Comité me convidara a assistir; e⁵¹ está-se interessando pela revogação do estúpido mandato.

Não obstante tudo isto, não me esqueci do teu caso. O Le Gentil ocupar-se-ha largamente da tua obra no Bulletin Hispanique; o La Roncière⁵²

/2/

49 Anotação de Armando: Resp(ondi) 4.VI.35.

50 Jaime Alberto de Castro Morais, 1882-1973.

51 Palavra ilegível.

52 Por lapso, La Roucièr.

com quem falei largamente, no Bulletin de Géographie, mas dentro dum ano!

Aconselha-te, todavia, a enviar a tua obra às duas pessoas indicadas na carta junta, recomendando-te do nome dele. Disse-me que lhe falaria. No entanto, na ocasião de lhe enviar a obra, seria bom lembrar-lhe esta promessa, que me fez.

Tambem consegui o ex. da Litter(ature) Portugaise que ainda hoje não segue, porque estou tão arrasado que para escrever esta carta, o tive de fazer por 3 vezes.

Se tivermos que sair, iremos para Bruxelas. Conheces ali alguém que me possa ser útil?

Abraça-te o teu irmão amigo

J.

14

Armando:

2.VII.1935⁵³

Obrigado pela tua carta. Ainda não sei nada de definitivo sobre a minha situação, embora as impressões actuais sejam más.

Recebi ontem carta do Le Gentil, dizendo-me que tinha recebido os dois volumes do teu livro, pedindo-me para te transmitir os seus agradecimentos e prometendo escrever um compte-rendu para o Bulletin Hispanique, onde sairá, “por certo” no numero de I de Janeiro próximo. Antecipava já as suas boas impressões.

53 Anotação de Armando: Resp(ondi) 7.VII.

De Portugal nada sei. No Congresso dos Escritores para a “Defesa da Cultura” tive certo êxito pessoal. Fiquei com muitas relações, algumas das quais espero me sejam proveitosas.

/2/

Confidencialissimo: Ha aqui um consul, o de Rouen, Anahory⁵⁴, que tem passado recentemente passaportes aos emigrados que os desejam. Mas ha que paga-los, porque ele não recebe nada do Estado. Queres que tente um para ti? Se assim for, manda os retratos e o dinheiro – 180 francos. Infelizmente estou de tal forma esgotado com as despesas de Portugal e daqui, que não me é possível adeantar [sic] o dinheiro.

Assim envies as coisas a tempo, porque estão a fazer-lhe uma sindicância ou coisa parecida. Creio que o Camilo⁵⁵ também necessita. Claro: são passaportes para todos os paizes. Peço-te que o procures imediatamente e lhe transmitas isto mesmo que te digo, e que breve⁵⁶ lhe escreverei.

Quantos aos papéis peço-te igualmente que fales com ele. Ele deve estar em condições de arranjar alguém que os guarde.

Escreve e dize como vão os teus trabalhos e quando segues p(ar)a Londres. Um abraço do teu irmão mto. amigo.

J.

P.S.⁵⁷ A Saudade um pouco melhor. E a tua gente?

54 Israel Abrahão Anahory.

55 O primo direito, Camilo Zuzarte Cortesão Abreu, 1890-1966.

56 Leitura duvidosa.

57 Post-scriptum encontra-se inscrito à cabeça da f. 1 e não no final.

15

Armando:

24.VII.35⁵⁸

Recebi ontem a tua carta, a que só hoje respondo, porque só hoje tenho resposta à tua pergunta, que obtive aqui por intermédio dum amigo, que acho foi perguntar ao Zé Domingues, patrão político do nosso homem.

O Anahory foi demitido ha tres dias, ou antes recebeu essa noticia nessa data. Ao que parece ainda se demora uns dias em Rouen. Para não perder tempo, pois, eis o que te aconselho: dirige-te directamente a

Isaac [sic] Anahory
 Consul du P(ortugal)
 Rouen
 /2/

valendo-te do meu nome, se o não conheces, e pedindo-lhe que te passe um passaporte nas condições que desejas e com a antedata. Creio que to fará, atendendo ao caso, que pintarás com as cores levemente carregadas. Ele já não tem que perder... Mas é necessário não perder um momento.

Recebi enfim ha dois dias os dois formidáveis vol(umes) da Cartografia. Começo agora a ler. Apenas terminar, direi da minha justiça.

Eu tive prolongação [sic] do sursis até 15 de agosto. Espero que continuem a prolongar. E desejo

/3/
 bem que escapes breve dessa borrasca.

Eu trabalhando quanto posso. Da Saudade, más noticias...

58 Anotação de Armando: Resp(ondi) 25-VII.

Não recebi a tua carta de Boulogne.

Continua a dar as tuas notícias. Um abraço do teu irmão mt. amigo

Jaime

16

Armando:

6.XI.1935⁵⁹

O meu silêncio não se filia nas causas que supões. É uma consequência do meu drama. Forçado, sem o menor auxílio, a arrancar da pena o indispensável para manter-me aqui com a Carolina, e em Portugal os três filhos, dois na Universidade e um no Sanatório é tarefa que exgota [sic], oprime e enche de angustia. Os editores pagam, quando <querem> ou podem, o que mais complica a situação.

Dentro deste terrível mecanismo, que me ocupa todo o tempo, ainda não acabei a leitura total da tua obra, e este tem sido o motivo do meu silêncio, pois era meu desejo fazer-te um compte-rendu total das minhas impressões. Li o primeiro volume de uma assentada, numa rápida aberta das minhas preocupações. O segundo, que encontrei, não terminei. Posso, não obstante, dar-te desde já e sumariamente as primeiras impressões colhidas. O resto ficará para mais tarde, por carta ou conversa, se aqui vieres.

O teu livro é uma obra notável pelo enorme trabalho que supõe e pela benemerência do esforço. Constitue [sic] hoje um excelente instrumento de trabalho indispensável para quantos se ocupem do

59 Anotação de Armando: Resp(ondi) 10.XI.

assunto. Resume uma soma formidável de dados, quer novos, quer dispersos e mal conhecidos, permitindo rever o tema em bases muito diferentes.

Os dois defeitos principais de que sofre, a meu ver são:

1º excesso de análise, em detrimento da síntese; massa enorme de factos e documentos por elaborar; 2º o senso critico, mau grado a tua boa vontade, nem sempre está à altura do grande esforço realizado. Pecas, com frequen-

/2/

cia, por nacionalismo. Estou em completo desacordo com o capítulo sobre Colombo. Partes de bases falsas. Também pouco creio que a chamada carta de Colombo seja portuguesa. Suponho até que tu estás pouco convencido disso. Divirjo igualmente da data que lhe assinas.

E eis por agora. Em conversa ou com tempo te direi e indicarei muita coisa. Tomei notas e tenho coisas a indicar-te.

– Lastimo sinceramente a tua situação. Por pouco brilhante, não será inferior à minha. E bem gostaria, como calculas, ver-te por aqui algum tempo.

Imagina que, além de tudo, o caso da Saudade complicou-se. Tem que fazer uma operação, por operador estrangeiro [sic], e não sei como paga-la. Aliás, neste momento tenho apenas trabalho para uns 3 meses. Terminei os Descobrimientos precolombinos dos portugueses e estou agora a contas com a Historia do Brasil, os dois trabalhos para a casa Salvat, de Barcelona.

Essa edição da Cronica da Guiné seria, com efeito, de interesse. Falaste-me em tempos duma colaboração para o Geographical Journal. Eu mesmo cheguei a fixar o assunto: Novos dados sobre o problema do descobrimento precolombino da America. Ser-me-hia fácil faze-lo agora... em português. Já não será possível?

– De Portugal anúncios dum golpe próximo dado por um grupo de generais, entre os quais o próprio Passos e Sousa⁶⁰. Também não creio. Ha outra tentativa, mas demorada, género front populaire secreto. Ha talvez que esperar a possível falência do Mussolini. E ha o problema das nossas colónias. É positivo que se pense atirar uma parte como um osso à fome e à ferocidade alemã, se não à própria Italia.

E a tua situação de emigrado político aí? Eu tenho a minha regularizada até 15 de Fevereiro. Depois veremos. Escreve. Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

17

Armando:

17.XI.1935⁶¹

Comecemos pelo caso da tua instalação e orçamento em Paris. A tua preocupação de ficar junto da Biblioteca Nacional não é pratica. Esta é no centro da cidade, onde tudo é mais caro. Creio que o melhor será ficares no Bairro Latino, onde tens duas excelentes bibliotecas a de Ste. Geneviève e a da Sorbonne, além doutras. E d'ali em 10 minutos por autobus ou metro estás na Nacional. No Quartier Latin, rue de l'École de Medecine, ha um Hotel de St. Pierre, conhecido dos bolseiros portugueses, de quem tenho estas informações, onde podes ter instalação decente por 300 ou 400 fr. por mez. Quanto à comida, isso

60 Pode referir-se ao Coronel Aníbal César Valdez de Passos e Sousa, 1884-1954, ou ao seu irmão, General Abílio Augusto Valdez de Passos e Sousa, 1881-1966.

61 Anotação de Armando: Resp(ondi) 19.

varia muito, conforme o restaurante e o menu. Na propria B(iblioteca) Nacional, ha um pequeno restaurante para os leitores e funcionários, onde podes comer um almoço modesto, mas sofrível por c(erca de) 10 fr.

Isso mesmo e mais barato tens no Bairro Latino. Essa é uma das comodidades de ali ficar. Eu já ali almocei ou jantei por 6 fr. e até menos. Se te servir esta solução, dize para eu dar os passos necessários.

– Quanto aos teus achados no British⁶², bom é. Compensação a tantos dissabores. Pena tenho eu de não poder também ir lá fazer algumas investigações. Quanto á [sic] carta da Etiopia, cuidado! Eu conheço de ha muito uma carta da Etiopia do sec. 17, que está publicada em mais que um livro. É o resultado de mais de 30 anos de trabalhos dos jesuítas, que ali estiveram até 1636.

É um pouco mais antiga do que supões. Conhecem-
/2/

se os seus autores. A que descobriste não poderá ir muito longe desta. É certo que são coisas muito pouco conhecidas. Desconheces o que acabo de dizer-te? Se assim for, poderei ir aos meus verbetes e dar-te-hei as indicações que tenho.

– Quanto ao artigo para o Geogr(aphic) J(ournal) desapontou-me o preço que anuncias. Uma libra por 1000 palavras é muito mal pago. Sugeito [sic] a desconto, ainda peor [sic]. Contava, aliás, dizer-te que no caso de o traduzires, devias ter uma percentagem. Mas assim hesito. Tinha ficado com a ideia, pelo que me havias dito em Madrid, que pagavam 1 £ por pag. da revista. Essa tem cerca de 550 palavras. Tenho aqui um numero e fiz o calculo. Poderia fazer um artigo, cheio de substância. Dar documentos inéditos? Por este preço? Envio-te ainda assim um ligeiro sumário. Poderia dar o artigo nos começos do próximo mez. Mas desejava, por minha parte, saber com mais segurança quanto pagam e quando. Esta ultima questão não tem para

62 Por lapso, escreveu Britsh.

mim menor importância, como compreendes. Extensão, seria melhor fixarem-na eles, na certeza de que, perante este sumário, o artigo tem que ser longo.

– Bem pago seria essa edição da Cr(ónica) da Guiné em projecto. Por mais compendiosa que fosse, o preço era bastante remunerador. Sobre isso tenho muita coisa nova. Mas, como não <passa> ainda de projecto, não vale a pena falarmos.

– Agora um pedido: em tempos o Prestage⁶³ referiu-se a uma passagem dum escritor⁶⁴ inglês que em 1527 afirmava que o Brasil fora descoberto pelos portugueses antes da celebração do tratado de Tordesilhas. Estudei este trecho, que me pareceu ter mais importância ainda que aquela que Prestage lhe atribui. Mas como se tracta [sic] de in-

/3/

glês antigo, e eu até no moderno sou fraco, pedia-te para me enviases a tradução respectiva, revista por alguém de competência, se a tua não chegar para os arcaísmos.

O trecho referido vem em

Hakluyt (R.) Divers voyages touching the discovery of America and the islands, London, 1850 Nessa edição vem The Booke made by the right worshipful Master Robert Thorne, in the yeere 1527... O passo que me interessa está na pag. 45 a 47 e começa: Also, it should seeme, that... e acaba: ... the Cardes made by the Portingales, save those they have falsified of late purposely...

Obsequiava-me, se me enviasses isto com certa urgência.

E se por aí se publicar trabalho que interesse os meus trabalhos, não deixes de avisar-me.

63 Edgar Prestage, 1869-1951.

64 Riscado: mercador.

De Portugal, nada de novo ou de interessante.
Abraça-te o teu irmão mto. amigo

J.

P.S. Tamanho de artigo, cerca de 12 pag. ?

18⁶⁵

Armando:

Recebida a tua carta com a noticia sobre a evolução⁶⁶ da Sociedade de Geografia, e mil agradecimentos pelos teus esforços e boa vontade. Escrever neste momento um artigo longo sobre o assunto, sem a certeza de ser publicado, não me convem.

Necessito absolutamente dum certo numero mínimo de francos e é-me difícil, neste momento, distrair tempo e esforço, para tarefa de proveito incerto. E bem necessitava de trabalhos desse género, pois trabalhando para um único editor, o fatico com as remessas constantes de original e saques respectivos.

– O Reparaz⁶⁷, que tem uma encomenda dum trabalho sobre a Abissinia, deseja muito adquirir o livro de Charles F. Rey – The romance of the Portuguese in Abissinia... 1490-1633. London, H.F.& [G.] Witherby, 1929. Escreveu para um livreiro de aí, que lhe disse estar esgotada a obra. Pedi-me para ver se encontrava aqui. No alfarrabista a que fui, nem conheciam. O homem tem uma grande pressa de obter o livro. Não lhe poderias tu conseguir um exemplar, ainda quando não fosse senão emprestado? Tinha grande interesse em lhe ser agradá-

65 Anotações de Armando: Rec(ebi) 23.XI.35 e Resp(ondi) 1.I.36.

66 Leitura duvidosa.

67 Gonzalo de Reparaz Rodríguez-Báez, 1860-1939.

vel por motivos, que adiante exponho. Podes, se assim o entendes, escrever-lhe directamente se alguma coisa conseguires. Nota: o maior interesse dele é adquirir o livro. Direcção G. R. P. Jor. Bruch, 170 – Barcelona. E a propósito: peço-te que me digas quanto pode custar em francos o livro do Prestage – The Port(uguese) Pioneers.

/2/

– Aquele teu amigo, – Ferrão de Vasconcelos, prometeu-me em tempos 50 ex. da separata de um artigo do Arquivo Histórico da Mari-nha. Mandou-me, segundo creio, metade e nada mais. Acontece que o Rodrigues Migueis⁶⁸ que está em Nova York me escreveu pedindo um exemplar para um escritor americano, que deseja ocupar-se do assunto, e me promete em troca alguns trabalhos, que me interes-sam. Como compreendes, o caso não é para descurar. Rogo-te, pois, escrevas ao Fr. de V. pedindo-lhe com grande empenho para enviar um ex. da separata ou do num. respectivo do Arquivo a

Dr. J. R. Migueis

c/o S.1.P.A

93 – Nassau St. New York City

E, se fosse possível, enviar-me alguns ex. da separata, agradecia.

O Arquivo parou?

– A Saudade foi operada no dia 14, no Caramulo, por um operador de Barcelona. A operação correu bem, e as noticias até agora são boas. O Santos Silva, que foi do Porto, de propósito assistir à operação, finda ela telegrafou-me palavras animadoras. Ainda não sei quanto tenho de pagar, mas o Reparaz, que falou varias vezes sobre o assunto com o operador, e spon-te sua, obteve dele a promessa dum preço mínimo e a pagar, quando me for possível. O rapaz portou-se mto. bem.

Por aqui, de saúde regularmente. Mas, quand même inquietos pela pequena. E dos teus que noticias tens?

68 José Rodrigues Miguéis, 1901-1980.

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

J.

P.S. Ainda, quanto ao artigo: não desisto de o fazer e de to enviar, se me deres algumas precisões sobre a possibilidade de o fazer publicar.

19

Armando:

11.I.1936⁶⁹

Recebi a tua carta do dia e o postal de ontem. Responderei ponto por ponto.

Quanto ao meu artigo. Nunca me respondeste a uma questão essencial. Depois de entregue e, se o aceitam, quando pagam? Vivo por tal forma, au jour le jour, que me é quasi [sic] impossível trocar o certo pelo duvidoso. Acresce que redigir em Francez me leva muito mais tempo. Se fosse possível, faze-lo traduzir do portuguez, procuraria uma aberta e falo-hia [sic], apenas me fosse possível. Mil agradecimentos pelos teus esforços.

– Quanto ao Fr. de Vasc., com que⁷⁰ não tenho relações, nada recebi até agora.

– Muito gostei de saber que tens aí livros do Boxer⁷¹ para mim. Do pouco que conheço deu-me a impressão de trabalhador consciencioso. E oxalá obtenhas o do Prestage.

69 Anotação de Armando: Resp(ondi) 13.

70 Por erro, quai.

71 Charles Ralph Boxer, 1904-2000.

– A Saudade está em plena convalescença. O caso por enquanto não corre mal. Mas imagina que o malandro do operador, depois de afirmar ao Reparaz que eu não tinha que preocupar-me <com pagamento> dada a minha situação de exilado e o facto de ser colega, chegou ao Caramulo e fez-se pagar de 3 mil escudos, creio que o mesmo que recebeu por cada um dos restantes 8 operados! O director do Sanatório é amigo intimo do Salazar e situacionista ferrenho. E eu, sem dinheiro para pagar! Tomara poder pagar em dia a mensalidade da estadia.

/2/

– Tenho interesse em ler esse artigo de que falas. Mandarei o que poder [sic] para Portugal. Chegará ou não...

Tu és maior e vacinado. Mas, como irmão permito-me fazer-te uma observação: não te convem aproximar-te [sic] muito do C. Leal⁷². Tem um nome tal que a sua companhia, segundo creio, não pode beneficiar ninguém. Mas também é possível que me engane.

Sinceramente te felicito por esse subsidio que conseguiste. Foi uma verdadeira sorte. Ignorava completamente a existência de tal instituição. Não seria possível que eu, em condições semelhantes às tuas, beneficiasse dessa Providencia? Neste momento tenho trabalho para pouco mais de um mez. Depois ?!?!

– Quanto a Portugal secretissimamente, só para ti: Está-se tentando uma grande organização género Front Populaire. Recebo noticias bastante animadoras. Por enquanto um pouco caotico. Mas trabalha-se a serio. Recebo noticias directas, da melhor fonte, mas em cifra tão apertada que me escapa 50%. Sem optimismos excessivos, o meu cepticismo diminui. Irei avisando do que souber. E aqui falaremos. Creio, aliás, que é necessário contar com a evolução exterior, a que estou muito atento.

72 Francisco Pinto da Cunha Leal, 1888-1970.

– Muito obrigado pelo que fizeste no caso do Rey. Creio que o moço não demorará a paga.

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

J.

20

Armando

16.I.1936⁷³

Obrigado pela tua carta e impressos juntos do Academic Assistance Council, que ontem recebi. Não respondi imediatamente como é de meu interesse, pela necessidade de terminar ontem um pequeno trabalho. Estudados os papéis com atenção, ocorrem-me algumas dúvidas que passo a expor-te, para que me ilucides [sic], pois naturalmente possues melhores elementos de informação.

I. Dos papéis não consta que a participação numa revolução impeça a concessão do grant⁷⁴. Como o sabes? É um ponto capital por causa da escolha dos informadores. Pergunta o Council a estes por essa espécie de actividade? Nesse caso tinha que restringir o numero deles às pessoas a quem podesse [sic] pedir discrição.

II. Neste ultimo caso poderia indicar como seguros: aí, Boxer (segundo creio); aqui, Prof. Le Gentil⁷⁵; em Espanha, prof. Ballesteros, ou Americo de Castro⁷⁶, ou J(os)e M(ari)a Ots Capdegui⁷⁷, director do

73 Anotação de Armando: Resp(ondi) 18.I.

74 Leitura duvidosa.

75 Esta frase permitirá colocar a redação da carta em França.

76 Américo Castro y Quesada, 1885-1972.

77 Jose Maria Ots Capdeguí, 1893-1975.

Instituto Hispano Americano da Universidade de Sevilha, onde leccionei; em Portugal, Damião Peres, Hernani Cidade⁷⁸, David Lopez⁷⁹, J. de Carvalho⁸⁰.

Aqui poderia também indicar o La Roncière. Foi sempre mto. gentil comigo. Considera-me um sábio! Mas é muito reaccionário. Tenho também o Gabriel Ferrand⁸¹. Mas teria de ir visita-lo; e ele está muito velho, e não sei quando responderia.

/2/

A mesma duvida tenho do Roucién⁸². Todos os outros considero gente fixe. Em vista do panorama d'aí peço-te que me digas quais os nomes que melhor te parecem. É pena o que dizes do Prestage, pois nos seus livros mostra viva consideração por mim. Creio, todavia, que um nome de cada um dos 4 paises bastará.

Devo dizer-te ainda o seguinte: no verão do ano passado houve aqui um "Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura" no qual eu tomei parte como delegado dos escritores portugueses. Daí saiu a Associação com o mesmo título. Eu, como secretário do bureau portugues, pertença ao bureau central de Paris. Por esse motivo podia a⁸³ grandes nomes literários, como A. Huxley⁸⁴, ⁸⁵ Foster⁸⁶, etc. E aqui nomes como o André Gide⁸⁷. Mas é tudo gente muito de esquerda. Convirá?

III. Quanto às perguntas do questionário. É necessário apontar quanto ganhava como director da B.N.? Tenho vergonha, pelo paiz,

78 Hernâni António Cidade, 1887-1975.

79 David Amaro de Melo Lopes, 1867-1942.

80 Joaquim de Carvalho, 1892-1958.

81 Gabriel Ferrand, 1864-1935.

82 Leitura duvidosa.

83 Palavra ilegível.

84 Aldous Leonard Huxley, 1894-1963.

85 Riscado: ou.

86 Edward Morgan Forster, 1879-1970.

87 André Gide, 1869-1951.

de o dizer. Quanto às religiões e ao “read, speak, write English” supponho que não é necessário responder.

– Voltando ainda à Associação Internacional de Escritores, se a concessão de grant te parece duvidosa, e a intervenção duma dessas grandes figuras literárias inglesas eficaz, não me seria difícil provoca-la.

– Quanto ao artigo, na primeira aberta, escreve-lo-hei;

Peço-te resposta pronta.

Abraça-te o teu irmão mto. amigo.

Jaime

21⁸⁸

Armando:

23.I.1936⁸⁹

Obrigado pelos teus segundos informes, conforme aos quais redigi os informes, que enviei ha 3 dias e de que já me acusaram recepção!

Entendi de um dever escrever ao Boxer agradecendo-lhe o gentil oferecimento que te fizera, e enviando-lhe copia do meu curriculum vitae, lista de obras, e dum certificado da Universidade de Sevilla.

88 Carta acompanhada de cópia de ofício de 24 jan. 1933 da Universidad de Sevilla, assinado por José Maria Ots, cujo texto é do seguinte teor: Tengo el honor de poner en su conocimiento que en la sesión celebrada el día 23 de los corrientes por la Junta de Patronato del Centro de Estudios de Historia de America, se tomò el acuerdo siguiente: Oído por la Junta el informe del Sr. Director técnico del Centro sobre el éxito com que se ha venido desarrollando el Curso monografico explicado por el eminente historiador portugues Don Jaime Cortesão debido a la alta calidad científica del contenido de sus lecciones, acordo que constase en Acta la satisfaccion de la Junta y que el Sr. Director técnico del Centro notificase por Oficio este acuerdo al Sr. Cortesao.

89 Anotação de Armando: Resp(ondi) 1.2.36.

Tambem te envio este ultimo. Se por acaso Mr. Adams⁹⁰ não conhe-
cera [sic] espanhol, pedia-te o favor de lho traduzires.

Desejava que me informasses, se te é possível, da data aproximada
em que o Quintanilha⁹¹ entrou em relações com o Ac. Ai. C.⁹² e, por
intermédio de quem. Suponho que tenha sido por favor do prof. P.
Rivet⁹³, mas gostaria de averigua-lo. Ele já foi assistido? E com que
soma?

O Reparaz cumpriu?

De Portugal não tive mais noticias. Vem às revoadas. Em tendo
mais direi.

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

[escrito à margem. na vertical] P.S. A. Sergio⁹⁴ já está em Madrid
com a senhora.

22

Armando:

3.III.1936⁹⁵

Recebidas as tuas duas cartas com os informes respectivos, que
muito agradeço.

90 Sir Walter Adams, 1906-1975, Secretário do *Academic Assistance Council*.

91 Aurélio Pereira da Silva Quintanilha, 1892-1987.

92 Leitura duvidosa.

93 Paul Rivet Lajoux, 1876-1958.

94 Leitura duvidosa.

95 Anotação de Armando: R(espondi) 12.IV.

Transmiti o teu pedido ao Deulin⁹⁶, que prometeu mandar recado ao fotografo. A minha conferencia correu, ao que parece, bastante bem. Varios historiadores falaram no fim, e entre eles o la Roncière, que se referiu ao teu trabalho com louvor. A todos respondi com felicidade. Envio-te hoje pelo correio provas dos dois artigos do Archeion sobre o teu livro, que pedi ao Mieli⁹⁷, para te enviar.

/2/

Quanto aos livros, quando tiver dinheiro talvez pague do Nausen. E tenho uma tal necessidade do livro dos Shillington e Chapman, que te peço encarecidamente busques saber se o editor ainda tem exemplares, – o que será provável.

Soube que o Comite de As. Ac. tem em tramite processos para assistir o Abel Salazar⁹⁸ e Rodrigues Lapa⁹⁹. Estes, pelo menos. Quanto a mim, nada por enquanto. Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

23¹⁰⁰

Armando:

11.V.1936¹⁰¹

96 Talvez Georges Deulin, 1892-197-?.

97 Aldo Mieli, 1879-1950.

98 Abel de Lima Salazar, 1889-1946.

99 Manuel Rodrigues Lapa, 1897-1989.

100 Carta acompanhada de prospeto impresso da obra Portugal na História da Civilização, da Portucalense Editora (jun. 1936).

101 Anotação de Armando: Resp(ondi) 16.V.36.

Obrigado pela tua resposta sobre o livro e pelas palavras que me disseste a propósito de caso da Judite¹⁰². Ela continua no hospital e incomunicável, e segundo as ultimas noticias, sem esperança de sair tão breve. Podes calcular que inquietação e desgosto isso me tem causado – tudo agravado com dificuldades financeiras, causadas pelas demoras portuguesas costumadas em tempo. Comecei a trabalhar num novo livro para a Portucalense, mas pessimamente pago. Só devido a esta situação, não fui ainda para

/2/

Espanha¹⁰³, onde começava, aliás, a ser necessário.

Quanto à tua resposta à critica da Arkeion, diz o Aldo Mieli que será benvinda. Envia-a, pois, quando quiseres.

Fiz aqui, como sabes, uma conferencia sobre o Desc(obrimento) prec(oce) da America, que com pequenas modificações e algumas notas dá um artigo, bastante sólido e novo, de revista. Não to enviei ainda para tentar a hipótese do G(eographic) Journal por duas razões: 1ª porque tinhas tu próprio um artigo lá para sair; 2ª, porque, pelo que me disseste, a publicação seria incerta ainda que provável, mas o pagamento sempre tardio. Se bem me lembro, falas-

/3/

te-me em tempos da possibilidade de o fazer publicar noutra revista qualquer. Peço-te que me digas se haveria possibilidade de o fazer em qualquer publicação com relativa rapidez de pagamento. Nesse caso enviar-to-hia rapidamente, e em francez.

Da Academic nunca recebi resposta.

Já quasi [sic] não tenho esperança. Ainda assim se indirectamente podesses [sic] saber algo, agradecia. Até uma certeza negativa tinha valor.

102 A filha Maria Judith Zuzarte Cortesão, 1914-2007.

103 Pode deduzir-se daqui que nesta data se encontrava em França.

– De Portugal, mais do que nunca noticias optimistas. Fim próximo da dictadura, sob pressão dos perigos exteriores gravíssimos, – anunciam... e eu ponho de reserva.

Ha 15 dias R. de Carvalho en-
/4/

trou pela 5ª ou 6ª vez para comandar a R(evolução). Mas por enquanto nada. Nisto menos tenho fé.

E os teus trabalhos? E saude?
Abraça-te o irmão mto. amigo

J.

24

Armando:

22.V.1936¹⁰⁴

Recebi a tua 2ª carta ao Salazar, que achei bem, ainda que o estilo da 1ª, salvo os reparos que então fiz, me parecesse mais castigado. Extranhei [sic] apenas que não fizesses referencia às declarações do Loyd [sic] Georges – que entende que para calar a Alemanha se lhe devam dar colónias portuguesas. Já enviei quase todos os ex. para Portugal.

Junto envio um cheque, que o meu editor de Barcelona me enviou – ultimo produto do meu trabalho para ele! – mas em libras e que aqui me não quiseram pagar. Quer dizer, enviavam-no para aí a pagamento, mas que antes de 12 dias não estaria aqui o dinheiro. 12 dias para mim é muito, pois já comecei novo trabalho, mas ainda não

104 Anotações de Armando: 25.5.0 em 25.V.36 e postal enviado.

recebi nada. E, como me disseram que o mais rápido seria faze-lo toucher [sic] por pessoa amiga em Londres, peço-te o favor de o receber e me enviases para aqui o dinheiro, em francos ou libras, deduzida a importância das despesas que fizeres.

De Portugal não tenho noticias de interesse. A Judite continua presa, e ha apenas a esperança... de a porem na fronteira.

Estou transformando a minha conferencia em artigo para ta enviar brevemente. Um abraço do teu irmão mto. amigo

Jaime

25

7.VI.1936

Muito obrigado pelo trabalho que tiveste com o cheque, que recebi, conforme anunciaste.

Desejava que me informasses sobre o que passo a expor-te.

Do dia 19¹⁰⁵ ao dia 23 deste mez realiza-se aí em Londres, uma reunião do Bureau da Associação Internacional dos Escritores para assentar no plano duma Enciclopédia Internacional das Artes e das Letras. Fui convidado para tomar parte na reunião, e pagam-me as viagens. Tenho, por todas as razões grande empenho em ir.

/2/

Mas não sei ainda o que me dão para a viagem e pedia-te para me informares da despesa que eu poderei fazer aí, em 5 ou 6 dias de estadia: – albergue, alimentação e transportes. Não terei muito tempo para passear, pois o programa dos trabalhos é um pouco carregado.

105 Parece emendado de 31.

Albergue e alimentação para emigrado. Necessitaria deste calculo para confrontar com o dinheiro recebido. É certo que tambem aí podem destinar alojamento para nós. Mas só nas vésperas receberei programa completo e dinheiro.

Outra dificuldade é a do passaporte, que ainda não sei como resolver. Do que tinha ter-

/3/

minou o prazo.

Estarás disposto a guiar-me aí um pouco?

– No dia 18 do mez passado devia ter rebentado uma revolução em Portugal, chefiada por R. de Carvalho e com o concurso de muita gente da situação. À ultima hora, na véspera, o chefe (?) depois duma discussão com um oficial e o anuncio dum empeno que sobreveio, mas, ao que parece, de pequena importância, raspou-se para a Espanha, com indignação geral. Trabalham para por a maquina de pé com novo chefe, que procuram. São noticias seguras.

/4/

A Judite continua na mesma situação.

E tu, esperas ser abrangido pela amnistia?

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

26

Armando:

7.VII.1936¹⁰⁶

106 Anotação de Armando: Rec(ebi e) Resp(ondi) 9.VII.36.

Uma nova complicação vem apressar a minha partida para Madrid, mas em péssimas condições. A Juditinha fugiu do hospital, onde estava presa! E naturalmente procurará alcançar a Espanha. A inscrição da edição especial do meu novo livro é mais demorada do que pensava, mau grado o seu interesse. Junto envio um ex. do prospecto, para avaliação. Estou-me preparando para partir d'aqui no dia 12, mas irei quasi [sic] sem vintém.

Nestas condições, peço-te que me digas na volta

/2/

do correio se tens alguma esperança de fazer publicar com brevidade o meu artigo. Muito necessitava de sabe-lo, para deitar contas à vida.

Podes lembrar-me o nome d'alguem em Lisboa que pudesse colocar alguns ex. da edição especial do livro?

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

(P.S.) Vão juntos estes selos que daí trouxe e me não servem.

27

Armando:

12.VII.1936

Recebi hoje de manhã a tua carta com a noticia sobre a publicação do artigo, que me deu prazer e te agradeço muito.

Pena é que demorem o pagamento, pois ha muito não tenho tão grande necessidade de dinheiro.

Por este mesmo correio escrevo ao Prestage agradecendo, não obstante partir dentro de 2 horas para Madrid. Ainda não sei para onde vou, mas, se necessita-

/2/

res de me dizer alguma coisa com urgência, podes escrever ao cuidado de

J. de Castro – Rios Rosas, 4, 4º Ext. D. Madrid

Direcção do Mieli (A.)

Hotel de Nevers

12, rue Colbert (2e)

De Madrid escreverei. Um abraço do teu irmão mto. amigo

Jaime

28

Armando:

Madrid – Pension Rialto, Pi y Margall, 22, 3º A

14 de Set. de 1936

É a terceira vez que te escrevo sobre o mesmo assunto, e extranharia [sic] o teu silencio, se não estivesse certo de que pelo menos da segunda vez a censura embargou a minha carta.

Dizia-te eu em carta anterior que, cortadas as comunicações com Portugal, e, por consequência, sem de ali haver recebido até hoje dinheiro algum do meu livro, a minha situação financeira era péssima.

Com o decorrer do tempo tornou-se asfixiante. Pedia-te para que procurasses receber o dinheiro do meu artigo no Geographical

Journal.¹⁰⁷ Calculo que, volvidos mais de 2 meses e meio sobre a sua entrega, não seja difícil recebe-lo. Se o fosse¹⁰⁸, peço-te igualmente [sic] que procures interessar no caso o Sor. Edgar Prestage, pois a minha situação tor-

/2/

nou-se verdadeiramente aflitiva, como podes calcular.

Como posso ter necessidade de sair de Madrid e até de Espanha, peço-te envies o dinheiro em francos para o sogro do G. de Reparaz:

Mr. A Chambord

95, Av. Du Parc-de-Lescure

Bordeaux

a quem dirás que o fazes com o consentimento do genro. Este senhor enviará depois o dinheiro em pesetas para o Reparaz. Rogo-te que ponhas nisto a maior brevidade, pois dia-a-dia, a minha situação se complica.

Envio junto duas cartas – uma para os meus filhos e outra para o D. Perez – que peço envies para D. Joaquim de Abreu, r. dos Vanzeleres, 107. Do dinheiro a receber deduz os gastos com este encargo. Eu, confiante. Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

29

Armando:

11.XI.1936¹⁰⁹

107 Riscado: e uma.

108 Leitura duvidosa.

109 Anotações de Armando: Rec(ebi) 17 e Resp(ondi) 19. Noutra anotação parece ler-se: Id. 4.XII.

Residencia hispanoamericana
 rambla de Cataluña, 13, 2º
 Barcelona

A minha situação ao saber dos acontecimentos, tem sido tão incerta e negativa, que não tenho tido animo de escrever-te, tanto mais que receava dar-te uma direcção, que, passados dias, não correspondesse à minha morada.

Felizmente os acontecimentos começam a fixar-se e tudo leva a crer que mudarão de rumo. Mais do que nunca tenho confiança na vitória, ainda que nada se possa prever quanto à duração da luta.

Aqui nas diferentes frentes ha mais de 2:000 compatriotas nossos combatendo, e muitos em logares [sic] de

/2/

mando e de importancia.

Em Madrid continuam ainda J. de Moraes, cujos 3 filhos¹¹⁰ estão combatendo naquela frente, o C(omandan)te Pio¹¹¹, o Utra¹¹², o Anahory, etc. Ha dias foi ali ferido com duas balas o Meneres. Estado delicado.

Aqui está o Alexandrino¹¹³ no Estado Maior do Exercito da Catalunha, o Cesar¹¹⁴, o Moura Pinto¹¹⁵, isto para falar-te apenas dos conhecidos.

Estamos organizando a União dos Antifascistas portugueses, que já tem existência oficial. Sobre este assunto e outros trabalhos nossos,

110 Nas Brigadas Internacionais estariam 4 filhos de JM: Fernando de Moraes, Capitão dos Carabineiros; Mario de Moraes, Tenente dos Carabineiros; Óscar Waldemar Secca de Moraes, Capitão de Artilharia, e Rui Moraes, Tenente de Engenharia.

111 O Tenente-Coronel Francisco Oliveira Pio, 1897-1972.

112 Fernando Pais Teles de Utra Machado, 1882-1949.

113 Talvez Alexandrino dos Santos, n. 1891.

114 Júlio César de Almeida, 1892-1977.

115 Alberto Moura Pinto, 1883-1960.

teria muito que dizer-te, mas, como podes compreender, não posso faze-lo por este meio.

Recebi em devido tempo o cheque que fizeste favor de enviar-me com as 8 libras. Mil agradecimentos. Como ficas

/3/

aí com a faca e o queijo na mão, na devida ocasião recolherás o que te pertence. Recebi igualmente [sic] por intermedio do Reparaz duas cartas tuas – as únicas que me chegaram às mãos – e os 2 recortes do Times e do Notícias. Bom¹¹⁶ foi, ainda que tarde a publicação naquele; excelente no segundo e nos demais jornais portugueses, onde, ao que me dizem, foi também publicado. Apesar dos insultos e dos comentários do costume, estamos informados que o documento causou boa impressão. Do mais que souber sobre este assunto, não deixes de comunicar-me.

Eu se os acontecimentos daqui entrarem, como espero, em caminho de melhoria, escreverei com mais frequen-

/4/

cia.

Considero tão grave a situação de Portugal, que neste momento começo a estudar a forma de fazer sair dali os filhos.

O meu trabalho, em meio de tão grandes solavancos, segue roncemente. E o teu?

Se o nosso amigo C(api)tain Boxer já tiver publicado um artigo aí me anunciou sobre cartas e regimentos portugueses no Japão, dize-lhe que lhe peço não se esqueça, segundo o prometido, de mo enviar. Apresenta-lhe a ele e à S^a D.¹¹⁷ Margarida Corte-Real os meus cumprimentos,

116 Leitura duvidosa.

117 Leitura duvidosa, parece ler-se: X.

Os nossos afectuosos cumprimentos a tua Mulher. Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

30

Armando:

24.XII.1936

Começaria por fazer votos por que o Novo Ano te corra feliz e próspero. Já seria tempo.

Junto envio um pedido e nota, redigida pelo Dr. J. de M.¹¹⁸ mas que ele te faz em nome de todos os que aqui estamos.

Organizamos a União dos portugueses antifascistas, residentes em Espanha, a cuja direcção pertencço. Em França estão fazendo o mesmo. Alguns amigos nossos estão igualmente [sic] promovendo a publicação dum manifesto a assinar pelos d'aqui e os de Paris, ou seja por toda a emigração. Já redigi um projecto de manifesto, nesse sentido, e que seguiu para Paris.

As minhas impressões sobre a situação d'aqui vão melhorando. Quanto ao nosso paiz [sic] partilho os teus cuidados. Vamos a ver se a tentativa de esforços comuns dá resultado. De lá veem noticias, que parecem animado-

/2/

ras.

118 Jaime Alberto de Castro Morais, 1882-1973.

Quanto à minha separata peço-te que fiques com um ex., ofereças outros em meu nome ao E. Prestage e Boxer, e a mais alguém que te pareça e me envies os restantes.

Pelo que respeita ao dinheiro, gere¹¹⁹ como se te afigurar melhor para os meus interesses; e envias o que fôr para Mr. Chambord¹²⁰.

Temo que na tradução te equivocasses, na¹²¹ substituição da designação dum mapa. Fiquei com esta impressão dum carta tua, que me escreveste para Paris, mas que em vão tenho buscado entre os meus papéis.

O tenente-coronel Pio, que esteve gravemente ferido vai melhorando. O mesmo acontece ao tenente Meneses, ferido com quatro balas. O Pio esteve em risco de lhe ser amputada uma perna.

Lembranças afectuosas ao capitão Boxer e a Mlle. Corte-Real.

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

J.

31

Armando:

3-I.1937¹²²

Recebidos os números do G(eographical) Journal e as separatas do meu artigo, assim como as tuas cartas de 26 e 28 do mez passado, com alguns recortes de jornais.

119 Leitura duvidosa.

120 A Chambord, sogro de Gonzalo de Reparaz, já referido na carta 28.

121 Palavra emendada.

122 Anotações de Armando: Resp(ondi) 9.II.37 (com recortes) e 23.II.37 [ilegível].

Obrigado pelo teu esforço em relação ao artigo a as massadas respectivas, que avalio. Infelizmente escaparam duas gralhas importantes, pelo menos.

A pag. 32, linha 43 a seguir a south-west falta: “and the north-west”.

A pag. 41, linha 36, onde está: “In other words” deve ler-se “On the other hand”.

Esta ultima errata compromete inteiramente o sentido, pois no¹²³ trecho se trata de dois caminhos para a India: o do Cabo da Boa Esperança e o da passagem do nordeste.

Poder-se-hia ainda fazer as emendas respectivas na revista e nalguns exemplares, como o do Prestage?

/2/

Infelizmente os últimos maços de jornais que enviaste não me chegaram às mãos. Coisas da guerra! Chegaram, sim, as duas cartas com os recortes que vinham dentro. E esses foram imediatamente radiados para Portugal, com os devidos comentarios. Os recortes do Times e D(aily) Teleg(raph) com largo comentário meu, são hoje radiados por 2 das 3 estações de que dispomos. Quanto ao manifesto, estamos dispostos a escreve-lo, mas quando haja informes definitivos, que tu próprio não tens e pediste para Lisboa. Não conhecemos aqui os termos do desmentido do Salazar, coisa mto. importante. Por outro lado, é necessário conhecer igualmente [sic] o sentido das propostas do Ribentrop aí.

De toda a forma te pedimos que

/3/

estejas o mais atento possivel e nos informes de tudo. Quanto aos maços de jornais, dizem-me nos Correios que melhor será mandá-los, reduzidos às folhas mais importantes em largos subscritos [sic] abertos.

123 Riscado sentido.

E para mais segurança pedimos-te que os dirijas em meu nome, mas acrescentando

al cuidado de

D. Rafael Andres Lopes

Secretario del Administrador Principal de Correos

Creio¹²⁴, todavia, que os recortes mais importantes será conveniente manda-los como até agora por carta. Ficamos sem saber o que diziam os jornais de Londres sobre as bombas de Lisboa. Tão pouco de ti recebi nada, o que extranhei [sic]; Ter-se-hia extraviado carta?

/4/

Junto remeto o teu carnet da U.P.A. Preço do carnet 5 p(ezet)as, quota mensal mínima 1 p(ezet)a. Breve seguirá também a credencial de delegado.

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

32

Armando:

14.I.1937¹²⁵

O teu esforço está sendo justamente apreciado; e, como resposta e agradecimento seguem as folhas juntas, a que pouco tenho que acrescentar. Por agora apenas isto: esperamos com relativa brevidade um delegado de Portugal. Por esse poderemos então ajuizar melhor do que ali se passa e das possibilidades duma acção.

124 Riscado Junto remet

125 Anotação de Armando: Resp(ondi) 21.I.37.

Julgo que já te respondi ao caso do Alexandrino. Com efeito, o filho foi aprisionado pelos rebeldes e fuzilado. Nessa altura já tinha o posto de capitão e dizem todos que se havia portado sempre com bravura. Existe até na frente o batalhão Henrique Alexandrino.

Dos feridos as noticias conti-

/2/

nuam a ser boas.

Peço-te que, com a possibilidade me respondas ao seguinte:

Porventura, a M(aria) Luiza Moura Pinto¹²⁶, por causa das perseguições, que sofre em Portugal tenha que emigrar para aí, indo viver para casa duma família inglesa, amiga, que habita numa pequena cidade nas cercanias de Liverpool. Trata-se duma família da pequena burguesia. Quanto seria de razão dar a essa família, como compensação pela alimentação? Peço-te me respondas com a possível brevidade.

O meu artigo sempre sai este mez?

+ Carolina agradece e retribue as tuas lembranças.

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

33

Armando:

Barc(elona)

22. IV. 1937

126 Maria Luísa Moura Pinto [Rabinovitch], 1915-1995.

Recebi ultimamente, por intermédio de D. Andres¹²⁷ e do dono da pensão, as tuas queixas sobre o meu silencio e o teu pedido de notícias.

Ainda que já não escreva ha certo tempo, o meu silêncio está longe de ser tão prolongado. Por certo se perdeu alguma carta minha, o que não me espanta. Tambem ha certo tempo as minhas cartas não chegam a Portugal; e da correspondência do J. de Moraes perde-se uma grande parte entre a França e o ponto de destino.

Ainda não conseguimos esclarecer

/2/

este mistério, embora de algo suspeitemos. A fuga deve ser em França.

Esta espero que te chegue, pois seguirá de avião e irei eu próprio entrega-la a D. Andres. E a propósito: os dois livros que me anunciaste sobre Espanha e Portugal nunca me chegaram às mãos. Se os enviaste registados, convinha inclusivamente que reclamasses, pois D. Andres tinha interesse em saber que resposta te davam, pois supõe que a culpa não é dos correios espanhóis.

Razões do meu silencio: política e poesia. Principalmente esta.

Veio-me a inspiração sobre temas de guerra; alguns amigos incitaram-me a escrever; e quando

/3/

caio nesse estado, fico completamente impossibilitado de qualquer outra actividade. Aproveito um momento de intervalo para escrever-te.

A saúde, à excepção duma gripe, que me massou [sic] durante uns 10 dias, não tem sido má. Tambem a política me teve arredado d'aqui e absorvido durante alguns dias.

127 Rafael Andrés López.

Estamos neste momento numa grande actividade; e surgiram na nossa frente hipóteses muito interessantes. Se chegam a concertar-se, teremos que falar, ou vermo-nos.

Tambem, segundo creio, ha possibilidades sérias dum entendimento com Paris. Quand mème...

/4/

Eu continuo aqui com a Carolina, mas quero ver se as pequenas veem juntar-se-me, pois tenho más noticias de ambas, quanto à segurança e saúde.

Cá fico esperando a resposta ao meu artigo do G(eographic) Journal. E, por certo, responderei, se valer a pena.

Interessou-me muito o teu artigo. A seu tempo farei alguns reparos.

Esse meu amigo, que esteve aqui ha tempo contigo, já voltou ao seu paiz com novas ordens e novos meios. Mas a Sociedade Comercial, a que pertence, pensa em mais altos projectos.

Como vou fechar a lira à chave (et pour cause...) prometo escrever agora com mais assiduidade. Quanto a jornais, conviria muito que enviasses aqueles que interessam mais directamente ao caso português e o mais importante sobre Espanha. Aproveitam muito. Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

34

Bar(celona).

31.V.1937¹²⁸

128 Anotação de Armando: Rec(ebi e) Resp(ondi) | 5.VI.37 – por avião.

Armando:

No meu regresso de Valencia¹²⁹ onde estive com G. do M. cerca de 3 semanas, vim encontrar a tua carta de 22. Agradeço o envio do artigo de Lione e a copia de parte da carta do G. C.

Apenas tiver umas horas de tranquilidade (cada vez mais difíceis de obter) responderei sobriamente. Mas provavelmente serei¹³⁰ o portador da resposta.

Responderei agora ao teu questionário:

A morte do A. C.¹³¹, sob o ponto de vista politico ou antes da eficiência revolucionária, está longe de representar uma perda sensível. Creio que terá compensações unificadoras.

Fidelino¹³² está preso, sim, há uns meses, mas ainda não foi fuzilado. Espião, muito protegido. Carlos Saraga¹³³ creio que foi preso e já está solto.

– “Muito me admiro de que V. não consigam...” dizes na tua carta. Já está assente em princípio. Resultado da viagem que refiro. Volto ali com o meu homónimo¹³⁴ dentro de 4 dias para fixar modalidades e limites. Esta parte é rigorosissimamente secreta.

Como consequência, por meados do mez que vem devemos ir a Paris e a Londres, por vários motivos. Aí interessa-nos entrar em contacto com elementos simpatizantes, mas, em especial do Labour P(arty). Contamos contigo para nos auxiliar nessa missão. Desejamos esclarecer estes meios sobre o nosso problema e promover certo esclarecimento na imprensa. Diz imediatamente o que se te oferecer sobre o assunto.

129 Riscado: Barcelona.

130 Leitura duvidosa.

131 Afonso Augusto da Costa, 1871-1937.

132 Carlos Fidelino Freire da Costa.

133 O apelido, aliás, deve ser Saragga: Carlos de Salazar Moscoso Bensabat Saragga, 1890-1959 ou Carlos Alberto Bensabat Saragga, 1862-1942.

134 Jaime Alberto de Castro Morais, 1882-1973.

– Não recebi o postal a que te referes.

– J. de M. pede-me para te avisar do seguinte: a correspondência dele que deverias enviar via Perpignan, passas a envia-la ao cuidado da mesma pessoa que envias a minha e para aqui.

E, por hoje, mais nada.

Abraça-te o teu irmão muito amigo

J.

35

Armando:

17. IX. 1937

Algumas breves palavras para te sossegar. Estive em Paris, na intenção de ir a Londres. Mas circunstâncias especiais de passaporte, que não posso explicar-te por carta e a convicção de que o momento não era oportuno para a viagem fizeram-nos, ao J. de M. e a mim, desistir da viagem. Acresce que estive sempre à espera de que ali chegassem a Saudade¹³⁵ e a Judite¹³⁶, vindas de Portugal. Só a primeira chegou, mas, devido a uma viagem tormentosa, com o seu precario estado de saúde tão agravado, que a aflicção de a ver assim me tirou animo para tudo. Eis a explicação de não te haver escrito a prevenir da minha estada ali.

Um resultado prático deu a nossa ida a Paris. Como ali coincidimos com

/2/

135 Maria da Saudade Cortesão [Mendes], 1914-2010.

136 Refere-se à filha, Maria Judith Zuzarte Cortesão, 1914-2007.

delegados da F.P.P., vindos de Lisboa, celebramos varias reuniões com os elementos de Paris e estabeleceram-se as bases de um acordo. Se as não conheces ainda, envio-tas-hei [sic]. Creio que este facto é de um grande alcance para o futuro.

Chegados aqui, tão preocupado tenho estado com a saúde da Saudade, que continua a ser precária, que de mais nada tenho tratado.

Sobre a minha resposta ao meu opositor do J. J. e outros assuntos muito breve conto escrever.

Eu de saúde bem.

Dos teus tens noticias?

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

36

Armando:

B(arcelona)

21.X.1937¹³⁷

Está em Southampton um compatriota nosso, em dificuldades, segundo somos informados, por insuficiência de documentação. É pessoa que pertence à F.P.P., em nome da qual vem em missão à Europa, e a conversar connosco. Merece, por consequência, todo o nosso apoio. Acresce ainda que, se fosse recambiado para Portugal, procedimento de que foi ameaçado, isso poderia equivaler a perder a vida, em meio de torturas.

137 Anotação de Armando: Resp(ondi) 3.XI.

Conhecedores destes factos, eu, Morais e M. P.¹³⁸ fizemos aqui as demarches necessárias e foi enviado um telegrama a Luiz Prieto (filho do ministro¹³⁹), o qual está aí na Embaixada concebido nos seguintes termos, pouco mais ou menos: “Pessoa amiga e da nossa confiança – Armando Cortesão, deve procurar-te. Atende-o” Em nome do Morais e M. Pinto, peço-te procures aquele senhor, lhe exponhas o caso e te

/2/

esforces junto do Embaxador [sic] para que este coloque o nosso compatriota, sob a protecção de Espanha, fazendo o necessário para que ele possa seguir viagem para França.

Isto se combinou aqui dizer-te. Se te for necessário, invocarás esta carta junto do Snr. Luiz Prieto. Resolveu-se deixar à iniciativa da Embaixada o procedimento respectivo, que por certo dependerá de circunstâncias locais que aqui se desconhecem.

Deve procurar-te o meu amigo A. das Neves, pessoa de toda a minha confiança, que aí se está ocupando deste assunto.

Breve te escreverei sobre outro assunto: uma revista, em português, que aqui vou dirigir e para a qual necessitarei da tua colaboração.

Abraça-te o teu irmão muito amigo

Jaime Cortesão

138 Alberto Moura Pinto, 1883-1960.

139 Indalecio Prieto Tuero, 1883-1962.

37¹⁴⁰

Armando

18.II.1938¹⁴¹

Tenho a honra de apresentar-te o senhor D. José Maria Baptista Rocca, delegado do Governo da Generalidad de Catalunya, que vai a Londres tratar de assuntos, que interessam à nossa Causa comum.

O Senhor Baptista Rocca, personalidade das mais eminentes da Catalunha é também um excelente amigo nosso, e que se interessa muito, como poderá dizer-te, pelos nossos assuntos. Peço-te lhe pres-tes aí todos os serviços que poderes. Moura Pinto e J. de Moraes, que te enviam um abraço, acompanham-me neste pedido.

Interessa-nos muito, como o senhor Rocca te dirá, possuir certos informes de aí, que te rogo nos transmitas se os alcançou.

Abraça-te o teu irmão muito amigo

Jaime Cortesão

38

16, r. Louis Blanc
Levallois-Perret (Seine)

3.V.39¹⁴²

140 Escrita em papel com timbre da GENERALITAT DE CATALUNYA. Comissariat de Propaganda.

141 Anotação de Armando: Só me foi entregue em 8.VI.38.

142 Anotação de Armando: Resp(ondi) 7.V.39.

Armando

Li ontem, emprestado pelo Deulin¹⁴³, o teu ultimo (segundo creio) trabalho, a propósito do cartógrafo António Pereira, que achei muito interessante. Desejava muito possuí-lo, assim como os outros teus últimos trabalhos, que desconheço completamente. Em troca, posso enviar-te uma interessante nota, que julgo desconheces, sobre Diogo¹⁴⁴ Homem e um cartógrafo, que suponho desconhecido.

Ha uns 5 ou 6 meses, escrevi-te de Barcelona, fazendo igual pedido e promessa. Não respondeste. Provavelmente não receberias a carta.

/2/

Aqui chegado, estava esperando regularizar a minha situação e fixar morada, para te anunciar o facto. Como a incerteza se eterniza, aí vão as minhas notícias. Estou ainda na situação de expulso de França. Fiz um pedido de anulação desta medida; mas estão, dizem, fazendo um inquérito e nada respondem. Como, por outro lado, não tenho passaporte e mo negam no Consulado, corro o risco de ser preso e posto na fronteira, como já aconteceu a J. de M. Mas esse tinha sobre mim a vantagem de ter podido conseguir um passaporte, felicidade que não me ocorreu.

Entretanto estou trabalhando afanosamente no meu livro

/3/

Portugal na história da Humanidade, de que já tenho uma boa parte impressa. É por causa desse trabalho que desejaria ter as tuas ultimas produções. É pena não estares mais perto, pois desejaria ler-te certo sensacional capítulo, fundado sobre uma carta do sec. XV.

De Portugal chegam-me noticias de grande alarme e receio da guerra e certos rumores sobre medidas amnistiatórias. Também te chegou?

143 Georges Deulin, 1892-197-?

144 Riscado: Go-

Afectuosas recomendações da Carolina e da Judite. Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

39

9. V. 39¹⁴⁵

Armando:

Recebi ontem, à tarde, a tua carta de 7, que muito agradeço e à qual começo a responder. Não recebi ainda os teus trabalhos e os folhetos a que te referes, mas desde já agradeço o envio. Claro que me interessam muito os dois volumes do Nausen. Envia-mos e dize quanto custaram para enviar-te o preço respectivo.

E aí vai o prometido. Se te falei em Diogo, foi engano. O caso é mais interessante: trata-se do Lopo. E verás que o documento auxilia a compreender certos fenómenos de divulgação.

/2/

Quando em Julho de 36 entrei em Espanha, alguns dias antes de começar a guerra, estive trabalhando no Arquivo de Simancas. Entre outras coisas, encontrei ali uma série de documentos, comunicações de embaixadores e agentes castelhanos em Lisbôa, algumas em cifra, acompanhados da respectiva tradução são todos ou quasi [sic] todas de 1523. Delas se conclui uma traição de tomo. Diogo Lopes de Sequeira estava ao serviço de Espanha, por conta de quem agenciava outras traições, entre elas, a do cosmógrafo Simão Fernandes, o qual por sua vez agenciava a de Lopo Homem. <Tudo sobre o problema do

145 Anotação de Armando: Resp(ondi) 18.V.39.

Maluco.> O informe que te envio na outra página é, como verás, dum grande interesse.

Quem será o “Negro” ?

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

/3/

A 29 de agosto de 1523, o embaixador de Castela em Lisbôa escrevia a Carlos V:

“El estrologo (S. Fernandes) he hablado lo que V. Magde. mando su intencio y servicio al armº mayor de Castilla para q(ue) lo diga el trabaja todo lo possible por estar muy bien informado de todo lo más q(ue) pueda, ha enviado a Lisboa a ver se le quer(e)rã hazer una carta cartera de toda la nevegacion porque se acaba esta semana ará un libro. El q(ue) haze la del Rey de Portugal se llama Llope ome(m). Este y uno negro residen en Lisboa y tienen mandamiento q(ue) no hagam carta para nadie sino para El Rey pero algunas

/4/

vezes atrevese a precio y cõ seguridade aunque es muy dificultosos.

Trabajarseha todo lo possible de averse. Y sino con el libro dize(m) q(ue) lo podra dar a entender muy bien aunque cõ mas trabajo suyo”.

Trecho solto, que suponho tradução de uma cifra.

40

Armando:

16.V.39 ¹⁴⁶

146 Anotação de Armando: Resp(ondi) 18.V.39.

Recebi e agradeço o teu livro e folhetos. Muito sinceramente te felicito. Fizeste um enorme progresso: no estilo e na segurança do juízo crítico. A edição da Carta das Novas é, no género, modelar. Lê-la deu-me, por todos os motivos, vivo prazer. Veio auxiliar-me a resolver pequenos problemas históricos. O mesmo digo sobre o estudo da carta do A. Pereira.

O 3º é uma promessa, que desejava ver pronto realizada. Interessa-me vivamente.

Tenho razão para ver que a edição da Carta das Novas foi proposi-

/2/
tadamente destruída, como aventas.

Com efeito, o trabalho do Gago Coutinho¹⁴⁷ é muito infeliz.¹⁴⁸ me ocupo do problema da Austrália. Espanta-me, todavia, essa data de 1522.

Quanto à carta do século XV era conversa para longas horas. Ou leitura, se aqui estivesse. Se eu aí pudesse ir, ler-te-hia essa parte do meu trabalho. E iria, se houvesse quem me desse, depois de aí estar, um passaporte.

Tens relações pessoais com o F. H.? Eu escrevi-lhe e ele disse-me que se eu aí estivesse, o faria. Mas tenho grande receio¹⁴⁹ de fazer tão grande despesa em vão.

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

147 Gago Coutinho, 1869-1959.

148 Toda uma frase ilegível.

149 Leitura duvidosa.

41

Armando:

23.V.39¹⁵⁰

Recebi a tua carta de 18 e com ela a tua preciosa oferta, que muito agradeço. O livro do Nausen é cheio de pequenas coisas de muito interesse.

Não partilho o teu cepticismo sobre os deslises de Lopo Homem. O texto é bastante claro a esse propósito. Sobre Diogo Lopes Sequeira são várias cartas do embaixador que o atestam. Ofereceu-se reiteradamente para passar ao serviço de Carlos V, dizia que “Maluco es de V. Mag. cõ mas de ciento y ochenta léguas. Asy q(ue) cree q(ue) otras partes donde esta la pimenta son de V. Mag., etc.” E quando foi nomeado para a conferencia de Badajoz foi logo comunica-lo ao embaixador caste-

/2/

lhano.

E já que estamos com a mão na massa, vou dar-te uma interessante novidade. Por uma indicação que tive do Marcel Destombes¹⁵¹, em conversa sobre certo atlas de João Teixeira, consegui comprovar que nele existem quase todas, com excepção de 2 ou 3, as cartas <portuguesas> do Atlas D’Ablancourt, o qual conhecia daqui.

Trata-se de

“Livro da descripção de toda a costa de Africa e ilhas que a esta parte pertencem com todos os Portos e Bahias e Baixos e mais particularidades q(ue) à minha notícia chegarão.¹⁵²

150 Anotações de Armando: Resp(ondi) 15.VI.39 e outro apontamento ocasional: [ilegível] Afrique NN* Archives Nationales, R. des Francsbourgeois, 36. [ilegível].

151 Marcel Destombes, 1905-1983.

152 O título pode estar incompleto, porque o resto da linha ficou em branco.

Feito por João Teixeira Albernaz cosmógrafo dos Reinos de Portugal por Sua Magestade que Deos guarde o Anno de 1665”.

/3/

O atlas é composto de trinta¹⁵³ cartas, contando com alguns planos de cidades e fortalezas. A grande maioria das cartas de D’Ablancourt está lá exatissimamente. É o que sucede com as cartas parciais do Mar Vermelho, que ali aparecem tal qual e na mesmíssima disposição. Falta-lhe a carta geral de Africa, tal como vem em Ablancourt, mas tem outras em compensação.

É um notável monumento cartográfico.

E a propósito: Quando estive <aí>, o Boxer mostrou-me uma carta japonesa, cópia de outra portuguesa, sobre a qual fizera um estudo, que estava para publicar. Furneci-lhe, na ocasião,

/4/

vários informes là-dessus. O estudo interessava-me no mais alto grau. Caso tenha sido publicado, desejaria possuí-lo e rogava-te mo comprasses. Enviar-te-hei nesse caso o importe na volta do correio.

Escuso de dizer-te que me tens aqui ao teu dispor para essa espécie ou outra de serviços.

Cá fico esperando com grande interesse os teus novos trabalhos. Também gostaria de ler-te o que escrevi sobre a tal carta quattrocen-tista. Mas só a certeza de obter um passaporte me poderia aí levar. Pena é que as tuas relações com o Horta sejam tão precárias neste momento.

Só agora pela tua carta, compreendi que tua Mulher estava aí. Dá-lhe as nossas afectuosas lembranças. Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

153 Riscado: cincoenta, leitura duvidosa.

42

Armando:

14.VI.¹⁵⁴

Como entre as muitas virtudes que te ornaram esplende a pontualidade nas respostas epistolares; e, apenas recebida a tua ultima e os 2 vol. do Nausen, te respondi e agradeci largamente, começo a temer não tenhas recebido esta epistola.

Nela te falava de varias coisas, entre elas dos originais do Atlas do D'Ablancourt e te pedia para me obteres certo estudo do Boxer.

Não recebeste? Se assim foi, peço mo digas, para re-
/2/

petir, tanto quanto seja possível.

As nossas affectuosas recomendações a tua Mulher.

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

43

Armando:

29.VI.39¹⁵⁵

Deploro que tenhas sido forçado a partir para Londres, sem haver completado o teu descanço [sic] em Winnereux.

154 Anotação de Armando: R. 15.VI.39.

155 Anotação de Armando: Resp(ondi) 2.VII.39.

Pareceu-me excelente que me falasses com franqueza e te queixares do meu silêncio sobre o teu livro. Não se trata precisamente de “recusa em responder à questão do livro de L. de Lima”. O teu livro ficou em Madrid. Com algumas centenas de livros, muitos dos quais preciosos, quando de ali saí, cheio de esperança de volver em breve. Tenho feito esforços para¹⁵⁶ ver se encontrava amigo espanhol que, por meio das suas relações, me soubesse se os livros, que foram des-cidos a uma cave,

/2/

existem ou não. Claro¹⁵⁷ houve que escrever. Até agora, ao que parece, em vão. As comunicações deste género com a Espanha não são fáceis. Esperava, pois, resposta que me elucidara para ta dar. Acontece que, na vinda de Barcelona para aqui, não só tive que abandonar naquela cidade muitos livros, mas no caminho, com as terríveis dificuldades que deparamos, me ficou uma mala com alguns dos meus livros mais precisos, que por isto mesmo havia remetido à parte.

Perante estas e tão grandes perdas, o caso do teu volume tinha perdido um pouco em perspectiva. Egoísmo natural de quem com-para uma desgraça maior com outra

/3/

mais pequena. E creio que esta explicação, entre irmãos, tem valor. Mal tenha resposta ta darei.

– Desconhecia a existência desse S(enh)or Lopes da Silva. Deve ser amigo do Lança¹⁵⁸, que em tempos me prometeu tentar essa história do passaporte, mas nunca me disse como. Perguntar-lhe-hei:

Não seria possível obter esse volume das Transactions of the Japan Society?

156 No original: por

157 Palavra ilegível.

158 Armando Agatão Lança, 1894-1965.

– Os teus capítulos para a Historia da Expansão já saíram? Tenho grande interesse em le-los, tanto mais que são assuntos, que estudei um pouco.

Recebi ha dias convite do Hernani¹⁵⁹ para colaborar. Mas creio que vai ser difícil.

Não te respondi ha mais tempo,
/4/

porque, com o horrível tempo que aqui tem feito, estive uma semana inutilizado.

Afectuosas lembranças nossas para tua Mulher (Ainda aí não tens o teu pequeno?) e para ti um abraço do teu irmão mt. amigo

Jaime

44¹⁶⁰

“Villa Angello”
rue Saraspe,
BIARRITZ.

Le 26 Sept. 39.

Cher Frère: ta lettre du 18 ne m’est¹⁶¹ arrivée qu’aujourd’hui 26. Je ne t’avais pas encore envoyé mon adresse, parce que j’avais l’intention de chercher un appartement pour m’installer, ce qui a demandé plus de temps que je ne pensais. La voilà, en tête. Dans 3, 4 jours je t’enverrai ce q. tu me demandes: mais il te faut escompter peut-être le retard

159 Hernâni Cidade, 1887-1975.

160 Postal com carimbo de 27 set. endereçado a: M. le Docteur / A. Zuzarte Cortesão / 121, Stamford Court, / London (W) / Angleterre.

161 Emendado à mão.

dû à la censure militaire pour les langues étrangères. En ce moment-là je te ferai part de mes projets.

Nos meilleurs voeux pour toi et ta famille.

Ton frère dévoué

Jaime Cortesão

45

30 / Sept. /39.¹⁶²

“Villa Angello”

Rue Saraspe,

BIARRITZ

Cher Frère:

Comme je t’avais promis, je t’envois ci-joint les deux articles en portugais, que tu m’as demandés pour les buts officiels de propagande anglaise pro-Alliés.

C’est avec plaisir que je le fais et je te remercie vivement d’avoir eu une telle idée. Les autorités anglaises ont-elles connaissance de ma collaboration personnelle, ou ce fait reste de ta seule connaissance?

Malgré toute ma bonne volonté, je crains que mon effort soit rendu difficile pour les raisons suivantes:

1º-La poste exigera probablement des délais énormes pour faire arriver mes articles en Angleterre, ce qui peut souvent ôter l’actualité à mes commentaires. C’est pour cette raison que je t’envoie deux arti-

162 Anotação de Armando: R(ecebi) [ilegível] 6.X.39.

cles sur des questions de principes. D'ailleurs si ça doit continuer il me faudrait des instructions plus précises, si possible.

2º-Ma situation en France continue à être très précaire, malgré mes convictions purement démocratiques et ma qualité d'ancien combattant, engagé volontairement pendant la guerre de 14 pour combattre aux cotes de la France. Je fais donc tous les efforts pour me rendre au Brésil, ou Camilo m'offre pendant quelque temps sa maison de Bahia et des amis me cherchent et me promettent du travail. Je dois te dire que si j'avais les moyens financiers indispensables, je serais déjà parti avec ma famille. Ce problème est d'ailleurs le seul, mais le plus grave, sans solution.

3º-Je crains aussi qu'il ne soit difficile de m'envoyer quelque somme de Londres, à moins que tu ne comptes avec l'acquiescence des autorités britanniques.

En admettant que mes articles plaisent à qui de droit, quelle extension pourrait prendre cette collaboration?

Nous, les emigrés portugais en France, cherchons à nous mettre d'accord sur une déclaration à envoyer au Portugal, affirmant une politique d'appui total à l'Angleterre et à la France et le désir de l'Union nationale pour la mener à bout.

Qu'en penses-tu? Si tu as des renseignements sur la situation portugaise je te prie de me

/2/

les envoyer. Accuse-moi reception de cette¹⁶³ lettre et des articles aussitôt que tu les auras reçus.

Nos salutations affectueuses à ta famille.

Ton frère et ami reconnaissant

Jaime

163 Por lapso, ctte.

46

2 / Oct. / 39.

Cher Frère:

Comme j'avais la main dans la pâte et que j'ai eu une petite idée, dont l'opportunité pourrait s'affaiblir avec le temps, j'ai écrit un nouvel article.

Je te l'envoie ci-joint, pour que tu en profites s'il te semble utile. C'est le troisième de la série de propagande anglaise, en portugais, pour la Cause des Alliés.

Plût aux cieux que celle-ci t'arrive plus vite que celle que tu m'as envoyée.

J'attends de tes nouvelles.

Ton frère et Ami

Jaime Cortesão

47

25 / Oct. / 39.

Cher Frère,

Je réponds à ta lettre du 15. Je me réjouis de savoir que mes articles plaisent.

J'envoie ci-joint le 4e. et le 5e. articles de la propagande anglaise en portugais:

Un pour le Portugal et un autre pour le Brésil.

À ce qu'il me semble, on voudrait des articles qui servent en même temps pour les deux pays. Mais¹⁶⁴ il y a des fondements spécifiques de

164 Por lapso, Mes.

la politique pour le Portugal et le Brésil et je crois qu'il convient de les exploiter séparément.

J'avais l'intention de t'envoyer un autre, qui pourrait servir pour les deux. C'est ce qui¹⁶⁵ vous plaira le mieux? Je pense cependant que ce sera dénoncer, si on les publie simultanément dans les deux pays, l'origine inspiratrice. Comme je suis aujourd'hui malade, j'ai dû différer la rédaction du troisième article (6e.), que je ferais incessamment.

Je préfère travailler ainsi, pour me consacrer dans les intervalles à mes études historiques. Si je t'envoie prochainement cet article-là, je resterai, pour suivre tes instructions, sans en écrire d'autres pendant dix ou quinze jours.

J'aimerais naturellement avoir toujours des indications sur le jugement porté sur mes articles et des directives pour la continuation.

Aussitôt que tu pourras, je te prie d'envoyer la somme indiquée adressée à une banque de Biarritz, et au nom de CAROLINA FERREIRA ZUZARTE CORTESÃO.

Tu connaîtras probablement déjà la déclaration des émigrés républicains portugais. Elle est signée exclusivement par le Président Machado¹⁶⁶. Je n'engagerais jamais ta signature sans demande préalable de ton consentement.

Salutations affectueuses pour ta famille,

Ton frère et ami

Jaime

165 Emendado de: que.

166 Bernardino Luís Machado Guimarães, 1851-1944.

48¹⁶⁷

27 / Oct / 39.

Cher Frère,

Je n'ai reçu ta lettre du 18 qu'aujourd'hui et au moment de terminer le 3e article de cette nouvelle série.

167 A esta e à carta anterior, conserva-se uma resposta de 7 [nov., por lapso escrito out.] 1939, do seguinte teor: Dear Brother, I have received your letters of the 25th and 27th with the 3 articles, and hope you have received already the £6, which goes a little over the Fr. 1,000. Only at the beginning of this month I have received the first payment for the much work I have done. And I have got a great deception. It was paid only 26 shillings for each article original, 18/6 for versions, and 13/ for translations around the 1,000 words. Life here is so expensive, that this is not worthwhile, but I will continue working because so I am serving the Allies' Cause. But it is very badly paid, since you think that I have to pay nearly 40 (!) income tax. Fr. 200 in France is not too bad, but here 26/ do not represent much more than Fr. 100. I have already delivered the article "Dois Impérios um Dever", and I think it has been accepted, though I was not told definitely. I hope to deliver another article this week and another next week. If they are all accepted, as I expect, and paid at the same rate, I will send you at least Fr. 200 more. You can send another article in order that I should receive it before the end of the month. Now listen: I was asked two pamphlets for the Oxford Series, of between 6,000 and 7,000 words, in Portuguese. The titles and subjects are as follows: PORTUGAL'S COLONIAL HISTORY – PORTUGAL? A GREAT COLONISER. The links between the Colonial development of England and Portugal would be /2/ brought out and any outstanding examples of collaboration between the two countries in this field dully stressed. Instances in the long history of Anglo-Portuguese friendship would be referred to... The intrinsic spirit of Portuguese methods of colonisation and particularly with Portugal's modern colonial development, and the unique contribution which Portugal is making in this field. English Colonial administration could also be drawn into contrast showing how the two systems are complementary. HENRY THE NAVIGATOR AND THE PORTUGUESE DISCOVERIES – PORTUGAL'S GROWING MERCANTILE MARINE. The great exploits of the discoveries could be linked up with the adventures of the English seafarers of the same period. A short sketch evoking glorious memories of the past and praising the present day renaissance of the spirit of the Navigators. England's admiration for Portugal as a country of great navigators, past and present, would be shown – navigators not only on, but above and under the seas. A picture could be shown of England and Portugal as the discoverers of new lands and masters of the seas throughout the centuries. Portugal's trust in English shipbuilders and England's contribution to the Portuguese navy and mercantile marine could be referred to. The respect and admiration of each power for the other as the possessor of a splendid and age-long maritime tradition could be portrayed. I was offered £ 15 for each pamphlet, but I asked 25, and I said that I would like to associate you with me in the job. I had already mentioned your name before, but they do not

Je te l'envoie quand même. Et puisque ta lettre a tardé tellement, je ne crois pas que l'inconvénient soit énorme.

Tu feras ce que tu crois le mieux.

Je te remercie bien pour l'envoi des 1.000 frs-, que je n'ai pas encore reçu et du paquet des brochures de Boxer, qui m'est arrivé aussi aujourd'hui. Je vais lui écrire à Hong-Kong.

Pour la suite des articles j'attends donc tes nouvelles instructions.

J'aimerais bien savoir dans quels journaux sont publiés mes articles. J'avais l'intention, à cause de ce travail de faire l'abonnement d'un journal à Lisbonne, mais il conviendrait pour toutes les raisons que ce soit celui-là.

Nos salutations affectueuses pour ta famille.

Ton frère et ami

Jaime

49¹⁶⁸

12/Nov./39.

Villa Angelo,

know. My proposition is going to be studied, and perhaps I will have an answer in a couple of weeks. They do not know yet if the pamphlets could be published with our names, or if they should be anonymous, or under a pseudonym. I thought I could write the first one and you the second. But perhaps it would be better if I wrote the most part of the first, and you would give me your collaboration; and you wrote the most part of the second with my collaboration. We could share the money received and if names should appear we would be together. Tell me what you think of all this, and if you agree with my suggestion you could tell me ideas. There is not yet anything definite, but perhaps something may be done. I could do the two pamphlets, of course, but I want you to share this money, and besides they will be much better with your collaboration. I do not know so far where our articles have been published. I asked already but I could not get a satisfactory answer. As soon as I know, I will let you know. Kind regards for the Family. You affectionate brother and friend.

168 A resposta a esta carta, datada de 22 nov. 1939, é do teor seguinte: Dear Brother, The gentleman with whom I worked in the Foreign Office is no more in charge of

rue Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

En effet j'ai reçu, il y a environ une semaine les 6 £s. que tu m'avais annoncées, et qui ont fait 1.054 frs.

Conformément à tes désirs, j'enverrai un autre article jusqu'à la fin du mois. Heureusement ta lettre est arrivée ici cette fois en quatre jours. Cela me fait espérer une plus grande régularité dans notre correspondance.

Je te remercie vivement de tes intentions sur les deux brochures qu'on t'a demandé. Je suis prêt à collaborer avec toi comme tu préfères. Tu me demandes, (si je suis d'accord) mes points de vue sur le sujet. A mon avis, il faut savoir tout d'abord si les deux brochures portent oui ou non les noms des auteurs. La responsabilité et le plan changent suivant les deux hypothèses. Aussitôt que tu sois fixé sur ce particulier (au cas où l'on confirme la demande), je te prie de me le

that propaganda work. This work has been transferred to the Ministry of Information, and I am working with other people; also very kind people. Thus, the idea of the pamphlets will not be considered at least for the time being. But there is now something much better for you. I spoke very frankly about you, and it was agreed that your collaboration will be engaged through me. You can send me as many articles as you can write (until you are told to stop or reduce...). Each article must not have more than 1,000 words, but shorter when possible. They must be propaganda of Great Britain, of the kind of the others you have written; they must be written under these three principles: "Veracity, dignity and objectivity" (as you have always done). They are mostly for Brasil, but in some cases they must be published in Portugal too. In the first case they may <or may not> be published under your signature. If you want you can use a pen name. I use "Dr. Pedro Nunes". They have the right to refuse anything they do not approve of. But I wonder if they will have to refuse anything at all. The articles will be paid at the rate of two guineas per 1,000 words; but I will try to arrange that the money is sent directly to you, and not through me, so that you will have not to pay 7/6 on the pound income tax. It is a pity I cannot do the same, but you will receive one pound while I will receive only 12/6 for /2/ some amount of work. So much the better for you! I am glad that I have arranged things in this way, and I will be still more glad if the money can be sent directly to you. Your letter of the 12th was received the day before yesterday. Best regards for the Family. Your brother and friend.

communiquer et je t'enverrai tout de suite les plans respectifs pour harmoniser nos idées. D'ailleurs j'ai ici tous ou presque tous les éléments qui concerne l'histoire du Portugal; au contraire, bien peu sur celle de l'Angleterre.

Ne pourrait-on m'envoyer par des services de propagande des renseignements qui puissent m'aider dans mes travaux?

Nos affectueuses salutations pour toi et ta Famille

Ton frère et ami

Jaime

50

8/ XII / 39.

Villa Angello
Rue Saraspe,
Biaritz.

Cher Frère,

J'ai reçu avec grand plaisir ta lettre parce qu'elle m'apportait une occasion de travailler avec une plus grande intensité pour la Cause des Alliés.

Je te remercie beaucoup pour tes efforts pour me trouver du travail et pour qu'on me paye convenablement. Et je fais des vœux pour que le prix n'en soit pas réduit.

Je ne t'ai pas répondu immédiatement, parce qu'au moment de recevoir ta lettre, je terminais un petit volume d'une centaine¹⁶⁹ de pages, le premier d'une série, en réponse aux critiques de Duarte

169 Por lapso, centaines.

Leite sur mes travaux historiques. Et je voulais aussi t'envoyer en même temps de nouveaux articles de propagande de l'Angleterre et de la France.

J'envois ci-joint, deux de ces articles. Demain ou après-demain j'en enverrai deux autres. Et dans une semaine ou deux, quelques autres encore. Malheureusement je suis ce mois-ci débordé de travail littéraire.

J'ai un besoin pressant de savoir si je puis attaquer franchement Hitler et le gouvernement allemand, Staline et le gouvernement russe et je te prie de me dire aussitôt que tu pourras. Je t'ai demandé dans une de mes dernières lettres si on ne pouvait pas m'envoyer des publications de propagande anglaise. J'insiste là-dessus: il me serait fort profitable, par exemple, de recevoir: les livres blancs anglais, des statistiques de caractère économique sur l'Angleterre et l'Empire Britannique, etc.

D'une façon générale tous mes articles peuvent être signés de mon nom ou avec mon pseudonyme João¹⁷⁰ de Lisboa, selon les besoins de la censure. A toi et au chef responsable d'en décider.

Tu ne m'as dit non plus si on a accepté les deux derniers articles que je t'ai envoyés. Dans le cas affirmatif, je te prie de me faire remettre de suite, si possible, la somme correspondante. A propos, je dois te dire qu'il y a ici des banques anglaises: Lloyd & National Provincial Foreign Bank; Barclay's Bank, etc.

Le Président Machado me prie de te demander de lui envoyer une liste des principaux ministres, avec leurs tendances politiques, des différents gouvernements anglais, depuis la Grande Guerre jusqu'à la date. Il aurait aussi un grand intérêt à lire un article publié par le "Times" contenant des références, à ce qu'il parait désagréables, au sujet des gouvernements républicains antérieurs à Salazar. Il t'envoie

170 Jaime usa uma máquina de escrever portuguesa com o ç, mas que não parece dispor do ã nem do õ.

ses amitiés. Son adresse est: HOTEL PENSION EMILIA, av. Gambétta – Biarritz.

Nos souvenirs affectueux pour ta Famille et pour toi
Ton frère et ami

Jaime

P.S.¹⁷¹ – Bonjour, M. Mon Oncle. Je profite de mon rôle de secrétaire pour vous demander quelque chose. Je prépare une thèse en lettres “L’Exotisme dans la litt(érature) portug(aise) du XVIe s(iècle)” et j’aurais, à cause de cela, grand intérêt à lire votre travail sur le Mss.¹⁷² de Tomé Pires au sujet du Voyage en Chine; l’avez-vous publié? En ce cas, serai-je une nièce trop

/2/

abusive si je vous demandais de me l’envoyer?
Merci d’avance et excusez-moi, oui? Avec un “abraço”

Judith

51¹⁷³

10/ XII/ 39.

Biarritz.

171 *Post-scriptum* da filha de Jaime Cortesão, Maria Judith, que lhe dactilografa as cartas.

172 Abreviatura querendo significar: Manuscrite.

173 Conserva-se resposta às cartas de 8 e 10 dez. com data errada 1(s)t XII.39 e é do teor seguinte: Cher Frère, J’ai reçu tes deux lettres du 10 et une du 8, et les 5 articles. J’espère que tu auras déjà reçu £2,10 que je t’ai envoyé depuis longtemps par l’intermédiaire de ma banque. Ces articles ne sont pas du même standard que les autres envoyés auparavant (quoique je comprends tes difficultés pour écrire objectivement). Le meilleur c’est «A Inglaterra e a Quinta Arma». Celui sur Beethoven contient assez de propagande allemande... Je ne sais pas encore l’opinion

Cher Frère,

Je t'envoie ci-joint encore deux articles pour la propagande anglaise en portugais. Probablement je t'en enverrai encore un autre demain ou après-demain.

Puisque dorénavant mes articles publiés au Brésil seront signés, je t'avertis que j'ai l'intention de dire à mes amis que j'écris ces articles pour une agence anglaise de publicité, qui les distribue là-bas. C'est la seule explication raisonnable, basée sur une donnée courante, et vraisemblable.

M. le Président Machado me prie encore de te demander si tu es au courant de ce qui s'est passé officiellement au sujet de son document: il voudrait savoir si le Gouvernement anglais en a pris connaissance et il te demande de lui envoyer un exemplaire de la traduction, si tu en possèdes une copie.

du Ministère des Informations. Le livre de Rauschnig a été publié ici déjà il y a deux ou trois semaines. Il faut plus de [sic] attention à la revision des articles après qu'ils ont été tapés. «Vila Livre» par «Cidade Livre», «poude» par «pode», etc. et plusieurs typing mistakes. [seguem informações menos relevantes acerca dos artigos de propaganda Aliada] B. Machado et d'autres ont des grandes illusions! La réalité c'est qu'ici personne prête la moindre importance à ce que pensent et disent une demi douzaine d'émigrés portugais. J'ai eu assez de travail, et même dépenses, et embêter des amis, à cause de la [sic] message que j'ai délivré à la Reuter, et rien a été publié. On croit ici que S(alazar)est un homme extraordinaire et ils l'aime; d'ailleurs [sic] ils ont assez de complications pour vouloir être dans les meilleurs termes avec ceux qui ne les gênent pas trop. Il suffira de te dire qui si je n'étais pas un émigré j'aurais ici maintenant une très bonne situation. C'est un terrible handicap, quoique je suis un démocrate et liberal et je suis dans un pays démocrate et liberal. /2/ Pourtant j'ai énormément du travail; mais je pourrais être beaucoup plus utile à la Cause des Alliés si je pouvais être utilisé à fond. Mais rien fait changer mes idées, et je suis toujours aussi intransigent avec la canaille <fasciste> de là-bas comme j'étais il y a déjà 8 ans et avant. Je n'ai pas le temps de m'occuper de tout ce que B. Machado demande. Je te pries de m'excuser le meilleur possible. Un ami du Consulat ici m'a dit qu'ils ont reçu, au Consulat, une circulaire de L(isbonne), disant que les émigrés pouvaient s'inscrire. Je ne me suis pas inscrit et je pense pas à le faire. Pour le moment je n'ai pas d'autre envie que de dire à S(alazar) et Cie. Le mot de Cambronne. Quand tu sauras quelques resultats de la [sic] message de B.M., s'il en aura jamais, dites le moi, s'il te plaît. Nos souvenirs affectueux pour ta Famille et pour toi. Ton frère et ami [termina com *post-scriptum* à sobrinha Maria Judith, que aqui se omite].

Comme tu pourras t'en rendre compte, dans un de mes articles – Beethoven – Je termine avec un quatrain du compositeur et je donne avec la traduction l'original en allemand. C'est un souci d'honnêteté, peut-être excessif. Naturellement on peut supprimer le texte allemand, si on le croit préférable.

Nos souvenirs pour ta Famille,
Ton frère et ami

Jaime

52

10 / XII / 39.
Villa Angello,
Rue Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

Je t'envoie ci-joint, encore un autre article, le 5e de cette nouvelle série de la propagande anglaise en portugais.

Il fallait exploiter tout de suite le sujet. Je l'ai écrit à destination du Portugal, mais de sorte qu'il puisse servir aussi pour le Brésil. C'est pour cela qu'il est signé João de Lisbôa.

Il faudrait aussi le faire publier rapidement, parce qu'il y aura sûrement d'autres à vouloir exploiter le même sujet.

Malheureusement je suis très loin; je ne puis donc faire le commentaire des faits au jour le jour. Cela restreint beaucoup mes possibilités d'écrire. Comme sujets¹⁷⁴ je n'ai vraiment que les côtés philosophiques de la guerre. En effet le film de la guerre, quand à ses accidents,

174 no original: sujtes.

ne comporte pas de longs délais entre la rédaction et la publication au Brésil. Voilà pourquoi je te demande encore de ne pas oublier de m'envoyer tous les éléments possibles de la propagande anglaise, qui puissent m'être utiles.

Nos souvenirs pour ta Famille,
Ton frère et ami

Jaime

53

16 / XII / 39.

Villa Angello,
Rue Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

Je t'envoie encore deux articles, le 6e et le 7e <de la propagande anglaise> de cette nouvelle série. Il faut profiter de l'actualité des sujets.

Il y a quelque temps, on m'avait dit que le service postal par avion avec l'Angleterre, ne fonctionnait pas encore: on me dit qu'il fonctionne à présent. Je vais donc essayer de t'envoyer cette lettre par avion et je te prie de me dire combien de temps elle a pris pour te parvenir, et de faire de même, c'est à dire de me répondre par avion à mes dernières lettres, si le service aérien existe.

Des deux articles que je t'envoie aujourd'hui, l'un d'eux est signé de mon nom, l'autre de mon pseudonyme. Mais si on le croit utile, on pourra signer les deux de mon nom.

M. le Président Machado, toujours chato, et ignorant les longs retards de la correspondance en ce moment, insiste sur la réponse à ses demandes. Il m’a dit que le n(umer)o du “Times” en question, celui qui contenait des allusions désagréables, à son point de vue, sur la politique portugaise, était du 17 Nov. Il voudrait aussi, si c’était possible, celui qui a publié une lettre de B. Shaw¹⁷⁵ où il justifiait Hitler, quoiqu’il le trouve inconcevable.

Nous envoyons tous des souvenirs affectueux pour toi et ta Famille.
Ton frère et ami

Jaime

54

20 / XII / 1939.
Villa Angello,
Rue Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

Je t’envoie ci-joint le 8e article de cette nouvelle série pour la propagande anglaise en portugais. A propos, je dois te faire une remarque. Comme tu verras, le sujet de celui-ci, c’est la personnalité d’Hitler. Je n’ose pas dire là-dessus tout ce que je pense et m’exprimer tout à mon aise, parce qu’on m’a dit qu’au Brésil on ne laissait pas publier des attaques violentes contre les chefs de Gouvernement. C’est la deuxième fois qu’en parlant d’Hitler j’ai dû, à cause de cela, adoucir le style.

175 George Bernard Shaw, 1856-1950.

J'ai reçu hier à la Société Générale, après avis préalable, la somme en francs correspondante à 2 £ et ½. J'ai conclu que cela devait venir de ta part, quoique je n'aie reçu, jusqu'à présent, aucune lettre de toi à ce sujet.

Nous tous vous envoyons, à toi et à ta Famille, les meilleurs voeux d'un Heureux Noël et de Bonne Année.

Malheureusement j'ai reçu hier d'assez mauvaises nouvelles de notre Soeur. On me dit qu'elle a de nouveau besoin de partir pour le Caramulo et qu'elle n'attend pour cela, qu'une amélioration d'un état assez délicate.

Il est probable qu'Antonio¹⁷⁶ vienne passer ici les vacances, avec nous. S'il apporte des nouvelles intéressantes de notre pays, je te les transmettrai.

Ton frère et ami

Jaime

55

Le 2 Janvier 1940¹⁷⁷

Villa Angello,
r. Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

176 O filho António Augusto Zuzarte Cortesão, 1916-1995.

177 Anotação ilegível, talvez, como noutras: Resp(ondi) 6.

J'ai reçu tes lettres avec tes remarques sur mes articles, dont je prendrai note dorénavant. Je commence à comprendre le type d'articles désirés.

J'envoie ci-joint, le 1er article de ce mois – "Uma revolução na Inglaterra" – et la note des articles que je t'ai envoyés pendant le mois dernier. J'ai mis un nombre approximatif de mots pour chacun des articles, parce que je ne savais pas qu'il fallait les compter exactement. Je ne conserve que le brouillon des articles, mais je le modifie beaucoup d'habitude en dictant. Pour les articles qui suivront je prendrai note du nombre exact de mots.

Je te prie de remettre ces feuilles¹⁷⁸ le plus vite possible car cela me gênerai d'attendre longtemps.

J'ai reçu une aimable lettre de M. Wise¹⁷⁹ qui accompagnait les deux premiers livres blancs anglais et quelques articles qu'il a fait traduire en portugais. Je vais lui répondre ces jours-ci.

Comme je l'espérais, Antonio est venu passer les vacances avec nous. Il me dit que les oppositions politiques là-bas, sont, à cause de la guerre, très affaiblies. A ce qu'il semble, la déclaration du présid(ent) Machado a produit en général une bonne impression. On parle beaucoup d'une amnistie, probablement partielle, ayant comme prétexte la commémoration du bi-centenaire qu'on va célébrer là-bas.

Je te remercie pour tes vœux de Bonne Année. Ma Famille se recommande très affectueusement.

Ton frère et ami.

Jaime

178 A nota dos artigos do mês anterior.

179 A. F. Wise, Esq.

Cher Oncle¹⁸⁰: Merci pour vos aimables mots et votre sollicitude. Mon Père possède votre petit mémoire au Congrès d'Amsterdam et je l'ai déjà lu. Je regrette que la parution de votre grand commentaire et publication du Mss.¹⁸¹ soit retardée, car il m'a semblé que l'oeuvre de Tomé Pires doit avoir un certain intérêt littéraire. C'est le seul qui m'intéresse en ce moment et pas du tout l'historique, puisque le sujet de ma thèse est exclusivement littéraire (Exotisme de la litt. Port. du XVIe s.)

Comme je ne dois présenter ma thèse que fins Février ou au début de Mars, peut-être auriez vous publié votre ouvrage jusques là. Quant aux indications bibliographiques dont vous me parlez je ne voudrais <pas> tout d'abord abuser de votre temps et ensuite je ne sais si elles pourraient m'être utiles en ce moment, car j'envisage la litt(érature) port(ugaise) exotique comme collective et je m'occuperais [sic] peu des auteurs en particulier. J'ai reçu un mot de mon ami Ed(uard)o Luis¹⁸² il y a peu de temps. Le petit Armand Il est-il beau et fort? Je l'espère et l'embrasse ainsi que son Papa. Votre nièce Judith

56

10. I. 40

V. Angello,
r. Saraspe,
Biarritz.

180 *Post-scriptum* da filha de Jaime Cortesão, Maria Judith, que lhe dactilografa as cartas.

181 Queria dizer: Manuscrite.

182 Pode ser o seu meio-irmão Eduardo Luís O'Connor Shirley Zuzarte Cortesão, 1919-1991.

Cher Frère,
 Ci-joint le 2e article de ce mois pour la propagande anglaise en portugais.

Nos souvenirs affectueux pour ta famille.
 Ton frère et ami

Jaime

57

22 – I – 1940.¹⁸³

Villa Angello,
 R. Saraspe
 Biarritz.

Cher Frère.

Le jour où j'ai reçu ta dernière carte postale, j'avais déjà en mains depuis deux jours le chèque £.16.16. Mille fois merci de tes bons offices.

C'est assez bien; mais quand tu penses que la vie ici est bien meilleur marché qu'en Angleterre, tu fais erreur. Partout, comme c'est naturel, la vie a augmenté avec la guerre. Et ça ne fait que commencer.

Au point de vue de la valeur de mes articles, je crois entrevoir un changement d'orientation entre le 1er et le 2e chef des services. Mais je tâcherai, comme il convient, de restreindre le côté littéraire de mes travaux. Dans tous les cas, je déplore qu'on ne me donne pas des directives plus concrètes, ce que d'ailleurs j'ai demandé à M. Wise. J'aimerais connaître quels sont les sujets de propagande les plus désirables.

Ci-joint je t'envoie deux articles, le 3e et le 4e de ce mois. L'un d'eux – A beligerância moral do Vaticano – a été rédigé en vue de l'opinion

183 Anotação de Armando: Resp(ondi) 24.I.40.

catholique du Brésil, que je sais très importante. Le 2e – A crise Hore Belisha, – sur un cas d’actualité, j’ai peur, comme toujours, en des circonstances semblables, quil [sic] perde son opportunité.

Nos souvenirs affectueux pour ta Famille,
Ton frère et ami

Jaime

58

27.I.1940¹⁸⁴

Cher Frère,

J’ai reçu hier une lettre de M. Wise, accompagnat [sic] les¹⁸⁵ renseignements statistiques que je lui avais demandés.

Après quelques mots aimables sur mon article “O Império britânico como força moral”, (very good), il me demande courtoisement de donner un style un peu plus léger à ma collaboration. Il finit par me dire qu’il pourra accepter “approximately four articles” par mois. J’aimerais bien connaître le sens exact du mot “approximately”. On peut envisager un peu plus que les quatre ou non?

Comme tu m’avais dit récemment que je pourrais envoyer de 6 à 8 articles par mois, j’avais déjà rédigé deux autres articles; aussi je te les envoie ci-joint. Ce sont le 5e et le 6e de ce mois: “A Inglaterra e a França”; “Acôrdo anglo-francês e acordo germano-russo”.

En même temps je t’envoie la liste des six¹⁸⁶ articles. Tu verras si c’est possible qu’on les accepte.

184 Anotação de Armando: Resp(ondi) 4.II.40.

185 Emendado de: des

186 Emendado de: de ces

Nos souvenirs amicaux pour ta Famille,
Ton frère et ami

Jaime

59

15.II.1940¹⁸⁷

Biarritz.

Cher Frère,

Je t'envoie ci-joint les trois premiers articles de la propagande anglaise en portugais, de ce mois. J'ai l'intention d'envoyer un ou deux articles en plus du nombre indiqué par M. Wise, pour parer d'ailleurs à l'hypothèse de ce qu'ils ne soient pas tous acceptés.

Ce que je demandais ce n'était aucunement des sujets d'articles, mais des directives générales. Par ex: Serait-il utile que j'écrive parfois comme si j'étais un citoyen brésilien, résident au Brésil?

Comme j'ai l'intention d'envoyer prochainement encore deux ou trois articles, dis-moi aussitôt que tu pourras, par avion si possible, si tu crois que je doive écrire à M. Wise pour lui expliquer pourquoi je surpasse le nombre d'articles demandé.

Ne t'étonne pas de l'orthographe de mes articles. Je l'ai tout à fait barbarisée avec les réformes sucessives [sic] de ces derniers temps et dont je suis assez ignorant. Mais je vais faire venir un "Prontuario" et un Dictionnaire actualisés pour me mettre à la page. Aie donc patience et continue à défricher la brousse.

Des nouvelles récentes du Portugal m'annonce<nt> un accroissement des sympathies envers les Alliés. On me dit aussi qu'il y a un

187 Anotação de Armando: Resp(ondi) postal 19.II.40.

mécontentement énorme contre Salazar à cause des sommes formidables d'argent gaspillées avec les fêtes de l'indépendance. Que l'on appelle "As festas da Senhora da Agonia".

Nos souvenirs amicaux pour toi et ta Famille,
Ton frère et ami

Jaime

P.S. J'ai signé un des articles, tout simplement comme hommage personnelle à l'Angleterre. Mais, si on le préfère, on peut la supprimer. Je n'ai pas encore reçu rien du *Fees*.

J.

60

17. II. 1940
Biarritz.

Cher Frère,

Je te réponds cette fois avec quelque retard parce que j'ai été ces temps derniers complètement absorbé par des travaux historiques. J'ai été très sensible et je te remercie beaucoup pour tes efforts en vue de me faire payer quelques articles à un prix plus élevé. Mais je te prie de me dire si la qualité a eu quelque influence sur l'augmentation. Dans le cas affirmatif, j'aimerais aussi avoir quels ont été les articles les mieux payés, car cela me servirait d'indication.

Je te remercie aussi pour l'envoi du petit *Prontuario*. Je vais tâcher d'être un bon élève. J'ai reçu aussi et je te remercie pour l'envoi du tirage spécial de tes articles de l'*Historia da Expansão*". Je les con-

naissais déjà. Tu as fait de grands progrès. J'ai quelque chose à te dire là-dessus, que je réserve pour une prochaine lettre.

Ci-joint je t'envoie le 1er article de ce mois-ci, de propagande anglaise en portugais: "Imperialismo e demografia". Dans deux jours j'en enverrai un autre et les derniers à la fin du mois.

As-tu reçu ma lettre à propos de la traduction du livre "Man and Metals"?

Camilo m'écrit au sujet d'une affaire qui peut être intéressante. Il s'agit de l'exportation de cristaux brésiliens de diverses sortes, très recherchés a cause de leurs nombreuses applications¹⁸⁸ dans les industries de guerre, surtout pour la fabrication de lentilles. Il existe aussi à Bahia certains carbonates, uniques au monde dans ce genre, également très employés dans les industries en rapport avec la guerre. Il me dit avoir la plus grande facilité pour mobiliser au profit des Alliés ces marchandises. Et se montre, naturellement, disposé à partager les gains possibles de l'affaire avec l'intermédiaire en Europe. Comme tu comprendras, dans la situation où je suis, je ne puis rien faire à ce sujet. Quelle est ton opinion là-dessus?

Nos affectueux souvenirs pour ta Famille,
Ton frère et ami

Jaime

P.S. J'ai signé l'article, parce qu'il implique autorité d'historien. Mais si on le préfère [sic], on peut supprimer la signature.

J.

188 No original: application.

61

27 . II . 1940.

Biarritz.

Cher Frère,

Je t'envoie ci-joint deux articles pour la propagande anglaise en portugais. J'ai reçu la carte postale, où tu m'accuses la réception des trois derniers; et je désiste en conséquence d'écrire à M. Wise sur le nombre des articles que j'envoie ce mois-ci. Si cela te paraît nécessaire tu lui diras que le surplus d'articles c'est pour parer l'hypothèse de la non-acceptation d'un quelconque de ces articles.

Ci-joint aussi la liste des articles de ce mois.

Je vais te demander maintenant un service qui pourrait m'être d'une grande utilité. Une maison éditoriale du Brésil la "Cia Editora Nacional", <de S. Paulo> avec laquelle je suis en relations, me charge de faire la traduction d'un ouvrage anglais "Man and Metals" de T. A. Rickard, à la condition que j'obtienne la permission et des droits convenables de traduction.

Mais je ne connais du livre que la traduction française. Je ne connais pas même le nom de la maison éditoriale anglaise. Tu me rendrais donc un grand service si tu pouvais faire les démarches en mon nom auprès de l'éditeur ou de l'auteur. Ou, le cas échéant, me donner l'adresse de l'un ou de l'autre.

Nonobstant il y a une chose que seule une troisième personne peut faire: expliquer la catégorie du traducteur. Si tu faisais cette démarche, il te faudrait souligner le fait que cette traduction portugaise ne peut pas porter de préjudice commercial qu'à la traduction française, et non pas à l'original, étant donné que l'anglais est très peu lu au Brésil.

Comme on me paie passablement les traductions de ce genre

/2/

ce travail pourrait peut-être m'aider à trouver la solution pécuniaire de mon départ au Brésil.

Je te remercie pour les nouvelles que tu m'as envoyées sur la situation là-bas, lesquelles d'ailleurs me sont confirmées continuellement par d'autres sources.

Nos souvenirs affectueux pour ta Famille,
Ton frère et ami

Jaime Cortesão

62

21 – III – 1940

Biarritz.

Cher Frère,

En même temps que ta carte postale, je recevais en effet le chèque du Ministry of Information, lequel confirmait tes suppositions sur le paiement de mes articles. Ce fut naturellement une agréable surprise, et je te suis très reconnaissant pour la part que tu y aies pris. Je vais aussi écrire à M. Wise, cette fois en portugais, en lui présentant mes remerciements.

Je t'envoie ci-joint deux autres articles de la propagande anglaise en portugais. Il y a trois jours je t'en ai envoyé un autre.

Je trouve très bien la solution que tu m'indiques quant à la traduction de "Man and Metals" et je t'envoie la lettre pour la librairie, en te remerciant d'avance pour tes bons offices. Tu as raison: le livre est trop grand. Mais j'ai grand besoins d'appointements extraordinaires pour les frais du voyage de trois ou quatre personnes de famille pour le Brésil.

Albert Kammerer¹⁸⁹, dont tu connais très bien le nom, et avec lequel je suis en très bons rapports, vient de m'écrire en me demandant d'être auprès de toi l'intermédiaire de la demande suivante: Il a grand besoin de ton ouvrage sur la cartographie portugaise (les 2 vols), d'autant plus qu'il publie en ce moment les derniers volumes de son travail monumental "La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie depuis l'Antiquité" qu'il se ferait un plaisir de t'offrir. Je connais très bien cette dernière partie de l'ouvrage, parce que j'ai revu beaucoup de ces épreuves. Elle est tout à fait consacrée à l'ex-

/2/

pansion des portugais en Orient et elle contient la reproduction de beaucoup de cartes portugaises, dont quelques unes inédites. J'aurais d'ailleurs plaisir à être agréable à M. Kammerer. Est ce [sic] que tu pourras lui envoyer ton livre?

Je réserve les observations assez longues sur les travaux que tu m'as envoyés, pour une autre lettre.

Le prochain fasc(icule) de l'Histoire de l'Expansion contiendra aussi un article à moi, que je t'enverrai, en séparata.

Nos affectueux souvenirs pour la Famille,
Ton frère et ami

Jaime

63

25/III/1940.

Biarritz.

Cher Frère,

189 Albert Kammerer, 1875-1951.

Ci-joint deux autres articles, le 4e et le 5e de ce mois, de la propagande anglaise en portugais.¹⁹⁰

Começarei hoje as minhas considerações sobre o teu último trabalho. Será sobre o primeiro cap., “O descobrimento da Australasia e a questão das Molucas”. São¹⁹¹ muito interessantes as tuas constatações entre a viagem de Pero da Covilhã, a cartografia internacional da época e o tratado de Tordesilhas. Tenho razões para supôr que já o Infante D. Henrique teve grandes luzes sobre a geografia oriental, que lhe teriam sido fornecidas por algum ou alguns judeus peninsulares, que êle enviou ali em viagem indagadora. Estou convencido que a carta levada por Af(ons)o de Paiva e Covilhã era baseada principalmente sobre o mapamundi de Fra Mauro. Este teve, como suponho mostrar num trabalho que espero enviar-te brevemente, uma grande importância na orientação dos descobrimentos no reinado de D. João III. Aceito a tua tèse [sic] de que Pero da Covilhã tivesse enviado a João III uma carta mais ou menos semelhante à de Fra Mauro, acrescentada das correcções e adendas por êle averiguadas durante a sua viagem às costas do Malabar. Mas suponho que êle permaneceu com o mapamundi que levara de Portugal e <o> transportou consigo para a Abissinia. Sobre êste particular é possível que te haja escapado o cap. XXI da Crónica de D. João II de Ruy de Pina. Dêle se conclui que um dos objectivos dos dois viajantes era elucidar o Preste João sobre o¹⁹² alcance dos descobrimentos portugueses ao longo da costa de África sobre um mapamundi, para poder conectar directamente os portugueses com os abissínios, conforme a concepção de Fra Mauro.

Viagem de Bartolomeu Dias, por mar e, de Pero da Covilhã, por terra, pertencem ao mesmo plano. Assim se explica que o primeiro

190 A partir deste ponto, passa a ditar em português.

191 Jaime inseriu o til manualmente aqui e noutros pontos da carta.

192 Emendado à mão de: do.

lançasse certos negros e negras na costa para levarem ao Preste a notícia dos descobrimentos portugueses.

Sôbre tôda a matéria com que abres esse cap. julgo ter alcançado também algumas precisões que vão ao encontro das tuas. O resto ficará para a próxima.

Comecei esta carta em francês, mas distraidamente passei a ditar em português. Espero que não tenhas esquecido o idioma materno e tanto mais que êle pode voltar a ser-te muito necessário. Correm por aqui insistentes notícias sôbre uma amnistia “ampla”, com motivo do duplo centenário. É certo que estas notícias estão em contradição com o último discurso do Estadista. Dou-tas sob reserva, como se diz nos jornais.

As nossas afectuosas lembranças para os Teus e um abraço grande do teu

Irmão muito amigo

Jaime

P.S. se parecer conveniente que o artigo sobre Ruy Barbosa seja assinado, à vontade...

64

19 – Abril – 1940.

Biarritz.

Armando,

A tua ultima carta trouxe-me um grande desgosto: o saber que tinhas vendido a casa que foi dos nossos Pais e que tinhas sido obrigado a isso. Quem é então o proprietário actual?

Há cêrca de 10 dias recebi carta do Sr. Wise dizendo-me que apreciara muito os meus últimos artigos e pedindo-me para lhes dar como tema principal a certeza da vitoria e fazer alguns demonstrando que a Victoria da Inglaterra seria a de Portugal. Comecei pelos segundos. Como a guerra atravessa uma fase de intensa renovação, pareceu-me preferivel deixar que os acontecimentos se precisassem mais para escrever os primeiros.

São pois três artigos em volta das relações entre Portugal e a aliança inglesa, nos seus aspectos actuais, que hoje envio, e que peço entregues ao Sr. Wise. A êste escreverei também amanhã agradecendo as suas indicações e bôas palavras e comunicando-lhe o que acabo de te dizer. Breve seguirão os restantes.

Falemos agora dos trabalhos históricos recíprocos. Com efeito, nêstes ultimos anos, não tenho publicado trabalho de que pudesse enviar-te separata. Tenho actualmente três grandes livros no prelo, o que já há muito te comuniquei: dois na Espanha e que já havia terminado antes da guerra, sôbre descobrimentos pre-colombinos e história do Brasil; outro em Portugal que ainda não terminei, "Portugal na História da Humanidade", e cuja publicação se arrasta, mercê da miséria financeira das editoriais portuguesas.

Passemos à separata que me enviaste. Já te falei um pouco da parte que se refere ao tratado de Tordesilhas. Quanto à restante não ha dúvida que dás grandes precisões sôbre base documental nova quanto à China, Macau e Japão. É também extremamente provavel o que afirmas quanto ao Descobrimento da Australia. Devo no entanto fazer-te as seguintes observações. Não tenho aqui todos os fascículos da minha colaboração na Historia de Portugal, pois me ficaram desgarrados numa ravina pirenaica. Mas creio ter já afirmado sobre o descobrimento da China naquêle trabalho os factos, cuja prioridade atribues a ti ou ao Keil¹⁹³. Não estou de acordo com a literalidade abso-

193 Luís Cristiano Cinatti Keil, 1881-1947.

luta que observas na transcrição dos textos antigos, plausível apenas numa edição crítica ou numa obra de pura erudição.

Quanto ao descobrimento da Australia, suponho que além das viagens a que aludes à busca da Ilha do Ouro, já anteriormente referidas por Gabriel Ferrand¹⁹⁴, os portugueses tiveram conhecimento por indígenas da existência de terras continentais ao sul de Banda. E teria sido útil que li-

/2/

gasses as tuas afirmações quanto à cartografia de Dieppe com as revelações contidas nas obras de Jean Alphonse. Quanto ao descobrimento das ilhas de Sequeira, também eu já chegara a conclusões parecidas às tuas, pela leitura de Galvão. Ponho apenas dúvidas quanto à identificação com as de Palau. Não serão de preferência as ilhas das Velas de S. Tomé, a que se refere o tratado de Saragoça, melhor situadas no arquipélago das Carolinas? Estranho que não tenhas falado no descobrimento de Jorge de Menezes. Por mim não creio que nem o anterior nem este sejam obra do acaso, mas ao contrário suponho-os relacionados com o diferendo com Castela por causa dos limites. Porventura se ligue também a essas explorações na direcção do nordeste e do sudeste a viagem de Martim Afonso de Melo Juzarte.

Reconheço, não obstante, que te seria muito difícil senão impossível falar de todos esses problemas dentro do acanhado espaço que por certo te foi imposto, como a mim sucedeu.

Interessantíssimas são as revelações que fazes sobre a Suma Oriental de Tomé Pires e os espantosos desenhos que reproduzes do cartografo Rodrigues. Que pena não poderes publicar tudo imediatamente. Teria o mais vivo interesse em conhecê-lo.

E para terminar algumas noticias interessantes. Constam todas duma carta do J. de Ms., antes de ontem recebida. Nunca te referi o primeiro desses factos, porque elle me pediu segredo absoluto sobre

194 Gabriel Ferrand, 1864–1935.

isso. Receava que a divulgação o prejudicasse. Trata-se do seguinte: há [sic] cerca de 2 meses dois dos filhos do J. de M., um dos quais o Oscar¹⁹⁵, na companhia da mulher e do filho, embarcaram a caminho do Rio num vapor brasileiro. Ao tocar em Lisbôa os rapazes foram presos. Note-se que um deles é desertor e os dois por ter combatido em Espanha tinham perdido a nacionalidade, por real decreto. Houve, pois, as maiores inquietações sobre a sua sorte. Ora, há [sic] menos duma semana, foram soltos; deram-lhes novos passaportes; e deixaram-nos seguir para o Brasil. Outro irmão, o mais novo, igualmente combatente em Esp(anha), acaba de obter no consulado de Paris o visto da caderneta militar, o que equivale ao reconhecimento da nacionalidade. Tendo perguntado [sic] ao cônsul se poderia regressar a Portugal, êste respondeu, ao contrario das suas afirmações anteriores, que breve seria concedida uma amnistia e então podia regressar. Não sei até que ponto êstes factos te podem interessar, mas êles denunciam, por certo, um comêço de transformação nas orientações do govêrno português.

Pede-me o Bern(ard)o para te perguntar [sic] se tu recebeste uma carta sua.

Afectuosas lembranças nossas a todos os teus.

Um abraço do teu irmão muito amigo

Jaime

65

25 – IV – 1940¹⁹⁶

Biarritz.

195 Óscar Waldemar Secca de Moraes, 1909-2001.

196 Anotação de Armando: Resp(ondi) 30.

Querido Irmão,

Seguem com esta carta mais três artigos da propaganda inglesa em português, e estes sôbre o segundo dos temas que me foi enviado pelo Sr. Wise.

Só hoje recebi o documento de pagamento dos artigos do passado mês. Por êle vejo que aceitaram quatro. Não sei, pois, se êstes excederão o contingente possível. Mas assim será mais facil a escôlha e, se todos forem aproveitaveis, poderá algum passar para o próximo mês.

Devo a-propósito dizer-te que acabo de sofrer uma pêrda gravíssima entre as pessoas cuja amizade me tem sido mais eficaz. Morreu hà [sic] pouco tempo em S. Paulo o Ricardo Severo¹⁹⁷, que no Brasil me buscava trabalho e defendia interêsses. Por intermédio dêle arranjava a tradução de Rickard e outros trabalhos. Temo bem que tudo ou grande parte vá por água abaixo.

De Portugal por agora não tenho mais novas.

As nossas afectuosas lembranças para os Teus.

Abraça-te o teu irmão muito amigo

Jaime

P.S. já depois desta escrita fui a um banco inglez, com o documento de pagamento, daí enviado. Pozeram-me [sic] todas as dificuldades, por ser pagamento a um mez [sic]. Só a intervenção dum empregado conhecido, a custo, resolveu o caso. Nunca mais te falaram nesse projecto de publicação de folhetos? É pena. Escrevendo os artigos anteriores, vi que a Aliança Ingleza era assunto a explorar. Teu

J.

197 Ricardo Severo da Fonseca e Costa, 1869-1940.

66

Armando:

17.V.40

Junto seguem dois artigos para a propaganda inglesa em português. Agora, sim, que começa a ser difícil escrever sobre os acontecimentos, de¹⁹⁸ tal forma eles galopam.

Estou muito inquieto, como podes calcular.

Breve escreverei mais a vagar.

Recomendações afectuosas nossas para os teus. Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

67

Armando:

22.V.40

Seguem juntos mais dois artigos de propaganda inglesa em português. Conto enviar ainda mais dois brevemente.

Até hoje, e contra o costume ainda não recebi nada daí. O que não estranho [sic], dadas as excepcionalíssimas circunstâncias.

Apesar de muito inquieto, mantenho intacta a confiança na vitória dos Aliados.

Um abraço do teu irmão mto. amigo

Jaime

198 Leitura duvidosa.

68

27-V-1940

Biarritz.

Armando,

Seguem mais dois artigos da propaganda inglesa em português, e com êles a lista dos honorários. Até hoje ainda não recebi a nota <dos> do mês passado.

Amanhã responderei ao Sr. Wise a carta dêle recentemente recebida.

As nossas afectuosas recomendações aos Teus.

Um abraço do teu irmão muito amigo.

Jaime

69

8-VI-1940.

Biarritz.

Querido irmão:

Junto seguem mais dois artigos da propaganda inglesa em português.

Rogo-te o obséquio de observares ao Sr. Wise que um dêles, "O novo direito penal do Reich" foi escrito sob dados recolhidos nos "Extraits communiqués de presse étrangère", que todos os dias recebo, enviados pela Presid(ência) do Ministério francês. Estes em questão constam do boletim do dia 5 onde vem reproduzida por extenso tôda

a ordenança, a que me refiro, com uns comentários, entre os quais os do jornal suíço, a que me refiro.

No último do mês passado recebi a quantia, que em carta me fôra anunciada pelo Sr. Wise. Rogo-te que lho comunique com os meus agradecimentos.

A semana passada estive eu em cólicas por Londres e porti. Agora... Guardo, não obstante, intacta a minha confiança. O que digo no outro dos artigos hoje enviados exprime sinceramente o que penso.

Sabes naturalmente que no dia 3 do corrente saiu um decreto de amnistia em Portugal. Já o li. Mas é cheio de tantos alçapões jurídicos, que não é fácil saber a quem abrange. Só investigações pessoais poderão dilucidar cada problema. Não sei ainda.

As nossas afectuosas lembranças para os Teus e para ti.

Abraça-te o teu irmão muito amigo

Jaime

P.S. – Ao contrário do que me dizes na tua ultima carta, sobre os artigos para Portugal, depreendo da ultima carta de M. Wise que êle deseja que em geral todos os meus artigos possam servir para Portugal e para “a América Latina”. Ou não será assim?

70¹⁹⁹

Exmo. Senhor Dr. A. Cortesão

Como já lhe escrevi duas cartas sobre o mesmo assunto, sem até hoje ter obtido resposta, e temo que essas cartas, devido às grandes dificuldades nas comunicações, não tenham chegado ao seu destino, vou repetir o que tenho dito e experimentar enviar esta por avião.

199 Anotações de Armando, a lápis: Resp. 23.VII Campinas [?] / 31.VII-jaime (Peniche).

O que, em resumo, desejava saber é se a agencia comercial, de que V.Excia. faz parte, continuaria a necessitar dos meus serviços, e em /2/

que condições e, se no caso de eu ir para o Brasil, eles lhe seriam igualmente uteis.

Em cartas anteriores pedia a V. Exia. também o obséquo de receber, em meu nome, o dinheiro das minhas comissões e fazer o favor de o enviar para seu Cunhado, para a rua Elias Garcia, 103, 4º E. Era grande favor faze-lo com a brevidade possível, pois estou buscando os meios de ir para o Brasil e essa quantia poderia auxiliar-me.

V.Excia. sabe naturalmente que seu irmão, ao regressar de /3/

França, foi preso na fronteira, assim como sua sobrinha. Ao que me dizem, continuam ambos na mesma situação; o primeiro em Peniche, a segunda em Lisboa. Se V.Excia. quisera escrever-lhes, não faria mais que dirigir-lhe a carta para a Fortaleza de Peniche. Ao que me dizem, ele está em condições relativamente humanas, pois lhe permitem trabalhar num gabinete separado.

As minhas affectuosas recomendações para todos os seus.

Amigo muito grato

J. de Abreu

71

F(ortalez)a de Peniche

Querido Irmão

14. VIII. 40

Respondo hoje e agradeço a tua carta de 31 do mez passado, a qual, apesar da via aérea, me chegou com 6 dias sobre a data.

Começarei por te falar do acontecimento pungente, que acaba de nos enlutar. Provavelmente saberás a estas horas que a nossa Irmã faleceu no dia 11, às 5 da madrugada, no Sanatório do Caramulo e em consequência duma operação. De longe, conhecendo o seu estado de extremo enfraquecimento, fui contrário à intervenção cirurgica, tão deprecadora que exigiu a ablação de quatro costelas. Extenuada pela doença, aguentou o choque da operação penosíssima, durante cerca de duas semanas, em condições de sofrimento individual. Aos médicos que lhe prolongaram os padecimentos com estimulantes, em doses máximas, pediu repetidamente que a deixassem morrer depressa.

Estes pormenores soube-os pelo Casimiro²⁰⁰, no dia do enterro. E, se tos comunico, sabendo que sofrerás com eles, é porque entendo que as dores, como as alegrias de família, constituem património comum e inalienável.

Sabes a preferência de sensibilidade que nos uniu à Judite²⁰¹ e a mim, enquanto solteiros. Casados, essa amizade não amorteceu. Sabes o carinho e veneração que ela nos mereceu sempre a todos, graças à sua quasi [sic] santidade. Separados pelos 14 anos do meu exílio, ambos ansiávamos rever-nos. Ainda nos últimos dias da sua doença mo dizia. O desenlace desta situação: Ela morta no Sanatório, eu, a ferros, depois de tantas amarguras, podes calcular que espécie de golpe brutalíssimo foi para mim, por mais acostumado que esteja aos insultos da fortuna.

Alguns amigos buscaram-me um alívio. Fui autorizado a ir assistir ao enterro. Lá parti de automóvel com o Ângelo e o Pedro de Almeida, mas já não conseguimos mais que alcançar o féretro dentro do cemitério de S. João. Aí assisti à inumação na campa, onde já repousam os nossos pais e a outra Irmã.

200 Augusto Casimiro, 1889-1967.

201 A irmã Judite Zuzarte Cortesão Casimiro, 1887-1940.

Lá estavam Tio Joaquim²⁰², Ivo²⁰³, e demais familiares e amigos da terra e de Coimbra. Estive um momento com o Casimiro, os nossos sobrinhos, Tio Joaquim e Ivo em tua casa, onde nos foram saudar muitas pessoas conhecidas, movidas de piedade e simpatia, sentimentos partilhados pelo

/2/

povinho da terra, que se aglomerou rapidamente e em número, em frente da casa, para me saudar, por forma tão espontânea [sic], que me comoveu.

Fui acompanhado, é claro, por um guarda. Mas a escolha recaiu, provavelmente com intenção, em pessoa que se desempenhou da sua missão por forma humana e discreta. Saído às 7 da manhã da Fortaleza, regressava às 11 da noite à Caserna, onde habito, com mais 34 homens, companhia, como podes calcular, pouco agradável em semelhante conjuntura. Perguntas-me as condições e com que fundamento fui posto nesta situação. Esta começou na própria fronteira desde que cheguei – sorte compartilhada pelas irmãs Pope e teu cor. Aragão, pois viajávamos no mesmo comboio. O A. Pope foi solto, passados 2 ou 3 dias; outros, como o César de Almeida²⁰⁴, nem presos. Perante esta variedade de tratamento é muito difícil dizer-te o fundamento do que me acontece, tanto mais quanto até hoje nem fui ouvido, nem inculpada. Conheces, aliás, a minha atitude e a dos demais republicanos exilados em França nos últimos tempos. Chegam-me aos ouvidos ruídos de acusações, – umas absurdas, outras gratuitas e caluniosas. Suspeito que certos biltres tenham comprado a liberdade ou o desfêgo material, a preço de falsas denúncias, que me envolvam, a serem verdadeiros aqueles ruídos.

202 Joaquim Maria da Silva Cortesão, 1853-1946.

203 Ivo da Veiga Cortesão, 1910-2001.

204 Júlio César de Almeida, 1892-1977.

A verdade é que a idade²⁰⁵, a saúde precária, a educação e a categoria (se é que tenho alguma...) multiplicam as penalidades da minha situação. Não vale a pena descer a pormenores. Digo-te apenas aquele, que representa refúgio e compensação: foi-me concedido poder trabalhar umas cinco horas ao dia em local apartado e adequado. Embora pouco, e ainda que os meus trabalhos exijam, como sabes, instrumental abundante, impossível de reunir aqui, já é alguma coisa.

Agradeço os teus esforços junto da livraria Wise, para que paguem prontamente os meus trabalhos. Se quando esta aí chegar, ainda o não houvessem feito, peço-te lembres a conveniência de o fazerem por avião. De contrário, não se sabe quando chega. Vejo que o meu último ensaio sobre a Doutrina de Monröe, enviado de França, não chegou aí. Reconheço que é difícil continuar a trabalhar para revistas inglesas, em parte porque a informação da imprensa portuguesa é precária. E a propósito: sempre que te seja possível, envia-me d'aí [sic], dirigidas para mim, revistas ou jornais ingleses, cuja leitura te pareça útil.

Sobre a situação internacional partilho as tuas convicções e receios, muito mais em relação à Pátria. Também receio por ti.

Afectuosas lembranças aos Teus. Abraça-te o teu irmão mto. amigo

Jaime

72

Querido Armando:

14. IX. 40

205 Leitura duvidosa.

Recebi, ha cerca duma semana, o cheque remetido pela livraria Wise e agradeço muito os teus esforços, junto daquele senhor. Não agradei imediatamente, porque entretanto fui transferido para Lisboa e, aqui chegado, caí gravemente doente com enfermidade de carácter hepático, cujo diagnóstico se está precisando neste momento, por meio de análise de sangue e radiografias.

Para remate eu e Judite, como aliás várias pessoas vindas de França, recebemos ontem notificações e ordem para sair de Portugal para país à nossa escolha, dentro de 30 dias; e “passado este prazo, caso não tenha abandonado o território nacional o Governo resolverá sobre o destino a dar-lhe” – ameaça de sentido transparente.

Mau grado as dificuldades de vária ordem, principalmente financeiras, vou tentar, dentro daquele prazo, seguir com a família para o Brasil. Pedia-te, pois, encarecidamente para averiguares se, chegado ao Brasil, a Livraria teria interesse²⁰⁶ em receber trabalhos meus. Tenho possibilidade em escrever em jornais e revistas e fazer conferencias, mas desejava ampliar o mais possível a minha base de trabalho.

Esta seguirá por avião e pedia-te resposta, o mais pronta possível, pela mesma via.

Sigo com a maior ansiedade e confiança os acontecimentos; mas temo por ti e pelos “Teus”, a quem²⁰⁷ muito²⁰⁸. Dá-me as tuas noticias para casa do Casimiro.

Abraça-te o teu irmão amigo e grato

Jaime

206 Palavra interesse repetida

207 Palavras ilegíveis.

208 Palavras ilegíveis.

73

Rio, 11 – I – 1941.²⁰⁹
 Caixa Postal 1921.

Querido Armando,

Como deves saber, estou no Rio de Janeiro ha pouco mais de 2 meses, em companhia da Carolina e da Judith.

Antes de partir de Portugal, escrevi-te a tempo de receber resposta, uma carta em q. te participava [sic] a minha partida e te comunicava q. estaria aqui igualmente ao dispor do sr. Wise. Não²¹⁰ recebi até ao momento da partida resposta alguma. Ter-se-ia extraviado carta minha ou tua? Seja como fôr, desejo, por todos os motivos estar em comunicação contigo.

Primeiramente desejarei saber noticias tuas e da Familia. Constatou-me em Portugal q., devido a causas de guerra havias mudado de alojamento. Como ignoro a tua nova direcção, escrevo para a B.B.C. E espero q. me respondas brevemente.

De entrada, adoeci com uma forte gripe, o q. me prejudicou em meus trabalhos. Não obstante, já fiz algumas conferencias pagas em S. Paulo e Santos. Devo voltar a S. Paulo nos fins do próximo mês para ali dar ainda algumas conferências nas mesmas condições. Não me faltam, aliás, convites para realizar conferências gratuitas, e brevemente devo realizar uma aqui, no Rio, a convite da Associação Brasileira de Imprensa, grande potentado brasileiro, e na sua sede. Tenho, por outro lado convite para escrever nalgumas revistas e jornais, o q.

209 Anotações de Armando: 31.VII-jaime (Peniche) / em mão do Wise v. [ilegível].

210 A máquina de escrever usada pelo autor não parece dispor de til, sempre substituído por acento circunflexo.

já comecei a fazer. Também tive oferta dum dos melhores editores brasileiros para editar alguns dos meus livros em preparação.

Devo dizer-te, não obstante, q., ao contrario do q. esperava, tanto livros como artigos são, por forma geral, muito mal pagos. Nestas condições estou encontrando dificulda-

/2/

des com q. não contava e, ainda nem sequer me instalei definitivamente. Por êsse motivo dou a direcção da caixa postal do Fausto.

Devo informar-te q. estou aqui nas melhores relações com os representantes do governo português. Acontece até q. o embaixador mandou um dos seus secretários cumprimentar-me, a quando a minha chegada. Retribui os cumprimentos e estamos hoje em boas relações. Suponho até q. êle recebeu instruções oficiais para me tratar com a devida consideração. Do cônsul tenho recebido igualmente as maiores provas de deferência. Em Santos a minha conferência no Club Português foi presidida pelo cônsul.

Renovo os meus oferecimentos ao Sr. Wise. Não existe aqui qualquer organismo delegado, com o qual pudesse pôr-me em contacto?

Deve estar a estas horas impresso em Portugal um pequeno volume ou brochura com as duas tèses q. apresentei ao Congresso Histórico do Mundo Português. Apenas aqui receber alguns espécimes, enviar-te-ei um. E tu continuas trabalhando em cartologia? Disse-me ha dias o Caio de Melo Franco²¹¹, num almoço q. me foi oferecido em S. Paulo, q. tu descobiras e possuias uma carta do Américo Vespucio. Noticia igual me pareceu deprender duma conversa com o Visconde de Carnaxide²¹², q. o soubera do Stefan Zweig²¹³, – q. aqui está igualmente. É verdade? Publicaste alguma coisa sobre o assunto? Interessava-me muito sabe-lo.

211 Caio de Melo Franco, 1896-1955.

212 António Baptista de Sousa Pedroso, 1902-1961, 2º visconde de Carnaxide.

213 Stefan Zweig, 1881-1942.

Carolina e Judith acompanham-me nas minhas lembranças afectuosas para os teus e para ti.

Abraça-te o teu irmão muito amigo e grato

Jaime Cortesão

(Página deixada propositadamente em branco)

Conceito de obra nas FRBR, RDA e BIBFRAME

Work in FRBR, RDA and BIBFRAME

Maria de Fátima Moura de Carvalho¹

RESUMO

Pretendemos fazer uma apresentação da noção de obra nas FRBR (Functional Requirements of Bibliographic Records), RDA (Resource, Description and Access) e BIBFRAME (Bibliographic Framework Transition Initiative).

Este artigo tem como base a dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em fevereiro de 2019.

Com o aparecimento das FRBR, o conceito de obra torna-se fundamental para mudar o foco no tratamento bibliográfico dos fundos documentais. A obra é a entidade de nível mais elevado e as expressões, manifestações e itens são tratados com relação hierárquica com esta obra. Apresentamos a evolução deste conceito ao longo da história da biblioteconomia. Segue-se a apresentação do aparecimento das FRBR, RDA e BIBFRAME e os conceitos de obra nestes documentos/projetos.

PALAVRAS-CHAVE

Obra, FRBR, RDA, BIBFRAME

¹ Bibliotecária na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – fmoura@bg.uc.pt
<https://orcid.org/0000-0002-4610-1822>

ABSTRACT

This article is going to make a presentation of the notion of work in the FRBR (Functional Requirements of Bibliographic Records), RDA (Resource, Description and Access) and BIBFRAME (Bibliographic Framework Transition Initiative). The article is part of the master's dissertation presented to the Faculty of Letters of the University of Coimbra in February 2019.

With the emergence of FRBR, the concept of work becomes fundamental to change the focus on the bibliographical treatment of documents in the library. The work is the highest-level entity and expressions, manifestations and items are in a hierarchical relationship with this work. We present the evolution of this concept throughout the history of library science. Following is the presentation of the appearance of FRBR, RDA and BIBFRAME and the concepts of work in these documents / projects.

KEYWORDS

Work, FRBR, RDA, BIBFRAME

1. Noção de obra: contextualização histórica

O conceito de obra surgiu em 1674 com Thomas Hyde, no seu catálogo para a Bodleian Library, quando registou as obras de um autor sob uma única forma do nome, com remissivas das formas variantes do nome para a forma eleita. Relativamente às obras que poderiam aparecer sob diferentes títulos, ele usou uma única representação do título. No entanto, não usou o termo “obra”, este termo aparecerá apenas mais tarde. A contribuição de Thomas Hyde manifesta-se na tentativa de fazer um catálogo em que as diversas formas dos nomes e títulos fossem harmonizadas (Smiraglia, 2001). Na linha temporal seguinte surge António Panizzi, em 1841, na British Library. Era da opinião que um catálogo não pode ser apenas uma lista de livros e que o leitor, entre todas as obras de que a biblioteca dispõe, deve poder escolher a que mais lhe convém, identificando

o conteúdo intelectual do item. Este conceito de conteúdo intelectual corresponde ao termo “obra”, embora ainda não definido claramente por Panizzi. No seguimento de Panizzi surge Charles Jewett, bibliotecário no Smithsonian Institute, em 1853, e depois na Boston Public Library, em 1858. Jewett era da opinião de que um leitor deveria poder escolher entre várias edições de uma obra e essa possibilidade deveria estar refletida no catálogo. Charles Cutter, em 1876, na sua obra “Rules for a Printed Dictionary Catalogue” e no seguimento do pensamento de Jewett e Panizzi, manifesta também estas ideias, usando indiscriminadamente os termos “livro” e “obra”. Com base no seu pensamento podemos referir que Cutter considera traduções, comentários e edições como equiparadas a criação intelectual original, ou a “texto”. Refere-se implicitamente ao conceito quando diz que o objeto do catálogo é assistir à escolha do livro e da sua edição (bibliograficamente falando). (Svenonius, 2001).

Julia Pettee, em 1936, introduziu o termo “unidade literária”. Segundo ela, o bibliotecário devia distinguir entre livro físico e o seu papel representativo como unidade literária. O catálogo deveria reunir unidades literárias sob um simples cabeçalho independentemente das várias formas como aparece. Pettee não dá as definições de “obra” e “edição”, mas distingue entre unidade literária e unidade bibliográfica, podendo inferir-se que unidade literária corresponde ao conceito de “obra”.

Ranganathan mais conhecido pela conceção da Colon Classification, define também conceitos pertencentes ao universo da catalogação. Assim, em 1971, na obra “Heading and Canons” (Ranganathan, 1971, p. 26), apresenta a definição de obra; segundo este autor, “obra” é: o pensamento expresso, por oposição ao documento (que é o pensamento incorporado). O registo de uma obra em papel ou outro material é feito para ser fisicamente manipulado, transportado através de espaço e preservado ao longo do tempo.

Eva Verona, no seguimento de Pettee e Ranganathan, define o conceito de unidade bibliográfica e unidade literária em 1959. Para Verona unidade literária é um grupo de obras relacionadas (isto é, originais, edições, traduções, adaptações, etc.). A unidade bibliográfica é o item que o catalogador tem na mão. Antes do século XX não havia necessidade de criar uma entrada comum para as várias edições de uma obra, pois as bibliotecas não eram encorajadas a ter mais do que uma edição ou cópia de cada unidade literária. Só a partir de 1950 a questão de reunir unidades bibliográficas se colocou (Smiraglia, 2001). Verona, na sua comunicação na “International Conference on Cataloguing Principles”, proferida em Paris no ano de 1961, refere que há inconsistência na utilização do termo “livro”, que é usado tanto por Cutter como pela American Library Association, podendo significar obra ou, outras vezes, edição. Em códigos alemães usa-se “schrift”, “werk” e “buch”, nos códigos italianos “libro” e “scritto”, sendo estes termos adotados indiscriminadamente. Verona faz a distinção entre termos como “livro”, “publicação” e “unidade bibliográfica” e, por outro lado, distingue entre “obra” e “unidade literária”. Refere ainda que os livros (no sentido de publicação) são representações físicas de obras e que o interesse do utilizador não é a publicação, mas sim a obra representada por ela. Em síntese, dá maior importância à obra do que ao livro (The International Conference on Cataloguing Principles, 1961).

Lubetzky lembra a importância do conceito de “obra”. De acordo com este autor, o catálogo serve não apenas para reunir descrições bibliográficas, mas também para ter um conjunto de entradas de versões de uma obra, e estabelece a importância das relações bibliográficas. Este autor refere ainda que o “livro” é um objeto material, mas usado para transmitir a obra intelectual do autor. Numa comunicação que apresentou na Conferência dos Princípios de Paris, defende que a obra é uma entidade intelectual que pode assumir muitas formas físicas. Cada entidade bibliográfica que aparece num catálogo é, na

verdade, a representação dessa entidade intelectual. O livro físico não pode ser equiparado à obra que contém; pode haver outros livros físicos que apresentem a mesma obra de forma equivalente, ou apenas ligeiramente diferente. Neste sentido, pode inferir-se que Lubetzky preconiza duas componentes na noção de “obra”:

- a) obra abstrata do autor;
- b) diferentes formas, edições e traduções que representam a obra de forma variada.

Neste caso, o título uniforme seria uma forma de reunir todas as obras sob um mesmo cabeçalho e de servir como controlo das obras, de forma a reunir as diversas representações (Smiraglia, 2001).

Tanto Lubetzky como Verona concordam que o primeiro objetivo do catálogo é a rápida localização de um livro; o segundo objetivo consiste em recuperar todas as edições, traduções de uma dada obra que exista na biblioteca; e o terceiro objetivo é procurar recuperar todas as obras de um determinado autor que existam na biblioteca. Com base nos objetivos mencionados, pode intuir-se que um catálogo concebido para responder ao primeiro objetivo está vocacionado para recuperar o livro individual, contudo um catálogo designado para o segundo objetivo terá como ênfase a obra. Verona entende que o principal objetivo do utilizador ao procurar no catálogo é encontrar livros. Neste caso, as Entradas Principais devem focar-se na localização de livros, colocando na entrada principal o autor do livro de que estamos a tratar, remetendo para as entradas secundárias (*added entries*), todas as informações adicionais. Já Lubetzky argumenta que o catálogo deve privilegiar a obra, pois o utilizador que procura um catálogo por nome e título está interessado não numa edição particular, mas sim na obra representada por ela. É da opinião que sobcarregar o catálogo com entradas secundárias de edições e traduções é inútil, na medida em que prejudica o carácter sistemático da estrutura do catálogo e, muitas vezes, provoca confusões no utilizador.

No relatório final da Conferência de Paris, em 1961 (A. H. Chaplin, 1963, p. 112), surge a primeira definição formal de “obra” (antes da imprensa): é qualquer expressão de pensamento, em linguagem, símbolos ou outro qualquer meio para registo e comunicação. Define-se também a noção de “versão e “adaptação”. Relativamente à primeira, entende-se esta como uma das várias formas intelectuais assumidas pela mesma obra (pode ser um texto original e suas traduções, ou vários textos numa língua baseada na mesma obra original); quanto à segunda noção, a de “adaptação”, entende-se esta como uma obra reescrita ou apresentada noutra forma intelectual para servir diferentes propósitos da versão original, ou convertida noutra forma literária. Com base nas definições inferem-se três importantes ideias:

- a) a “obra” é vista como uma entidade intelectual;
- b) a “obra” pode aparecer em várias versões ou representações (por exemplo, edições ou traduções);
- c) a “obra” pode ser adaptada, as adaptações são versões de segunda geração da obra original.

Em 1968, Patrick Wilson debruça-se também sobre o conceito de “obra”. Para este autor, quando um homem escreve uma carta a um amigo, um poema, um relatório de uma investigação, constrói um objeto linguístico, uma sequência de palavras, símbolos escritos normalmente numa página, e, desta maneira, compõe ou inventa uma “obra”. Registou palavras segundo uma certa ordem, produziu um texto. Ele não pode ter produzido uma obra sem ter produzido um texto, e não pode ter produzido um texto sem produzir um exemplar transitório ou definitivo do texto. No entanto, obra e texto não são equivalentes, a obra produzida não é o texto produzido, nem o texto produzido é o exemplar produzido. Para Wilson, a sua definição de “obra” é um grupo ou família de textos e, para um texto ser considerado um texto de uma obra particular, é a mesma coisa do que ser membro de uma certa família. A produção de uma obra não é, clara-

mente, a escrita de todos os membros da família, mas antes o início de uma família. Não é possível ter uma regra para distinguir os textos de uma obra daqueles que não pertencem à obra. Pode haver traduções livres, paráfrases, rearranjos, entre outros. No caso das traduções, Wilson refere que se torna difícil saber se as versões modificadas de uma obra, são uma nova obra ou se se trata da mesma obra. Para Wilson, enquanto houver uma boa razão para distinguir obra de texto, temos que reconhecer que o conceito de “obra” é ainda muito vago (Wilson, 1968).

Em 1974, Akós Domanovsky, citado por Smiraglia (2001, p. 25), apresenta uma nova definição de obra. Para este autor, “obra” são todos os objetos elementares registados no catálogo, as partes integrais não-materiais da versão original de um texto, de coleções de textos ou outros conteúdos documentais, ou uma versão revista, alargada, abreviada, adaptada, da versão original, na própria língua do original ou numa tradução. Domanovsky enuncia as várias componentes de uma “obra”:

- 1) componentes com conteúdo idêntico, mas com outras formas físicas;
- 2) texto original e traduções;
- 3) reedições de um texto, ampliadas por autores, sem ser o autor original;
- 4) edições revistas, preparadas por pessoa sem ser o autor principal, mas no caso em que a modificação seja tão grande que desapareça o autor principal, nesse caso consideramos uma nova obra;
- 5) edições separadas de partes autónomas de uma obra.

Em 1981, Michael Carpenter, numa obra relativa às coletividades como autor, refere que existem muitos problemas de terminologia. “Livro” e “Obra” são usados vagamente e de forma indiscriminada gerando grande confusão. Carpenter entende que Cutter já tinha as

noções estabelecidas de obra e livro na sua mente, contudo não usou a terminologia consistentemente. Carpenter vai adotar as seguintes definições: livro – usado para objetos físicos particulares, por exemplo códices encadernados;

obra – não é sinónimo de livro. Obra pode ser um protótipo de edições variadas e pode também existir em vários textos. Por exemplo, a tradução de uma obra produz um novo texto, que na maior parte das situações é também um texto da mesma obra. Por outro lado, o mesmo texto pode ser adaptado por diferentes grupos e, num certo sentido, converte-se em duas obras diferentes (Carpenter, 1981, p. 118).

Em 1987, Patrick Wilson, na conferência “Conceptual Foundations of Descriptive Cataloguing”, apresentou uma hierarquia de elementos que constituem uma obra. Para este autor, qualquer texto constitui a representação da sua obra, porque representa a combinação do conteúdo das ideias e o conteúdo semântico. A obra pode ser o progenitor. Uma família de obras pode incluir várias instâncias:

1. Traduções – Wilson considera que são obras diferentes, pois o conteúdo das ideias é o mesmo, mas o conteúdo semântico é diferente.
2. Edições são manifestações da obra progenitora, porque o conteúdo das ideias e semântico permanecem os mesmos.
3. Obras dependentes que têm só uma relação das ideias igual ao progenitor, mas pertencem à mesma família de obras.
4. Derivações, têm o conteúdo das ideias comum ao progenitor, mas um conteúdo semântico diferente (Smiraglia, 2001, pp. 29–30).

Ainda segundo Smiraglia (2001), os autores Edward O’Neill e Diane Vizin Goetz, na sua teoria, apresentam uma hierarquia estruturada cujo primeiro elemento é a obra. Para estes autores, “obra” é um conjunto de textos relacionados, com origem e conteúdo comum. “Livro”

é o objeto concreto e físico, e “obra” é algo abstrato e intelectual. Na sua teoria, tentaram estabelecer quão diferente uma nova manifestação tem de ser para se considerar uma nova obra. Deve existir uma fonte comum do qual todos os textos derivam, essa é a “obra”. Para ser manifestação de uma obra, implica que tenha associação com o autor e o conteúdo comum.

Barbara Tillett define “obra” como sendo o conteúdo intelectual abstrato incorporado num item. Refere ainda, segundo Smiraglia (2001, p. 38) haver imprecisão na terminologia no campo do controlo bibliográfico.

Anabela Lapa (1990, p. 7) define livro da seguinte forma:

“...as funções atribuídas ao catálogo de autores e títulos informativos, ainda que de uma forma genérica, em que se cifra cada um desses serviços. Consistem eles em veicular informação sobre três aspectos distintos de um livro, a saber: um livro como entidade discreta, um produto dicotómico constituído por um lado material e um lado intelectual; um livro como manifestação de uma obra particular e ainda um livro como elemento constituinte da produção de um autor particular.” Esta autora refere as várias funções de um catálogo, assim como o livro pode responder a cada uma delas (p. 13): “...na perspectiva da primeira função, os livros manifestam uma mesma obra ou se apresentam como entidades que possuem uma mesma génese intelectual, que manifestam os mesmos lados intelectuais, mais não serão, portanto, do que objectos que possuem lados intelectuais distintos. Apesar de poder existir alguma relação entre os constituintes intelectuais de tais objectos, a primeira função não torna isso aparente, já que um objecto dessa função não possui qualquer afinidade intelectual com os demais seja ela – repetimo-lo – de conteúdo intelectual ou de origem intelectual. Assim se conclui que, na perspectiva da primeira função, aquilo que interessará enfatizar num livro mais não será do que o seu lado material e não o seu lado intelectual.” Pelo contrário a segunda função do catálogo é, segundo Anabela Lapa,

puramente intelectual (p. 14): “... Diversamente da primeira, a segunda função tem como objectivo veicular informação sobre todos os objectos da primeira que possuam um mesmo conteúdo intelectual, isto é, sobre livros que manifestam uma mesma obra. O seu objecto é pois um objecto desligado dos veículos materiais que o manifestam. Muito embora ele surja sempre ligado aos veículos materiais através dos quais se precipita, não aparece confinado a nenhum deles em particular, podendo materializar-se simultaneamente em vários. A existência desse objecto é independente de cada uma das suas materializações, de qualquer um dos livros que o contenham.” Embora as suas provas sejam sobre as funções do catálogo a autora aborda os conceitos de obra e manifestação de forma inédita no nosso país: o livro na sua materialização e a obra o objeto intelectual. Não existem muitas obras em língua portuguesa a abordar os conceitos básicos de biblioteconomia (Lapa, 1990).

Para Richard Smiraglia (2001) “obra” é o conteúdo intelectual da entidade bibliográfica, qualquer obra tem duas propriedades: a primeira é que as proposições expressas formam o conteúdo ideacional, a segunda é a expressão dessas proposições, que pode ser normalmente um conjunto particular de cordas linguísticas (ou musicais, etc.) que formam o conteúdo semântico. Qualquer alteração, quer no conteúdo semântico, quer no ideacional, irá constituir uma nova obra, no entanto, relacionada com a anterior. Smiraglia (2001) define também família bibliográfica, que será todo o conjunto de obras derivadas de um progenitor comum. Refere ainda que o modelo entidade-relação, adotado pelas FRBR, é um modelo das bases de dados e que relaciona as obras umas com as outras, em famílias bibliográficas.

Referido por Smiraglia (2001, pp. 42–43), Martha Yee apresenta três categorias em relação aos materiais bibliográficos: manifestação – conjunto de todos os itens que representam a mesma obra e que não diferem em conteúdo intelectual e artístico; título da manifestação – o conjunto de todos os itens que representam a mesma manifestação

da mesma obra e que tem fontes de informação e chave idênticas; quase equivalente – o conjunto de todos os itens que representam a mesma manifestação da mesma obra e que tem idêntica informação de distribuição e características físicas. Martha Yee chegou a esta conclusão ao analisar os registos bibliográficos de filmes. O catalogador faz muitas vezes registos bibliográficos diferentes com base em pequenas diferenças físicas, o que provoca distorções na pesquisa que se manifestam em imprecisões e deficiência na pertinência dos resultados da mesma. A grande diversidade de entidades provocada pela variabilidade nos exemplares, nomeadamente no universo das imagens em movimento, concorre para esta situação.

Ainda Yee, em 1995, e segundo refere Smiraglia (2001, p. 45) sugeriu definir obra como produto de atividade intelectual ou artística da pessoa ou pessoas, ou de um grupo com ou sem nome, expresso de uma forma particular. Esta autora considera que uma obra tem um título e pode encontrar-se sozinha numa publicação, contudo o seu título pode mudar e isso não a transforma necessariamente numa nova obra. Pensemos no caso de uma tradução: o título numa outra língua é diferente, mas continua a ser a mesma obra. Também a pessoa ou grupo responsável pela obra pode mudar, sem que necessariamente se transforme numa nova obra. Podemos considerar dois itens como a mesma obra, se considerarmos que os utilizadores podem entender esses itens como a mesma obra. Contudo, Yee preconiza que não se deve considerar a mesma obra se a atividade artística ou intelectual mudou de forma a adaptá-la a um novo meio ou expressão (por exemplo transformar um romance num filme, ou vice-versa, escrever um romance a partir de um filme).

Segundo Svenonius (2001), "obra" é uma entidade abstrata, um conceito platónico. Consiste num conjunto de informação delimitada, um conteúdo intelectual ou artístico. No domínio operacional, a obra é um conjunto de documentos que têm em comum contem a mesma informação. Svenonius refere que, no caso do material

livro, a obra pode ser definida como o conjunto de todos os documentos que são cópias ou equivalentes de um documento particular ou relacionado com este por revisão, atualização, reduções, ampliações ou traduções. A obra pode ser identificada, por exemplo tendo o mesmo autor e título, ou por ser a transformação do documento original. É difícil determinar quando dois documentos são suficientemente parecidos para pertencerem ao mesmo conjunto de obras. A formação de conjuntos de obras é o protótipo de organização da informação, pois reúne num local todos os documentos que contenham a mesma informação. As bases de dados têm duas funções muito importantes: em primeiro, a visualização dos documentos e, em segundo, fazer ligações entre entidades relacionadas. São importantes estas ligações e poderiam ser replicadas no universo bibliográfico (Svenonius, 2001).

Na revisão de 2005 da 2ª edição das AACR, na regra 0.24, dá-se a primazia ao nível do item físico e não à obra, como pode observar-se na citação que se segue: "...é importante realçar todos os aspetos do item que está a ser descrito, incluindo o seu conteúdo, invólucro, o seu tipo de publicação, as suas relações bibliográficas e se está publicado ou não; em qualquer área da descrição devem ser descritos todos os aspetos relevantes; como regra geral o catalogador deve seguir regras mais específicas aplicáveis ao item, quando difirirem das regras gerais". Já em 1997, o "Joint Steering Committee for Revision of AACR" tinha solicitado que se fizesse a revisão desta regra, de forma a dar a primazia ao conteúdo intelectual, em vez do formato físico. A comunidade que se dedica ao estudo da catalogação começa a entender a importância da centralidade da "obra" como objeto de recuperação para os utilizadores (Smiraglia, 2001).

Apresentámos a evolução do conceito de obra até ao aparecimento das FRBR, RDA e BIBFRAME que mudaram a forma como o tratamento bibliográfico se realiza. Os conceitos de obra, manifestação, expressão e item são especificados e apresentam-se de seguida.

2. FRBR: Functional Requirements of Bibliographic Records

A história dos catálogos bibliográficos mostra que os registos bibliográficos foram usados desde tempos antigos como descrição de recursos colecionados pelas bibliotecas e arquivos. No entanto, com o aparecimento das novas tecnologias, estes registos, além dos seus propósitos descritivos e da sua natureza artificial, têm de ser legíveis pelas máquinas. O Seminário sobre Registos Bibliográficos realizado em Estocolmo, em 1990 (IFLA Study Group on the Functional Requirements for Bibliographic Records, 2008), organizado pela Divisão de Controlo Bibliográfico da IFLA (International Federation of Library Association), em cooperação com a UNESCO e a UBCIM (IFLA Core Programme for Universal Bibliographic Control and International Marc), teve como objetivo o Controlo Bibliográfico Universal e os seguintes temas de discussão principais: os custos crescentes da catalogação; a necessidade de simplificar os registos bibliográficos; a partilha de registos para evitar duplicações; a multiplicidade de formatos; o uso das regras de catalogação em ambiente eletrónico; e as necessidades dos utilizadores. O registo bibliográfico discutido ao longo do Seminário envolvia não apenas os elementos descritivos, mas também os pontos de acesso e outros elementos “organizativos” (como, por exemplo, classificação ou cota). Chegou-se à conclusão de que o registo deveria ter um nível mínimo de funcionalidade e requisitos básicos, para ser menos oneroso para as Agências Bibliográficas Nacionais, contudo sem esquecer as necessidades do utilizador.

Neste Seminário, relativamente a este ponto, chegou-se à conclusão de que seria necessário manter o controlo bibliográfico, continuar a promover a partilha de dados bibliográficos para todos os tipos de materiais e ter em conta o ambiente bibliográfico on-line. Os participantes concordaram que era necessário um estudo internacional sobre requisitos funcionais de registos bibliográficos. Neste contexto foi criado o “Study Group on Functional Requirements for

Bibliographic Records”, sob a direção do “Standing Committee on the Section on Cataloguing”. Este grupo funcionou entre 1991-1992 e teve seis membros e quatro consultores, sendo os membros oriundos da Seção de Catalogação, da Indexação e da Classificação. Em caso de necessidade, eram convidados especialistas em várias áreas. Como resultado dos estudos foi produzido um relatório em 1992: “Terms of reference for a Study of the Functional Requirements for Bibliographic Records”, (Madison, 2005) no qual se apresenta um estado da situação. Entre os pontos considerados no referido relatório salientam-se: a necessidade de saber qual a informação imprescindível num registo bibliográfico para responder às necessidades do utilizador; o facto de os registos bibliográficos terem múltiplas utilizações e funcionarem para os vários meios e formatos nas bases de dados, estando aptos a suportar aplicações diversas, desde aquisições até à preservação; servirem utilizadores com diferentes expectativas e necessidades. Releva-se o facto de este relatório referir que estes requisitos deveriam ser desenvolvidos e levar à revisão de normas catalográficas, diretrizes e códigos de catalogação. Neste sentido, foram apresentadas aos membros do grupo as várias tarefas que deveriam desenvolver, tal como se pode ler em Madison (2005, pp. 36–37):

- 1º Determinar as funções completas do registo bibliográfico;
- 2º Desenvolver a estrutura das entidades que são importantes para o utilizador e as relações que se estabelecem entre entidades;
- 3º Definir para cada entidade da estrutura as funções que o registo bibliográfico deve realizar;
- 4º Identificar os atributos chave de cada entidade ou relações, para que as funções fossem desempenhadas, considerando-se que os atributos deveriam dizer respeito especificamente aos meios e formatos do item bibliográfico;

- 5º Considerou-se ainda que, adicionalmente, as Agências Bibliográficas Nacionais devem estabelecer o nível básico de funcionalidade das entidades da estrutura e as funções que são relevantes para cada entidade.

Em setembro de 1992, em Nova Deli, foram aprovados os “Terms of Reference”, mas com uma mudança: adicionou-se a entidade assunto. Os requisitos funcionais eram apenas para os registos bibliográficos e não incluíam os registos de autoridades, por duas razões: a) entendeu-se ser mais fácil chegar a um consenso internacional, considerando-se apenas o registo bibliográfico, dado o facto de as ISBD’s, terem sido adotadas a nível internacional, enquanto o controle de autoridades é ainda feito com base em regras nacionais; b) considerou-se ser mais conveniente testar o modelo entidade-relação num universo mais restrito (Madison, 2005).

O Grupo de Trabalho apresentou comunicações nas duas conferências anuais da IFLA, em Barcelona e em Havana, respetivamente em 1993 e em 1994. Ao longo do tempo, o estudo preliminar foi-se aperfeiçoando. Os atributos, ou seja, as características iniciais de cada entidade, foram baseados nas ISBD’s e nas GARE (Guidelines for Authority and Reference Entries) e recorreram também a bibliografia de biblioteconomia e especialistas da área, de forma a identificar atributos adicionais ou dados associados a cada entidade. Em 1996 foi enviado um relatório preliminar a todos os membros do Grupo de Catalogação da IFLA, o qual ficou disponível no sítio da IFLA para ser sujeito a comentários e a alterações. O relatório reuniu quarenta respostas de dezasseis países, tendo sido a maior parte dos comentários de apoio ao modelo definido no relatório. Alguns dos comentários diziam respeito à definição dos termos, metodologia, organização e conclusões relacionadas com os tipos específicos de materiais; outros referiam ser necessário mais exemplos das entidades e das suas relações, e mencionavam a necessidade de incluir exemplos relativos a materiais dife-

rentes de livros de modo a que o modelo atingisse todos os formatos; incluiu-se também uma melhor explicação das regras e dos limites do modelo. Observou-se ainda a preocupação relativamente ao sector dos Recursos Contínuos, pois não se sabia se o modelo lidava bem com este tipo de Recursos. No relatório final, foram tidas em consideração todas estas objeções pelo “Study Group”. O relatório foi aprovado em 1997, no *meeting* de Copenhaga, tendo sido publicado pela editora K.G. Saur e também disponibilizado em linha no sítio da IFLA.

O “Standind Committee” divulgou estes Requisitos Funcionais no seio da comunidade de profissionais e estudantes de Ciências da Informação e procurou que o nível mínimo fosse adotado pelas Agências Bibliográficas Nacionais. Neste processo de aprovação dos Requisitos houve questões importantes que foram analisadas de forma particular. A primeira questão foi saber das necessidades do utilizador. Decidiram os membros do Grupo tomar a seu cargo a resposta a essas necessidades. A categoria de utilizadores integra investigadores, estudantes, pessoal que trabalha em bibliotecas, editores e livreiros. As tarefas que estes utilizadores querem ver respondidas são: encontrar informação, verificar citações, visualizar e recuperar a informação, gestão das aquisições, catalogação, indexação e resumos, gestão de inventários, circulação, empréstimo interbibliotecas, preservação e referências, entre outras. A segunda questão foi a adoção do modelo Entidade-Relação. Este modelo, além de ser usual nas bases de dados, também apresenta a particularidade de não estar associado a nenhum sistema específico e de ser independente de qualquer definição em particular (Madison, 2005).

Da família dos Requisitos Funcionais surgem em 2009 os FRAD (Functional Requirements for Authority Data) e, em 2010, os FRSAD (Functional Requirements for Subject Authority Data). O “Standind Committee” tentou harmonizar os três modelos dos Requisitos Funcionais. As reuniões preparatórias para esse efeito começaram em

2010 e estenderam-se até 2016, data em que surge o FRBR – Library Reference Model. Este modelo é a junção dos FRBR, do FRAD e do FRSAD.

Nas FRBR, as tarefas básicas do utilizador encontram-se bem delimitadas. Interessa referir que tais propósitos não são novidade, pois já Charles Cutter, em 1876, na obra “Rules for a Dictionary Catalog”, as infere como objetivo de um catálogo. São ainda apresentados nos “Princípio de Paris” e nos “Princípios Internacionais de Catalogação” de 2009, conforme referido anteriormente.

Segundo refere Coyle (2016), para Wilson existem duas funções do catálogo: a primeira é a descrição de livros, chamada “controlo bibliográfico”; e a segunda é a apreciação dos textos. Era característico da bibliografia escolar, por exemplo apresentando os livros recomendados. Esta apreciação é contra a tradição biblioteconómica; no entanto, pode ser um dos objetivos do utilizador, que é informado acerca dos “bons” livros. A popularidade atual de *sites* como o Goodreads pode indicar que os utilizadores estão interessados nestas análises. A análise de Wilson é um presságio da pesquisa e capacidade de recuperação da Internet. Os motores de busca, em alguns casos dão o acesso ao texto e, se esses textos forem avaliados, os utilizadores apreciarão ainda mais este acesso. Se os motores de busca dessem apenas o autor e o título o universo Web seria mais pobre. Por vezes ocorrem erros nas pesquisas, mas a falha no catálogo das bibliotecas ocorre devido à limitação na pesquisa (Coyle, 2016).

Nos Requisitos Funcionais permanecem as quatro tarefas básicas para o utilizador já descritas anteriormente. Na primeira versão havia uma quinta tarefa, depois abandonada, que era a função de relacionamento: relacionar uma entidade com outra ou navegar o universo de entidades representadas num ficheiro bibliográfico ou numa base de dados. As entidades presentes nas FRBR encontram-se agrupadas em três grandes grupos:

- 1) O primeiro grupo representa produtos intelectuais ou artísticos: obra, expressão, manifestação e item.
- 2) O segundo grupo representa os que são responsáveis pelos produtos intelectuais, artísticos ou custodiais do primeiro grupo: pessoas ou coletividades.
- 3) O terceiro grupo representa os assuntos das obras: conceitos, objetos, acontecimentos ou locais. Em determinados casos, as entidades do grupo 1 e 2 podem também ser considerados como assunto.

Na discussão para a versão final dos Requisitos, as entidades do Grupo 1 foram o principal ponto em debate. Desde os relatórios preliminares até aos relatórios finais, estas entidades alteraram-se substancialmente. Em 1993 propunham-se seis entidades: superobra, obra, versão, edição, item e parte componente. Em 1995, também seis entidades, mas com nomes diferentes: agregado, obra, representação, produto, meio e item. Nestas duas propostas a primeira entidade, num caso superobra e no outro agregado, representam um grupo ou coleção que junta duas ou mais entidades individuais. Mas foram sendo feitas modificações, principalmente tendo em consideração os contributos da Biblioteca do Congresso. As entidades foram reduzidas a quatro, tendo a representação passado a ser “expressão” e o enfoque sido dado ao conteúdo intelectual ou artístico (Madison, 2005).

Os Requisitos Funcionais apareceram nos anos 90, com a necessidade de implementar o controlo bibliográfico num ambiente de mudança do universo impresso para o digital. O mais importante era facilitar o acesso ao conteúdo e não ao meio. Face à diversidade do perfil dos utilizadores, era preciso ter em conta as suas necessidades particulares. As relações que se vieram a estabelecer entre entidades concorreram para enriquecer o acesso à informação. Este estudo, levado a cabo pela IFLA, teve um profundo impacto nas teorias biblio-

gráficas internacionais, nas práticas e normas de tratamento bibliográfico. As FRBR promoveram uma estrutura e terminologia comum. Nas ISBD's teve impacto ao determinar claramente os dados obrigatórios e os opcionais. Teve também influência no processo de revisão das AACR. A entidade obra do Grupo 1 era aquela que se encontrava menos explícita nas AACR. Esta revisão levou à adoção das RDA.

O primeiro objetivo das FRBR consiste em providenciar um enquadramento claramente definido e estruturado para relacionar os dados que constam nos registos bibliográficos com as necessidades do utilizador desses registos. Isto é, definir qual a informação que o registo deve fornecer e o que se espera obter como resposta às necessidades do utilizador. O segundo objetivo prende-se com recomendar um nível mínimo de funcionalidade para registos criados pelas agências bibliográficas nacionais. Adotando um registo bibliográfico com um nível básico de elementos, as agências bibliográficas nacionais poderiam fazer um controle de custos. O tratamento das publicações por pessoal altamente especializado torna-se bastante caro, nomeadamente com o seu crescimento exponencial. Surgiu desde sempre a necessidade de controlar os custos que este tratamento exige e as FRBR vieram colocar este problema como um objetivo.

Assim, pode afirmar-se que os objetivos das FRBR são identificar as funções desempenhadas pelos registos bibliográficos em relação aos diversos suportes, às diversas aplicações e às diversas necessidades do utilizador. Para a sua exequibilidade, o modelo aponta as entidades, os atributos e as relações (IFLA Study Group on the Functional Requirements for Bibliographic Records, 2008).

De acordo com os "Requisitos Funcionais dos Registos Bibliográficos" (2008, p. 27), entende-se por entidades os objetos chave de interesse para os utilizadores e são divididos em três grupos: o primeiro grupo são os produtos de atividade intelectual ou criação artística: obra, expressão, manifestação e item; o segundo grupo é composto pelas entidades responsáveis pelo conteúdo intelectual ou artístico

das entidades do primeiro grupo, isto é, pessoa e coletividade; o terceiro grupo de entidades serve de assunto às atividades intelectuais ou artísticas e é composto pelo conceito, o objeto, o evento e o lugar. As entidades, neste modelo, têm uma série de características ou atributos através dos quais os utilizadores fazem pesquisas e interpretam as respostas. Os atributos podem ser inerentes a uma entidade, como por exemplo as características físicas, ou podem ser atributos imputados externamente, como por exemplo um número de um catálogo temático (2008, p. 47). Entende-se por “relações” os laços que se estabelecem entre as entidades e que têm como meio ajudar o utilizador a “navegar” pelo universo que está representado numa bibliografia, catálogo ou base de dados bibliográficos. Tais relações ajudam o utilizador a estabelecer conexões entre a entidade encontrada e outras entidades que se lhe referem (2008, p. 75).

2.1. Entidades das FRBR: Obra, Expressão, Manifestação e Item

Obra

O presente artigo tem como objetivo o estudo das entidades do primeiro grupo, as quais dizem respeito aos produtos de atividade intelectual ou artísticos descritos nos registos bibliográficos e representam os vários aspetos do interesse do utilizador.

Estas entidades são definidas nas FRBR do seguinte modo: “obra” é uma entidade abstrata; não há um objeto material que se possa chamar obra; é a criação intelectual que está subjacente a todas as diferentes expressões da obra. As definições de obra permitem dar nome a uma criação abstrata intelectual ou artística, para assim estabelecer as relações com as expressões individuais. A obra permite agrupar várias expressões. Muitas vezes falamos de livro querendo dizer “obra”, o que tem um grau de abstração de nível superior: o conteúdo concetual que está subjacente a todas as versões linguísticas,

seja o original ou a tradução, algo que o autor reconhece como seu, mesmo que seja uma tradução japonesa e o autor não fale japonês e não possa ser responsabilizado pelo texto japonês (Le Boeuf, 2003).

Nas FRBR Library Reference Model (2016), a respeito do conceito de “obra”, entende-se que é um objeto concetual e que não existe nenhum objeto material que possa ser identificado como obra. A essência da “obra” é a constelação de conceitos e ideias que formam o conteúdo partilhado daquilo que definimos como expressões da mesma obra. Uma “obra” começa a existir simultaneamente com a criação da sua primeira expressão, nenhuma “obra” pode existir sem que haja (ou tenha havido no passado) pelo menos uma expressão da “obra”. Como exemplos de “obra” temos: “Odisseia” de Homero; “Anatomy of the Human Body”, de Henry Gray; “The art of the fuge”, de J. S. Bach; Microsoft Excel; ou “The Dewey Classification” (Riva, Le Boeuf, & Žumer, 2016, p. 13).

Da revisão da literatura efetuada há concordância quanto aos seguintes aspetos:

- i) “Obra” é um conceito abstrato;
- ii) “Obra” é uma nova síntese de conhecimento que consiste no conteúdo ideacional e semântico;
- iii) Uma vez expressa, a obra pode assumir grande variedade de manifestações físicas;
- iv) Ao longo do tempo, as realizações de uma obra podem mudar quanto ao conteúdo ideacional ou semântico, ou a ambos;
- v) O grau de mudança no conteúdo ideacional e semântico determina quando é que se trata de uma nova obra;
- vi) As relações entre obras são complexas, mas uma taxonomia de relações pode ser visível para se tornar explícito no processo de recuperação da informação.

Do exposto ficou claro que o conceito de “obra” nas FRBR encontra-se bem explícito. É uma entidade abstrata que representa o tra-

balho intelectual ou artístico. Este conceito tem óbvias implicações nos registos bibliográficos. O utilizador está interessado na “obra” de qualquer formato físico. Ao estabelecermos no catálogo qual a “obra” do autor, podemos disponibilizar as várias versões que existem no catálogo, logo num primeiro acesso, sem que seja preciso percorrer vários registos. Se se pensar num catálogo em que existam ligações entre diversas “obras”, a riqueza de relações é muito importante para o utilizador. Pode permitir descobrir obras complementares acerca do autor que pesquisa, traduções da sua obra, formatos físicos diversos e outras expressões artísticas ou intelectuais relacionadas com a obra objeto da investigação.

Expressão

A segunda entidade definida no modelo FRBR é “expressão”. Entende-se por este conceito a realização intelectual ou artística de uma obra na forma de notação alfanumérica, musical ou coreográfica, som, imagem, objeto, movimento, entre outras, ou qualquer combinação de tais formas. É a forma intelectual ou artística que a obra assume quando é realizada. Os aspetos físicos estão excluídos da entidade expressão e quaisquer alterações na forma da expressão resultam numa nova expressão. Podem-se descrever os atributos dessa expressão e determinar se as diferenças desses atributos podem assinalar dissemelhanças no conteúdo intelectual ou artístico. Ao definir-se “expressão” como entidade, podem-se estabelecer relações entre expressões da mesma obra (IFLA Study Group on the Functional Requirements for Bibliographic Records, 2008).

Para Spedalieri (2007), a entidade abstrata “obra” realizou-se numa outra entidade também abstrata – a “expressão”. Cada vez que uma obra se realiza toma uma forma específica e essa forma é a expressão. Uma expressão de “Hamlet” é o texto conhecido como “Segundo quarto”, que apresenta diferenças com outro texto conhe-

cido como “First Folio”. As edições posteriores basearam-se numa ou noutra das expressões desta obra. A entidade expressão pode ser observada com maior clareza no caso das traduções: uma versão em espanhol de “Hamlet” é uma expressão da obra, diferente das expressões em inglês e também das outras traduções espanholas, que apresentam variações nos termos utilizados e, por isso, configuram expressões diferentes. Ao contrário de uma obra que se pode manifestar em diferentes expressões, uma expressão corresponde sempre a uma obra.

Nas FRBR Library Reference Model (2016) menciona-se que “expressão” é uma constelação distinta de sinais de qualquer forma ou natureza que pretende transmitir conteúdo artístico ou intelectual e identificável como tal. “Expressão” é uma entidade abstrata diferente do invólucro usado para o registar. Torna-se importante perceber quando se trata de uma nova expressão. Na maior parte dos casos, com pequenas variações, podemos considerar a mesma expressão. Noutros casos, como por exemplo nos manuscritos mais raros, qualquer variação pode ser vista como uma nova expressão. Como exemplos de expressões podemos referir: a tradução inglesa da “Odisseia” de Homero, de Robert Fagles; a tradução inglesa da “Odisseia” de Homero por Richmond Lattimore; a edição inglesa da Dewey Decimal Classification; ou a tradução francesa da mesma classificação (Riva *et al.*, 2016).

Torna-se assim claro, após as várias definições, o que se entende por “expressão”: é a efetivação real da obra considerada por um autor. Continua a ser uma abstração, mas manifestada de forma a ser percebida pelo leitor de um livro, um ouvinte de uma música ou um espectador de um filme. Pode ser importante para o utilizador do catálogo ter a possibilidade de aceder a todas as expressões da obra que lhe interessa. Pode, por exemplo, escolher a língua e o tipo de meio que mais lhe interessa, ou a que tem acesso; se não souber japonês, não pode escolher a expressão em língua japonesa.

Manifestação

A terceira entidade do modelo FRBR é a “manifestação”. Conforme é definido nas FRBR (IFLA Study Group on the Functional Requirements for Bibliographic Records, 2008, pp. 36–37), a “manifestação” é a materialização física de uma obra. Abrange um vasto leque de materiais, incluindo livros, recursos contínuos, mapas, cartazes, registos sonoros, filmes, registos vídeos, CD-ROM, multimédia, entre outros. A manifestação representa todos os objetos que têm as mesmas características, tanto no que diz respeito ao conteúdo físico como intelectual. Quando a obra é realizada, a expressão da obra pode ser fisicamente apresentada num suporte como papel, fita áudio, vídeo, tela, gesso, entre outros. A materialização física é a manifestação da obra. Nalguns casos pode haver apenas uma materialização física da obra, por exemplo, se estamos em presença de um manuscrito de autor, ou de uma tela pintada. Em determinadas situações existem várias cópias dessa materialização física que são importantes para a disseminação pública. Nesses casos, pode haver um produtor formal envolvido. Em outras circunstâncias, o processo de produção é mais limitado, por exemplo: uma cópia de uma gravação original de uma peça de música. Contudo, quer no caso de a produção ser limitada, ou mais ampla, estamos sempre perante uma manifestação. Todas as cópias produzidas que fazem parte do mesmo conjunto são consideradas cópias da mesma manifestação.

Como se poderá saber se estamos perante uma nova manifestação? Tal observa-se quando existe alteração no formato físico e, assim, neste caso, estamos perante uma nova manifestação. As alterações no formato físico incluem modificações que afetam as características físicas da apresentação e incluem, por exemplo, alterações no desenho gráfico, no suporte físico e no contentor. Também existem alterações no editor, produtor, distribuidor, entre outras. Caso ocorram estas modificações, pode considerar-se o produto resultante uma

nova “manifestação”. Quando o conteúdo intelectual ou artístico é afetado, como por exemplo no caso de modificações, supressões ou adições, o resultado é uma nova manifestação de uma nova expressão de uma obra. As alterações ocorridas depois do termo do processo de produção, como por exemplo a falta de uma página ou uma reencadernação, não concorrem para uma nova manifestação, sendo considerados nestes casos um novo item; todas estas características estão estabelecidas nas FRBR (IFLA Study Group on the Functional Requirements for Bibliographic Records, 2008).

No Library Reference Model define-se “manifestação” como o conjunto de todos os suportes que assumimos que reúnem as mesmas características de conteúdo intelectual ou artístico e os mesmos aspetos em termos de forma física. Este conjunto é definido pelo conteúdo geral e pelo plano de produção para o suporte ou suportes. A especificação do processo de produção é uma parte intrínseca da manifestação. A produção pode ser explicitamente planeada para ser feita ao longo de algum tempo, como no caso, por exemplo, das impressões a pedido. A produção pode envolver aspetos que não estão diretamente sob o controlo do produtor, como seja o caso de meios de armazenamento digital, em que o ficheiro *online* é descarregado pelo utilizador. O processo de produção pode também ser industrial ou artesanal. Como exemplo, podemos mencionar a “Odisseia”, de Homero, traduzida para inglês e com uma introdução da autoria de Richard Lattimore, edição publicada na Coleção Perennial pela editora Harper & Row com o ISBN 0-06-090479-8; e a “Odisseia” de Homero traduzida por Robert Fagles, da coleção Penguin Classics, edição Deluxe editada pelo Penguin Books em 1997 com o ISBN 0-670-892162-4. (Riva *et al.*, 2016, pp. 16–17)

Quando se fala em “manifestação” está-se no domínio das entidades com existência física. Se a “obra” e a “expressão” se enquadram no domínio do conteúdo intelectual ou artístico, já quando se fala em “manifestação” passa-se para o domínio do concreto, isto é, daquilo

que é palpável. O utilizador pode escolher o tipo de meio a que lhe interessa aceder, ou o tipo de meio a que consegue ter acesso. Uma manifestação em forma de recurso eletrónico só é acessível se tiver um dispositivo informático que lhe permita consultar este tipo de recurso. Se tal não for possível, não poderá optar pela manifestação de recurso eletrónico e terá de escolher, por exemplo, o recurso impresso.

Nos nossos catálogos bibliográficos, continuamos a tratar todos os documentos que chegam às bibliotecas ao nível da manifestação. Face ao exposto, entende-se que tal facto é observado pelo tratamento que se faz para cada nova impressão. O conteúdo intelectual é o mesmo, só muda a referência à data de impressão. Da mesma forma, se foi recebido um documento em papel e o mesmo documento em CD-ROM, com exatamente o mesmo conteúdo, só muda o tipo de meio; deverá então ser feito um novo registo bibliográfico? Idealmente, segundo as FRBR deveria ser feito um registo bibliográfico para cada nova “obra” ou “manifestação”, permitindo reunir sob o mesmo registo as várias expressões e itens.

Item

A quarta entidade definida pelas FRBR (2008) é “Item”. É a unidade individual da manifestação, a entidade concreta. Normalmente, trata-se de um objeto físico individual (um exemplar de uma monografia num só volume, uma cassette áudio única, entre outras possibilidades). O item poderá, contudo, ser constituído por mais do que um objeto individual: por exemplo, uma monografia publicada em dois volumes, encadernados separadamente, ou uma gravação publicada em três discos compactos. Em termos de conteúdo intelectual e de forma física, o item que é exemplo de uma manifestação é normalmente a própria manifestação. No entanto, podem observar-se variações no exemplar, as quais poderão ocorrer posteriormente à intervenção do

produtor da manifestação, como é o caso de um exemplar danificado, ou de uma encadernação produzida numa biblioteca. Ao definir-se “item” podem identificar-se individualmente as manifestações e descrever as particularidades únicas desse exemplar individual. Desta forma também se podem estabelecer relações entre exemplares individuais da manifestação (IFLA Study Group on the Functional Requirements for Bibliographic Records, 2008).

No FRBR Library Reference Model (Riva *et al.*, 2016, p. 18) define-se “item” como um objeto físico carregando sinais que resultem de um processo de produção e que pretendam transmitir conteúdo intelectual ou artístico. O item pode ser um objeto físico individual ou pode incluir múltiplas peças ou objetos. O item pode ser parte de um objeto físico num disco que contém outros ficheiros; por exemplo, no caso de um ficheiro armazenado num disco que contém também outros ficheiros e a parte do disco que tem esse ficheiro é o suporte físico ou item. Exemplo de item é o “Codex Sinaiticus”, ou o manuscrito conhecido como “Book of Kells” (Riva *et al.*, 2016, p. 18).

Concluindo, podemos afirmar que o item é o objeto particular que precisamos de identificar e de catalogar. O item comporta características físicas particulares que é necessário registar. Ao nível dos catálogos bibliográficos tradicionais, corresponde ao registo de exemplar.

Os conceitos obra, expressão, manifestação e item são retomados nas RDA. Como enquadramento, apresentamos de seguida o surgimento das RDA.

3. RDA: Resource, Description and Access

As Regras Anglo-Americanas foram elaboradas dando ênfase ao livro, que tem normalmente um título, autor, editor, entre outros elementos facilmente identificáveis. Segundo refere Chris Oliver (2010), ao longo de todo o século XX foram surgindo novos formatos de

material não-livro. As microfichas e microfilmes tornaram-se populares, pois permitiam poupar espaço nas prateleiras. As AACR (Regras Anglo-Americanas) continuavam a responder a esta situação, pois as microfichas ou microfilmes são livros reproduzidos. No entanto, nas Bibliotecas, começaram a surgir outros formatos, como cassetes áudio, filmes, discos de vinil, etc. Para catalogar estes recursos o catalogador tem de ter acesso a outro tipo de meios e de visualizar ou ouvir as cassetes ou filmes. Nos anos 80, surgem os discos para armazenar documentos texto e *software* para os computadores pessoais. Surgem os OPAC e os textos eletrónicos em CD-ROM, assim como os DVD para filmes. Em suma, todo um tipo de informação em novos formatos digitais. Houve uma explosão de conteúdos na World Wide Web muito importante para os estudantes e investigadores. Aos catalogadores impõe-se dar acesso a essa informação disponível fora das paredes das bibliotecas. É preciso relacionar esses recursos com outros igualmente importantes, mas as regras para os descrever foram feitas para livros e adaptam-se mal a este tipo de recursos. Embora nas AACR se possa descrever todo o tipo de materiais, existindo até um capítulo para recursos eletrónicos, é necessário percorrer vários capítulos para descrever os recursos atuais, como por exemplo um mapa *on line*; para ser descrito, tem de se recorrer às regras do material cartográfico e dos recursos eletrónicos. Até 1990, as modificações nas AACR eram suficientes para responder às mudanças no universo bibliográfico. A partir de meados dos anos 90, com a proliferação de novas publicações, novos recursos eletrónicos e novos métodos de comunicação académica e criativa, tornou-se evidente que apenas modificações nas AACR2 não eram suficientes.

Nas AACR, o modo como se trata um recurso tem a ver com o tipo de material a que pertence, que por sua vez está ligado ao suporte físico, o que torna as AACR pouco flexíveis. As regras são baseadas na noção de item, em vez do conceito de obra. As categorias em que estão divididos assentam numa mescla de tipos de conteúdo e

de suportes físicos. Por exemplo, a música que pode ser gravada ou notada; nas Regras Anglo-Americanas, a música notada e a música gravada são tratadas em capítulos diferentes, embora o conteúdo seja idêntico; segundo Knight (2009), o processo de catalogação ainda tenta atribuir características e fontes utilizadas para tratar livros e usá-las nos recursos não-livro. Mas na realidade estes não são livros; onde podemos encontrar a página de título? Na brochura que acompanha o recurso? Na etiqueta? E são diferentes? Por exemplo, no caso de conteúdos da Internet existem recursos importantes para os utilizadores, mas que não estão fisicamente na Biblioteca. Como questiona ainda Knight (2009), como descrever estes recursos eletrónicos com regras vocacionadas para descrever livros? Surgem os áudios blogues, wikis, redes sociais, jornais eletrónicos, pré-prints eletrónicos, repositórios digitais institucionais, etc. Pode ser feito com as AACR, mas não resulta muito bem. Por exemplo, para tratar um “podcast” ter-se-ia de recorrer a três capítulos das AACR, um para registo áudio, outro para os recursos contínuos e ainda outro para os recursos eletrónicos, uma tarefa demorada e que concorreria para um tratamento técnico oneroso. Criar novos capítulos para cada novo tipo de recurso seria a solução para as AACR, mas levaria muito tempo, tornaria a catalogação complicada e cara. A “Joint Steering Committee” organizou uma conferência em 1997, em Toronto, com o título “The International Conference on the Principles and Future Development of AACR”, que iniciou a revisão das AACR. No seguimento desta conferência, o próprio “Steering Committee” mudou de nome para “Joint Steering Committee for Development of RDA” e apresentou o primeiro projeto de uma nova norma de catalogação: “Resource, Description and Access”.

Na Conferência de Toronto foi pedido aos catalogadores que dessem primazia ao suporte físico em vez do conteúdo. Isto introduziu dois problemas: o primeiro é como tratar um recurso com múltiplas características; e o segundo é como lidar com conteúdos intelectuais idênticos que existem em vários suportes físicos. O “Committee on

Cataloguing; Description and Access” trouxe a resolução para o primeiro problema: o catalogador deve ter em conta todos os aspetos do recurso, tais como o conteúdo, o suporte físico, o tipo de publicação, as relações bibliográficas e se foi ou não publicado. Em relação aos tipos de materiais diferentes, o CC:DA reconheceu que era necessário uma mudança profunda na parte 1 das AACR. A nova revisão chegou a ser chamada de AACR3, onde estariam integradas as FRBR. Havia também uma parte 3 sobre controlo de autoridade. A parte 1 teria por fim uma nova estrutura, com uma nova aproximação à classe de materiais e designação genérica de materiais, com uma diferença significativa entre tipo de conteúdo, tipo de meio e o conceito de classe de materiais.

Ainda segundo Chris Oliver (2010), estas mudanças iam na direção certa, mas não eram suficientes. Em 2005, o “Committe of Principles” e o “Joint Steering Committee” anunciaram mais mudanças. Decidiram abandonar totalmente a estrutura das AACR e adotar o modelo das FRBR. Inclusivamente, o nome da Norma foi alterado para “Resource Description and Access”, indicando o grau de mudança. Decidiu-se ainda excluir a expressão Anglo-Americanas, pois pretendia-se que as regras fossem aceites a nível internacional. Era preciso dar ênfase à tarefa mais importante da catalogação: a descrição e o acesso. A nova norma foi desenhada para o mundo digital, usada para produtos em linha, para todos os tipos de conteúdos e de meios. Seria compatível com normas internacionais e para uso nas bibliotecas, assim como noutras comunidades a nível internacional: arquivistas, museus, editoras, etc.

O RDA, em vez de um capítulo para cada tipo de categoria de material, tenta conseguir um conjunto de instruções que consigam descrever qualquer tipo de recurso. Segundo Joy Anhalt e Richaed Stewart (2012), o RDA tem regras e instruções que registam os atributos e relações que representam o conteúdo seja de um livro, de um “podcast” ou outro tipo de recurso que venha a aparecer no futuro. As descrições podem ser feitas por catalogadores pouco experientes

ou por outros criadores de metadados. O RDA foca-se no conteúdo e estabelece uma linha de separação entre dados bibliográficos e a apresentação desses dados. Os metadados podem ser criados pelo autor, editor, impressor, catalogador ou o indexador, não se encontrando associados ao recurso. Se existir uma norma comum para a criação de metadados, mais facilmente se poderão capturar, ou transferir, entre outras possibilidades, situação que concorre para a não duplicação de esforços na criação de metadados, os quais podem ir sendo acrescentados por cada um dos criadores. Usando os dados descritivos, os profissionais da ciência de informação podem focar-se mais na análise intelectual do recurso.

Em 2009, a IFLA desenvolveu esforços para desenvolver uma nova Declaração de Princípios Internacionais de Catalogação e o RDA incorpora na sua génese estes Princípios. O mais importante é a conveniência do utilizador. No RDA, o princípio da representação é muito importante e, assim, deve representar-se o que é visível, sem abreviações e sem correções. Regista-se a informação tal qual ela se encontra no recurso e passa também a usar-se uma nova terminologia. Por exemplo, o cabeçalho passa a ser ponto de acesso, o cabeçalho autorizado passa a ponto de acesso autorizado, as remissivas são o ponto de acesso variante e o título uniforme passa a título preferido.

O RDA não é um modelo concetual como as FRBR, mas sim um modelo de instruções práticas baseado no modelo FRBR. Combina as FRBR e os Princípios de Catalogação, ajuda a encontrar obras relacionadas, recupera também recursos disponíveis ligados com o recurso que estamos a tratar, por exemplo ligações à Wikipédia. As descrições resultantes do RDA estarão disponíveis no mundo digital, associadas aos recursos que representam. Assim, são totalmente compatíveis com o modelo das FRBR. O importante é que exista informação a registar, independentemente da forma do recurso. Por exemplo, existe sempre um título, eventualmente uma data de produção, uma extensão, seja o número de páginas, o número de ficheiros *online* ou

os minutos de um filme. Estes requisitos funcionais permitem simplificar o processo de tratamento e evitar as inúmeras regras individuais para cada tipo de recurso. O RDA é compatível com as ISBD. No entanto, não é preciso um esquema específico de pontuação, ou um método de apresentar dados do recurso. Também não está ligado ao formato MARC, ou a qualquer outro formato em particular.

No RDA, a informação pode ser extraída de qualquer parte da fonte sem ser preciso qualquer definição especial. A informação deve ser sempre transcrita como aparece no recurso. Mesmo que exista um erro não é preciso colocar [sic], recorrendo-se a notas para explicar o erro. Todos os nomes que aparecem na menção de responsabilidade devem ser transcritos. De salientar que a utilização de até três nomes era importante no universo dos catálogos com fichas, mas neste tipo de catálogos *online* já não se justifica. A utilização de terminologia pouco clara para o utilizador deixa de se observar, como é o caso de [s.n.] e [S.l.]: passa a usar-se [editor não identificado] e [Local de publicação não identificado]. A regra é ser o mais claro possível para todos. Na descrição física, deixam de se usar abreviaturas e passam a usar-se as palavras completas, por exemplo páginas em vez de “p.”. A designação genérica de material foi substituída pelo tipo de conteúdo, tipo de meio e tipo de suporte. Todas estas designações têm um vocabulário pré-estabelecido, como também já está instituído na ISBD edição consolidada, com tipo de meio e forma de conteúdo. O RDA prevê também mudança, como por exemplo ao nível dos pontos de acesso da Bíblia. Em vez de se registar o ponto de acesso “Bíblia. A.T. Génesis” e “Bíblia. N.T. Evangelho. Mateus”, estes pontos de acesso entram diretamente pelo livro específico, por exemplo “Bíblia. Génesis” e “Bíblia. Mateus” (ainda segundo Anhalt...*et al.*, 2012).

O RDA encontra-se dividido em 10 seções. As seções 1 a 4 correspondem aos Atributos da entidade das FRBR. As seções 5 a 10 correspondem às relações definidas nas FRBR. A escolha do tipo de registo a criar, que nas AACR2 era baseado no formato, mudou para o tipo

de descrição que o registo deve representar: abrangente, analítico ou multinível (sendo o multinível simultaneamente abrangente e analítico). No RDA, o que é mais importante é o âmbito da representação, permitindo apresentar as relações entre recursos. Nos catálogos atuais um registo representa um recurso; com o RDA é possível criar registos que representam mais do que um recurso. O RDA não é uma norma para apresentação de recursos, mas sim um conjunto de regras para descrever um recurso, registando os atributos que possam ser importantes para o utilizador e permitindo fazer a ligação entre recursos.

As AACR2 tinham normas para a partilha e disseminação da informação baseadas na prática tradicional de catalogar livros, mas não tinham, no entanto, elementos que são necessários para que o utilizador possa encontrar, identificar, selecionar e obter os materiais que precisa.

Foi iniciada a colaboração com outras comunidades de Metadados: com os Editores (ONIX), Dublin Core, IEEE/LOM, Web Semântica (Data Modeling Meeting – Londres 2007), também com o Grupo de Trabalho MARC (MARBI) em 2008 e 2009. O RDA foi implementado em 2013 pela “Library of Congress”, “Library and Archives Canada”, “British Library”, “National Library of Australia” e a “Deutsche Nationalbibliothek”.

Segundo o “Joint Steering Committee for Development of RDA” (Danskin, 2009), o RDA pretende ser uma nova norma para a descrição de recursos e acesso, desenhada para o mundo digital, fundamentada nas AACR e assente num conjunto de regras e instruções para a descrição e acesso aos recursos, cobrindo todo o tipo de conteúdos e de meios.

O RDA apresenta como objetivos (Joint Steering Committee for development of RDA, 2010):

- 1º responder às necessidades do utilizador;
- 2º Eficiência de custos: os dados devem estar de acordo com os requisitos funcionais para suporte das tarefas do utilizador de uma maneira económica.

- 3º Flexibilidade: os dados devem funcionar independentemente do formato, meio ou sistema usado para armazenar ou comunicar os dados. Devem ser acessíveis à utilização numa variedade de ambientes.
- 4º Continuidade: os dados devem ser acessíveis à integração em bases de dados já existentes (especialmente as desenvolvidas com utilização das AACR e normas similares).

O RDA deve observar os seguintes requisitos (Joint Steering Committee for development of RDA, 2010):

- compreensibilidade: as regras e instruções devem cobrir todo o tipo de recursos e todo o tipo de conteúdos representados nos catálogos ou outros instrumentos similares;
- consistência: as regras e instruções devem ser consistentes com a sua formulação;
- clareza: as regras e instruções devem ser claras e escritas num inglês simples e correto. Não devem ser ambíguas em relação aos conceitos, terminologia e âmbito de aplicação;
- racionalidade: as regras e instruções devem refletir decisões racionais e não arbitrárias;
- corrente: as regras e instruções devem responder a novos desenvolvimentos, refletindo o alcance, natureza e características do recurso e tipos de conteúdo existentes e dos que vierem a surgir no futuro;
- compatibilidade: as regras e instruções devem ser compatíveis com princípios, modelos e regras internacionais;
- adaptabilidade: as regras e instruções devem ser acessíveis e adaptar-se às várias comunidades para ir ao encontro das suas necessidades específicas;
- facilidade e adaptabilidade: as regras e instruções devem ser fáceis e eficientes de usar;

- formato: as regras e instruções devem ser acessíveis na sua apresentação, num formato normal de impressão ou em formato digital, incorporando recursos como links de hipertexto, visualização seletiva, etc.

3.1. As noções de obra, expressão, manifestação e item no RDA

Na terminologia definida no RDA, de acordo com as regras (Joint Steering Committee for development of RDA, 2010), o termo obra refere-se à criação artística ou intelectual distinta (i.e. conteúdo intelectual ou artístico); o termo expressão refere-se à realização intelectual ou artística da obra na forma alfanumérica, notação musical ou notação coreográfica, som, imagem, objeto, movimento, etc., ou qualquer combinação destas formas; o termo manifestação refere-se à incorporação física de uma expressão da obra; o termo item refere-se a um exemplar ou instância da manifestação. A terminologia usada é igual aquela que aparece nas FRBR. No entanto, estas apresentam um modelo concetual enquanto que as RDA apresentam regras definidas para o registo das entidades.

O RDA na Secção 1, nos capítulos 1 e 2, apresenta os atributos necessários para fazer um registo da manifestação e do item. Entre estes atributos encontra-se o identificador da manifestação que serve para distinguir uma manifestação de outra manifestação. Realçamos a regra que regista a história custodial do item, referindo-se aos anteriores detentores deste elemento: a) a fonte de aquisição do item; b) o identificador do item. Na Secção 2, apresenta o registo dos atributos de obra e expressões e, no capítulo 5, as regras gerais para esse registo.

De salientar que o RDA recomenda a utilização de elementos chave (Core Elements) que identifiquem a obra. Esses elementos são, no mínimo: o título preferido para a obra; e o identificador. São usados outros elementos para diferenciar uma obra de outra obra similar.

O capítulo 6 do RDA regista os elementos de identificação da obra e expressão. Apresenta também as normas e instruções gerais para escolha e registo de títulos preferenciais, tal como variantes e registo de outros atributos identificadores de obra e expressão. Os pontos de acesso que representam obra e expressão devem permitir vários objetivos, isto segundo as regras estabelecidas pelo RDA (Joint Steering Committee for development of RDA, 2010). Entre esses objetivos podem realçar-se, por exemplo, a junção de todas as descrições de recursos incorporados numa obra, a identificação da obra quando o título pelo qual é conhecido difere do título próprio de recurso a descrever, e a diferenciação entre duas ou mais obras com o mesmo título. No capítulo 17 são apresentadas as normas gerais para registar relações primárias (Joint Steering Committee for development of RDA, 2010). Ao apresentar estas relações, os dados registados devem permitir ao utilizador:

- encontrar todos os recursos que incorporam uma obra ou expressão particular;
- recuperar todos os itens que exemplificam uma manifestação particular.

No que respeita às relações primárias, o RDA refere as relações que se estabelecem entre obra, expressão, manifestação e item, a saber: as relações entre obra e uma expressão através da qual a obra se realiza; a relação entre uma expressão de uma obra e uma manifestação que incorpora essa expressão e a; relação entre uma manifestação e um item que exemplifica aquela manifestação. No capítulo 24 são apresentadas as normas gerais para registar as relações entre obra, expressão, manifestação e item. As definições das entidades (obra, expressão, manifestação e item) são idênticas às apresentadas pelas FRBR, no entanto apresentam outras definições não referidas nos capítulos anteriores, como é o caso da noção de “obra relacionada”. Segundo o RDA, entende-se este conceito como uma obra relacio-

nada com outra obra já representada por um identificador, como ponto de acesso autorizado, ou ainda como descrição (por exemplo: adaptações, comentários, suplementos, sequelas, parte de uma obra mais vasta). A noção de “Expressão relacionada” refere-se a uma expressão articulada com outra expressão identificada por um identificador, com um ponto de acesso autorizado ou com uma descrição (por exemplo: versão revista, tradução). O conceito de “Manifestação relacionada” refere-se a uma manifestação relacionada com o recurso descrito (por exemplo, uma manifestação num formato diferente), enquanto o conceito de “Item relacionado” se refere a um item relacionado com o recurso descrito -por exemplo, o item usado como base para uma reprodução em microforma (Joint Steering Committee for development of RDA, 2010). O RDA prevê, do mesmo modo, um designador que indica a natureza da relação entre obra, expressão, manifestação e item.

Comparando o RDA com as FRBR observa-se que existem, por um lado, pontos de convergência e por outro, pontos complementares em que não existe alinhamento entre os dois modelos concetuais. As secções do RDA foram organizadas de acordo com as entidades das FRBR e as secções que registam as relações são organizadas de acordo com as tarefas do utilizador (Riva & Oliver, 2012). As FRBR colocam a entidade “obra” no primeiro nível. O RDA cobre todas as entidades, iniciando-se com a identificação da manifestação, na medida em que o catalogador principia o tratamento através da manifestação. O RDA dá importância relevante às relações: seis das dez secções referem-se às relações, em consonância com o modelo FRBR entidade-relação. Além do mais, as entidades bibliográficas no RDA têm o mesmo significado ou similar às entidades nas FRBR. Por exemplo, se a entidade “item”, nas FRBR consiste no único exemplar da manifestação, no RDA item é o exemplar único ou instância da manifestação. Por outro lado, a terminologia presente no RDA difere daquele que se encontra nas AACR2; no entanto em relação às FRBR esta é similar. As entida-

des e os atributos são os mesmos, o que muda são os pormenores. O RDA tem atributos adicionais em relação aqueles que se encontram presentes nas FRBR. O conceito de elementos chave não se encontra presente nas FRBR, mas o RDA tem como base a determinação desses elementos no modelo concetual. As FRBR apresentam um nível básico de funcionalidade com os elementos essenciais a registar (Riva & Oliver, 2012).

Em suma, os conceitos de obra, manifestação, expressão e item presentes no RDA que foram expostos nos pontos anteriores são iguais aos presentes nas FRBR. Além do mais, regista os atributos e relações primárias entre cada um dos conceitos. Utiliza as FRBR como ponto de partida, apresentando ainda as instruções práticas para a descrição e acesso dos recursos bibliográficos. Como não está estruturado por tipo de recurso, mas para descrição da obra, expressão, manifestação e item pode ser utilizado para descrever todo o tipo de objetos, e um exemplo prático disto é que os museus podem usá-lo para descrever os artefactos das suas coleções.

Para aplicação da RDA ao universo da Web e dados ligados, a Biblioteca do Congresso prevê a utilização do modelo BIBFRAME, que apresentaremos de seguida.

4. BIBFRAME : Bibliographic Framework

4.1. O problema que pretende resolver

A “Bibliographic Framework Transition Initiative” é uma iniciativa da Library of Congress (LC) de 2011. Segundo a LC, no seu site sobre o BIBFRAME, trata-se de uma iniciativa com o propósito de fazer evoluir as normas de descrição bibliográfica para o modelo de dados ligados, de modo a tornar a informação bibliográfica mais útil para a comunidade, em particular a comunidade bibliográfica, e ainda substituir o

Marc 21. O formato Marc 21 é uma norma para representar e comunicar informação bibliográfica num formato legível por máquina, em que MARC significa MAchine-Readable Cataloguing Record (Registo catalográfico legível por máquina). Este foi originariamente desenvolvido pela LC, mas outras bibliotecas colaboraram para o seu desenvolvimento e atualização. Em 1987, a LC publicou a primeira versão do Formato Marc 21 e houve edições subsequentes em 1990, em 1994 e ainda em 2000.

A LC começou a utilizar computadores para catalogar as suas publicações nos anos 60 do século XX, com a criação do LC Marc, que mais tarde evoluiu para o Marc 21, tornando-se a norma mais usada na maioria dos programas de bibliotecas. Um registo Marc é composto por três elementos: estrutura do registo, designação do conteúdo e dados. A estrutura do registo Marc reflete a implementação de normas nacionais e internacionais. Cada registo está dividido em campos e subcampos, que são representados por uma etiqueta. A LC pretende fazer a transição do Marc21 para BIBFRAME, de forma a aproveitar as potencialidades da Web e dos dados ligados. Por esta razão, em 2012 a LC contratou a Zepheira, empresa que existe desde 2008 e oferece soluções variadas para controlo e tratamento bibliográfico. Contou ainda com outras bibliotecas para apoiar este projeto, nomeadamente a National Library of Medicine, a George Washington University, a British National Library, a Princeton University, a Deutsche National Bibliothek e a OCLC.

BIBFRAME, conforme é descrito pelos documentos BIBFRAME da LC (Library of Congress, n.d.), é o futuro das descrições bibliográficas. Usa simultaneamente a web e os dados ligados. Este conceito de dados ligados foi apresentado por Tim Berners Lee, que criou a Web semântica.

4.2. O contexto concetual e de operacionalidade: a web semântica

A Web semântica, também chamada de Web 3.0 ou Web de dados, é uma estrutura que permite diferentes aplicações e programas para partilhar dados. É uma extensão da World Wide Web, mas não tem a mesma função, apesar de ambas terem como objetivo tornar o conhecimento e a informação acessíveis a todos. Esta nasceu não para substituir a Web tradicional, mas para estender o seu potencial. Tim Berners-Lee influenciou o seu desenvolvimento; na sua obra “Weaving the Web” (2000, p. 237), no Glossário, o autor define Web semântica da seguinte forma: “é a Web dos dados com significado, no sentido de que um programa de computador pode aprender o suficiente sobre o que os dados significam para processá-los”. Nesta época, o autor estava ainda a organizar a sua conceção sobre a Web semântica. Em relação à Web, refere que tem um sonho em duas partes: numa primeira fase, a Web será mais poderosa pela colaboração entre as pessoas e, numa segunda fase, a colaboração estende-se aos computadores (Berners-Lee & Fischetti, 2000, pp. 157–158). É apelidada de “Web semântica” uma vez que apresenta relações entre dados, ou seja, trata-se de semântica, do sentido dos dados. Estes dados estão prontos a ser publicados como uma página de Web semântica. Desta maneira, é necessário ter uma linguagem comum para os computadores representarem e partilharem os dados. O consórcio está a desenvolver esta linguagem – a Resource Description Framework (RDF), baseada em XML (Berners-Lee & Fischetti, 2000, p. 181). Segundo Tim Berners-Lee (2000, p. 71), “o mecanismo diário de comércio, burocracia e da nossa vida do dia a dia será gerido por máquinas que interagem com outras máquinas, deixando aos humanos a tarefa de providenciarem a inspiração e intuição”. A World Wide Web apresenta aos utilizadores um grande número de documentos que podem ser lidos e usados para aprender. A Web semântica clas-

sifica peças individuais de dados de uma forma que permite que os computadores e as pessoas usem esses dados de várias formas.

A grande diferença entre a Web dos documentos e a Web semântica é referida por Guerrini e Possemato (2013, pp. 71–73).

	Web dos documentos	Web semântica
Analogia	Sistema de ficheiros global	Base de dados global
Descrição de objetos e documentos	Plana	Articulada
Rede de relações entre objetos	Entre documentos: consequências a) ligações entre documentos criadas por humanos; b) baixo grau de estruturação; c) desenhadas para humanos e não são interpretados pelas máquinas.	Entre coisas: consequências a) semântica do conteúdo; as ligações são explícitas; b) alto grau de estruturação; c) entidades desenhadas para as máquinas.

Figura 1 – Diferença entre WEB dos Documentos e WEB semântica (Fonte própria)

Através deste quadro podemos verificar que se compara a Web semântica às bases de dados relacionais. O seu objetivo é tornar os dados acessíveis, usando arquitetura semelhante à WWW, por exemplo URI's e URL's. A maior parte dos dados da WWW são para os humanos lerem, mas os dados da Web Semântica são para serem lidos pelos computadores e são para os humanos os ligarem, usarem e categorizarem.

Tim Berners-Lee, em conjunto com outros investigadores, discute, num artigo da revista "Scientific American" (de maio de 2001), a Web semântica e as suas possibilidades. Posteriormente, o consórcio da WWW (W3C) lançou a Web semântica. Os objetivos da Web semântica são:

- aceder aos dados de modo mais fácil;
- aumentar a partilha de dados para tornar possível para as pessoas e para tecnologia encontrarem relações entre os mesmos;
- tornar os dados acessíveis para criar modelos para os problemas da vida quotidiana e tentar resolvê-los;
- construir máquinas capazes de pensar;

A Web semântica tem potencial para mudar a forma como as pessoas usam a Internet. Contudo, está ainda na retaguarda da WWW e tal facto ainda não se verificou (Mohn, 2017).

Uma outra questão importante é como a Web semântica pode ser aplicada às bibliotecas. Os arquivos, museus e bibliotecas são reconhecidos como produtores de dados de qualidade para a Internet. No entanto, estes dados são utilizados num contexto profissional e não são compreensíveis fora deste contexto. Os catálogos não são pesquisados nos motores de busca na Internet que os utilizadores usam preferencialmente. A grande questão, segundo Guerrini e Possamato (2013, p. 77) “é saber como modificar os catálogos e os dados para que possam ser da Web e não apenas na Web”. Ainda segundo este autor, é inevitável a passagem aos dados ligados. Esta revolução será ainda maior do que nos anos 70 do século XX, onde se assistiu à passagem do catálogo de fichas ao catálogo automatizado e, depois, ao catálogo computadorizado. Esta mudança implica a identificação única dos objetos para que possam ser usados por bibliotecas, editores, distribuidores, livreiros, etc. Esta estrutura de ligação entre dados é a RDF (Resource Data Framework), que vai ser explicitada de forma mais detalhada quando nos referimos ao BIBFRAME.

Tim Berners-Lee, citado por Guerrini e Possamato (2013, pp. 78–79) identifica quatro regras para a criação de dados ligados na Web e que se podem também aplicar efetivamente ao tratamento dos dados bibliográficos:

1. Uso de URIs (Uniform Resource Identifiers) para identificar coisas (objetos): URI é um sistema global de identificação, portanto válido para todos os recursos na Web. URI é a chave da arquitetura Web na medida em que constitui um mecanismo de identificação de recursos comum a toda a Web. Cada recurso na Web (*site*, página num *site*, documento, qualquer objeto) tem que ser identificado por um URI para ser encontrado, usado e ligado por outro sistema.

2. Uso de HTTP URIs para que estas coisas (objetos) possam ser vistas pelas pessoas e agentes do utilizador (*browsers, software...*). O esquema usado para construir um URI é declarado no próprio URI antes dos dois pontos por exemplo <http://weather.example.com/>. HTTP usa o Protocolo de Transferência Hipertexto que é o esquema prescrito para a Web Semântica.

3. Durante a procura de um URI que providencie informação útil usando as normas [RDF, SPARQL (linguagem de pesquisa planeadas para dados ligados)] é necessário definir: o contexto e as características dos recursos, através da atribuição do próprio recurso a uma classe, a identificação das suas propriedades e a atribuição de valores.

4. Incluir ligações para outros URIs para que se possam descobrir mais coisas (objetos): quanto mais os dados estiverem ligados, mais podem ser usados para enriquecer e deduzir informação.

Estes são os grandes desafios das bibliotecas, de modo a transformarem os dados dos registos bibliográficos em dados ligados a outros dados na Web semântica.

4.3. A proposta de modelo

O BIBFRAME pretende servir uma comunidade mais alargada e não apenas as bibliotecas. Ao criar o BIBFRAME, a LC (Library of Congress, n.d.) teve três grandes objetivos:

- diferenciar entre o conteúdo intelectual e as manifestações físicas ou virtuais;
- identificar sem ambiguidades as entidades informacionais;
- influenciar e expor as relações entre entidades.

Num mundo informacional deve ser possível que os dados produzidos pelas bibliotecas diferenciem a obra concetual (reconhecida pelo seu autor e título) e os detalhes físicos da manifestação da obra (por exemplo: o número de páginas; se tem ilustrações ou não...). De acordo com a iniciativa BIBFRAME (Library of Congress, 2011), também é importante produzir dados bibliográficos que identifiquem as entidades envolvidas na criação dos recursos (por exemplo: os autores e os editores) e os assuntos ou conceitos associados aos recursos. As informações apresentadas sobre o BIBFRAME esclarecem que a representação e troca de dados feita atualmente pelo MARC 21 vai passar a ser efetuada pelo BIBFRAME, sendo certo que este modelo pretende ir ainda mais longe. Por esta razão, vão ser incluídos todos os aspetos da descrição bibliográfica, a criação e troca de dados, a acomodação dos diferentes modelos de conteúdo e regras de catalogação, a exploração de novos métodos de entrada de dados e a avaliação dos protocolos de troca de dados.

O projeto BIBFRAME não é uma implementação das FRBR, mas, segundo Coyle, é influenciado por este modelo (2016). Este utiliza como modelo de dados o Resource Description Framework (RDF), que é uma estrutura para representar informação na Web e que permite a troca e uso dos metadados estruturados. O RDF foi desenvolvido pelo World Wide Web Consortium (W3C), providencia um modelo para descrever recursos que têm propriedades (atributos ou características) e define como recurso qualquer objeto que é identificado através de um Uniform Resource Identifier (URI). Pode identificar recursos e, muitas vezes (embora nem sempre), permite aceder às representações dos recursos.

Para haver dados ligados, precisamos de três componentes: sujeito, predicado, objeto, isto é, um Triplo RDF.

- Sujeito – referência RDF, URI ou um nó vazio;
- Predicado – referência RDF, URI;
- Objeto – referência RDF, ou literal, ou nó vazio.

Um Nó Vazio em RDF é um nó num grafo RDF que representa um recurso para o qual o URI ou literal não é dado. O recurso representado pelo nó vazio também é chamado recurso anónimo. O nó vazio em RDF só pode ser usado como sujeito ou objeto no triplo RDF. Os nós vazios não possuem um identificador global. O modelo RDF é simples, na medida em que apenas define uma relação binária entre dois recursos; a esta relação binária chama-se predicado. Os dois recursos são o sujeito e o objeto. Estes três elementos formam uma ligação tripla e são identificados por URIs. Um objeto pode ser um valor de dados constantes em vez de um URI, tendo o sujeito e o predicado URIs. Sprochi (2016) refere como exemplo o registo bibliográfico “Charles Dickens é autor de Casa Abandonada”, em que “Charles Dickens” é o sujeito, enquanto “é o autor de” constitui o predicado e “Casa Abandonada” é o objeto. Cada um dos elementos é representado por um URI, que pode estar armazenado em diferentes localizações, mas desta forma há a possibilidade de existirem ligações.

No sítio do BIBFRAME estão disponíveis vocabulários e ferramentas para quem quiser criar dados bibliográficos em BIBFRAME, ou converter registos MARC em registos BIBFRAME. Em abril de 2016, foi publicada uma atualização do vocabulário, chamada BIBFRAME 2.0.

A mudança do BIBFRAME 1.0 para o 2.0 trouxe algumas modificações (Library & Kroeger, 2016) que podem ser observadas no quadro seguinte:

BIBFRAME 1.0 Classes Principais	BIBFRAME 2.0 Classes Principais
Obra – Instância	Obra – Instância – Item
Obra: assunto e criador	Obra: assunto, agente, evento
Instância: editor, publicação, formato	Instância: formato, editor
Autoria	
Anotação	Item: pertença e código de barras
Item: pertence às anotações	Item: classe principal

Figura 2 – Diferenças BIBFRAME 1.0 e 2.0 (Fonte própria)

No modelo 1.0, as classes principais são obra e instância. A obra tem ligação ao assunto e ao criador, ao passo que Instância reflete informação como editor e formato. No modelo 2.0 são três os elementos chave: obra, instância e item. A obra tem assunto, agente (pode ser associado ao recurso BIBFRAME com a função, por exemplo, de autor, ilustrador, editor, etc. e essa função é expressa como contribuição) e evento (esta classe é introduzida no BIBFRAME). A instância é a incorporação material de uma obra e tem formato e editor. O item é a cópia física de uma instância, é pertença de alguém e também tem código de barras. No BIBFRAME 1.0 as classes essenciais são:

- Obra criativa – corresponde a obra nas FRBR mais expressão nas FRBR; as propriedades são aplicáveis a todas as edições e formatos;
- Instância – corresponde a manifestação nas FRBR; as propriedades são específicas a uma edição ou formato;
- Autoridade – agente, local, tempo ou tópico;
- Anotação – é igual a item nas FRBR e tem também outros elementos, como sumários, críticas, informações de pertença, etc.

No BIBFRAME 2.0 as classes essenciais são:

- Obra – corresponde a obra nas FRBR mais expressão nas FRBR; as propriedades são aplicáveis a todas as edições e formatos (não existe mudança);
- Instância – corresponde a manifestação nas FRBR; as propriedades são específicas a uma edição ou formato (não existe mudança);
- Item – corresponde ao item nas FRBR; as propriedades são específicas de uma cópia específica (aqui houve grande mudança).

Quanto às informações de pertença no BIBFRAME 1.0: o material que existe na biblioteca é uma subclasse das anotações. No BIBFRAME 2.0: o item é uma classe principal e não uma anotação. O item pode ser simples (representando uma só coisa), ou composto (representando vários componentes ou multipartes).

O BIBFRAME organiza a informação em três classes essenciais (Library of Congress, n.d.): Obra, Instância e Item.

- ✓ Obra – nível mais elevado de abstração, no contexto BIBFRAME; reflete a essência do recurso catalogado: autor, línguas e aquilo que trata (assunto);
- ✓ Instância – uma obra pode ter uma ou mais incorporações materiais individuais, por exemplo uma forma particular publicada. Isto são instâncias da obra. Uma instância reflete informação, como o editor, o local e data de publicação e o formato;
- ✓ Item – o item é uma cópia (física ou eletrônica) de uma instância. Reflete informação, como por exemplo a sua localização (física ou virtual), prateleira, cota ou código de barras. Como se referiu, foi um elemento essencial introduzido pelo BIBFRAME 2.0.

BIBFRAME 2.0 define classes adicionais que têm relação com as classes essenciais:

- ✓ Agentes – pessoas, organizações, jurisdições, etc., associadas a obra e instância através da função como autor, editor, artistas, fotógrafo, compositor, ilustrador, entre outras.
- ✓ Assuntos – uma obra pode ser sobre um ou mais conceitos. Este conceito diz-se que é assunto da obra. Nos conceitos que podem ser assunto incluem-se tópicos, locais, expressões de tempo, eventos, obra, instância, itens, agentes, etc.
- ✓ Eventos – ocorrências cujo registo pode ser o conteúdo de uma obra.

Estas três classes essenciais são apresentadas na ilustração que mostramos a seguir, assim como as outras classes adicionais (Library of Congress, n.d.).

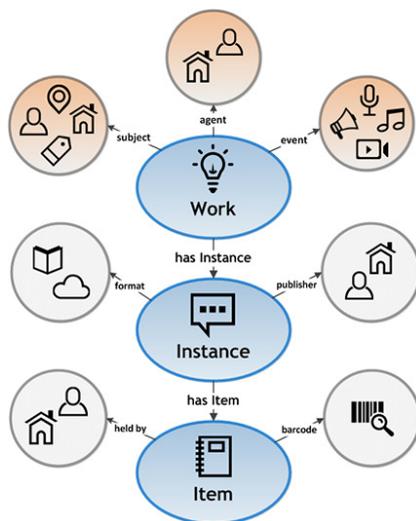


Figura 3 – obra, instância e item²

2 Disponível na WWW (<https://www.loc.gov/bibframe/docs/bibframe2-model.html> acesso em 17/06/2018)

De outra forma, podemos definir as duas classes essenciais do BIBFRAME, segundo “Vocabulary” pelo Zepheira:

- ✓ Obra – criação intelectual ou artística distinta. São ainda apresentados os atributos de obra: contribuidor, criador, género, assunto e título;
- ✓ Instância – incorporação individual da obra; apresenta os atributos de instância, que é contribuidor, copyright, dimensões, extensão, formato, instância, meio, fornecedor e título.

No documento produzido pela Biblioteca do Congresso em 2012 (Miller, Ogbuji, Mueller, & MacDougall, 2012) temos as seguintes definições de obra e instância:

- ✓ Obra – reflete um item concetual. É uma entidade abstrata e não existe um objeto material individual que possamos apontar. Obra existe como um ponto de controlo da Web, reflete a semelhança de conteúdo entre as várias instâncias associadas com a obra, assim como configura um ponto de referência para outras obras. As propriedades comuns de obras incluem relações contextuais com o BIBFRAME autoridades relacionadas com o assunto (tópico, pessoa, local e geografia, entre outros do recurso, assim como com as entidades (pessoa, organização, reunião, etc.) associadas à sua criação. Obras podem ser relacionadas com outras obras, refletindo, por exemplo, a relação entre a parte e o todo;
- ✓ Instância – reflete a incorporação individual e material da obra BIBFRAME, que pode ser física ou digital pela sua natureza. A instância BIBFRAME existe como um ponto de controlo Web que inclui propriedades específicas à materialização, assim como a relação contextual com o BIBFRAME autoridades, relacionado com a publicação, produção e distribuição do recurso

material. Cada instância BIBFRAME é uma instância de uma só obra BIBFRAME.

Segundo Coyle (2016), a “obra”, em BIBFRAME, representa a descrição bibliográfica, enquanto “instância” descreve o suporte. A noção de obra engloba os atributos associados a esta e à expressão nas FRBR; instância é semelhante à manifestação nas FRBR. O item, que surge apenas no BIBFRAME 2.0, corresponde ao item na FRBR.

As vantagens do BIBFRAME são, de acordo com Alvarado Salazar (2016):

- facilidade de adaptação a novos formatos ou atualizações do sistema;
- utilização de um sistema Web com maior dinamismo e acesso descentralizado da informação;
- maior compreensão para pessoas não relacionadas com o universo biblioteconómico;
- fácil exportação dos registos para outros centros de informação;
- utilização mais eficiente do catálogo de assuntos;
- etiquetagem prévia da informação na descrição bibliográfica;
- sistema mais robusto para transferência da informação bibliográfica.

Da mesma forma que o MARC ajudou nos modelos de Sistemas Integrados de Biblioteca, também no BIBFRAME define-se como devem ser os novos Sistemas Integrados de Bibliotecas (Guerrini & Possemato, 2016): serão sistemas orientados para as entidades, como são definidos pelo BIBFRAME e pelas FRBR; cada recurso, uma vez identificado ou criado, pode ser ligado a outros recursos, como no modelo entidade-relação das FRBR; existe a possibilidade de, em associação aos atributos de cada recurso, o catalogador poder retirar informação da Web, disponível de acordo com os requisitos dos

dados interligados, sem ser preciso novos atributos de cada vez que trata um recurso; a utilização de listas controladas de termos e, por esse motivo, aceder na fase de construção da entidade a vocabulários e listas de termos já publicadas; a possibilidade de definir na configuração do sistema a criação automática de um URI.

Como conclusão podemos referir que o BIBFRAME pretende fazer uso da tecnologia dos dados ligados e da “Resource Description Framework” como linguagem de implementação. O modelo de dados BIBFRAME vai ser o sucessor do formato MARC 21, segundo o que está referido no documento de apresentação do BIBFRAME no site da LC: “Embora a iniciativa BIBFRAME preveja uma nova maneira de representar dados bibliográficos, que agora é feita pelo formato Marc, o seu âmbito é mais amplo. Como iniciativa, está a investigar todos os aspetos da descrição bibliográfica, criação e troca de dados. Além de substituir o formato Marc, pretende acomodar diferentes modelos de conteúdo e regras de catalogação, exploração de novos métodos de entrada de dados e avaliação dos protocolos de troca de dados atuais”³.

5. Conclusão

Apresentámos neste artigo a evolução do conceito de obra, o aparecimento das FRBR, RDA e BIBFRAME e os conceitos de obra, expressão, manifestação e item nestes modelos de tratamento de fundos bibliográficos.

Pretendemos desta forma sensibilizar e informar os bibliotecários/documentalistas para a necessidade de adaptarmos o tratamento dos fundos ao universo da Web Semântica.

3 Ver: (www.loc.gov/bibframe/faqs) (tradução do autor).

A presença dos catálogos das Bibliotecas da Universidade de Coimbra na Internet é feita pela pesquisa direta nos WEB OPAC e isso, nos tempos atuais, é insuficiente. Veja-se o caso da Biblioteca Nacional de Espanha, que, com a Datos BNE.es, já apresenta as ligações à obra, por exemplo em que o escritor é autor, em que é assunto, os dados biográficos, outras obras em que participa e dados relacionados.

Esperamos num futuro próximo que seja este o caminho a seguir em Portugal. Pode ser com o modelo BIBFRAME ou com outro semelhante.

6. Bibliografia

- A. H. CHAPLIN, D. A. (Ed.). (1963). International Conference on Cataloguing Principles. In *International Conference on Cataloguing Principles, Paris, 9th-18th October, 1961 : report* (p. 293 p.). London: International Federation of Library Associations.
- ALVARADO SALAZAR, A. (2016). Descubriendo los modelos de datos interconectados : BIBFrame. *E-Ciencias de La Informació*, 6(2), 1–20. <http://doi.org/DOI>: <http://dx.doi.org/10.15517/eci.v6i2.25275>
- ANHALT, J. A., & Stewart, R. (2012). RDA simplified. *Cataloging & Classification Quarterly*, 50, 33–42. <http://doi.org/10.1080/01639374.2011.615378>
- BERNERS-LEE, T., & Fischetti, M. (2000). *Weaving the Web : the original design and ultimate destiny of the World Wide Web by its inventor*. New York: HarperCollins.
- CARPENTER, M. (1981). *Corporate authorship : its role in Library Cataloguing*. (G. Press, Ed.). Westpor.
- COYLE, K. (2016). *FRBR : before and after : a look at our bibliographic models*. Chicago: American Library Association.
- DANSKIN, A. (2009). 5JSC/RDA/Objectives and Principles/Rev/3. In *RDA — Resource Description and Access Objectives and Principles* (pp. 1–5).
- GUERRINI, M., & Possemato, T. (2013). Linked data: a new alphabet for the semantic web. *JLIS.It*, 4(1). <http://doi.org/10.4403/jlis.it-6305>
- GUERRINI, M., & Possemato, T. (2016). From Record Management to Data Management: RDA and New Application Models BIBFRAME, RIMMF, and OliSuite/WeCat. *Cataloging & Classification Quarterly*, 54(3), 179–199. <http://doi.org/10.1080/01639374.2016.1144667>
- IFLA Study Group on the Functional Requirements for Bibliographic Records. (2008). *Requisitos funcionais dos registos bibliográficos: relatório final*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

- Joint Steering Committee for development of RDA. (2010). *RDA : Resource Description and Access*. Chicago: American Library Association.
- KNIGHT, F. T. (2009). Cataloguing Rules! The Road to RDA. *Toronto Association of Law Libraries*, 28(2/3), 1–6.
- LAPA, A. L. S. (1990). *As funções do catálogo de autores e títulos*. Universidade de Coimbra.
- LE BOEUF, P. (2003). Brave new FRBR World. In K. G. Saur (Ed.), *IFLA Meeting on Experts on an International Cataloguing Code* (p. 41). München.
- Library, M. C. C. L. C., & Kroeger, A. J. (2016). Hello BIBFRAME 2.0: Changes from 1.0 and Possible Directions for the Future. Retrieved from <http://digitalcommons.unomaha.edu/crisslibfacproc>
- Library of Congress. (n.d.). Overview of the BIBFRAME 2. Retrieved March 13, 2018, from <https://www.loc.gov/bibframe/docs/bibframe2-model.html>
- Library of Congress. (2011). *Library of Congress Bibliographic Framework Initiative General Plan*.
- MADISON, O. M. A. (2005). The Origins of the IFLA Study on Functional Requirements for Bibliographic Records. *Cataloging & Classification Quarterly*. <http://doi.org/10.1300/J104v39n03>
- MILLER, E., Ogbuji, U., Mueller, V., & MacDougall, K. (2012). Bibliographic Framework as a Web of Data: Linked Data Model and Supporting Services Bibliographic Framework as a Linked Data Model! 6 Background on Linked Data and LOD! 23.
- MOHN, E. (2017). Semantic Web. In *Salem Press Encyclopedia of Science*. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=ers&AN=87323271&site=eds-live>
- OLIVER, C. (2010). *Introducing RDA : a guide to the basics*. London: Facet Publishing.
- RANGANATHAN, S. R. (1971). *Heading and canons : comparative study of five catalogue codes*. (U. M. Limited, Ed.) (Reprinted). [S.l.].
- RIVA, P., Le Boeuf, P., & Žumer, M. (2016). *FRBR-Library Reference Model*. Den Haag.
- RIVA, P., & Oliver, C. (2012). Evaluation of RDA as an Implementation of FRBR and FRAD. *Cataloging & Classification Quarterly*, 50, 564–586. <http://doi.org/10.1080/01639374.2012.680848>
- SMIRAGLIA, R. P. (2001). *The nature of "Work": implications for the organization of Knowledge*. Lanham: Scarecrow Press.
- SPROCHI, A. (2016). Where Are We Headed? Resource Description and Access, Bibliographic Framework, and the Functional Requirements for Bibliographic Records Library Reference Model. *International Information & Library Review*, 48(2), 129–136. <http://doi.org/10.1080/10572317.2016.1176455>
- SVENONIUS, E. (2001). *The intellectual foundation of information organization*. (T. M. Press, Ed.). Cambridge.
- The International Conference on Cataloguing Principles. (1961). Statement of Principles.
- WILSON, P. (1968). *Two kinds of power : an essay on bibliographic control*. (U. of California, Ed.). Berkeley.

(Página deixada propositadamente em branco)

A construção dos novos estabelecimentos da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, dirigida por Guilherme Elsdén

The construction of the new facilities for the Pombaline Reformation of the University of Coimbra, directed by William Elsdén

Rui Lobo¹

RESUMO

Há cerca de três anos, iniciámos um processo de cotejo sistemático da documentação escrita relativa à Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra (1772-1777), com os levantamentos, desenhos e projetos para os novos estabelecimentos, dirigidos e produzidos pelo Tenente-Coronel de origem britânica Guilherme Elsdén. Nesse quadro, realizámos uma comunicação para o ciclo de conferências «A Universidade de Coimbra no caminho para a Contemporaneidade», da 19ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra

¹ Departamento de Arquitetura / Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra – rlobo@uc.pt

(dedicada ao tema «Quem somos?»), que teve lugar na Casa das Caldeiras, em Coimbra, a 27 de abril de 2017.

Coordenámos, seguidamente, uma exposição de desenhos da Reforma Pombalina, no Museu Nacional de Machado de Castro (com a Dr.^a Virgínia Gomes, patente entre outubro de 2018 e fevereiro de 2019), onde pudemos organizar cronologicamente um conjunto alargado de peças gráficas (algumas pertencentes à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), sequência que veio validar e reforçar a nossa primeira leitura dos factos.

No presente artigo (que resulta, em grande medida, do texto da comunicação de 2017) retomamos o estabelecimento de uma base cronológica para a datação de alguns desenhos-chave que foram sendo realizados no curto espaço de pouco mais de um ano, entre finais de 1772 e inícios de 1774. A seriação desses desenhos mostra como a Reforma Pombalina recebeu um incremento no impacto urbano e na escala das suas arquiteturas durante esse tempo, em particular na definição de estabelecimentos como o Observatório Astronómico e o Laboratório *Chimico*. Esse incremento deveu-se, em parte, ao desenvolvimento natural das propostas, mas também, e em grande medida, ao competente desempenho de Elsdén e ao crescente entusiasmo do próprio Marquês de Pombal em relação aos novos projetos.

PALAVRAS-CHAVE

Reforma Pombalina, Universidade de Coimbra, Guilherme Elsdén, Observatório Astronómico, Laboratório *Chímico*, D. Francisco de Lemos, Iluminismo.

ABSTRACT

About three years ago, we began a process of systematic comparison between the written documentation concerning the *Pombaline* Reformation of the University of Coimbra (1772-1777) and the surveys, drawings and designs for the new scientific buildings, directed and produced by the British Lieutenant Colonel William Elsdén. To that effect, we submitted a paper for the conference cycle «The University of Coimbra on the way to Contemporaneity», for the 19th Cultural Week of the University of Coimbra (dedicated to the theme «*Who are we?*»), which took place at *Casa das Caldeiras* in Coimbra, on 27 April, 2017.

The following year, we coordinated an exhibition of drawings of the *Pombaline* Reformation at the Machado de Castro National Museum (with Virginia Gomes, from October 2018 to February 2019). In this occasion, we were able to chronologically lay out a large collection of graphic pieces, a sequence which validated and reinforced our previous understanding of the facts. In this article (which is largely the result of the 2017 paper), we have resumed this creation of a chronological basis for dating some key designs that were built in the short span of just over a year, between late 1772 and early 1774. This sequence shows how the architecture of the *Pombaline* Reformation increased in scale and urban impact during this period, particularly in the designs of scientific institutions such as the Astronomical Observatory and the Chemical Laboratory. This increase was due, in part, to the natural development of the proposals, but also, and to a large extent, to Elsdén's competent performance and to the growing enthusiasm of the Marquis de Pombal towards the new designs.

KEYWORDS

Pombaline Reformation, University of Coimbra, William Elsdén, Astronomical Observatory, Chemical Laboratory, Francisco de Lemos, Enlightenment.

Introdução

Entre 1772 e 1777, avançou na Alta de Coimbra a construção das infraestruturas universitárias destinadas às novas Faculdades de Filosofia e de Matemática, à Imprensa da Universidade e às modernas valências da Faculdade de Medicina, resultantes da Reforma Pombalina dos estudos.

O principal foco das intervenções, dirigidas pelo Tenente-Coronel inglês Guilherme Elsdén, foi a reabilitação dos edifícios do antigo complexo dos Jesuítas – os Colégios de Jesus e das Artes, sobretudo o primeiro. Estes estavam devolutos desde 1759, aquando da expulsão da Companhia de Jesus do país, na sequência da lei de 3 de setembro.

As obras estenderam-se também ao antigo castelo de Coimbra, onde se intentou construir um amplo Observatório Astronómico, tirando partido de pelo menos uma das torres da fortaleza, quando não das duas. Os trabalhos estenderam-se ainda à vizinhança da Sé Velha, junto da qual se levantou o novo edifício da Imprensa da Universidade, programa que ocuparia também o antigo claustro da catedral. Por fim, houve ainda uma operação de remodelação da sede da Universidade e das dependências reitorais, no Paço das Escolas, da qual não trataremos aqui.

Continua por fazer uma cronologia sistemática, mês a mês, do avanço das obras pombalinas e da produção dos desenhos correspondentes, de entre aqueles que são conhecidos e que compõem as coleções de vários acervos públicos, em Portugal² e no Brasil³, e também um notável álbum – o *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra* – na posse de privados⁴. O progressivo esclarecimento dessa cronologia é um objetivo que nos parece importante, a pouco tempo da efeméride dos 250 anos da Reforma Pombalina da Universidade. Uma das chaves para a sistematização que propomos é um conjunto de desenhos assinados pela mão do Marquês de Pombal, hoje dispersos por vários acervos e que, a nosso ver, terão de ser datados do verão de 1773.

2 Nos acervos públicos portugueses, destacam-se um álbum de desenhos avulsos pertencente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Ms. 3377), os desenhos do *Livro de Provisões* do Museu Nacional de Machado de Castro (Ref^a. MNMC 2231), e ainda um conjunto de desenhos avulsos pertencentes a este mesmo museu. Outros desenhos avulsos são os que podemos encontrar no Arquivo da Universidade de Coimbra, no Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, nos Departamentos de Química e de Ciências da Vida da FCTUC (estes últimos relativos a projetos para o Jardim Botânico).

3 Na Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, existem dois álbuns, um com os levantamentos realizados em 1772 a vários edifícios da Alta universitária, e outro com os primeiros projetos para o Laboratório *Chimico*.

4 Publicado em edição a preto e branco por Matilde Sousa Franco (ed.), *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro, 1983.

1772

A 22 de setembro de 1772, chegou a Coimbra Sebastião José de Carvalho e Melo, com o objetivo expresso de reformar a Universidade, dando-lhe novos estatutos e preparando literalmente o terreno para a construção das novas infraestruturas necessárias à reforma dos estudos e ao seu novo pendor teórico-prático e experimental. É bem conhecido o dia-a-dia do Marquês durante o período de cerca de um mês que passou em Coimbra, instalado no Paço Episcopal⁵. A 29 de setembro apresentou os novos Estatutos, em cerimónia solene na Sala Grande dos Atos. Eram criadas duas novas faculdades “experimentais” – a de Matemática e a de Filosofia Natural. A Faculdade de Medicina era também dotada de novas valências – o hospital universitário e o dispensário farmacêutico – que potenciavam a componente “prática” da aprendizagem das ciências médicas. A 1 de outubro, na abertura solene das aulas, Sebastião José assistiu, na mesma sala, à oração de sapiência de Bernardo António Carneiro, lente de Teologia Dogmática e colegial de São Paulo. Dois dias depois, “o Sr. Marquês foi à Livraria da Universidade e assistio as medidas q os engenheiros nessa tarde tomaram do seu pátio”. Estas medições do Paço das Escolas destinavam-se certamente à elaboração do projeto de reforma e ampliação da Biblioteca Joanina e da Capela da Universidade. Aparentemente, a 17 de outubro estava já pronto um primeiro projeto:

5 Miguel Carlos da Mota e Silva, *Diário da Visita do Marquês de Pombal a Coimbra*, Manuscrito do Arquivo da Universidade de Coimbra (Est.I, tab.3), publicado por António de Vasconcelos, “Diário da Visita do Marquês de Pombal a Coimbra na Reforma da Universidade”, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 6, n.ºs 1-2, 1917, pp. 142-182.

“... que as mesmas Capellas Real e Biblioteca sejam logo reedificadas pela planta e prospecto della por mim assignados que serão com esta Provisão debaixo da Inspeção do Reytor da mesma Universidade”⁶.

Estes desenhos – um alçado e uma planta – são muito provavelmente os que se conhecem, assinados efetivamente pelo Marquês, e fazem parte do *Livro de Provisões* hoje guardado no Museu Machado de Castro⁷. Neles, previa-se a substituição da Capela de S. Miguel por uma nova capela, perpendicular ao pátio e colocada entre a Biblioteca joanina e uma sua duplicação. Simultaneamente, eliminava-se o ostentoso portal barroco da biblioteca em favor de um acesso geral feito pelo átrio da nova capela, marcado exteriormente por um sóbrio e novo portal pombalino. Esta obra (felizmente) não se fez.

Antes, a 11 de outubro, em Lisboa, D. José assinava uma Carta Régia em que se destinava a antiga igreja dos Jesuítas à nova Sé, o edifício do Colégio de Jesus à Universidade e à Cidade (em resultado da instalação do hospital) e o castelo à Universidade⁸. Seguir-se-ia, nos dias 15 e 16, uma série de provisões assinadas pelo Marquês, em que se atribuíam os espaços de forma mais específica a cada uma das valências das faculdades novas ou renovadas:

- O Colégio de Jesus ao Hospital, Teatro Anatómico, Dispensário Farmacêutico, Física Experimental, História Natural e Laboratório *Chímico*.
- O castelo ao Observatório Astronómico.
- O claustro da Sé Velha à Imprensa da Universidade.

6 D. Francisco de Lemos, *Relação Geral do Estado da Universidade de Coimbra*, 1777, publicado por Teófilo Braga, *Dom Francisco de Lemos e a reforma da Universidade de Coimbra*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1894, pp.166-167.

7 *Livro de Provisões*, Museu Nacional de Machado de Castro, MNMC 2231.

8 D. Francisco de Lemos, *Relação Geral...*, p. 161; Manuel Lopes d'Almeida, *Documentos da Reforma Pombalina*, Coimbra, Universidade, 1937, vol. 1, pp. 22-23.

- O Colégio Real das Artes ao Colégio da mocidade das Três Províncias do Norte e Partido do Porto (o *Colégio dos Nobres das Províncias*).

As provisões iam acompanhadas por peças gráficas de levantamento, supostamente assinadas pelo Marquês: uma “carta topográfica” do Colégio de Jesus; um “plano” do castelo; uma “carta topográfica” com o claustro da Sé Velha. As provisões ordenavam ainda que o Tenente Coronel Guilherme Elsdén e o Capitão Izidoro Paulo Pereira acompanhassem a tomada de posse dos edifícios, em nome da Universidade⁹.

Exemplares destes planos e cartas topográficas – de levantamento – não assinados pelo Marquês são aparentemente os que estão apenas ao *Livro de Provisões*, do Museu Machado de Castro. Conhece-se um outro conjunto de exemplares avulsos, pertencente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. São também de 1772 as plantas que se fizeram da igreja da Sé Velha (para instalação da Misericórdia) e da antiga Igreja da Misericórdia (que passou a capela das Recolhidas), à rua da Calçada, na baixa da cidade.

O Marquês regressaria a Lisboa a 24 de outubro. Elsdén e a sua equipa devem ter também regressado à capital na mesma ocasião. Data de 25 de novembro de 1772 a belíssima planta geral do piso térreo de todo o antigo conjunto jesuítico, intitulada “*Planta Ichnografica do Collegio que foy dos proscriptos Jesuitas*” (**fig. 1**) e que hoje se conserva na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro¹⁰. Nela, os edifícios são distribuídos pelas novas valências, tal como estavam e praticamente sem alterações, recorrendo a um código de cores.

9 *Livro de Provisões*, Museu Nacional de Machado de Castro, MNMC 2231, ff.27-60vº; D. Francisco de Lemos, *Relação Geral...*, pp. 162-166.

10 Foi anteriormente publicada por Maria de Lurdes Craveiro em *A Sé Nova de Coimbra*, Coimbra, DRCC, 2011, p. 44, e por Rui Lobo, “O Colégio de Jesus. Programa, história arquitetónica, iconografia”, *Rua Larga*, n.º 50, 2017, p. 53.

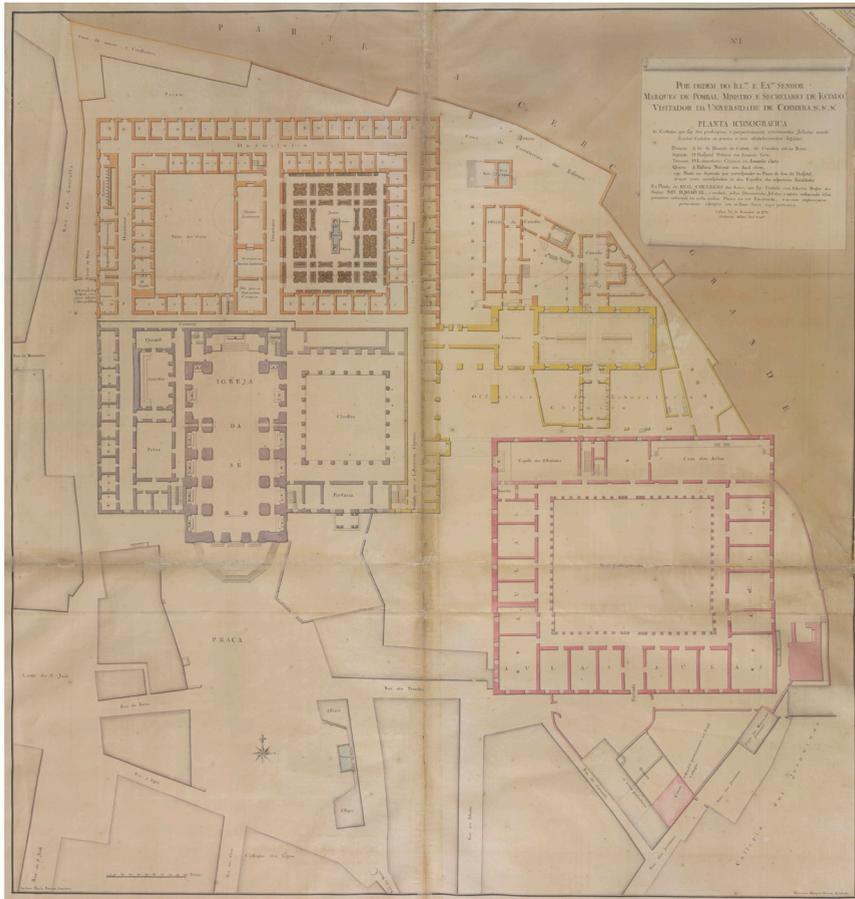


Fig. 1

Planta Ichnografica do Collegio que foy dos proscriptos
e perpetuamente exterminados Jesuitas. 25 de Novembro de 1772
(Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro).

Como assinala a legenda, esta planta foi realizada em Lisboa sob a direção de Guilherme Elsdén, pelos executantes Isidoro Paulo Pereira (Capitão) e Theodoro Marques Pereira (ajudante). Data do dia anterior, 24 de novembro, o “*Desenho para o Novo Observatorio Astronomico*” (fig. 2), o primeiro projeto conhecido para este equipamento e que consistia no aproveitamento de apenas uma das torres do castelo (a de planta quadrada), submetida a uma adaptação de pendor neogó-

tico. A outra torre (pentagonal) teria de ser, obviamente, demolida. Estes dois desenhos (**figs. 1 e 2**) fazem parte de um álbum guardado no Brasil, que contém um total de 12 pranchas¹¹.

Primeiro semestre de 1773

Na iminência das novas intervenções, o “Reitor-Reformador”, D. Francisco de Lemos, preparou um regimento de obras, de modo a regulamentar a atividade construtiva que se preparava. Logo que redigido e assinado (a 10 de janeiro), este documento foi enviado para Lisboa para apreciação do Marquês de Pombal, sendo aprovado por carta de confirmação de 18 de janeiro. O regimento define as competências dos vários intervenientes, desde o administrador aos apontadores, passando pelo recebedor, pelo arquiteto e pelos mestres, definindo também o modo de se realizarem as conferências periódicas sobre o estado das obras¹².

O documento oficial seguiria para Coimbra a 12 de fevereiro, a par dos “planos das uteis e importantes obras” – muito provavelmente as plantas de reformulação do Colégio de Jesus – ficando, porém, em Lisboa a “*planta do Laboratorio Chymico*” e a “*planta do Observatório Astronómico*”, porque “*quem trabalhava em ambos estes planos*” – certamente

11 Para além da planta geral, térrea, do antigo complexo jesuítico e do alçado do primeiro projeto do novo observatório, o álbum inclui o levantamento do antigo castelo e da torre que se pretendia aproveitar, o desenho do quadrante mural existente no observatório de Greenwich em Londres, as plantas altas dos colégios de Jesus e das Artes (complementando a informação da planta térrea geral) e ainda alguns exemplares das já mencionadas plantas da Sé Velha e da Igreja da Misericórdia. Nenhum destes desenhos se encontra assinado pelo Marquês. Agradecemos à Dr.^a Maria José da Silva Fernandes, Coordenadora-Geral do Centro de Coleções e Serviços aos Leitores da Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, a informação sobre os conteúdos deste álbum.

12 Pedro Dias, “O Regimento das Obras da Universidade de Coimbra ao tempo da Reforma Pombalina”, *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, vol. VI, 1984, pp. 335-348.

Elsden – havia adoecido¹³. Os planos retidos em Lisboa deveriam seguir para Coimbra levados em mão pelo próprio Elsdén que, no entanto, permaneceu na capital até ao final do mês, impossibilitado de viajar por um “*acidente de Gota*”. Em 2 de março, o Marquês anuncia a partida iminente de Elsdén para Coimbra “*dentro de trez ou quatro dias*”¹⁴.

A nosso ver, correspondem a esta fase de desenvolvimento os desenhos (uma planta e três perfis) para o Laboratório *Chymico* pertencentes a um segundo álbum da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, alguns dos quais foram já publicados¹⁵. Correspondem, em nossa opinião, ao primeiro projeto para este novo equipamento, de entre outros que se conhecem. Reproduzimos aqui a “Planta” (**fig. 3**), cuja legenda indica ter sido realizada em 1773 e explica que o laboratório deveria ser “*executado no refeitório que foy dos proscriptos (...) Jezuitas*”.

Porém, uma análise sumária das escalas gráficas associadas a este projeto (tanto na planta como nos perfis) leva a concluir que o espaço a ser ocupado pelo “teatro” das demonstrações (a valência do novo equipamento efetivamente representada)¹⁶ não seria o antigo refeitório dos Jesuítas mas sim, e aparentemente, o ante-refeitório daquela estrutura, que se erguia à sua entrada, do lado poente¹⁷. Nesta hipó-

13 Manuel Lopes d’Almeida, *Documentos ...*, 1937, vol. I, pp. 70-71.

14 *Ibidem*, pp. 80-82.

15 A planta e um perfil foram publicados por Regina Anacleto em “Reforma Pombalina. Primeiros projectos architectónicos”, in *O Paço das Escolas Revisitado*, suplemento ao n.º 1 da revista *Rua Larga*, 2003, pp. 8-13; A planta e um outro perfil foram reproduzidos em *Museu da Ciência. Luz e Matéria*, Universidade de Coimbra, 2006, pp. 43 e 45. O álbum contem um total de cinco desenhos: a planta e três perfis do teatro das demonstrações químicas; e um outro desenho referente a um forno portátil para as demonstrações químicas. Agradecemos à Dr.ª Maria José da Silva Fernandes, Coordenadora-Geral do Centro de Coleções e Serviços aos Leitores da Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, a informação sobre os conteúdos deste outro álbum.

16 Elsdén referir-se-á ao “Theatro” (das demonstrações químicas) no relatório de 27 de setembro de 1772, que transcreveremos parcialmente mais adiante.

17 Com efeito, podemos verificar que o teatro das demonstrações ocupava um edifício retangular de cerca 50 por 33,6 pés (16,5 por 11,1 metros, tomando cada pé por 0,33 metros), muito diferente dos cerca de 156 por 80 palmos (33,0 por 17,6

tese, a sala do refeitório propriamente dito serviria para as oficinas do laboratório.

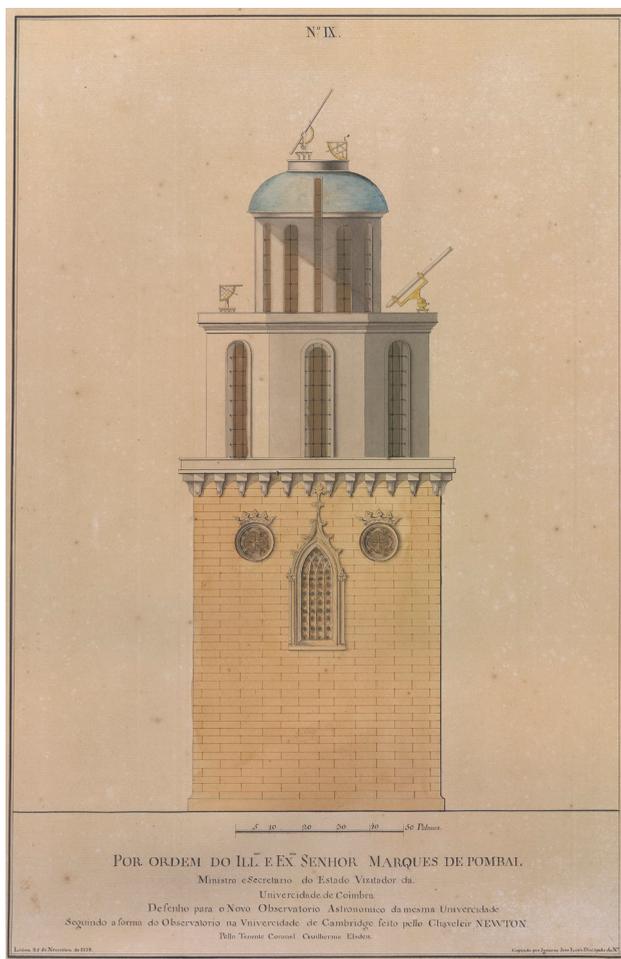


Fig. 2

Desenho para o Novo Observatorio Astronomico. 24 de Novembro de 1772.
(Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro).

metros, tomando cada palmo por 0,22 metros) que apresenta o antigo refeitório na “*Planta para o Laboratorio Chymico da Universidade de Coimbra*” (de que existem cópias no *Livro de Provisões* do Museu Machado de Castro e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra) e que mais não é do que um levantamento do antigo refeitório jesuíta. Já o ante-refeitório (de acordo com esta última planta) tem cerca de 80 por 54 palmos (ou seja 17,6 metros por 11,9 metros), medida muito mais próxima da do projeto que está no Rio de Janeiro.

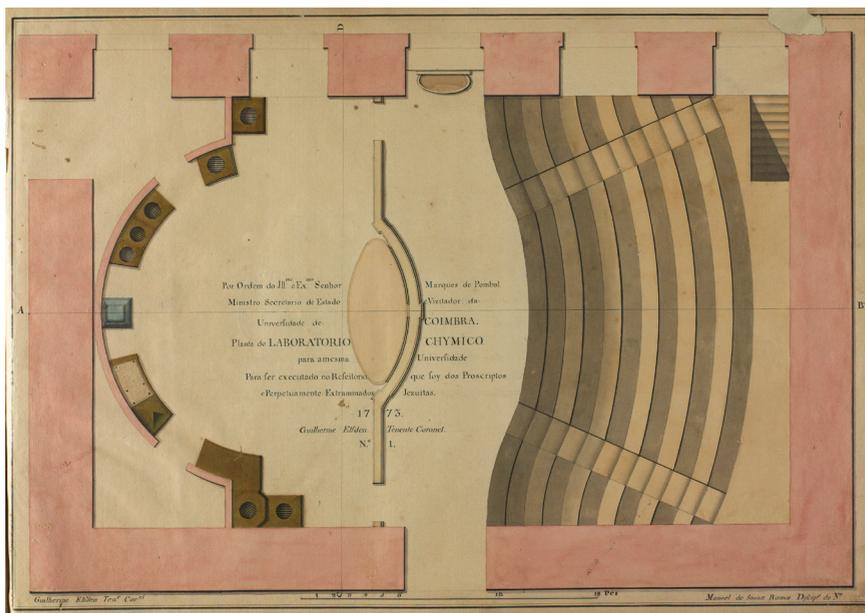


Fig. 3

Planta para o Laboratorio Chymico. 1773.
(Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro).

Com Ellden finalmente em Coimbra, avançariam decisivamente os projetos para os vários estabelecimentos. Não obstante, e como veremos, os projetos em elaboração para o Observatório Astronómico e para o Laboratório *Chymico* não seriam ainda as versões efetivamente começadas a levantar. Aparentemente, o projeto finalizado mais rapidamente seria o da reformulação do Colégio de Jesus, ao nível das suas plantas e das novas fachadas sul (à direita da Sé Nova) e nascente. Seria também essa a primeira destas obras a avançar.

O lançamento da primeira pedra deu-se a 13 de maio de 1773, dia do aniversário do Marquês, que seria informado do facto por carta do Reitor-Reformador datada de dia 18. Carvalho e Melo responderia apenas a 30 de junho, mencionando claramente que “*Não pode*

*haver duvida na demolição da Capella chamada do Santo Borja*¹⁸. Esta capela, situada no primeiro andar, sobre o acesso ao ante-refeitório, correspondia a uma protuberância na frente nascente do antigo colégio jesuíta e a sua demolição tornava-se necessária para a elaboração da nova fachada – extensa de 110 metros – do novo *Edifício das Ciências Naturaes*.

Segundo semestre de 1773

Data de 27 de setembro um importante relatório, assinado pelo próprio Guilherme Elsdén, no qual se dá conta ao Marquês de Pombal do avanço das obras universitárias, no intervalo de tempo decorrido desde o dia 25 de julho¹⁹:

- *“Fiz os riscos das respectivas partes da Cantaria do Edifício da Historia Natural dos Três Reynos e Theatro de Phylosophy Experimental em grande (...)*
- *Agosto... Entrei com o Desenho do Laboratorio Chymico; mas para maior asserto examinei as Paredes existentes da Caza que foi do Lavatorio, e Refetoria, e achei que ellas são mtº capazes; e somente precisavão reformar as Janellas para completar, não só o Theatro, mas também os Fornos e outras Officinas necessárias; e assim a dispeza hade ser inconsideravelmente modica. A Elevação geométrica da Frente; e a Planta Ichnografica com suas explicações está completada. (...)*
- *Vay adiante com força na Obra dos Theatros da Historia Natural, e Phylosophy Experimental (...)*
- *Setembro... Entrei com o Desenho do Observatorio Astronomico (...) o qual se acha quaizi Completo.*

18 Manuel Lopes d’Almeida, *Documentos...*, pp. 85-86.

19 Francisco de Sousa Viterbo, *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses* (vol. III, 1922), Lisboa, INCM, vol. III, 1988, pp. 293-294.

- *A Frente do Edifício da Historia Natural e Phylosophy Experimental está vencida até as Janellas, e Portas, e divizoens interiores do Andar de Baixo, e vai adiante com todo o Cuidado.*
- *As Paredes Velhas exteriores do Castello, tanto as próximas à Torre Velha como Nova, estão razas; e o terreno está quaizi prompto para principiar a Obra do Observatorio Astronomico, o qual eu espero seja o mais próprio, e Conveniente em toda a Europa (...)*”.

Julgamos que é deste período (verão de 1773) um importante conjunto de quatro conhecidos desenhos assinados pelo Marquês (sempre no canto superior esquerdo da figura), hoje dispersos. Quando foram assinados por Pombal? Uma carta deste para o Reitor-Reformador, com data de 5 de outubro, dá claramente a entender que Elsdén era então esperado na Corte, tendo-lhe sido dada licença para se deslocar a Lisboa²⁰. E foi muito provavelmente nessa ocasião que o Marquês assinou os desenhos: *“Fico esperando com gosto pelas Plantas do Observatorio, e Laboratorio, que V. Ex^a diz se estavam pondo em limpo”*.

O primeiro desses quatro desenhos, realizado por Guilherme Elsdén e por Manoel de Souza Ramos (ajudante), corresponde à *“Elevação Geométrica do Cabido”* (**fig. 4**), ou seja, ao alçado renovado do Colégio de Jesus voltado a Sul, à direita da Sé Nova, a antiga igreja dos Jesuítas. Está datado de 1773 (será de julho desse ano) e foi integrado por D. Francisco de Lemos no livro dos *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, em 1777²¹. Podemos observar que a imagem final das novas frentes meridional e nascente do edifício destinado às novas valências das Faculdades de Filosofia e de Medicina estava já definida. O que confere com a informação relativa a setembro, dada por Elsdén, segundo a qual: *“A Frente do Edifício da Historia Natural e Phylosophy*

20 Manuel Lopes d’Almeida, *Documentos...*, pp. 102-104.

21 D. Francisco de Lemos, *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra, 1777*; edição a preto e branco de Matilde Sousa Franco (ed.), Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro, 1983 – Desenho XXVIII.

Experimental está vencida até as Janellas, e Portas, e divizoens interiores do Andar de Baixo”.

Um segundo desenho, realizado por Elsdén e que se encontra hoje guardado no Departamento de Química da FCTUC, corresponde à “Elevação Geométrica da Frente do Laboratorio Chymico” (**fig. 5**) e tem, aparentemente, a data de 1772, o que é contraditório com o faseamento que estamos aqui a propor. Contudo, o desenho não é desse ano – a legenda diz apenas que foi feito “*tirado do Mappa Geral que foy levantado no mez de Outubro de 1772*”. Ou seja, foi feito a partir dos primeiros levantamentos planimétricos realizados nesse ano e que permitiram realizar, entre outras, a “*Planta Ichnografica*” já aqui mencionada (**fig.1**). O projeto representa uma evolução em relação ao projeto anterior do *Laboratorio Chymico*, que Elsdén havia desenvolvido no princípio de 1773. É-lhe, portanto, posterior (o relatório revela que é de agosto).

Pela análise da escala métrica, podemos concluir que a disposição proposta corresponde ao aproveitamento das paredes-mestras do conjunto dos antigos ante-refeitório e refeitório dos Jesuítas. O alçado principal, que tanto poderia estar voltado a Sul (no sentido do Colégio das Artes) ou a Norte (no sentido de um novo espaço urbano, acessível desde a atual rua Inácio Duarte), mediria 205 palmos, ou seja, 45,1 metros, precisamente a extensão do corpo conjunto dos antigos ante-refeitório e refeitório, que se pode retirar tanto da “*Planta Ichnografica*” (**fig.1**) como da “*Planta para o Laboratorio Chymico na Universidade de Coimbra*”, um levantamento mais específico e que constitui um dos desenhos apensos ao *Livro de Provisões*²². Os sete vãos, entre portas e janelas, correspondem às duas janelas do ante-refeitório e às cinco janelas do refeitório. Por isso, dizia Elsdén que “*a dispeza hade ser inconsideravelmente modica*”.

22 De que existe um outro exemplar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Inv. Ms. 3377/6).

Um outro dado que permite datar esta peça gráfica de 1773 é a cartela pétrea por cima da porta de entrada, rigorosamente idêntica à cartela do *"Prospecto Principal do Observatório Astronómico"* (**fig. 6**), que podemos datar (de acordo com o relatório) de setembro do mesmo ano. Este último desenho, onde, tal como no anterior, só aparece (como executante) o nome de Guilherme Elsdén, já é também um segundo projeto para o Observatório, no qual se propõe integrar ambas as torres do castelo, a quadrada e a pentagonal. Esta opção está de acordo com o excerto do relatório de Elsdén de 27 de setembro, em que claramente se refere que *"As Paredes Velhas exteriores do Castello, tanto as próximas à Torre Velha como Nova, estão razas"*. Preservavam-se, pois, ambas as torres – já que as duas, nesta fase, eram necessárias.

Finalmente, é ainda deste tempo a planta da plataforma superior do Observatório (**fig. 7**), também assinada pelo Marquês (desenho pertencente ao Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra) e que mostra tratar-se do mesmo projeto em que são aproveitadas ambas as torres do castelo. Mas faltam outros desenhos correspondentes a este projeto: a planta da plataforma superior tem o número 3 enquanto o *"Prospecto Principal"* tem o número 5; existiriam certamente plantas dos pisos principais do Observatório. Corresponde também a este período a planta de delimitação dos terrenos destinados ao Jardim Botânico, a qual se encontra à guarda do Arquivo da Universidade de Coimbra²³. Nela, representa-se a implantação do Observatório em projeto que aproveitava, justamente, as duas torres do castelo.

Uma análise sucinta às despesas de obra relativas a 1773 permite confirmar este panorama geral²⁴. As obras estavam a avançar, sobre-

23 Inv. Dep. IV, S. 1ªD, Est. 2, Tab. 2, nº 4.

24 D. Francisco de Lemos, *Relação Geral...*, pp. 120-125.

tudo no antigo Colégio de Jesus, designado como “*Edifício das Ciências Naturais*”, onde se haviam já gasto 9.961\$000 reis para remodelação da sua metade nascente (na parte poente, correspondente ao Hospital, a despesa era ainda nula). Arrolavam-se também despesas com o *Laboratorio Chymico* – uns insignificantes 127\$000 reis (certamente para pequenas obras de adaptação do refeitório jesuíta) – e para o Observatório Astronómico; neste último caso, 1.835\$000 reis, seguramente gastos nas obras de demolição dos muros do antigo castelo. Nenhum destes novos equipamentos podia estar objetivamente a avançar pois nenhum dos dois projetos era o definitivo, como acabámos de ver. Por outro lado, foram gastos valores importantes em outras obras de que não podemos ocupar-nos aqui: 4.614\$000 reis no novo edifício da Imprensa; e 4.860\$000 reis nos Paços da Universidade.

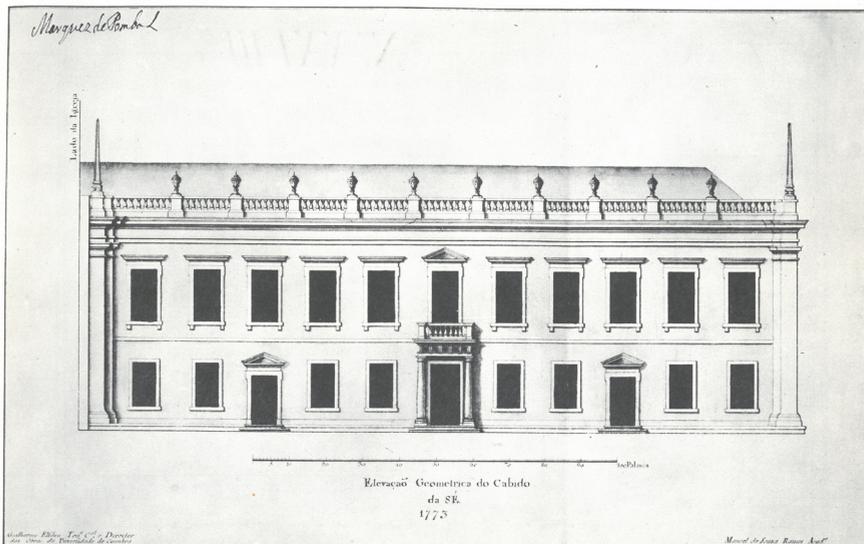


Fig. 4
Elevação Geometrica do Cabido da Se – 1773
(Riscos das Obras da Universidade de Coimbra).



Fig. 5
Elevação Geometrica da Frente do Laboratorio Chymico
(Departamento de Química FCTUC).

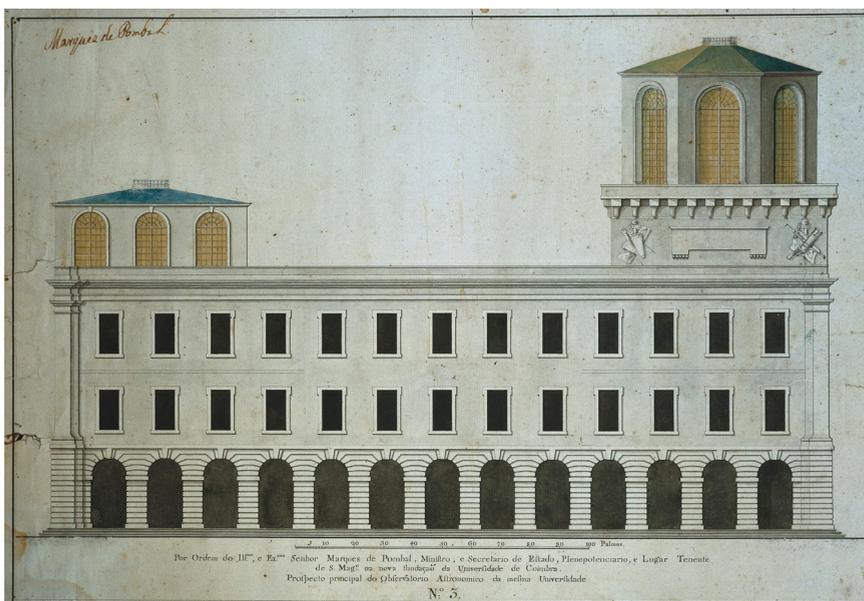


Fig. 6
Prospecto principal do Observatorio Astronomico
(Museu Nacional de Machado de Castro).

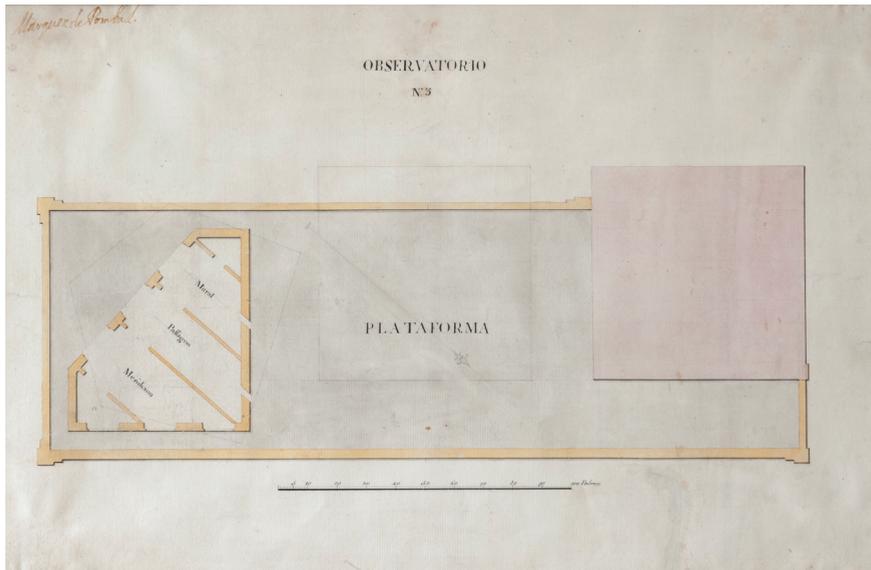


Fig. 7
Observatório – Planta da plataforma
(Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra).

1774-1776

Os dados que sistematizámos até ao momento implicam que terão de datar de finais de 1773 ou de inícios de 1774 os projetos definitivos, tanto do Laboratório *Chimico* como do Observatório Astronómico. São posteriores, pois, à hipotética reunião, em Lisboa, de Elsdén com o Marquês, ocorrida em outubro de 1773.

Em relação aos projetos definitivos, falamos evidentemente do Laboratório *Chimico*, com a planta em “L” e com a fachada virada a poente (**fig. 8**), para a nova fachada do Edifício da História Natural (**fig. 9**). Esta opção revelou-se inevitável, de modo a fazer face à nova frente de 110 metros daquele edifício, que dava lugar à criação de um espaço urbano até então inexistente: o atual largo do Marquês de Pombal. O arcabouço do refeitório jesuítico foi aproveitado para a perna mais curta do “L”, tendo sido necessário demolir o corpo do

ante-refeitório. Obviamente, foi também necessário levantar de raiz a nova fachada do laboratório (cujo remate só seria realizado no final do século XIX, como se sabe, substituindo-se o frontão previsto nos desenhos por um coroamento com um desenho diferente).

Também definitivo era o projeto do Observatório Astronómico que voltava apenas a aproveitar a torre quadrada (**fig. 10**), agora como elemento central e nuclear de uma composição mais elaborada – um projeto magnífico, mas que se ficou, lamentavelmente, pela conclusão do rés-do-chão (por fim demolido nas obras da Alta Universitária levadas a cabo durante o Estado Novo). Nesta versão final, foi, portanto, necessário demolir a torre pentagonal do Castelo, obra onde se terão gasto mais alguns milhares de reis.

Observando as contas dos anos de 1774 a 1776, podemos verificar que as obras avançavam, com valores significativos, em todas as frentes²⁵:

- 11.562\$000 reis para o *Edifício das Sciencias Naturaes*; 11.080\$000 reis para o Observatório Astronómico; 3.007\$000 reis para o *Laboratorio Chymico*, em 1774 (a que acrescem mais de 5.000\$000 reis, quer para a obra da Imprensa, quer para as obras dos Paços);
- 15.458\$000 reis para o *Edifício das Sciencias Naturaes*; 1.708\$000 reis para a obra do Hospital; 5.345\$000 reis para o Observatório Astronómico; 3.732\$000 reis para o *Laboratorio Chymico*, em 1775 (a que acrescem mais de 2.000\$000 reis, quer para a obra da Imprensa, quer para as obras dos Paços);
- 7.940\$000 reis para o *Edifício das Sciencias Naturaes*; 6.323\$000 reis para a obra do Hospital; apenas 625\$000 reis para o Observatório Astronómico; 3.433\$000 reis para o *Laboratorio Chymico*, em 1776 (a que acrescem mais de 1.930\$000 reis para a obra da Imprensa e 2.568\$000 reis para as obras dos Paços);

25 D. Francisco de Lemos, *Relação Geral...*, pp. 120-125.

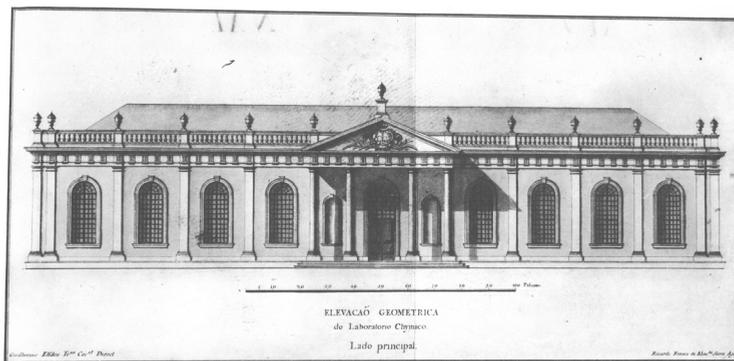


Fig. 8

Elevação Geometrica do Laboratorio Chymico – Lado principal
(Riscos das Obras da Universidade de Coimbra).

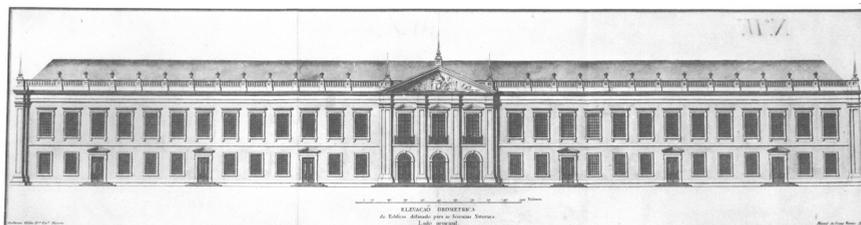


Fig. 9

Elevação Geometrica do Edificio destinado para as Sciencias Naturaes – Lado principal
(Riscos das Obras da Universidade de Coimbra).

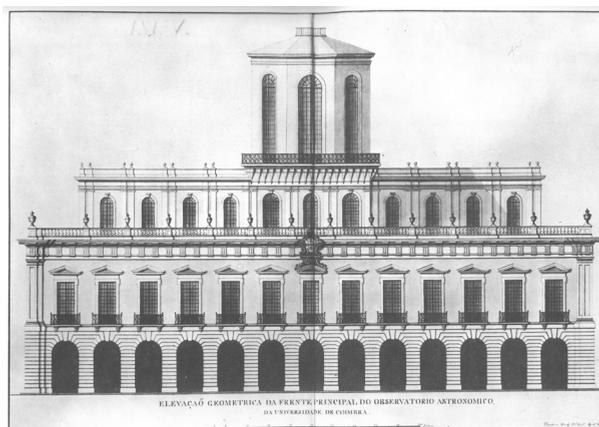


Fig. 10

Elevação Geometrica da Frente Principal do Observatorio Astronomico
(Riscos das Obras da Universidade de Coimbra).

Pelo meio, importa referir uma nova viagem de Elsdén a Lisboa, para mostrar os projetos definitivos ao Marquês, a 3 de dezembro de 1775:

“O contentamento que Sua Ex^a recebeu com a chegada do Ten.^{te} Coronel Guilherme Elsdén e com a apresentação do formoso Livro dos Prospectos, e Plantas das Obras Publicas dessa Universidade he inexprimível. E só o S^{or}. João Pereira (...); o S^{or}. Conselheiro Sobral (...); o S^{or}. Cardeal (...); e o mesmo Elsdén, que se viu no cumulo do seu contentamento, o poderão bem dizer”²⁶.

Epílogo

A 24 de fevereiro de 1777 morreu D. José. A ascensão ao trono de D. Maria I implicou a demissão do Marquês de Pombal e a suspensão das obras da Universidade. No novo quadro político, D. Francisco de Lemos apressou-se a elaborar dois relatórios complementares, com vista a defender a bondade da Reforma²⁷: a *Relação Geral do Estado da Universidade de Coimbra* (manuscrito pertencente ao Arquivo da Universidade de Coimbra e publicado em 1894, por Teófilo Braga); e o álbum de desenhos (já mencionado neste texto) *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, que incluía, para além das peças gráficas, uma pequena memória relativa às obras dos novos estabelecimentos. Em março de 1777, seguia já o Reitor-Reformador a caminho de Lisboa. Segundo Matilde Sousa Franco, “foram os referidos dois textos de D. Francisco de Lemos, o da *Relação Geral...* e o dos *Estabelecimentos...* [a memória dos *Riscos das Obras...*] que salvaram a Universidade

26 Aviso de João Chrysostomo de Faria e Souza de Vasconcellos de Sá para o Reitor-Reformador. Cf. Manuel Lopes d’Almeida, *Documentos...*, pp. 215-216.

27 Matilde Sousa Franco (ed.), *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro, 1983, p. 7.

de Coimbra²⁸. Pela nossa parte, e com este breve ensaio, pretendemos dar um novo contributo para melhor conhecimento da Reforma Pombalina e do andamento dos seus projetos e obras.

Bibliografia

- ALMEIDA, Manuel Lopes de (1937-1979). *Documentos da Reforma Pombalina* (2 vols.). Coimbra: Universidade.
- ANACLETO, Regina (2003). Reforma Pombalina. Primeiros projectos arquitectónicos. *Rua Larga*, 1 (supl. O Paço das Escolas Revisitado, 8-13).
- BRAGA, Teófilo (1894). *Dom Francisco de Lemos e a reforma da Universidade de Coimbra*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2004). A Arquitectura da Ciência. In AAVV, *Laboratório do Mundo. Idéias e saberes do século XVIII*. Lisboa: Ministério da Cultura ; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, pp. 48-101.
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2011). *A Sé Nova de Coimbra*. Coimbra: DRCC.
- DIAS, Pedro (1984). O Regimento das Obras da Universidade de Coimbra ao tempo da Reforma Pombalina. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 6, 335-348.
- FRANCO, Matilde Sousa (ed.) (1983). *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro.
- LIVRO DE PROVISÕES (s/d). *Museu Nacional de Machado de Castro*. MNMC 2231.
- LOBO, Rui (2017). O Colégio de Jesus. Programa, história arquitetónica, iconografia. *Rua Larga*, 50, 48-55.
- MARTINS, Carlos ; FIGUEIREDO, Fernando B. (2008). O Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra 1772-1779. *Rua Larga*, 21, 57-61.
- VASCONCELOS, António de (1917). Diário da Visita do Marquês de Pombal a Coimbra na Reforma da Universidade. *Revista da Universidade de Coimbra*, 6 (1-2), 141-182.
- VITERBO, Francisco de Sousa (1922). *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses* (ed. 1988). Lisboa: INCM, vol. 3.

28 *Ibidem*, p. 7.

(Página deixada propositadamente em branco)

Atividades culturais 2019

Cultural activities 2019

Maria Luísa Sousa Machado¹

José Alberto Mateus²

Introdução

No âmbito das suas atividades de difusão e divulgação cultural, a Biblioteca Geral realiza e acolhe anualmente um conjunto diverso de iniciativas, designadamente colóquios e conferências, exposições e mostras bibliográficas, lançamento de obras, concertos e recitais.

Os eventos de 2019 realizaram-se nos espaços mais emblemáticos como a Sala do Catálogo, a Sala de São Pedro e a Biblioteca Joanina.

Do conjunto destas atividades dá-se em seguida nota das que se revestiram de maior relevância, com um breve apontamento para cada uma das exposições realizadas.

Os Catálogos bibliográficos de algumas das exposições encontram-se no final deste *Boletim*.

1 Bibliotecária da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – lmachado@bg.uc.pt

2 Bibliotecário da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – jomat@bg.uc.pt

Exposições e Mostras Bibliográficas

Sala do Catálogo

* Esteve patente na Sala do Catálogo a exposição bibliográfica intitulada **Francisco d'Ollanda**, de 16 de janeiro a 3 de abril de 2019, para assinalar o quinto centenário do nascimento desta grande figura das culturas portuguesa e europeia. Além de algumas das suas obras, esta exposição (que foi organizada pela Dra. Maria Luísa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus) incluía a reprodução de vários dos seus desenhos e pinturas e ainda uma seleção de estudos que tratam da sua ampla e diversa atividade.

Francisco de Holanda corresponde ao ideal de abrangência enciclopédica do Renascimento europeu, tendo desenvolvido atividade como pintor, como iluminador, como arquiteto, como miniaturista, como crítico e como historiador da arte.

Era filho do pintor e iluminador António de Holanda, de origem neerlandesa, e dele recebeu os conhecimentos fundamentais de desenho e modelação.

Estudou Humanidades em Évora, onde contactou com nomes decisivos nessa área, como André de Resende e Nicolau Clenardo, entre outros. Aí executou, desde logo, diversos trabalhos artísticos, com destaque para o *Batismo do Espírito Santo*, considerada como uma das suas melhores obras.

Beneficiando da política cultural de D. João III, que estimulou a presença de bolseiros portugueses nos maiores centros da cultura europeia da época, Francisco de Holanda viajou para a Itália, onde permaneceu entre 1538-1540. Aqui viria a frequentar a Escola de Miguel Ângelo Buonarroti, para além de ter convivido com outros grandes artistas do seu tempo. No seu regresso a Portugal, recebeu a proteção de vários mecenas, com destaque para o Cardeal D. Henrique e para os reis D. João III e D. Sebastião.

O seu talento de pintor e o seu gosto pela Antiguidade estão bem patentes, quer na série “*Antiguidades de Itália*” (1540-1547), quer naquele que viria a ser o seu tratado mais conhecido: “*Da Pintura Antiga*” (1548-1549).

Para além de ser autor de livros de desenhos particularmente interessantes, como são “*De Aetatibus Mundi Imagines*” e “*Antigualhas*”, a ele se deve também o primeiro ensaio sobre urbanismo na Península Ibérica, intitulado “*Da fabrica que falece a cidade de Lisboa*”.

Em Portugal, o conhecimento do talento e da obra de Francisco da Holanda surgiu de forma relativamente tardia. A edição crítica de “*Da fabrica que falece à cidade de Lisboa*” e de “*Ciência do Desenho*” – realizada por Joaquim de Vasconcelos e publicada pela Renascença Portuguesa, em 1879 – constitui porventura um dos marcos mais importantes desse processo de recuperação, à escala nacional e internacional.



Gravura com o auto-retrato de Francisco d'Ollanda in: *Holanda, Francisco de, 1517-1584 – De aetatibus mundi imagines = Livro das Idades*. Lisboa : Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte Ciência e Cultura, 1983.

* A exposição intitulada **Da Biblioteca à Sabedoria: os Caminhos do Livro**, coordenada pelo Dr. António Eugénio Maia do Amaral, foi realizada na Sala do Catálogo entre 5 e 10 de maio de 2019, abordando a evolução do livro ao longo dos tempos.

O livro (ou monografia) é uma unidade de informação original que obedece a um plano, produzido num momento preciso e apresentado sob uma forma acabada para leitura sequencial.

O livro é sempre obra intelectual (*opus*) de um ou vários autores, ainda que este(s) não seja(m) conhecido(s). Não é essencial que seja impresso em papel: um livro pode ser manuscrito, ou até eletrónico. Nem todos os recursos impressos são livros (os artigos de uma revista não seguem um plano prévio, por exemplo) e um *e-book* é claramente um livro: finito, não-atualizável e com dados de autoria/produção bem determinados, que o permitem situar como obra intelectual no tempo e no espaço.

Seja qual for a forma como se apresente, o livro foi o principal suporte do conhecimento. Uma pequena peça que permite, a quem procura o saber, ir construindo Ciências ou Humanidades, de forma crítica, no confronto com outras pequenas peças semelhantes. Por isso, as bibliotecas universitárias têm hoje o dever de se constituir como locais de resistência contra uma informação fragmentária, em segunda mão, que se apresenta sem suporte material, sem uma autoria precisa, sem uma forma perfeitamente fixada no tempo e, portanto, impossível de utilizar na construção acumulativa e crítica da Sabedoria.

Sem livros não há “caminhos”.



Sala do Catálogo – Exposição bibliográfica
Da Biblioteca à Sabedoria: os Caminhos do Livro

* Para assinalar o centenário do nascimento de Jorge de Sena, foi organizada (pela Dra. Maria Luísa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus) a exposição intitulada **Jorge de Sena (1919-1978)**, de 15 de maio a 14 de junho de 2019.



Jorge de Sena

1919 - 1978

Cartaz da exposição bibliográfica

Jorge de Sena foi um dos intelectuais mais importantes, controversos e influentes do século XX português, tendo-se distinguido nos planos da criação literária, da crítica ensaística e da militância cívica.

Do seu percurso escolar destaca-se a frequência do Liceu Luís de Camões, onde foi aluno de Rómulo de Carvalho, e o ingresso na Escola Naval, aos 17 anos. Reconhecida a sua inaptidão para a carreira do mar, inscreve-se em Engenharia Civil na Escola Politécnica de Lisboa, vindo a concluir a sua formação na Universidade do Porto, em 1944.

Durante catorze anos, trabalhou na Direção-Geral dos Serviços de Urbanização de Lisboa e na Junta Autónoma das Estradas.

A sua formação técnica não colidia com o gosto pela literatura, que acalentou desde a infância e que viria a torná-lo não apenas um leitor regular e cosmopolita, mas também num crítico frontal e um estudioso devotado.

Esse pendor para a insubmissão constituía, de resto, um vincado traço de carácter. Assim se explica o seu envolvimento em polémicas que manteve com várias figuras cimeiras da vida intelectual da época, incluindo nomes consagrados das Faculdades de Letras de Lisboa e de Coimbra.

Num outro plano, essa mesma propensão viria a ditar a sua participação em manifestações contra a ditadura que então vigorava em Portugal.

A sua participação nos incidentes que viriam a ficar conhecidos por “Revolta da Sé” acabaria por levá-lo ao exílio, em 1959.

Já no Brasil, lecionou Teoria da Literatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, no Estado de S. Paulo e, mais tarde, em Araquara, onde, em 1964, viria a doutorar-se com uma tese intitulada *Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular*.

Com a degradação da situação política no Brasil, na sequência do golpe militar de 1964, Jorge de Sena mudou-se para os Estados Unidos, primeiro para a Universidade de Wisconsin (1965) e depois para a Universidade da Califórnia (Santa Bárbara).

O seu primeiro livro, *Perseguição*, foi editado em Lisboa, em 1942, seguindo-se-lhe uma abundante produção literária que abrange a poesia, a novelística e a tradução. *Sinais de Fogo* (editado postumamente, em 1979) é considerado, por alguns, como um dos melhores romances portugueses do século XX.

Seguindo as práticas da época, colaborou em algumas das principais revistas literárias de Língua Portuguesa: *Mundo Literário*, *Presença*, *Aventura*, *Seara Nova* e *Cadernos de Poesia*. Como ensaísta, a sua obra incidiu sobre a maioria dos autores canónicos da Literatura Portuguesa, tendo-se afirmado essencialmente como um dos maiores camonistas de sempre.

Ainda em vida, recebeu várias distinções de carácter artístico e cívico. Foi, nomeadamente, galardoado pela sua obra poética com o Prémio Internacional de Poesia Etna-Taormina e condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique, por serviços prestados à comunidade portuguesa. A título póstumo, foi ainda agraciado com Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada de Portugal (30 de agosto de 1978).

Faleceu a 4 de junho de 1978 e foi sepultado em Santa Bárbara. Em 2009, os seus restos mortais foram trasladados para o Cemitério dos Prazeres, em Lisboa.

Esta exposição foi cedida para integrar o programa da 2ª. edição da *Festa Literária Folha'19*, que se realizou no Hotel das Termas, na Curia de 26 a 28 de setembro, coordenada pelo Dr. António Vilhena.

* Com o objetivo de comemorar os **500 Anos da Viagem de Circum-navegação**, um dos feitos que viria a ter maior impacto em toda a história universal, esteve patente na Sala do Catálogo, entre 26 de junho e 30 de agosto de 2019, uma exposição bibliográfica e cartográfica, organizada pela Dra. Maria Luísa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus.

Para realizar aquela que seria a primeira viagem à volta do mundo, Fernão de Magalhães partiu, em setembro de 1519, de Sanlúcar de Barrameda (Sevilha), com uma esquadra composta por cinco navios e uma tripulação de cerca de 250 homens, onde se incluíam 40 portugueses.

Nascido no norte do país, cerca de 1480, em local indeterminado, Fernão de Magalhães descendia de uma família da pequena nobreza portuguesa. Com cerca de 12 anos entrou para a Casa da Rainha Dona Leonor de Lencastre e, depois, para a casa do rei D. Manuel.

Embarcou para a Índia em 1505, na armada do Vice-Rei D. Francisco de Almeida. Permaneceu no Oriente ao longo de oito anos (Goa, Cochim e Quíloa), o que lhe permitiu recolher informações privilegiadas sobre os lugares produtores de especiarias. De regresso a Lisboa, em 1513, participou na tomada de Azamor, sob o comando de D. Jaime, duque de Bragança. Na sequência dessa batalha, viria a ser acusado de irregularidades na repartição dos despojos. Essa acusação terá contribuído para a recusa do rei em lhe dar a recompensa a que se sentia com direito.

Sentindo-se injustiçado, Fernão de Magalhães passa então a dedicar-se, conjuntamente com o cosmógrafo Rui Faleiro, à preparação de uma viagem inédita: aquela em que, navegando para ocidente, se alcançaria uma passagem para o Pacífico através do Atlântico Sul. O objetivo principal seria provar que as ilhas Molucas ficavam no hemisfério castelhano e não no hemisfério português, tal como ambos haviam sido delimitados pelo Tratado de Tordesilhas, em 1494.

Em 1517, em Sevilha, contando com o apoio decisivo do Bispo de Burgos, apresenta este seu projeto perante o rei Carlos I. Depois de obtida a aprovação do monarca castelhano, a 20 de setembro de 1519 parte ao comando de uma esquadra composta pelas naus *Trinidad*, *Santo António*, *Concepción*, *Victoria* e *Santiago*. Iniciava-se assim uma das mais extraordinárias viagens da história dos Descobrimentos, que

viria a contribuir para uma nova perspetiva do conhecimento dos oceanos e da configuração do mundo.

A armada alcançou as Filipinas em 1521. Fernão de Magalhães acabaria, porém, por morrer em combate na ilha de Mactan, a 27 de abril de 1521, depois de ter sido atraído a uma emboscada.

A expedição, que viria a ser concluída sob o comando de Juan Sebastián Elcano, chegou finalmente a Sevilha a 6 de setembro de 1522, restando somente a nau *Victoria*, com uma tripulação de dezoito homens.

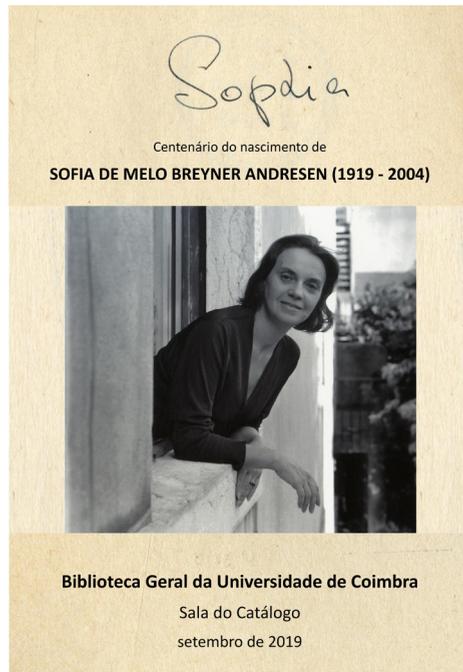


Gravura alusiva à viagem de Fernão de Magalhães
in: Bergreen, Laurence – *Fernão de Magalhães : para além do fim do mundo : a extraordinária viagem de circum-navegação*. Lisboa : Bertrand, 2005.

* A exposição bibliográfica **Sophia: Centenário do nascimento de Sofia de Melo Breyner Andresen (1919-2004)** realizou-se no início do mês de setembro de 2019 na Sala do Catálogo da Biblioteca Geral, tendo posteriormente sido cedida para integrar o programa da 2ª. edição da *Festa Literária Folha'19*, que se realizou no Hotel das Termas, na Curia, sob coordenação do Dr. António Vilhena. A exposi-

ção bibliográfica «Sophia» foi organizada pela Dra. Maria Luísa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus.

Sophia de Mello Breyner Andresen nasceu no Porto a 6 de novembro de 1919, no seio de uma família aristocrática de tradição liberal. Era filha de Joana Amélia de Mello Breyner e de João Henrique Andresen.



Cartaz da exposição bibliográfica

Iniciou os seus estudos no Colégio Sagrado Coração de Jesus, no Porto, e veio a frequentar o curso de Filologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, entre 1936 e 1939, não chegando a concluí-lo.

Em 1946, casou com Francisco Sousa Tavares, advogado, político e jornalista, com quem teve cinco filhos.

A sua atividade literária teve início nos anos 40, com a colaboração nos *Cadernos de Poesia* de Ruy Cinatti, Tomaz Kim e José Blanc de Portugal. Embora se destaque o conjunto poético, a obra de Sophia de

Mello Breyner Andresen inclui ainda ficção, contos, particularmente os infantis, teatro e ensaio.

De entre a sua obra poética, destacam-se *Coral*, publicado em 1950, *Mar Novo*, em 1958, *Livro Sexto*, em 1962, *Geografia*, em 1967, *Navegações*, em 1983, *Ilhas*, em 1989, *Musa*, em 1994, e *O Búzio de Cós e Outros Poemas*, em 1997.

Na ficção, escreveu *Contos Exemplares*, em 1962, e *Histórias da Terra e do Mar*, publicado em 1983. Destacam-se os contos infantis: *O Rapaz de Bronze*, editado em 1956, *A Menina do Mar*, em 1958, *A Fada Oriana*, em 1958, *O Cavaleiro da Dinamarca*, em 1964, e *A Floresta*, em 1968. Escreveu também algumas peças de teatro: *O Bojador*, em 1961, *Não chores minha Querida*, em 1993, *Filho de Alma e Sangue*, em 1998, *O Azeiteiro*, em 2000, e *O Colar*, em 2001. Escreveu ainda alguns ensaios literários em periódicos como *Cidade Nova*, *Colóquio* e *Cadernos de Literatura*, entre outros.

A nível nacional, foi agraciada com diversos prémios e louvores oficiais, como o Grau de Grã-Oficial da Ordem de Sant'iago da Espada, a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique e a Grã-Cruz da Ordem de Sant'iago da Espada.

Sophia de Mello Breyner Andresen foi a primeira mulher portuguesa a receber o Prémio Camões, em 1999. Recebeu ainda o *Prémio 50 anos de Vida Literária*, da Associação Portuguesa de Escritores, o *Grande Prémio de Poesia Inasset/Inapa* e o *Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças*.

A nível internacional, foi agraciada com a *Placa de Honra do Prémio Francesco Petrarca*, de Itália, e com o *Prémio Max Jacob "Poesia Estrangeira 2001"*, um galardão francês atribuído pela primeira vez a um cidadão estrangeiro. Recebeu também o *Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana*, em 2003. Faleceu em Lisboa, aos 84 anos de idade, no dia 2 de julho de 2004.

* A exposição intitulada **José Monteiro da Rocha (1734-1819): Matemático e Astrónomo**, foi realizada pelo Departamento de Matemática da UC (Doutores Fernando Figueiredo, Leal Duarte e João Queiró) em colaboração com a Biblioteca Geral (Dra. Maria José Otão Pereira) para a Sala do Catálogo, tendo estado patente entre 9 outubro e 11 dezembro 2019.

Professor, cientista, académico, administrador e legislador foi uma das figuras importantes da cultura e da ciência portuguesas dos finais do século XVIII e primeiras décadas do século XIX.

Foi educado no Colégio Jesuíta de São Salvador da Baía (Brasil), onde fez a sua formação inicial em matemática e astronomia. Aí ingressou na Companhia de Jesus (1752), que viria a abandonar em 1759, aquando da expulsão dos Jesuítas de Portugal e seus domínios.

A sua vida e ação foram marcantes na Universidade de Coimbra e no processo de institucionalização da ciência moderna que a Reforma Pombalina da Universidade (1772) iniciou em Portugal. Foi um dos responsáveis pela conceção das novas faculdades científicas e pela ampla renovação de estudos no campo do ensino da matemática, da astronomia e das ciências naturais e experimentais.

No período da Viradeira, que se seguiu à morte de D. José, era visto em Coimbra como um símbolo da Reforma Pombalina. De 1786 a 1804, ocupou o cargo de Vice-Reitor, desempenhando então um papel fundamental na institucionalização da Reforma.

No que diz respeito à astronomia, foi responsável pela criação do Observatório Astronómico de Coimbra, que dirigiu, e pelo estabelecimento do respetivo programa científico. O Observatório constituía um dos principais centros de investigação do país, publicando periodicamente as Efemérides Astronómicas (1803-2000), obra reconhecida na Europa pelo seu carácter inovador.

Enquanto Diretor do Observatório e professor das cadeiras de Física-Matemática (1772-1783) e de Astronomia (1783-1804), foi um dos

principais responsáveis pela formação de uma geração de matemáticos e astrónomos em Portugal, no final do Antigo Regime.

Monteiro da Rocha teve ainda um papel fundamental nos primeiros tempos da Academia das Ciências de Lisboa (1779), quer na sua atividade científica, quer na definição da sua orgânica interna. O seu papel foi igualmente decisivo na preparação das bases para a construção da Carta Geográfica do Reino, cujos trabalhos geodésicos foram dirigidos, a partir de 1790, por um dos seus mais brilhantes discípulos: Francisco António Ciera.

Foi também membro da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica (1798) e vogal da Junta de Diretoria Geral de Estudos e Escolas do Reino (1794). Foi ainda Conselheiro Real e perceptor do príncipe D. Pedro, futuro rei de Portugal e Imperador do Brasil.

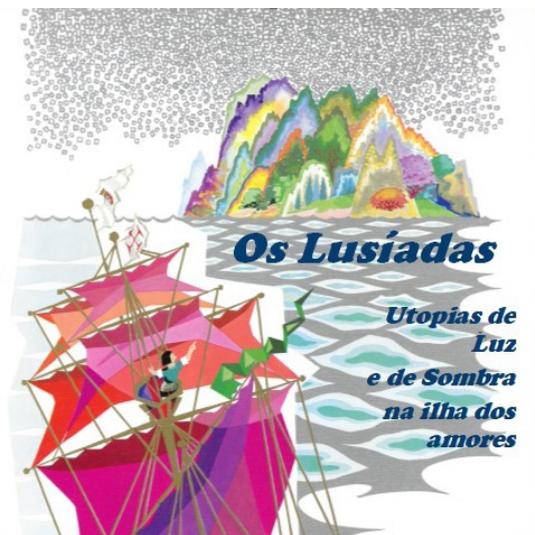
José Monteiro da Rocha morreu em Lisboa, em 1819.



Cartaz da exposição bibliográfica sobre José Monteiro da Rocha

Sala de São Pedro

* Integrada no programa do 11º Festival das Artes e resultante de uma iniciativa conjunta da Fundação Inês de Castro e da Biblioteca Geral, realizou-se a exposição bibliográfica e iconográfica **Os Lusíadas: Utopias de Luz e de Sombra na Ilha dos Amores**, de 19 de julho a 2 de agosto. Esta exposição teve como comissário o Professor Doutor José Augusto Bernardes que foi assessorado pelos Drs. António Maia do Amaral, Maria Luísa Sousa Machado, José Alberto Mateus, Fátima Bogalho, Maria José Otão, Isabel Ramires e Teresa Mendes.



Capa do Catálogo da exposição bibliográfica e iconográfica Gouveia Portuense, pseud. – [Chegada à Ilha dos Amores]. In Camões, Luís de – *Os Lusíadas*. Porto : Lello & Irmão, 1973

Foram seleccionadas e reproduzidas as gravuras alusivas ao episódio da Ilha dos Amores (e expostas as várias edições de *Os Lusíadas* que as incluíam), da autoria de diversos artistas, nacionais e estran-

geiros, como Pires Marinho, Caetano Alberto da Silva, Lima de Freitas, Charles Eisen, Miloslav Troup, entre outros. Foi elaborado um Catálogo com os comentários explicativos de cada um dos núcleos e as respetivas referências bibliográficas.

Biblioteca Joanina

* Exposição iconográfica **Postais Ilustrados De Coimbra**, no piso intermédio da Biblioteca Joanina, de 28 de janeiro a 4 de abril de 2019, anteriormente patente na Sala do Catálogo (de 14 de dezembro de 2018 a 26 de janeiro de 2019). Esta mostra foi organizada pela Dra. Maria Luísa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus.

Editados nas primeiras décadas do século XX, os postais expostos, provenientes de diversos fundos, pertencem na totalidade ao acervo da Biblioteca Geral. Incluem vistas panorâmicas da cidade, aspetos de ruas e edifícios, diversos monumentos da urbe mondegquina, os edifícios universitários e ainda um núcleo relativo aos costumes e aos trajes tradicionais de Coimbra.

* A Exposição bibliográfica **Francisco d'Ollanda**, atrás referida, foi reposta no piso intermédio da Biblioteca Joanina, entre 6 de abril e 12 de junho de 2019.

* De 13 de junho a 30 de agosto de 2019, realizou-se, sob a coordenação do Dr. António Maia do Amaral, a exposição bibliográfica **Cinco histórias exemplares luso-japonesas**, no piso intermédio da Biblioteca Joanina.

Esta mostra abordou cinco histórias, cinco curiosidades “exemplares” das relações históricas entre Portugal e o Japão. Pequenos capítulos, sem qualquer relação entre si, como por exemplo: a opinião dos portugueses sobre os japoneses foi sempre favorável; Coimbra

foi o centro de difusão para a Europa de notícias e de conhecimentos sobre o Japão, através das Cartas dos Jesuítas; executou-se em Coimbra a primeira impressão na Europa de caracteres japoneses; foram os Portugueses que desenharam todo o primeiro século de cartografia europeia do Japão; um grupo de nobres japoneses passou o Natal de 1585 em Coimbra, para ver a Universidade.

Outras atividades culturais | Biblioteca Joanina e Sala de São Pedro

Biblioteca Joanina

* Assinalando os 300 anos de construção da Casa da Livraria, a Biblioteca Geral promoveu um ciclo de visitas guiadas à Biblioteca Joanina, que se realizaram nos dias 21 e 22 de janeiro e 5 e 6 de fevereiro de 2019, sob a orientação dos Professores Doutores Maria Luísa Trindade e Fernando Taveira da Fonseca e do Dr. António Maia do Amaral, bibliotecário.

As visitas gratuitas, de carácter excepcional, destinaram-se à comunidade universitária (funcionários, estudantes, antigos estudantes e professores).

* No âmbito do *Festival das Artes*, realizou-se um recital de piano intitulado “Contrastes Luminosos”, por Giosué de Vincenti, na Biblioteca Joanina, no dia 22 de julho de 2019.

* Incluído no 2º ciclo *Serenatas com a Lua por perto*, a Orquestra Clássica do Centro organizou, no dia 28 de setembro, na Biblioteca Joanina, uma serenata com a participação da Mezzo-Soprano Patrícia Quinta, de David Lloyd (viola d’arco) e de Jan Wierzba (piano).

Sala de São Pedro

* No dia 15 de janeiro de 2019, foi apresentada a *Plataforma 9 – Portal Cultural do Mundo de Língua Portuguesa*, em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian.

Apresentada publicamente em junho de 2014, no Mindelo, a *Plataforma 9* tem-se afirmado como uma importante rede digital de intercâmbio informativo entre os nove países e regiões de língua portuguesa e as diversas culturas em português. Registrando um crescimento exponencial em termos de utilizadores (em 2018, o portal ultrapassou um milhão e meio de visualizações procedentes de utilizadores em todo o mundo), o portal divulga diariamente notícias sobre formação, investigação, congressos, publicações, financiamentos e emprego, desenvolvidos em todo o mundo sobre as culturas lusófonas, promove a integração em rede e aproxima instituições, investigadores e estudiosos de muitos pontos do globo.

Desde a sua criação, a *Plataforma 9* teve impacto na vida das pessoas e das instituições, apostando no conhecimento, favorecendo a mobilidade e o emprego, aproximando as regiões, encurtando as distâncias, promovendo o diálogo entre as culturas. Construindo pontes entre os especialistas e as comunidades de língua portuguesa, a *Plataforma 9* é um ponto de encontro entre os estudiosos de hoje e as gerações do futuro.



Logotipo do portal *Plataforma 9*

* Sessão de lançamento da obra *Gil Vicente: compêndio* que integra vários contributos de destacados estudiosos da obra vicentina, nacionais e estrangeiros. A obra, coordenada pelos Professores Doutores José Augusto Cardoso Bernardes e José Camões, foi apresentada pelo Professor Doutor Pedro Serra da Universidade de Salamanca em 13 de fevereiro de 2019.

* Apresentação da obra *Dos princípios da Classificação Decimal Universal a uma prática harmonizada*, pela Doutora Inês Cordeiro (Diretora da Biblioteca Nacional), organizada pela Secção de Informação do Departamento de Filosofia Comunicação e Informação da FLUC (Mestrado em Ciência da Informação) no dia 2 de maio de 2019.



Doutora Inês Cordeiro (Diretora da Biblioteca Nacional), Professor Doutor Delfim Leão, Doutora Maria da Graça Simões e Doutora Blanca Rodríguez-Bravo

* Apresentação da obra *My Europe*, de Jaime Quesado no dia 27 de março de 2019.



Professor Doutor Manuel Porto, Professor Doutor João Nuno Calvão da Silva, Professora Doutora Helena Freitas e o autor Jaime Quesado.

* Lançamento da obra *Repensar Portugal e a Ideia de Europa: ensaio*, de Isabel Baltazar. A apresentação esteve a cargo da Professora Doutora Maria Manuel Tavares Ribeiro, a que se seguiu um debate com a autora, moderado pela Doutora Isabel Valente. Esta iniciativa foi promovida pelo Grupo de Investigação Europeísmo, Atlanticidade e Mundialização do CEIS20-UC, em colaboração com a Theya Editores, no dia 24 de setembro.



Capa da obra de Isabel Baltazar

Colóquios e Conferências

* *As X Jornadas Nacionais de História e Filatelia: Vultos da Cultura Contemporânea*, decorreram nos dias 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 2019, tendo sido organizadas pelo Grupo de Investigação Europeísmo, Atlânticidade e Mundialização do CEIS20, Grupo de Investigação e História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia do CEIS20, Sociedade de História Interdisciplinar da Saúde (SHIS) e Visões Cruzadas sobre a Contemporaneidade – Rede de Estudos Interdisciplinares.

* Realizou-se o Seminário Internacional *Educação, Cidadania, Mobilidades: Um diálogo necessário* entre 23 e 25 de janeiro de 2019. Foi organizado pelo CEIS20-Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX e pela Missão de Estudos Académicos da Universidade Metodista de São Paulo.



Cartaz do seminário *Educação, Cidadania, Mobilidades: Um Diálogo Necessário*

* Foi organizado pelo CEIS20 o *VII Encontro Anual – A Europa e o Mundo: Cultura e Sociedade na Europa Pós 1945* nos dias 4 e 5 de abril de 2019. Contou com a participação das Professoras Doutoras Maria Fernanda Rollo, Cristina Robalo Cordeiro, Maria Manuela Tavares Ribeiro e Isabel Maria Freitas Valente.



Cartaz do *VII Encontro Anual – A Europa e o Mundo: Cultura e Sociedade na Europa Pós 1945*

* O colóquio *Gestão de substituição: perspetivas internacionais*, foi organizado pelo Instituto Jurídico da Faculdade de Direito da UC no dia 9 de abril de 2019, com a coordenação científica dos Profs. Doutores Rui Manuel Moura Ramos, Afonso Patrão e Dulce Lopes. O evento contou com a participação dos Professores Doutores José Manuel Aroso Linhares, Maria João Antunes, Dário Moura Vicente e Carmen Azcarraga Monzonis, entre outros.

* No dia 2 de maio 2019, a Senhora Diretora da Biblioteca Nacional, Professora Doutora Inês Cordeiro, proferiu as seguintes conferências:

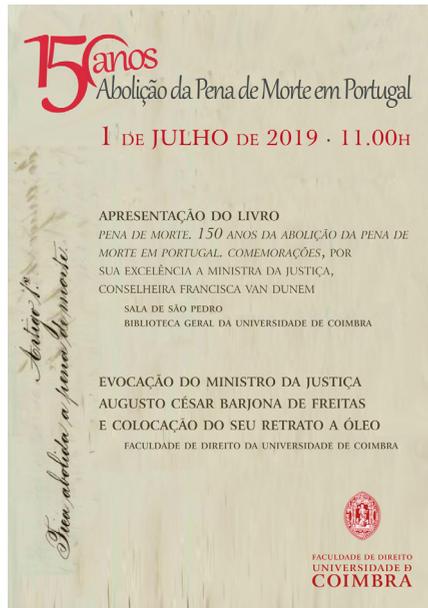
Bibliotecas que aprendem – estratégias sistémicas para os desafios da sustentabilidade e transformação e O caminho para a preservação do conhecimento. Estas conferências foram promovidas pela Secção de Informação do Departamento de Filosofia e Comunicação e Informação da Faculdade de Letras (Mestrado em Ciência da Informação).

* Colóquio *O que significa hoje ser cidadão da União Europeia?* organizado pelo CEIS20 e Faculdade de Direito da UC no dia 16 de maio de 2019. A coordenação científica e executiva pertenceu às Senhoras Doutoras Isabel Maria Freitas Valente e Dulce Lopes e contou com a participação do Professor Doutor Aroso Linhares, da Professora Doutora Maria João Antunes, do Professor Doutor Adriano Moreira e do Professor Doutor Vital Moreira, entre outros.



Cartaz do colóquio *O que significa hoje ser cidadão da União Europeia?*

* No âmbito das comemorações dos *150 anos da Abolição da Pena de Morte em Portugal*, organizadas pela Faculdade de Direito, realizaram-se no dia 1 de julho de 2019 várias conferências. Esteve presente a Senhora Ministra da Justiça, Dra. Francisca Van Dunem.



Cartaz da sessão comemorativa *150 anos da Abolição da Pena de Morte em Portugal*

* Reunião dos membros da Academia de Ciências de Lisboa no dia 18 de julho. A sessão conjunta incluiu a conferência, “Os incêndios florestais em Portugal: uma perspetiva científica”, proferida pelo Prof. Doutor Domingos Xavier Viegas, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

* No dia 13 de setembro, realizou-se uma sessão sobre Diplomacia em Saúde Global, por ocasião da *M8 Summer School for Global Health*. Tratou-se de um evento organizado pela Universidade de Coimbra, em parceria com os CHUC, a Universidade Charité de Berlim e a Universidade Sapienza de Roma.

* Promovido pelo CECH – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, decorreu no dia 24 de outubro uma sessão incluída no programa do 6º. Colóquio DIAITA Luso-Brasileiro

de História e Culturas da Alimentação, intitulado *Das Culturas da Alimentação ao Culto dos Alimentos*.



Cartaz do 6.º Colóquio DIAITA

Catálogos de exposições bibliográficas

Exhibitions catalogues

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)

Francisco d'Ollanda (1517-1584)

Sala do Catálogo, 16 de janeiro a 3 de abril de 2019

Bibliografia ativa

HOLANDA, Francisco de, 1517-1584

Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa... Porto : [s.n.], 1879.

UCBG RB-38-14

Da fabrica que falece à cidade de Lisboa. Edição preparada por Alberto Cortês, que agora publica Vergilio Correia. Madrid : [s.n.], 1929.

UCBG RB-38-39

Da fábrica que falece à cidade de Lisboa. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves. [Lisboa?] : Livros Horizonte, 1984 imp.

UCBG 6-29-20-48

Da pintvra antiga : tratado. Commentada por Joaquim de Vasconcellos. 1.^a ed. completa. Porto : Renascença Portuguesa, [1918 imp.].

UCBG RB-38-37

Da pintvra antiga : tratado. Edição completa d'esta celebre obra commentada por Joaquim de Vasconcellos. 2.^a ed. Porto : Renascença Portuguesa, [1930 imp.].

UCBG 9-(4)-11-2-46

UCBG RB-38-38

Da pintura antiga. Introdução e notas de Angel González Garcia. Editada sob os auspícios do Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
UCBG 6-48-19-13

Da pintura antiga. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves. [Lisboa?] : Livros Horizonte, cop. 1984.
UCBG 6-29-20-45

De aetatibvs mvndi imagines = Livro das Idades. Com um estudo de Jorge Segurado. Lisboa : Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte Ciência e Cultura, 1983.
UCBG RC-15-20
UCBG RC-15-21

[Os desenhos das antigualhas que vio Francisco d'Ollanda, pintor português (...1539-1540)]. [Madrid : Ministerio de Asuntos Exteriores, 1940]
UCBG RB-29-17

Diálogos de Roma : da pintura antiga. Pref. e notas de Manuel Mendes. Lisboa : Livraria Sá da Costa, 1955 imp.
UCBG 5-72-4-7

Diálogos em Roma. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves. [Lisboa?] : Livros Horizonte, cop. 1984.
UCBG 6-29-20-46

Les dialogues de Rome de François de Hollande. [Trad. du portugais et éd.] José Frêches ; [pref. José V. de Pina Martins]. Paris : Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1973.
UCBG 6-19-16-7

Do tirar polo natural. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves. [Lisboa?] : Livros Horizonte, 1984 imp.
UCBG 6-29-20-47

I quattro dialoghi intorno alla pittura antiga. [Roma] : Francesco Perrella, 1915.
UCBG RC-15-3

Quatre dialogues sur la peinture. Mis en français par Léo Rouanet. Paris :
Librairie Honoré Champion, 1911.
UCBG 5-19-37-63

Vier Gesprache Uber Die Malerei : Gefuhrt Zu Rom 1538. Wien : [s.n.], 1899.
UCBG RB-38-14

RACZYNSKI, A., Conde, 1788-1874

Les arts en Portugal : lettres adressées a la Société Artistique et Scientifique
de Berlin, et accompagnées de documens [sic]. Paris : Jules Renouard et
Cie, 1846.

Inclui: "De la peinture ancienne, livre second" de Francisco de Holanda, trad.
por M. Roquemont, e textos sobre Grão-Vasco e Cirilo Volkmar Machado.
UCBG 9-(5)-1-2-54

Bibliografia passiva

ALVES, Felicidade, 1925-1998

Introdução ao estudo da obra de Francisco d'Holanda. [Lisboa] : Livros Hori-
zonte, 1986.

UCBG 5-22-39-92

DESWARTE-ROSA, Sylvie, 1945-

As imagens das idades do mundo de Francisco de Holanda. Trad. Maria Alice
Chicó. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

UCBG 5 A-2-5-12

HOOYKAAS, R., 1906-1994

Humanities, mechanics and painting : Petrus Ramus, Francisco de Holanda.
Coimbra : [s.n.], 1991.

UCBG 6-16-11-66

REIS, António Matos, 1943-

Francisco de Holanda : introdução ao estudo da sua obra. Guimarães : [s.n.],
1985 (Barcelos : Companhia Editora Minho).

UCBG 5-11-40-38

TEIXEIRA, António Moreira

A ideia não tem fim : para uma filosofia da história de arte em Francisco da
Holanda. Lisboa : [s.n.], 2002.

UCBG 9-(1)-12-25-3

VILELA, José Stichini, 1940-

Francisco de Holanda : vida, pensamento e obra. 1.^a ed. Lisboa : Instituto de
Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

UCBG 9-(11)-17-1-50

Jorge de Sena (1919-1978)

Sala do Catálogo, 15 de maio a 14 de junho

SENA, Jorge de, 1919-1978

Algumas considerações sobre estatísticas de trânsito. [S.l. : s.n.], 1953 (Lisboa : S. I. G. João Pinto, Lda.).

UCBG 5-47-19

América, América. Ed. Mécia de Sena, Jorge Fazenda Lourenço ; rev. Dóris Graça Dias. Lisboa : Guimarães, cop. 2011.

UCBG 10-(1)-8-26-6

Amor e outros verbetes. Lisboa : Edições 70, 1992.

UCBG 6-64-9-14

Amparo de mãe e mais 5 peças em 1 acto. [Lisboa] : Plátano Editora, 1974 imp.

UCBG 6-50-1 B-5

Andanças do demónio : histórias verídicas e fantásticas e outras ficções realistas [...]. Lisboa : Estúdios Cor, 1960.

UCBG 5-44-60

Antigas e novas andanças do demónio. Lisboa : Edições 70, 1978 imp.

UCBG 6-42-10-1

Antologia poética. Editor literário Jorge Fazenda Lourenço. 2.^a ed. Porto : Asa, 2001.

UCBG 6-50-117-45

A arte de Jorge de Sena : uma antologia. Editor literário Jorge Fazenda Lourenço ; revisão de Helder Guégués. Lisboa : Relógio d'Água, cop. 2004.

UCBG 8-(2)-26-4-43

Arte de música. Lisboa : Morais Editores, 1968.

UCBG 5-23-3-76

Aspectos do pensamento de Camões através da estrutura linguística de "Os Lusíadas" : comunicação apresentada à I Reunião Internacional de Camonistas realizada em Lisboa de 15 a 18 de Novembro de 1972. Lisboa : Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de "Os Lusíadas", 1973.

UCBG 5-46-70-88

Camões : quelques vues nouvelles sur son épopée et sa pensée. Paris : Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

UCBG 5-11-86-276

Camões : some poems. Transl. from the Portuguese by Jonathan Griffin ; essays on Camões by Jorge de Sena and Helder Macedo. London : The Menard Press, cop. 1976.

UCBG 9-(10)-I-3 Lír. eng-nº

O cancionero de Luís Franco Correia. Porto : Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.

UCBG 5-17-38-38

Conheço o sal... e outros poemas. Lisboa : Moraes Editores, 1974.

UCBG 5-46-119-7

Coroa da terra : poemas. Porto: Lello & Irmão, 1946.

UCBG 5-38-24

Da poesia portuguesa. Lisboa : [s.n.], 1959.

UCBG 5-46-45-94

Dedicácias : poemas e desenho. Nota prévia Mécia de Sena. Lisboa : Três Sinais, D.L. 1999.

UCBG 6-37-32-67

Dialécticas aplicadas da literatura. [Lisboa : Edições 70], 1978 imp.

UCBG 6-42-9-40

Dialécticas de literatura. [Lisboa] : Edições 70, [1973].

UCBG 6-38-20

Dialécticas teóricas da literatura. [Lisboa : Edições 70], 1977 imp.

UCBG 6-42-9-32

Diários. Introdução Mécia de Sena. 1.ª ed. Porto : Caixotim, 2004.

UCBG 8-(2)-22-10-16

Do teatro em Portugal. Lisboa : Edições 70, 1989.

UCBG 6-46-7-40

England revisited. Translated from the Portuguese and with notes by Christopher Damien Aurretta. Lisbon : Calouste Gulbenkian Foundation, 1986.

UCBG 5-11-41-10

Entrevistas : 1958-1978. Editora literária Mécia de Sena, Jorge Fazenda Lourenço. Lisboa : Guimarães, cop. 2013.

UCBG 10-(1)-8-26-7

A estrutura de "Os Lusíadas" e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI. Lisboa : Portugália Editora, 1970.

UCBG 6-40-39-10

Estudos de cultura e literatura brasileira. Lisboa : Edições 70, 1988 imp.

UCBG 6-46-7-10

Estudos de história e de cultura : S. 1. Lisboa : Edição da Revista "Ocidente", 1963.

UCBG 9-(4)-8-7

Estudos de literatura portuguesa. Lisboa : Edições 70, 1982 imp.

UCBG 6-30-32

Estudos sobre o vocabulário de "Os Lusíadas" : com notas sobre o humanismo e o exoterismo de Camões. Lisboa : Edições 70, 1982 imp.

UCBG 6-36-38-28

As evidências : poema em vinte e um sonetos. Lisboa : Centro Bibliográfico, 1955.

UCBG 9-(11)-12-3-16

Exorcismos. Lisboa : Moraes Editores, 1972.

UCBG 5-11-83-19

O fantasma de Camões e outros textos camonianos. Desenhos de José Rodrigues. 1.^a ed. Porto : Asa, 2002.

UCBG 7-75 B-34-50

Fernando Pessoa & C^a Heterónima : estudos coligidos, 1940-1978. Pref. Mécia de Sena. Lisboa : Edições 70, 1982 imp.

UCBG 6-46-17-29/30

Fidelidade : poemas. Lisboa : [s.n.], 1958.

UCBG 5-48-60-5

O físico prodigioso. Lisboa : Edições 70, 1977.

UCBG 6-42-9-28

Florbelá Espanca, ou a expressão do feminino na literatura portuguesa. Porto : Clube Fenianos Portuenses, 1947.

UCBG 9-(11)-8-2-6

Francisco de la Torre e D. João de Almeida. [Pref. José V. de Pina Martins].
Paris : Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
UCBG 5-46-125

Génesis : contos. Lisboa : Edições 70, 1983 imp.
UCBG 6-46-17-52

A Grã-Canária : Oceano Atlântico, 1938. Lisboa : Expo'98, 1997.
UCBG 6-40-17-117

Os grão-capitães : uma sequência de contos. Lisboa : Edições 70, 1976.
UCBG 6-42-9-5

Homenagem ao papagaio verde "Lisboa, 1928". Lisboa : Expo'98, 1996.
UCBG 6-40-17-60

Horácio : odes II, 16. Lisboa : Centro de Estudos Clássicos, 1970.
UCBG 5-27-47-128

O indesejado : (António, Rei) : tragédia em quatro actos, em verso. Porto :
Marânus, deposit., 1951 imp. Sep. de: *Portvcafe*. Porto. S. 2, 4 (1949) ; 5
(1950).
UCBG 5-44-27

Inglaterra revisitada : duas palestras e seis cartas de Londres. Lisboa : Edi-
ções 70, cop. 1986.
UCBG 6-48-24-66

Maquiavel, Marx e outros estudos : ensaio. Lisboa : Cotovia, 1991 imp.
UCBG 6-12-54-32

Mater imperialis : Amparo de Mãe e mais 5 peças em 1 acto seguido de um
apêndice. Lisboa : Edições 70, 1990 imp.
UCBG 6-12-44-38

Metamorfoses : seguidas de quatro sonetos a Afrodite Anadiómena. Lisboa : Livraria Morais-Editora, 1963.

UCBG 5-6-70-31

Monte Cativo e outras ficções. Editora literária Mécia de Sena, Jorge Fazenda Lourenço. Lisboa : Guimarães Editores, cop. 2014.

UCBG 10-(1)-8-26-11

A noite que fora de Natal. Lisboa : Editorial Estúdios Cor, 1961.

UCBG 5-66-41-64

Novas andanças do demónio : contos. Lisboa : Portugália Editora, 1966.

UCBG 5-23-18

Observações sobre "As mãos e os frutos" de Eugénio de Andrade. Porto : Editorial Inova, [1971?].

UCBG 5-27-73-6

Pedra filosofal : poemas. Lisboa : Confluência, 1950 imp.

UCBG 5-44-13

Perseguição : poemas. Lisboa : Edições Cadernos de Poesia, 1942.

UCBG 869.0-1 Sena SEM

Poemas escolhidos. Lisboa : Círculo de Leitores, 1989 imp.

UCBG 6-22-40-41

A poesia de Camões : ensaio da revelação da dialéctica camoniana. [S.l. : s.n., D.L. 1951] (Lisboa : Imprensa Libânio da Silva). Sep. de: *Cadernos de poesia*. Lisboa. S. 2, 7 (jun. 1951).

UCBG 9-(10)-II-5 SEM

Poesia de Jorge de Sena. Apresentação crítica, seleção, notas e linhas de leitura de Fátima Freitas Morna. 1.ª ed. Lisboa : Comunicação, 1985.

UCBG 6-46-20-40

Poésie portugaise hier et aujourd'hui. Paris : Fundação Calouste Gulbenkian, 1974. Sep. de: *Arquivos do Centro Cultural Português*, 7 (1974).

UCBG 6-25-17-112

O poeta é um fingidor. Lisboa : Edições Ática, 1961.

UCBG 5-64-26-68

The poetry of Jorge de Sena : a bilingual selection. Edited with an introduction and notes by Frederick G. Williams ; and a foreword by Mécia de Sena ; with translations from the Portuguese by Helen Barreto ... [et al.]. Santa Barbara : Mudborn Press, 1980.

UCBG 5-43-45-12

40 anos de servidão. Lisboa : Livraria Moraes Editora, 1979.

UCBG 6-42-33-5

Régio, Casais, a "Presença" e outros afins. Porto : Brasília, 1977.

UCBG 5-17-35-80

O reino da estupidez. Lisboa : Livraria Moraes Editora, 1961.

UCBG 5-66-40-1

Sequências. 1.^a ed. Lisboa : Moraes, 1980.

UCBG 6-42-33-51

A sextina e a sextina de Bernardim Ribeiro. [Assis (São Paulo)] : Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, [1963?]. Sep. de: *Revista de Letras*. S. Paulo. 4 (1963).

UCBG 6-48-26-126

Sinais de fogo : romance. Ed. organizada por Arnaldo Saraiva. Lisboa : Edições 70, 1979.

UCBG 6-42-10-33

Sobre cinema. Organização e introdução Mécia de Sena ; co-organizador e notas M. S. Fonseca. [Lisboa] : Cinemateca Portuguesa, 1988.

UCBG 6-10-27-1

Sobre esta praia ... : oito meditações à beira do Pacífico = Over this shore : eight meditations on the coast of the Pacific ; translation by Jonathan Griffin. Ed. bilingue. Santa Barbara : [s.n.], 1979.

UCBG 5-4-19-43

Sobre literatura e cultura britânicas. Introdução Mécia de Sena ; rev. Helder Guégués. 1.^a ed. Lisboa : Relógio d'Água, 2005.

UCBG 8-(2)-26-17-42

Sobre o romance : ingleses, norte-americanos e outros. Nota introdutória Mécia de Sena. Lisboa : Edições 70, 1986 [imp.].

UCBG 6-38-43-6

Sobre teoria e crítica literária. Introdução Mécia de Sena. 1.^a ed. Porto : Cai-xotim, 2008.

UCBG 9-(1)-9-35-9

Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular. [Lisboa] : Portugália Editora, [1971?].

UCBG 6-40-39-15

Trinta anos de Camões : 1948-1978 : estudos camonianos e correlatos. Lisboa : Edições 70, 1980.

UCBG 6-36-36-61/62

Trinta anos de poesia. Porto : Editorial Inova, [1972].

UCBG 5-46-84-8

Uma canção de Camões : interpretação estrutural de uma tripla canção camoniana, precedida de um estudo geral sobre a canção petrarquista peninsular, e sobre as canções e as odes de Camões, envolvendo a questão das apócrifas. Lisboa : Portugália Editora, 1966 imp.

UCBG 6-40-39-14

Versos e alguma prosa. Prefácio e selecção de textos de Eugénio Lisboa. [Lisboa] : Arcádia : Moraes, 1979.

UCBG 5-19-27-84

Vinte e sete ensaios. [Lisboa] : Círculo de Leitores, 1989 imp.
UCBG 6-22-40-40

Visão perpétua. [Pref. de] Mécia de Sena. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa
da Moeda : Moraes, 1982 imp.
UCBG 5-22-8-20

Colaboração

SENA, Jorge de ; CORTEZ, M. Lourdes ; LISBOA, Eugénio
Craveirinha, Grabato Dias, Rui Knopfli. Lourenço Marques : Minerva Central,
[1972?].
UCBG 9-(11)-15-2-21

SENA, Jorge de ; GOGOL, Nicolau
Razão de o Pai Natal ter barbas brancas. A noite de Natal. Introdução, notas,
orientação de leitura, sel. de textos e trad. de Graça Magalhães. [1.ª ed.].
Lisboa : Lisboa Editora, 2006.
UCBG 9-(1)-4-20-2

(Página deixada propositadamente em branco)

500 anos da viagem de circum-navegação

Sala do Catálogo, 26 de junho a 30 de agosto

ALBUQUERQUE, Luís de, 1917-1992

Grandes viagens marítimas. Coment. e transcr. Luís de Albuquerque, Francisco Contente Domingues. Lisboa : Alfa, 1989.

UCBG 6-14-31-1

ARIAS DE LA CANAL, Fredo, [et al.]

Fernando de Magallanes : retrato de un héroe. Potes : Casa de Cultura de Potes, Fundación Fredo Arias de la Canal, D.L. 2007.

UCBG 7-49 A-14-13

BARRAULT, Jean-Michel

Fernão de Magalhães : a terra é redonda. Trad. Ana Santos Silva, Nogueira Gil. 1.ª ed. Lisboa : Terramar, 1998.

UCBG 6-33-50-40

BARROS, Amândio Jorge Morais

O homem que navegou o mundo : em busca das origens de Magalhães. Braga : AL – Publicações, 2015.

UCBG 4-(1)-2-15-25

BARROS, Amândio Morais

A naturalidade de Fernão de Magalhães revisitada. Porto : Edições Afrontamento, cop. 2009.

UCBG 10-(1)-1-1-82

BARROS ARANA, Diego, 1830-1907

Vida e viagens de Fernão de Magalhães. Traducção do hespanhol de Fernando de Magalhães Villas-Boas ; com um appendice original. Lisboa : Typ. da Academia Real das Sciencias, 1881.

UCBG 7-64-39-61

BERGREEN, Laurence

Fernão de Magalhães : para além do fim do mundo : a extraordinária viagem de circum-navegação. Trad. Inês Castro. Lisboa : Bertrand, 2005.

UCBG 8-(2)-26-36-12

Fernão de Magalhães : para além do fim do mundo : a extraordinária viagem de circum-navegação. Trad. Inês Castro. 2.^a ed. Lisboa : Bertrand, 2013.

UCBG 10-(1)-13-4-12

COELHO, J. M. Latino, 1825-1891

Fernão de Magalhães. Precedido dum Pref. de Júlio Dantas ; com um retrato do autor por António Carneiro. Lisboa : Empresa Literária Fluminense, 1917 imp.

UCBG 9-(2)-2-5-26

COLÓQUIO Luso-Espanhol de História Ultramarina, 2, Lisboa, 1973.

A viagem de Fernão de Magalhães e a questão das Molucas : actas do II Colóquio Luso-Espanhol de história Ultramarina. Ed. org. por A. Teixeira da Mota. Lisboa : Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1975.

UCBG 6-28-19

DAEHNHARDT, Rainer, 1941-

O enigma Fernão de Magalhães. Coord. Dulce Leal Abalada. 1.^a ed. [S.l.] : Apeiron, 2010 ([Lisboa] : Espaço Gráfico).

UCBG 10-(1)-7-18-44

DORNELAS, Afonso de, 1880-1944

Em prol de Fernão de Magalhães. Lisboa : Casa Portuguesa, 1921.

UCBG IC-18-2-7-63

FARIA, Francisco Leite de, 1910-1995

As primeiras relações impressas sobre a viagem de Fernão de Magalhães.

Lisboa : [s.n.], 1975.

UCBG 9-(4)-8-20-2

FERNÃO de Magalhães : a primeira viagem à volta do mundo contada pelos

que nela participaram. Pref. e notas de Neves Águas. Mem Martins :

Publicações Europa-América, D.L. 1987.

UCBG 6-44-22-224

FERNÃO de Magalhães : a primeira viagem à volta do mundo contada pelos

que nela participaram. Pref. e notas Neves Águas. Mem Martins : Europa-
-América, cop. 1990.

UCBG 6-14-36-32

THE FIRST voyage round the world by Magellan. Transl. from the accounts

of Pigafetta and other contemporary writers ; accompanied by original
documents, with notes and an introd. by Lord Stanley of Alderley. Lon-
don : The Hakluyt Society, 1874.

UCBG 9-(5)-1-2-41

GARCIA, José Manuel, 1956-

A viagem de Fernão de Magalhães e os portugueses. 1.^a ed. Lisboa : Pre-
sença, 2007.

UCBG 9-(1)-6-5-10

GIL, Alexandra

Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Fernão Magalhães : os navegadores.

II. Manuel Morgado ; rev. Luís Ferreira. 1.^a ed. Matosinhos : Booklândia,
2010.

UCBG 10-(1)-7-18-18

GIL, Maria de Fátima, 1961-

Uma biografia "moderna" dos anos 30 : Magellan. Der Mann und seine Tat
de Stefan Zweig. Coimbra : Minerva Coimbra : CIEG, 2008.

UCBG 9-(1)-6-7-44 c.4

LAGUARDA TRÍAS, Rolando A., 1902-1998

Un relato mal atribuido del viaje de Magallanes. [S.l : s.n.], 1991.

UCBG 6-48-1 A-43

MENDONÇA, Henrique Lopes de

A inspiração de Fernão de Magalhães. Coimbra : Imprensa, 1921.

UCBG 5-4-4

MOTA, A. Teixeira da, 1920-1982

O regimento da altura de leste-oeste de Rui Faleiro : subsídios para o estudo náutico e geográfico da viagem de Fernão de Magalhães : memória. Lisboa : Ed. Culturais da Marinha, 1986.

UCBG 5-22-35-140

NORONHA, José Manuel de, 1895-1924

Algumas observações sobre a naturalidade e a família de Fernão de Magalhães. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1921. Sep. de: *O Instituto*. Coimbra. 68, 3 (1921).

UCBG RB-28-12

NOVO Y COLSÓN, Pedro de, 1846-1931

Magallanes y Elcano : conferencia de D. Pedro Novo y Colson. Madrid : Ateneo de Madrid, 1892.

UCBG 9-(5)-2-7-47

OLIVEIRA, Fernando

The voyage of Ferdinand Magellan = Viagem de Fernão Magalhães. French annotation edition by Pierre Valière ; transliteration and English transl. by P. G. H. Schreurs. Manila : National Historical Institute, 2002.

UCBG 9-(1)-2-15-4

OLIVEIRA, Fernão de, 1507-ca 1581

Le voyage de Magellan : raconté par un homme qui fut en sa compagnie. Édition critique, traduction et commentaire du texte manuscrit recueilli par Fernando Oliveira. [Ed. lit.] Pierre Valière ; pref. de Paul Teyssier. Paris : Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.

UCBG 5-33-62-160

OOM, Ana

Fernão de Magalhães. II. Miguel Gabriel ; rev. Associação de Professores de História. Lisboa : Zero a Oito, 2008 imp.

UCBG 9-(1)-4-21-49

PIGAFETTA, Antonio, ca. 1491-1534

Primer viaje en torno del globo. 4.^a ed. Buenos Aires : Espasa-Calpe, 1954.

UCBG 9-(11)-10-1-14

PIGAFETTA, Antonio, ca. 1491-1534

Le voyage de Magellan : 1519-1522 : la relation d'Antonio Pigafetta & autres témoignages. Ed. de Xavier de Castro ; colab. Jocelyne Hamon & Luís Filipe Thomaz. Paris : Chandeigne, 2007.

UCBG 9-(1)-2-13-24

PTOLOMEU, séc. 2.

Claudii Ptolemaei Geographicae enarrationis libri octo. [Argentoragi [sic] : Johannes Grieningerus, communibus Johannes Koberger impensis excudebat, 1525].

UCBG R-55-4

REIS, A. do Carmo, 1942-

Fernão de Magalhães. Porto : Porto Editora, 1998.

UCBG 9-1-26-49

RIBEIRO, João Manuel, 1968-

Fernão de Magalhães : eu não sirvo a Castela, sirvo o mundo inteiro. [Ilustrações Susana Lima]. Guimarães : Opera Omnia, 2017.

UCBG 7-65-18-32

RODITI, Edouard

Magalhães do Pacífico. Trad. Inês de Ornellas e Castro. Lisboa : Assírio & Alvim, 1989.

UCBG 6-14-34-3

SAAVEDRA, Teresa, 1947-

Magalhães e a primeira viagem à volta da Terra. II. Maria Inês Gonçalves.

Guimarães : Opera Omnia, D.L. 2009.

UCBG 9-71-29-68

SIMPÓSIO de História Marítima, 7, 2001.

Fernão de Magalhães e a sua Viagem no Pacífico : antecedentes e consequentes : actas. [Org.] Academia de Marinha. Lisboa : A.M., 2002.

UCBG 8-(2)-18-22-41

TOMÁS, Luís Filipe F. R., 1942-

O drama de Magalhães e a volta ao mundo sem querer ; seguido de Um

Museu dos Descobrimentos : porque não?. 1.ª ed. Lisboa : Gradiva, 2018.

UCBG 4-(1)-15-20-20

UGOLINI, Luigi de

A primeira volta ao mundo. Estoril : Editorial Salesiana, [1962?].

UCBG 5-60-48-10

VELOSO, J. M. de Queirós, 1860-1952

Fernão de Magalhães : a vida e a viagem. Lisboa : Editorial Império, 1941.

UCBG 9-(4)-14-10-62

Fernao de Magalhaes : sa vie et son voyage. Paris : Librairie Félix Alcan, 1939.

UCBG 9-(4)-9-2-93

A VOLTA ao mundo de Magalhães e Elcano. [Conceito da obra Nuria Cicero];

[coordenação Alberto Hernández] ; [textos Alberto Moreno de la Fuente...

et al.] ; [fotografias AgeFotostock... et al.] ; [tradução, edição Ana Mar-

ques]. [S.l.] : Cofina Media : Correio da Manhã, cop. 2018.

UCBG 4-(1)-18-20-49

WIONZEK, Karl-Heinz, ed.

Another report about Magellan's circumnavigation of the world : the story

of Fernando Oliveira. Translated and with an introduction by Pedro Sas-

tre. Manila : National Historical Institute, 2000.

UCBG 9-(1)-2-16-8

ZWEIG, Stefan, 1881-1942

Fernão de Magalhães. Trad. de Maria Henriques Osswald. 9.^a ed. Porto :
Livraria Civilização, 1960.

UCBG 5-64-33-11

Fernão de Magalhães. Tradução de Maria de Castro Henriques Osswald. Lis-
boa : Relógio d'Água Editores, 2017.

UCBG 4-(1)-13-22-10

Magalhães : o homem e o seu feito. Trad. Gabriela Fragoso. Lisboa : Assírio
& Alvim, cop. 2007.

UCBG 9-(1)-4-31-90

(Página deixada propositadamente em branco)

Sophia: centenário do nascimento de Sofia de Melo Breyner Andresen (1919-2004)

Sala do Catálogo, setembro de 2019

Bibliografia Ativa

ANDRESEN, Sofia de Mello Breyner, 1919-2004

O anjo de Timor. II. Graça Morais. Marco de Canaveses : Cenateca, 2003.
UCBG 9-69-5-58

O Bojador. II. Henrique Cayatte. Lisboa : Caminho, 2000.
UCBG 6-37-55-32

O búzio de cós e outros poemas. Lisboa : Caminho, cop. 1997.
UCBG 6-33-45-73

A casa do mar : contos. Lisboa : Galeria S. Mamede, [D.L. 1980].
UCBG 6-7-19-26

O cavaleiro da Dinamarca. Porto : Livraria Figueirinhas, 1964.
UCBG 5-40-31

O colar : teatro. Lisboa : Caminho, D.L. 2001.
UCBG 7-75 B-9-33

Concessão de honras de Panteão Nacional a Sophia de Mello Breyner Andresen : 2 Julho 2014. [Ed. lit.] Divisão de Edições da Assembleia da República. Lisboa : Divisão de Edições da Assembleia da República, 2014.
UCBG 6-31-23-84

Contos exemplares. Lisboa : Livraria Morais Editora, 1962.
UCBG 5-6-54-50

Coral. Porto : Livraria Simões Lopes, 1950.
UCBG 869.0-1 Andresen AND

O Cristo cigano ou a lenda do Cristo cachorro. II. Júlio Pomar. [S.l.] : Minotauro, 1961.
UCBG RC-7-13

Dia do mar : poemas. Lisboa : Edições Ática, 1947.
UCBG 869.0-1 Andresen AND

Dois Poemas. In *Unicórnio : antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos*. Lisboa (1951), [p. 26].
UCBG RC-98-23

Dual. [1.ª ed.]. Lisboa : Moraes Editores, 1972.
UCBG 5-11-79-69

Era uma vez uma praia atlântica. Lisboa : Expo'98, 1997.
UCBG 6-40-17-94

A floresta. [Lisboa] : Figueirinhas, [1972].
UCBG 5-11-93-81

A floresta. Porto : Figueirinhas, 1977 imp.
UCBG 6-9-10-5

Geografia. Lisboa : Edições Ática, 1967 imp.
UCBG 5-23-3-56

Grades. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1970 imp.

UCBG 6-32-15

Habitação do tempo. Org. José da Cruz Santos, Carlos Marques Queirós ;
pintura de Carpaccio. 1.ª ed. Porto : Asa, 2005.

UCBG 8-(2)-28-9-21

Ilhas. 5.ª ed. Lisboa : Texto, 2002.

UCBG 7-47 A-6-12

Livro sexto : poemas. Lisboa : Livraria Moraes Editora, 1962.

UCBG 5-68-4-42

Mar : poesia. Lisboa : Caminho, 2001 imp.

UCBG 6-50-104-39

Mar novo. Lisboa : Guimarães Editores, 1958 imp.

UCBG 5-50-60-140

A menina do mar. [Lisboa] : Figueirinhas, 1974 imp.

UCBG 5-50-13-8

Musa. 3.ª ed. Lisboa : Caminho, 1997 imp.

UCBG 6-49-9-33

Navegações. Versão inglesa de Ruth Fainlight, versão francesa de Joaquim
Vital. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

UCBG RC-5-29

No tempo dividido. Lisboa : Guimarães Editores, 1954.

UCBG 9-(11)-12-1-11

No tempo dividido. Lisboa : Caminho, 2003 imp.

UCBG 8-(2)-17-42-53

O nome das coisas. 1.ª ed. Lisboa : Moraes Editores, 1977.

UCBG 5-17-26-84

La nudité de la vie: anthologie. Trad. du portugais par Michel Chandeigne ;
préf. de Vasco de Graça Moura. Bordeaux : L'Escampette Éditions, 1996.
UCBG 7-77-7-49

Obra poética. Lisboa : Caminho, 1990-1991.
UCBG 6-12-51-53/55

11 poemas. Lisboa : Movimento, 1971 imp.
UCBG 5-27-74-51

Orpheu e Eurydice. Il. Graça Morais. Lisboa : Galeria 111, D.L. 2001.
UCBG RC-65-14

Poemas escolhidos. [Lisboa] : Círculo de Leitores, 1981 imp.
UCBG 6-22-9-21

Poemas de Sophia : 1944-1989. Trad. para chinês Yao Jing Ming. 1.^a ed.
Macau : Instituto Cultural de Macau ; Shigiazhuang : Editora Montanha
das Flores, 1994.
UCBG 5-53-30-15

Poesia. Coimbra : Atlântida, 1944.
UCBG 869.0-1 Andresen AND

Poesia. Lisboa : Caminho, 2003 imp.
UCBG 8-(2)-17-42-54

Poesia I. 3.^a ed. Lisboa : Edições Ática, 1975 imp.
UCBG 6-40-58-33

A senhora do mar. Coimbra : Alcains : Alma Azul, 2005.
UCBG 8-(2)-23-38-92

Os três reis do Oriente. Des. Manuel Lapa. Lisboa : Estudios Cor, 1965.
UCBG 6-3-8-44

Colaboração

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner; TAVARES, Pedro Sousa
Os ciganos. Il. Danuta Wojciechowska. [1.ª ed.]. Porto : Porto Editora, cop.
2012.
UCBG 9-71-4-102

ANDRESEN, Sofia de Mello Breyner, [et al.].
Sete poemas para Julio. [S.l : s.n.], 1988 (Lisboa : Soc. Ind. Gráf. Telles da Silva).
UCBG 5-11-41-149

ANDRESEN, Sofia de Mello Breyner, [et al.].
Siete poetas portugueses. Selec. y trad. Nidia Hernández. Caracas : [Edicio-
nes Luna Nueva y la Maja Desnuda Ediciones], 2008.
UCBG 9-(1)-2-25-9

ANDRESEN, Sofia de Mello Breyner ; SENA, Jorge de
Sophia de Mello Breyner e Jorge de Sena : correspondência : 1959-1978. 2.ª
ed. (com 3 cartas inéditas). Lisboa : Guerra & Paz, 2006.
UCBG 9-(1)-4-39-40

Bibliografia passiva

BESSE, Maria Graciete, 1951-
Contos exemplares [de] Sophia de Mello Breyner. Mem Martins : Europa
América, cop. 1990.
UCBG 6-48-7-87

BRANDÃO, Emanuel, 1969-
Poesia e limite : uma leitura teológica da obra de Sophia de Mello Breyner.
1.ª ed. Leça da Palmeira : Letras e Coisas, 2012.
UCBG 6-47-15-81

CARVALHO, Adélia; NOGUEIRA, Carlos
Sophia, a menina da Terra e do Mar. Ilustração de Evelina Oliveira. 1.ª ed.
Porto : Tcharan, 2018.
UCBG 9-13-10-81

COLÓQUIO Internacional Sophia de Mello Breyner Andresen, Lisboa, 2011.
Sophia de Mello Breyner Anderson : actas do colóquio internacional [...],
2011. Org. Maria Andresen Sousa Tavares, Centro Nacional de Cultura.
Porto : Porto Editora, 2013.
UCBG 10-(1)-15-23-8

CUNHA, António Manuel dos Santos
Sophia de Mello Breyner Andresen : mitos gregos e encontro com o real.
Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
UCBG 8-(2)-25-14-4

FERREIRA, José Ribeiro, 1941-
Rumor de mar : temas da poesia de Sophia. 1.^a ed. Coimbra : Imprensa da
Universidade de Coimbra, 2013.
UCBG 10-(1)-13-49-33

LAMAS, Estela Pinto Ribeiro
Sophia de Mello Breyner Andresen : da escrita ao texto. Lisboa : Caminho,
1998.
UCBG 6-49-41-2

MACHADO, Paula
Sophia de Mello Breyner Andersen : 1919-2004. Coord. Paula Levy, Jorge
Pereira da Silva, António Trindade. Lisboa : Câmara Municipal, Comissão
Municipal de Toponímia, 2009.
UCBG 8-(2)-29-47-32

MALHEIRO, Helena
O enigma de Sophia : da sombra à claridade. 1.^a ed. [Lisboa] : Oficina do
Livro, 2008.
UCBG 9-(1)-11-11-5

MANCELOS, João de, 1968-
O que os deuses dão e o que os humanos escrevem : os Contos Exemplares,
de Sophia de Mello Breyner Andresen, numa oficina de escrita criativa.
[Aveiro? : s.n., 2008?].
UCBG 10-(1)-10-44-38

MARQUES, Paulo

Sophia de Mello Breyner Andresen : princesa da ética e da estética, 1919-2004. Lisboa : Parceria A.M. Pereira, 2008.

UCBG 8-(2)-23-15-23

MARTINS, Elsa

Ler Sophia de Mello Breyner Andersen [sic] no contexto educativo : uma experiência de formação de professores. Chamusca : Cosmos, 2007.

UCBG 9-(1)-5-18-10

MATOS, Maria Luísa Sarmento de, 1948-

Os itinerários do maravilhoso : uma leitura dos contos para crianças de Sophia de Mello Breyner Andresen. Porto : Porto Editora, 1993.

UCBG 6-18-20-16

PALMELA, Maria do Rosário Monteiro, 1970-

Mensagens em garrafas : a correspondência entre Sophia de Mello Breyner e Jorge de Sena (1959-1978). Coimbra : [s.n.], 2012.

UCBG 7-102-17-29

PEREIRA, Luís Ricardo Martins de Carvalho

Sophia de Mello Breyner Andresen : inscrição da terra. Lisboa : Instituto Piaget, 2003.

UCBG 8-(2)-22-37-25

RITA, Anabela, 1958-

Cartografias literárias. 1.^a ed. Lisboa : Esfera do Caos, 2010.

UCBG 10-(1)-7-18-46

ROCHA, Clara, 1955-

Os "Contos exemplares" de Sophia de Mello Breyner. Coimbra : Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 1978.

UCBG 5-19-26-8

RODRIGUES, Jorge Chichorro, 1958-

Sophia de Mello Breyner Andresen. [Ilustração José Maria Roumier]. 1.ª ed.

[S.l.] : Prelo, 2016.

UCBG 4-(1)-2-11-8

SANTOS, Maria Helena Duarte

Além do círculo. Coimbra : [s.n.], 1994 (Coimbra : Gráfica de Coimbra).

UCBG 6-23-52-39

SILVA, Alberto Vaz da

Evocação de Sophia. Pref. Maria Velho da Costa ; posf. José Tolentino Mendonça. Lisboa : Assírio & Alvim, 2009.

UCBG 10-(1)-1-69-46

A SOPHIA : homenagem a Sophia de Mello Breyner Andresen. [Org. PEN Clube Português]. Lisboa : Caminho, cop. 2007.

UCBG 9-(1)-9-40-61

SOUSA, Maria Manuela Carneiro de

Sophia de Mello Breyner Andresen : obra de 1944-1962, precursora do Concílio Vaticano II no contexto político e eclesial português. 1.ª ed. Lisboa : Agora Comunicação, 2004.

UCBG 7-51-13-27

VIEIRA, Maria Adelina

Arte poética : dom, descrença, desafio : Horácio, Sá de Miranda, Sophia de Mello Breyner. Coimbra : Palimage, 2008.

UCBG 9-(1)-10-52-19

Sophia de Mello Breyner Andresen : uma vida de poeta : [catálogo da exposição..., Biblioteca Nacional de Portugal, 26 de Janeiro – 30 de Abril de 2011]. Org. Paula Morão, Teresa Amado. 1.ª ed. Alfragide : Caminho, 2010 imp.

UCBG 10-(1)-7-50-27

José Monteiro da Rocha (1734-1819): matemático e astrónomo

Sala do Catálogo, 9 de outubro a 11 de dezembro de 2019

I. VIDA

RODRIGUES, Francisco, 1873-1956

A formação intelectual do Jesuita. Porto : Livraria Magalhães e Moniz, 1917.
Informação curricular sobre a passagem de Monteiro da Rocha pelo Colégio
de São Salvador da Baía.

UCBG 271.5:371 ROD

Certidão de provas de curso e de exames de Monteiro da Rocha na Faculdade de Cânones. Universidade de Coimbra (F); Processos de carta de cursos (SR); Processo de José Monteiro da Rocha (DC).

Arquivo da Universidade, cx. 39 AUC-IV-2.ªD-12-2-11

BRAGA, Teófilo, 1843-1924

Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução publica portugueza. Lisboa : na Typographia da Academia Real das Sciencias, 1898.

Diário de Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814), um dos membros da Junta de Providência Literária, com a notícia da aprovação dos estatutos das Faculdades Científicas onde é mencionado Monteiro da Rocha como redator dos mesmos.

UCBG 6-9-6

UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Estatutos da Universidade de Coimbra. Lisboa : na Regia Officina Typografica, 1772.

Estatutos Pombalinos 'Do Curso Mathematico' de que Monteiro da Rocha terá sido um dos principais redatores.

UCBG J.F.-44-5-17

VASCONCELOS, António de, 1860-1941

Diário do que se passou em a cidade em a cidade de Coimbra desde o dia 22 de Se[tembro] de 1772 em que o Ill.mo e Exm.º Senhor Marquês de Pombal, até o dia 24 de Outubro, em que partio da d[ita] Cidade. In *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1917. Vol. 6, p. 141-182.

No dia 12 de outubro de 1772 Monteiro da Rocha profere, na Sala dos Capelos, a oração de abertura da Faculdade de Matemática.

UCBG A-20-31

ROCHA, José Monteiro da, 1734-1819

Cartas do Dr. José Monteiro da Rocha a D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. In *O Instituto : jornal científico e litterario*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1890. Vol. 37, p. 54-55.

Carta de Monteiro da Rocha [1801] ao reitor Francisco de Lemos onde refere a sua ida para Lisboa para colaborar na redação dos Estatutos.

UCBG A-24-37

II. ATIVIDADE ACADÉMICA

Universidade de Coimbra (F); Alvarás, Avisos, Cartas, Decretos e Provisões Régias (SR)

AVISO Régio de 31 de julho de 1786.

Arquivo da Universidade, cx. 4 AUC-IV-1.ªD-2-2-4

CARTA Régia nomeando vários lentes para a Faculdade de Matemática, entre os quais Monteiro da Rocha para a cadeira de Foronomia (Física-Matemática). In *Documentos da Reforma Pombalina*. Coimbra : por

ordem da Universidade, 1979. V. II, p. 13-14. (Universitatis Conimbrigensis Studia ac Regesta)

UCBG 5-38-10

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Faculdade de Matemática

Cartas régias pelas quais a Rainha nomeia para Diretor da Faculdade de Matemática e do Observatório Astronómico, o Doutor José Monteiro da Rocha. In *Actas das Congregações da Faculdade de Matemática (1772-1820)*. Coimbra : [Arquivo da Universidade], 1982. Vol. 1, p. 133-135.

Monteiro da Rocha é nomeado por Carta Régia em 4 de abril de 1795, Decano da Faculdade de Matemática e Diretor Perpétuo do Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra.

UCBG 6-16-10

FRANCO, Francisco de Melo, 1757-1823

Reino da estupidez. [S.l.] : [s.n.], [17-?]

Sátira à vida universitária no período da Viradeira. Tendo o reitor reunido o Claustro Pleno Universitário para deliberar como receber a Estupidez na Universidade e tendo o Lente de Prima de Teologia feito, com grande aplauso do corpo académico, o elogio da Estupidez e uma critica acérrima da Universidade Pombalina, responde-lhe o Lente Tirceu (identificado como sendo Monteiro da Rocha), declarando-se até à morte inimigo fidalgal da Estupidez e fazendo o elogio de Pombal.

UCBG Ms. 3016

MARIE, Joseph-François, 1738-1801

Traité de mécanique par M. l'abbé Marie de la Maison & Société de Sorbonne, censeur Royal, Professeur de mathématiques au College Mazarin. A Paris : chez la veuve Desaint, 1774.

UCBG 4 A-26-14-17

BOSSUT, Charles, 1730-1814

Tratado de hydrodynamica por M. Bossut. Traduzido e abreviado do francez [por José Monteiro da Rocha]. Coimbra : na Real Officina da Universidade, 1775.

UCBG 4-1-19-2

FIGURAS PARA O ESTUDO DA FÍSICA

[Figuras para o estudo da Hydrodynamica]. – [Coimbra] : [Real Oficina da Universidade], [entre 28 de abril de 1781 e 16 de Fevereiro de 1782].

Para utilização nas suas aulas Monteiro da Rocha mandou fazer reproduções em tamanho grande das estampas dos compêndios adotados (mecânica, hidrodinâmica, ótica e astronomia). Aqui vê-se uma das reproduções das figuras do Tratado de Hydrodinamica de Bossut.

UCBG Ms. 3153

ROCHA, José Monteiro da, 1734-1819

Oratio in laudem Illustrissimi ac Excellentissimi Domini Sebastiani Josephi Carvalii Melii Marchionis Pombaliensis. Conimbricae : Ex Typographia Academico Regia, 1776.

Querendo a Universidade homenagear o Marquês de Pombal por ocasião do seu aniversário, a 13 de maio de 1776, é Monteiro da Rocha que profere o respetivo elogio na Sala dos Capelos.

UCBGJ 4 A-32-4-3

III. ACTIVIDADE CIENTÍFICA

ROCHA, José Monteiro da, 1734-1819

Sistema físico-matemático dos cometas. Introdução e apêndice por Carlos Ziller Camenietzki e Fábio Mendonça Pedrosa. Rio de Janeiro : Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2000.

Obra escrita ainda no Brasil, entre 1759-1760, por ocasião da passagem do cometa Halley, em que Monteiro da Rocha se revela um adepto convicto da teoria newtoniana.

UCFCT Matemática 01A75/ROC

ROCHA, José Monteiro da, 1734-1819

Determinação das orbitas dos cometas. In *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa : na Typografia da Academia, 1799. Vol. 2, p. 402-520.

Memória sobre a determinação das órbitas dos cometas, apresentada à Academia das Ciências em 1782, mas só impressa em 1799, e onde Monteiro

da Rocha apresenta um método muito parecido ao que o astrónomo alemão Wilhelm Olbers (1758-1840) publicaria em 1797.

UCBG A-29-31

ROCHA, José Monteiro da, 1734-1819

Ephemerides astronómicas : calculadas para o meridiano do Observatorio Real da Universidade de Coimbra para o uso do mesmo observatório, e para o da navegação portuguesa. Coimbra : na Real Imprensa da Universidade, 1803.

Primeiro volume das emblemáticas Efemérides Astronómicas do Real Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, idealizadas e dirigidas por Monteiro da Rocha.

UCBG RP-12-1

ROCHA, José Monteiro da, 1734-1819

Taboas de Marte : para o meridiano do Observatorio Real da Universidade de Coimbra. [S. l.] : [s.n.], 1802.

Tabelas de Marte calculadas por Monteiro da Rocha.

UCFCT Observatório Astronómico A-1

ROCHA, José Monteiro da, 1734-1819

Taboas astronomicas ordenadas a facilitar o calculo das ephemerides da Universidade de Coimbra. Coimbra : Real Imprensa da Universidade, 1813.

Tabelas astronómicas calculadas por Monteiro da Rocha para a elaboração das Efemérides. Foram usadas até à década de 1840.

UCFCT Observatório Astronómico R-F-8

IV. VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MAURÍCIO, José, 1752-1815

Methodo de musica, escrito e oferecido a Sua Alteza Real o Principe Regente ... por José Mauricio, lente proprietario da cadeira de Música da Universidade, mestre da Real cappella da mesma e mestre da capella da cathedral de Coimbra : destinado para as lições da aula da dita cadeira. Coimbra : na Real Imprensa da Universidade, 1806.

Em 1802, pela Carta Régia de 18 de março, é criada a cadeira de Música sendo nela provido como professor José Maurício. Na introdução do seu compêndio agradece o apoio do Vice-Reitor elogiando os conhecimentos de música do 'Sabio Portuguez, o Ill.º Sr. José Monteiro da Rocha'.

UCBG RB-34-32

PORTUGAL. Alvará de 9 de julho de 1801

Lei dos Cosmógrafos, sua criação e obrigações. In *Collecção da legislação portugueza*. Redigida por Antonio Delgado da Silva. Lisboa : na Typografia Maigrense, 1828. Vol. 3, p. 707-710.

Lei que instituía em cada comarca do Reino o lugar de Cosmógrafo a ser occupado por um Matemático, com funções para elaborar uma carta topográfica da comarca de acordo com as regras estabelecidas para a Carta Geográfica do Reino; bem como «intender sobre todas as obras públicas [...] e outros officios análogos à Profissão dos Matemáticos». A redação da Lei é atribuída a Monteiro da Rocha.

UCBG 9-(11)-6-5-7

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Faculdade de Medicina

Acta em Congregação de Medicina de 15 de Março de 1804. In *Actas das Congregações da Faculdade de Medicina : 1772-1820*. Coimbra : Arquivo da Universidade de Coimbra, 1985. Vol. 2, p. 256.

Será graças às diligências do Vice-Reitor Monteiro da Rocha que o Hospital da Universidade pôde contar com dois frascos de vacina contra a varíola.

UCBG 6-16-10

INSTRUÇÕENS para huma viagem Hydraulica.

Universidade de Coimbra (F); Processos de Professores (SR); Processo de Manuel Pedro de Melo (DC).

No âmbito da criação da cadeira de Hidráulica, Manuel Pedro de Melo (1765-1833), o novo professor, é enviado para a Europa em viagem de estudo para organização da disciplina. As instruções para a viagem terão sido redigidas por Monteiro da Rocha e dizem respeito não só a hidráulica como também à astronomia.

Arquivo da Universidade, cx. 164 AUC-IV-1.ªD-7-4-164

V. OBSERVATÓRIO ASTRONÓMICO

MACOMBOA, Manuel Alves, ?-1815

Planta do edifício do antigo Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra]. [1792]

Planta do observatório astronómico idealizado por Monteiro da Rocha, a ser construído no Pátio da Universidade [versão impressa]

UCFCT Observatório Astronómico G.2

MACOMBOA, Manuel Alves, ?-1815

Planta do Edifício do Antigo Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra. [1792]

Planta do observatório astronómico idealizado por Monteiro da Rocha, a ser construído no Pátio da Universidade [desenho aquarelado]

UCFCT Observatório Astronómico G.007

Fotografia do edifício do Observatório Astronómico, c. 1870, Coimbra, Portugal

UCFCT Observatório Astronómico R-001

LUNETAS ASTRONÓMICAS, ADAMS. Londres, ca. 1780, AST.I.037

Lueta astronómica, do construtor inglês George Adams (1750–1795), usada nas aulas de Astronomia no Observatório.

UCFCT Observatório Astronómico

CATÁLOGO dos instrumentos, livros, cartas e móveis, que há no Real Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra. [18--?].

Catálogo dos instrumentos, livros e demais espólio existente no Observatório Astronómico em 1810.

UCFCT Observatório Astronómico R-F-8

VI. MONTEIRO DA ROCHA NO PANORAMA CIENTÍFICO INTERNACIONAL

BALBI, Adriano, 1782-1848

Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres États de l'Europe et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences,

des lettres et des beaux-arts parmi les Portugais des deux hémisphères, dédié à sa Majesté très-fidèle par Adrien Balbi. Paris : Rey et Gravier, 1822.

Descrição do Observatório Astronómico feita pelo geógrafo italiano Adrien Balbi (1782-1848) aquando da sua visita a Coimbra e à Universidade.
UCBG 9 (1)-5-6-24

Observatorium Conimbricense Academiam moderante ... D. Francisco Raphaele de Castro ... Principali, Anno MDCC.XCII ex structum. Curante a Josepho Monteiro da Rocha. In *Ephemerides astronomicas calculadas para o meridiano do Observatório Real da Universidade*. Coimbra : na Real Imprensa da Universidade, 1803.

UCFCT Observatório Astronómico

BAILY, Francis, 1774-1844

On the presente defective state of the nautical Almanac. In *Remarks of the presente defective stare of The Nautical Almanac*. London : by John Richardson, 1822.

O astrónomo inglês Francis Baily, Presidente da Royal Astronomical Society, considera as Efemérides de Coimbra como de superior mérito.

Reprodução da página do rosto.

THE NAUTICAL ALMANAC

The Nautical almanac and astronomical ephemeris for the year 1835, for the Royal Observatory at Greenwich. Published by order of The Lords Commissioners of the Admiralty. London : printed by William Clowes and sold by John Murray, 1833.

Reprodução da página do rosto.

THE NAUTICAL ALMANAC

The Nautical almanac and astronomical ephemeris for the year 1836, for the Royal Observatory at Greenwich. Published by order of The Lords Commissioners of the Admiralty. London : printed by William Clowes and sold by John Murray, 1834.

Reprodução da página do rosto.

BUREAU des Longitudes, Paris, 1795-1798

Connaissance des temps, à l'usage des astronomes et des navigateurs, pour l'année 1808, Paris : L'Imprimerie Impériale, 1806, pp.454-457.

Recensões feitas por Jean Baptiste Delambre (1749-1822), diretor do Observatório de Paris e membro do Bureau des Longitudes, às Efemérides Astronómicas e a alguns dos seus artigos.

Reprodução da página do rosto.

Connaissance des temps, à l'usage des astronomes et des navigateurs, pour l'année 1809, Paris : L'Imprimerie Impériale, 1807, pp. 459-483.

Reprodução da página do rosto.

Connaissance des temps, à l'usage des astronomes et des navigateurs, pour l'année 1810, Paris : L'Imprimerie Impériale, 1808, pp.471-475.

Delambre dá nota do envio de informações por parte de Monteiro da Rocha para o Observatório de Paris e Bureau des Longitudes, que seriam incorporadas no Connaissance des Temps.

UCFCT Observatório Astronómico

LALANDE, Jérôme de, 1732-1807

Bibliographie astronomique : avec l'histoire de l'astronomie depuis 1781 jusqu'à 1802 par Jérôme de La Lande. Paris : Imprimerie de la République, 1803.

UCFCT Observatório Astronómico R-F-3

DELAMBRE, Jean-Baptiste, 1749-1822

Formation d'un catalogue d'Étoiles. Mouvemens apparens des Etoiles, explication de ces mouvemens. In *Astronomie Théorique et Pratique*. Paris : Mme. Ve. Courcier, Imprimeur-Libraire pour les Mathématiques, 1814. Vol. I, cap. XVI, p. 439.

UCBG 7-48-41-3

SOUCHON, Abel, 1843-1906

Traité d'Astronomie Pratique, comprenant l'exposition du calcul des Éphémérides Astronomiques et Nautiques, Paris : Gauthier-Villars, 1883, p.xxii.

UCFCT Observatório Astronómico: A-7

(Página deixada propositadamente em branco)

Os Lusíadas: Utopias de Luz e de Sombra na Ilha dos Amores

Exposição bibliográfica e iconográfica

Sala de São Pedro, 19 de julho a 2 de agosto de 2019

Introdução

“Ela nos paços logra seus amores
As outras pelas sombras, entre as flores.”

IX, 87

O episódio da ilha dos amores ocupa um total de cerca de 220 estâncias e constitui a recompensa que a deusa Vénus destina aos portugueses.

Para além do prazer erótico (aspeto que costuma concentrar a curiosidade dos leitores), essa recompensa contém ainda a vertente do Conhecimento.

Embora se dirija imediatamente aos lusitanos que sulcaram “os mares nunca de antes navegados”, a “ínsula divina” pode ser entendida como um prémio de alcance mais amplo: indicia, desde logo, uma promessa para o Rei D. Sebastião, a quem o poema é globalmente dedicado.

De forma diferente, a utopia que Camões escolheu para o final do seu poema não deixou de tocar a sensibilidade de diferentes épocas. A nós, leitores do século XXI, convida-nos a refletir sobre os ideais de felicidade e sobre o papel que neles pode caber à poesia e à arte em geral.

A presente Exposição é constituída por uma escolha de ilustrações de alguns exemplares camonianos que se guardam na Biblioteca Geral. Para além de variações de talento e criatividade, as gravuras traduzem também marcas próprias de cada época e de cada estilo.

1. Preparação e desembarque dos marinheiros

Caem as Ninfas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros.
Cai qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

IX, 46

O desejo de proporcionar aos portugueses uma recompensa adequada levou Vénus a uma demorada ponderação.

Nada é deixado ao acaso naquela ilha amena e fértil, onde abundam árvores frutíferas e águas cristalinas.

As ninfas foram conduzidas à ilha pela deusa. Foi também Vénus quem lhes ensinou a arte da sedução. Nesse trabalho preparatório, demorado e meticuloso, Vénus socorreu-se de dois preciosos auxiliares: Cúpido e a Fama.

Em vez de se revelarem furtivas (como quase sempre sucede na obra camoniana), as ninfas colocadas na ilha mostram-se, desta vez, recetivas ao desejo masculino.



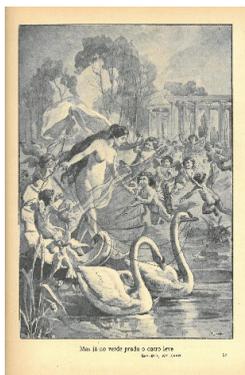
Mas, Émile, 18---1950

[Preparação da ilha para a chegada dos portugueses]. In Camões, Luís de – **Os Lusíadas**. Desenhos de A. Soares dos Reis ; gravuras de João Pedrozo ; [assin. por] E. Deschamps ; E. Mas. Lisboa : Imprensa Nacional, 1878. Canto 9, p. [256]-[257].
9-(10)-I-5-1878



Dujardin, Paul, 1843-1913

[Vénus guiada por cisnes brancos | Fama]. In Camões, Luís de – **Os Lusíadas**. Edição ilustrada com vinte heliogravuras em pagina separada por Alfred Bramtot ... e cinquenta e cinco desenhos d'esquadria e de remate especiaes a cada canto por Paulin Bord ; [assin. por] A. Bramtot pinx ; heliogr. Dujardin. Paris ; Lisboa : Guillard, Aillaud & Cia, Editores, 1890. Canto 9, est. 43, p. 262-263.
9-(10)-I-5-1890



Marinho, Pires, fl. 1898-1916

[Vénus guiada por cisnes brancos | Cupidos]. In Camões, Luís de – **Os Lusíadas**. Grande edição ilustrada, revista e prefaciada pelo Dr. Sousa Viterbo ; P. Marinho ph[o]t[o]gr[avura]. Lisboa : Empresa da História de Portugal, 1900. Canto 9, est. 36, p. [401].

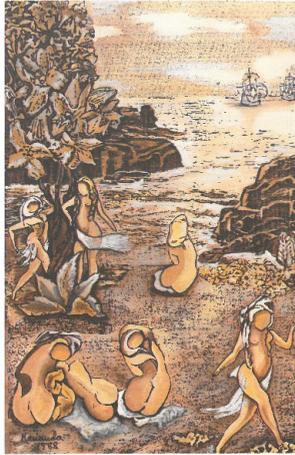
9-(10)-I-5-1900



Gouveia Portuense, pseud.

[Vénus guiada por cisnes brancos]. In Camões, Luís de – **Os Lusíadas**. Ilustrações de Gouveia Portuense. Porto : Lello & Irmão, 1973. p. [343].

RC-4-26



Carvalho, Maria Fernanda

[Preparação da Ilha]. In Camões, Luís de – **Os Lusíadas**. Leitura, pref. e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão ; apresentação de Aníbal Pinto de Castro ; [assim. por] Marianda [Maria Fernanda Carvalho]. Lisboa : Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989. Canto 9, p. 236-237.

9-(10)-I-5-1989

2. Encontros de Amor

Ua de indústria cai, e já relewa,
Com mostras mais macias que indinadas,
Que sobre ela, empecendo, também caia
Quem, a seguiu pela arenosa praia.

IX, 71

Quando desembarcam, os nautas deparam com as ninfas que se banhavam. Instruídas para lhes acatarem o desejo, as deusas fingem fugir; mas logo são alcançadas, permitindo o enlace amoroso.

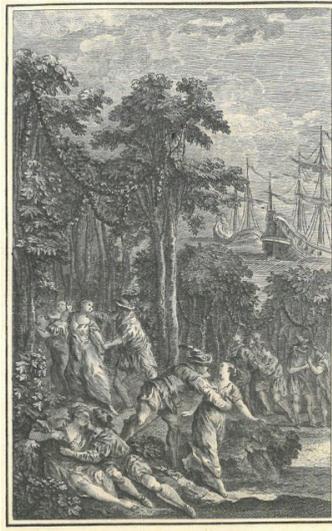
Existe, contudo, uma hierarquia: enquanto os nautas e as ninfas consomem o seu amor "... pelas sombras, entre as flores", o capitão é recebido por Tétis (uma titânide, filha de Celo e de Vesta). Os amores de ambos são celebrados num palácio cristalino ("ua rica fábrica").



Villafranca Malagón, Pedro, ca.1615-1684

[Encontros de Amor]. In Camões, Luís de – **Lusiadas**. Comentadas por Manuel de Faria i Sousa ... En Madrid : por Juan Sanchez : a costa de Pedro Coello : [por Antonio Duplastre], 1639. Vol. 2, t. 4, canto 9, col. 3-4.

S.P.-Ad-4-3



Eisen, Charles, 1720-1778

Relâche des Portugais dans une île délicieuse, préparée pour eux par Vénus. In Camões, Luís de – **La Lusíade** : poème héroïque en dix chants. Nouvellement traduit du portugais, avec des notes & la vie de l'Auteur ; [Gravado por Charles Eisen]. Paris : chez Nyon ainé, 1776. Vol. 2, p. [158]-[159].

869.0-1 Camões.03=40 CAM 1



Richomme, Joseph Théodore, 1785-1849

Ilha de Vénus | [Tétis e Vasco da Gama]. In Camões, Luís de – **Os Lusíadas : poema épico**. Nova edição correcta, e dada á luz por Dom Iozé Maria de Souza-Botelho, Morgado de Matteus ; [Dir. de F. Gérard; desenhado por Desenne; gravado por Richomme]. Paris : na oficina typographica de Firmin Didot, 1817. p. 290-[291].

RB-40-12 A



Thévenard, Pierre, fl. 16---17—

[Encontros de Amor | Leonardo persegue Éfire]. In Camões, Luís de – **Lusíadas**, a que se ajuntam a vida do poeta, hum argumento historico das Lusíadas, as estancias omittidas por Camoens, liçoens varias e hum index ou dictionario dos nomes proprios usados no poema. Lisboa : Typographia de Eugenio Augusto, 1836. T. 1, p. 66-67.

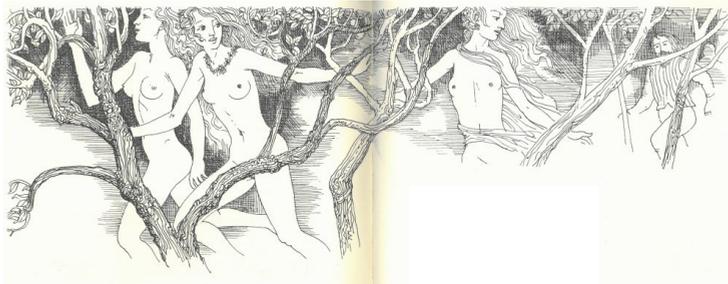
9-(10)-I-5-1836



Freitas, Lima de, 1927-1998

[Encontro de Amor]. In Camões, Luís de – **Os Lusíadas**. Prefácio e notas de Hernâni Cidade ; vinhetas e ilustrações de Lima de Freitas. Lisboa : Artis, 1956. Vol. 2, p. 338-339 (estampa 24).

9-(10)-I-5-1956



Freitas, Lima de, 1927-1998

[Encontros de Amor]. In Camões, Luís de – **Os Lusíadas**. Ilustrações de Lima de Freitas ; pref. e notas de Hernâni Cidade. Lisboa : Círculo de Leitores, 1972. p. 336 e 337

Ed. comemorativa do IV Centenário da publicação de Os Lusíadas.

9-(4)-4-1-26

3. O Banquete

Mil práticas alegres se tocavam.
Risos doces, sutis e argutos ditos,
Que entre um e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres apetitos;

X, 5

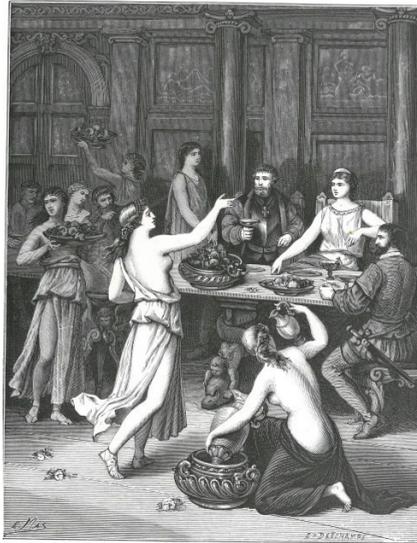
Após os encontros de amor, é tempo de nautas e ninfas participarem num alegre banquete nupcial.

As iguarias servidas aos participantes são próprias de entidades divinas, uma vez que os nautas tinham entretanto alcançado esse estatuto.



Villafranca Malagón, Pedro, ca.1615-1684

[Profecia | Banquete]. In Camões, Luís de – **Lusíadas**. Comentadas por Manuel de Faria i Sousa ... En Madrid : por Juan Sanchez : a costa de Pedro Coello : [por Antonio Duplastre], 1639. Vol. 2, t. 4, canto 9, col. 291-292.
9-(10)-1-5-1639



Mas, Émile, 18---1950

[Banquete | Portugueses e Ninfas]. In Camões, Luís de – **Os Lusíadas**. Desenhos de A. Soares dos Reis ; gravuras de João Pedrozo ; [assin. por] E. Deschamps ; E. Mas. Lisboa : Imprensa Nacional, 1878. Canto 10, est. 6, p. [284]-[285].

9-(10)-I-3 Lus. fre



Silva, Caetano Alberto da, 1843-1924

[Banquete]. In Camões, Luís de – **Os Lusíadas**. Revisão do texto do poema e observações philologicas por Adolpho Coelho ; pref. crítico de Ramalho Ortigão ; notícia histórica ... de Reinaldo Carlos Montoro. Lisboa : Oficina de Castro Irmão, 1880. Canto 10, p. [343]

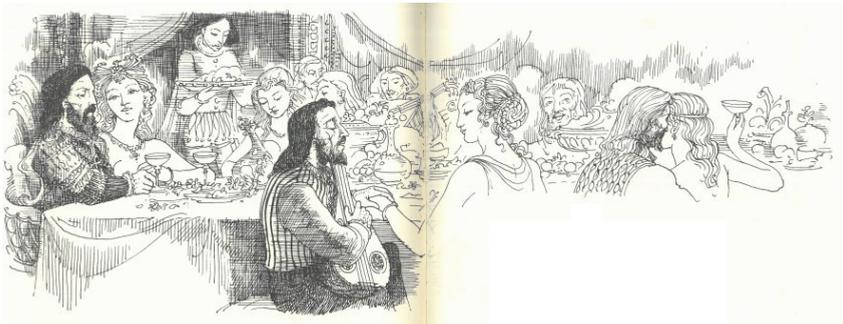
9-(10)-I-5-1880



Troup, Miloslav, 1917-1993

Hostina u královný víl. In Camões, Luís de – **Lusovci**. Prebásnil Kamil Bednar ; ilustroval Miloslav Troup. Praha : Nesmrtelní, 1958. Canto 10, p. [264]-265.

9-(10)-I-3 Lus. che



Freitas, Lima de, 1927-1998

[Banquete]. In Camões, Luís de – **Os Lusíadas**. Ilustrações de Lima de Freitas ; pref. e notas de Hernâni Cidade. Lisboa : Círculo de Leitores, 1972. p. 350 e 351

9-(10)-I-5-1982

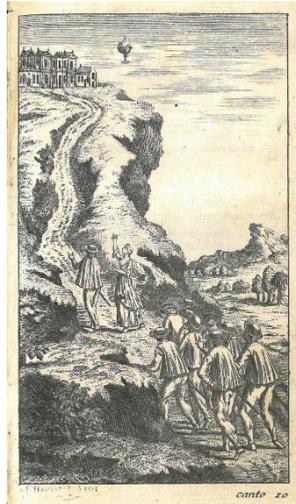
4. A máquina do mundo e as profecias

Vês aqui a grande máquina do Mundo,
 Etérea e elemental, que fabricada
 Assi foi do saber, alto e profundo,
 Que é sem princípio e meta limitada.

X,80

Depois do Amor é a vez do Conhecimento. Conduzidos pelas ninfas ao cimo de um alto monte, os heróis têm acesso aos segredos do espaço e do tempo.

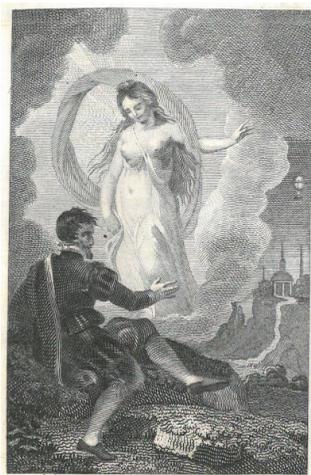
É-lhes revelada a máquina do mundo (em todo o seu complexo funcionamento) e é-lhes antecipado o seu futuro na Índia, repleto de vitórias e conquistas.



Thévenard, Pierre, fl. 16---17—

[Profecia]. In Camões, Luís de – **Obras de Luis de Camoens**. [Assin. por] Thévenard fecit. Nova edição. Paris : a custa de Pedro Gendron ; Lisboa : em casa de Bonardel & Dubeux, 1759. Vol. 1, p. 292-[293].

9-(10)-I-1-1759



Tardieu, Ambroise, 1788-1841

[Tétis revela a Vasco da Gama a Máquina do Mundo]. In Camões, Luís de – **Lusíadas**. Paris : officina de P. Didot Senior ; Lisboa : casa de Viuva Bertrand e Filhos, 1815. Vol. 2, canto 10, est. 79, p. [140]-[141].

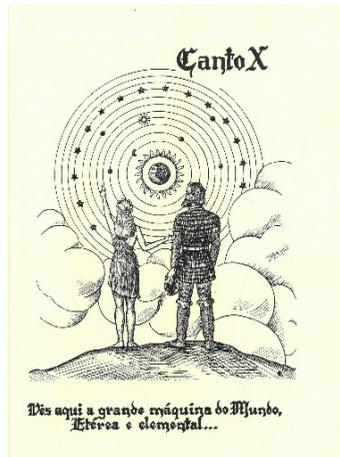
9-(10)-I-5-1815



Planas, Eusebi, 1833-1897

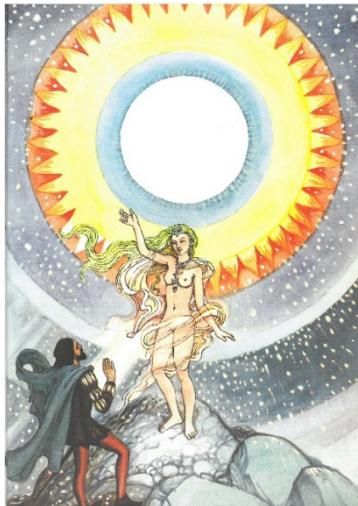
Tetis prediciendo á Gama las conquistas de los Portugueses. In Camões, Luís de – **Los Lusíadas**. Segun la ultima edicion correcta. Publicada por el Dr. Caetano Lopes de Moura ; traduzido de D. Manuel Aranda y Sanjuan ; [assin. por] Gomez ; EP[lanas]. Barcelona : Empresa Editorial La ilustracion, 1874. p. 270-271.

9-(10)-I-3 Lus. (spa)



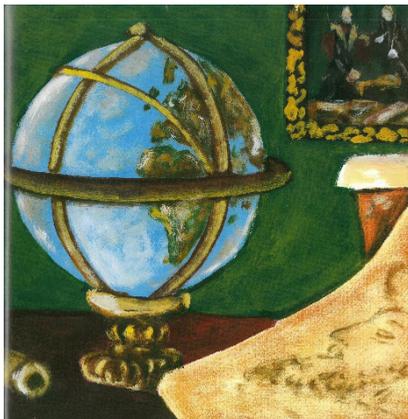
Cardoso, Leonel Alexandre Gomes, 1919-1988

[Tétis revela a Vasco da Gama a Máquina do Mundo]. Camões, Luís de –
Os Lusíadas. [Ed. especial destinada à Marinha]. Lisboa : Escola Naval, 1960.
 p. 324-325
 9-(10)-I-5-1960



Freitas, Lima de, 1927-1998

[Tétis revela a Vasco da Gama a Máquina do Mundo]. In Viana, António
 Manuel Couto – Os Lusíadas [de] Luís de Camões. Ilustrações de Lima de
 Freitas. Lisboa : Verbo, 1988. p. [120].
 9-(10)-III-5 VIA 1988

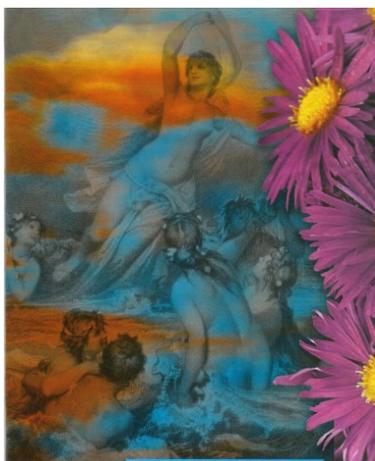


Proença, Pedro, 1962-

[Máquina do Mundo]. In Camões, Luís de – **Os Lusíadas**. Comentários de José Hermano Saraiva ; ilustrações de Pedro Proença. Lisboa : Selecções do Reader's Digest, 2007. Vol. 2, p. [917].

9-(10)-1-5-2007

Átrio da Sala de São Pedro



Meneses, Ana

Vénus ensina às Nereidas o caminho da Ilha dos Amores. In Pais, Amélia Pinto – **Os Lusíadas em prosa**. [Design gráfico Ana Meneses e Né Santelmo]. Porto : Areal, 1998. p. [65].

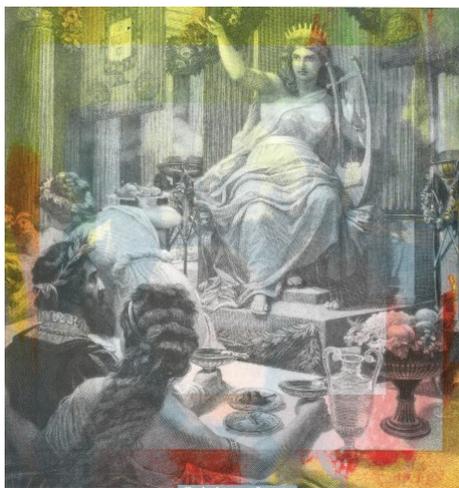
6-36-35-38



Meneses, Ana

As Ninfas na Ilha dos Amores. In Pais, Amélia Pinto – **Os Lusíadas em prosa**. [Design gráfico Ana Meneses e Né Santelmo]. Porto : Areal, 1998. p. [67].

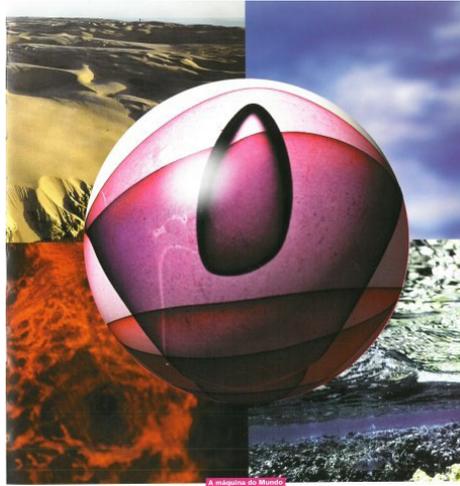
6-36-35-38



Meneses, Ana

Ilha dos Amores – o Banquete. In Pais, Amélia Pinto – **Os Lusíadas em prosa**. [Design gráfico Ana Meneses e Né Santelmo]. Porto : Areal, 1998. p. [71].

6-36-35-38



Meneses, Ana

A máquina do Mundo. In Pais, Amélia Pinto – **Os Lusíadas em prosa**. [Design gráfico Ana Meneses e Né Santelmo]. Porto : Areal, 1998. p. [73]. 6-36-35-38

Conclusão

Se no conjunto do poema, o episódio da ilha dos amores se destina a glorificar os nautas que alcançam a Índia, num outro plano pode ler-se como contraponto aplicável a toda a obra camoniana (incluindo a Lírica), assinalada pelo fracasso amoroso e pela ideia de Culpa.

Embora tenha sido colocada no final da ação, a apoteose de Amor e Conhecimento não representa o termo do discurso camoniano. Logo após as representações de triunfo, surgem sinais de derrocada emocional: “No mais, musa, no mais, que a lira tenho destemperada...” (X, 145).

Nas estâncias finais do poema (X, 146-156), Camões retoma o diálogo direto com D. Sebastião. Renova e resume os conselhos destinados ao bom exercício do poder, em primeiro lugar; e exorta o jovem monarca a uma partida nova e resgatadora (para Marrocos).

Afinal, a ilha dos amores é virtual e móvel (conduzida por Vénus, “pelas ondas”). Não aconteceu, de facto. Trata-se de uma belíssima criação camo-

niana que se inscreve no conjunto das grandes utopias renascentistas. No plano da história, representa sobretudo um horizonte de paz e de plenitude. Tal como surge, parece estar ao alcance dos portugueses e dos viajantes de todos os tempos. Basta que estes sigam o rumo certo, na viagem que está sempre por acontecer.

(Página deixada propositadamente em branco)

1 2  9 0

UNIVERSIDADE D
COIMBRA